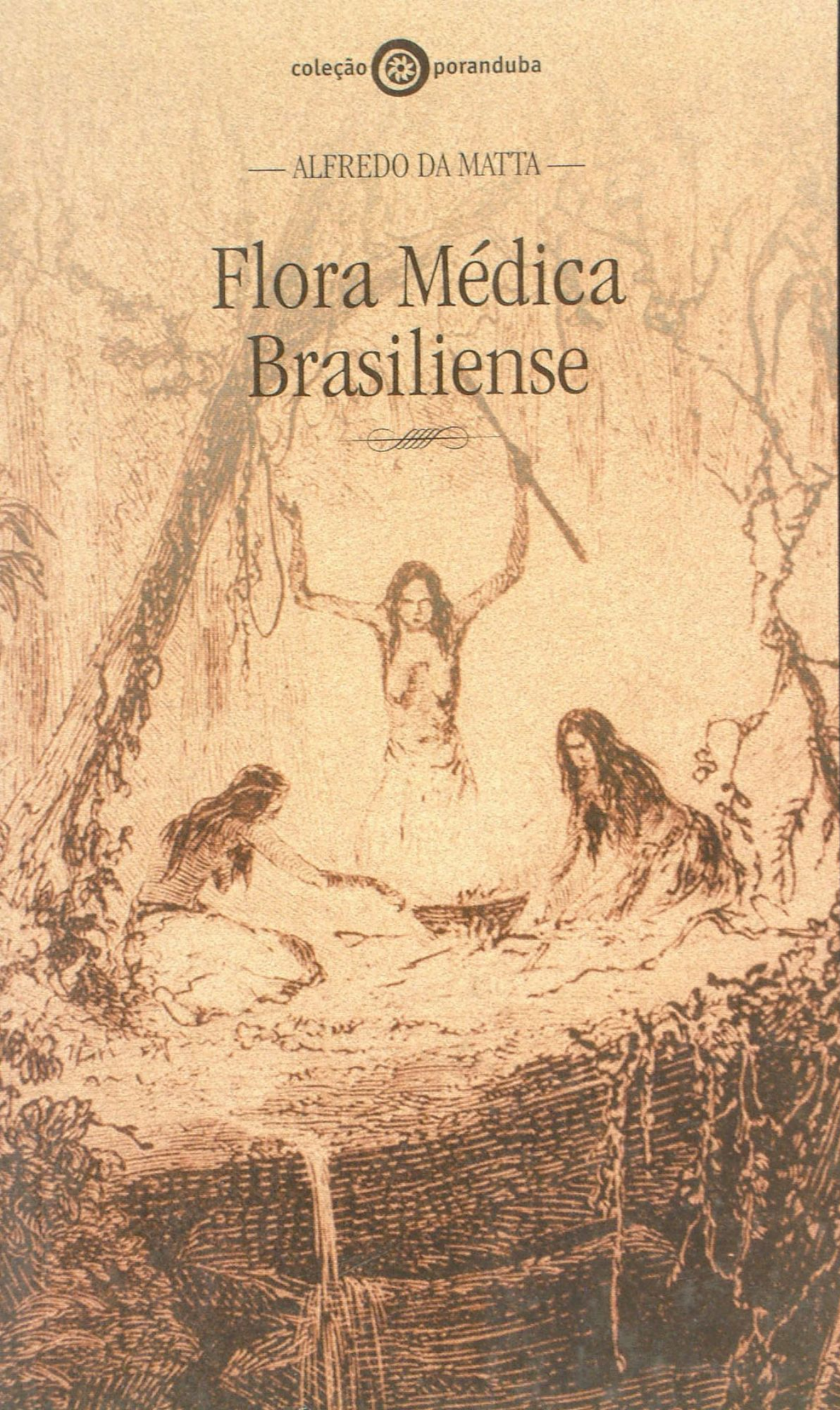
coleção poranduba

— ALFREDO DA MATTA —

Flora Médica Brasiliense



Flora Médica Brasiliense

CULTURA
Edições Governo do Estado
Valer EDITORA

Dr. Alfredo Augusto da Mata

FLORA MÉDICA BRASILIENSE

Apresentação
Otto R. Gottlieb

3.ª edição revista

Valer
EDITORA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

Sumário

Apresentação 7
Ao leitor 17
Abreviaturas 21
1.ª parte – Quadro Sinóptico 23
2.ª parte 31

Apresentação

Otto R. Gottlieb, Maria Renata de M. B. Borin e Carmen Lúcia A. da C. Pagotto.

Departamento de Fisiologia e Farmacodinâmica,
Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ

Nós conhecemos pouco ou nada a respeito da composição química de 98,6% da flora brasileira (Gottlieb, 1981) *– apesar do fato que, mesmo agora, o valor dos fármacos derivados de plantas tropicais ultrapassa US$ 6 bilhões por ano.*

(Plotkin, 1994).

Decorrido quase um século desde a primeira edição da *Flora Médica Brasiliense*, de Alfredo Augusto da Matta, recebemos da Editora Valer a incumbência de escrever um adendo para essa segunda edição. A tarefa muito nos alegrou, afinal sempre vale a pena inteirar-se do estado da arte em tempos históricos para derivar inspiração com respeito aos possíveis cenários do futuro. Assim já no prefácio "Ao Leitor", escrito em 1912, Matta discute dois pontos que merecem uma atenção especial.

Em um primeiro momento o autor alerta para não *esquecer que, sempre benevolente, a natureza guarda ao lado do mal o respectivo remédio*. Essa afirmação poderia soar poética, ou no melhor dos casos filosófica. Assim, tratando-se de uma obra técnico-científica, estaria deslocada e totalmente fora do contexto factual. No entanto, temos demonstrado que realmente existe uma natureza complementar entre espécies vegetais medicinais e alimentícias. Essa é mais uma demonstração da universalidade de sistemas dualísticos antagônicos (Gottlieb e

Borin, 1998; 1999). Não nos foi possível confirmar esse fato diretamente pelas observações básicas de Matta, pois esse visou propositalmente apenas plantas medicinais. Mesmo assim, os indícios desse dualismo aparecem com absoluta clareza através da análise apresentada em nossas contribuições anteriores.

Em seguida, Matta sugere no mesmo prefácio que *importaria agora estudar, de um modo metódico-científico, a maioria dessas plantas.* Mas, concatenar *experiências e opiniões às vezes desencontradas, constitui tarefa sempre difícil e fatigante* a não ser que seja orientada por *determinado plano.* Opinião mais uma vez acertada. De fato, análise química, farmacológica e clínica, mesmo que limitada às 327 espécies registradas nesse livro, levaria um número inconcebível de anos, a ponto de tornar-se uma tarefa irrealizável!

Mas que *plano* seria esse? É óbvio que descrições regionais da flora e da fauna, embora constituam um primeiro passo de importância primordial, nunca levarão à compreensão do funcionamento da natureza. Além disso, pesquisa envolvendo plantas medicinais limita-se normalmente ao exame exaustivo em pequenas escalas, de espécie por espécie, sem qualquer preocupação quanto aos seus parentescos filogenéticos. O único critério que muitas vezes norteia essa escolha baseia-se em recomendações populares. A razão da grande confiança no conhecimento tradicional refere-se ao largo tempo em que tais plantas foram "testadas" por sucessivas gerações de povos indígenas. No entanto, o sucesso desse tipo de empreendimento não tem alcançado o êxito desejado em grandes escalas. Isso repousa no fato de que todas as funções biológicas das plantas são devidas ao seu arsenal químico, o qual está estreitamente conectado às flutuações ambientais. Tantos são os fatores envolvidos que tornam extremamente difícil a tarefa de fazer quaisquer prognósticos a respeito da variabilidade metabólica. Atualmente essa situação é agravada pela rapidez com que o ambiente vem

sofrendo modificações naturais e/ou artificiais. Assim, para que descrições etnobotânicas tenham validade preditiva, torna-se necessário determinar as bases mecanísticas ecológico-evolutivas que regulam a expressão de substâncias bioativas. Esse objetivo apresenta o desafio de incorporar qualificações (funções) biológicas determinadas por mamíferos, na linguagem químico-biológica vegetal. Determinação de tendências evolutivas e a grande consistência entre qualificações com sistemas classificatórios morfológicos são passos da tradução científica de descrições etnobotânicas, permitindo que essas tenham validade preditiva.

Dados do acervo tradicional de populações são quantificáveis e assim podem ser tratados por um método biométrico, cientificamente averiguável, envolvendo conceitos da nova disciplina Químico-Biologia Quantitativa. Os primeiros resultados são muito promissores, demonstrando com clareza que descrições etnológicas possuem relevância, podendo ser promovidas a códigos evolutivos. Análise das observações de campo, assim como identidade, estrutura, e função dos constituintes químicos de plantas floríferas, obedecem a padrões gerais, todos quantificáveis e correlacionáveis com parâmetros evolutivos (Gottlieb *et al.*, 1996b), tais como índices de Sporne (1980). De fato, inventários das plantas floríferas utilizadas por Chácobo, Kayapó e Ka'apor, indicaram que, embora essas três sociedades indígenas da Amazônia habitem regiões com vegetação completamente diferente, existe uma preferência comum por espécies vegetais mais evoluídas para propósitos medicinais e por espécies mais primitivas para fins alimentícios (Gottlieb e Borin, 1997; Gottlieb *et al.*, 1995). Resultados semelhantes foram obtidos ao estudar os hábitos alimentares de três espécies de primatas não humanos. Também eles demonstram preferir plantas mais primitivas, e portanto mais lenhosas, para a sua alimentação. Os poucos dados publicados sobre a utilização de plantas com fins medicinais por macacos, quando analisados segundo nossa metodologia,

demonstram as mesmas preferências encontradas para as populações indígenas (Gottlieb *et al.*, 1996a). Correlações semelhantes foram obtidas para levantamentos etnobotânicos mais abrangentes, como por exemplo o de Pio Corrêa (1984). Essas observações, aliadas ao elevado número de espécies medicinais, demonstra a existência de um processo coevolutivo entre plantas terrestres e mamíferos, desencadeado há cerca de 65 milhões de anos atrás, na interface K/T (Cretáceo/Terciário).

Nosso *plano* para o levantamento etnobotânico da *Flora médica brasiliense* visou possibilitar a escolha das espécies medicinais mais promissoras dentro das 327 espécies medicinais distribuídas em 89 famílias de plantas vasculares reunidas na presente obra (Tabela 1). Para tanto classificamos as espécies do levantamento etnobotânico da *Flora médica brasiliense* em famílias, ordens e superordens segundo Dahlgren (1980), caracterizando as famílias de dicotiledôneas com um índice morfológico evolutivo (índice de Sporne, 1980) (Tabela 2). Do ponto de vista prático, nossa tentativa de organizar a presente obra de maneira sistemática e evolutiva, visa indicar além das espécies mais conspícuas, as linhagens vegetais mais representadas no elenco de Matta (Tabela 2). Uma análise mais profunda e detalhada, semelhante à realizada em nossos trabalhos anteriores, necessitaria de uma base de dados mais abrangente ou pelo menos representativa de uma região e/ou de uma população.

Assim surge o nosso *plano* geral para, através de uma linguagem químico-biológica, minimizar a árdua tarefa de seleção aleatória de plantas e maximizar a descoberta de novas substâncias bioativas naturais, o grande desafio desse século.

No próximo milênio, os países que tiverem mais florestas e culturas primitivas preservadas serão beneficiados na pesquisa científica e na alimentação.

(Villas Bôas, 1998).

TABELA 1

Número de famílias e espécies citadas por Matta (1913) e classificadas por grupo vegetal. As identificações originais das espécies foram revistas de acordo com Brummitt (1992) e Mabberley (1997).

	Pteridófitas	Angiospermas		Total
	(PTER)	Dicotiledôneas (DICOTS)	Monocotiledôneas (MONOCOTS)	
N.º de famílias	1	74	14	89
N.º de espécies	2	296	29	327

TABELA 2

Número de espécies citadas por Matta (1913), agrupadas em famílias, classificadas em ordens e superordens, segundo Dahlgren (1980) e caracterizadas pelo índice evolutivo de Sporne, IS (1980).

	Superordem	Ordem	Família	IS	N.º de spp
PTER		Pteridales	Pteridaceae	–	2
DICOTS	Magnoliiflorae	Annonales	Myristicaceae	34	1
			Annonaceae	40	4
		Laurales	Monimiaceae	47	1
			Lauraceae	52	13
		Aristolochiales	Aristolochiaceae	50	2
	Nymphaeiflorae	Nymphaeales	Nymphaeaceae	48	2
		Piperales	Piperaceae	60	3
Ranunculiflorae		Ranuncualesl	Menispermaceae	47	4
Caryophylliflorae		Caryophyllales	Portulacaceae	50	3
			Phytolaccaceae	50	1
			Cactaceae	53	1
			Amaranthaceae	63	1
			Nyctaginaceae	64	5

Superordem	Ordem	Família	IS	N.º de spp
		Chenopodiaceae	70	1
Polygoniflorae	Polygonales	Polygonaceae	52	3
Malviflorae	Dilleniales	Dilleniaceae	37	2
	Euphorbiales	Euphorbiaceae	37	9
	Malvales	Bixaceae	27	1
		Elaeocarpaceae	30	1
		Bombacaceae	42	2
		Sterculiaceae	45	7
		Malvaceae	48	6
	Urticales	Moraceae	48	5
		Urticaceae	52	2
		Cannabinaceae	51	1
		Cecropiaceae	51	2
Violiflorae	Violales	Flacourtiaceae	35	1
		Violaceae	43	2
		Passifloraceae	45	1
		Caricaceae	50	2
		Cucurbitaceae	54	6
	Salicales	Salicaceae	44	1
	Capparales	Capparidaceae	52	3
		Brassicaceae	60	2
Theiflorae	Theales	Clusiaceae	42	8
		Caryocaraceae	44	1
		Lecythidaceae	48	4
Primuliflorae	Ebenales	Sapotaceae	50	6
Fabiflorae	Fabales	Leguminosae	48	47
Myrtiflorae	Rhizophorales	Rhizophoraceae	36	1
	Myrtales	Myrtaceae	45	5
		Combretaceae	47	2
		Punicaceae	48	1
		Melastomataceae	57	2

Superordem	Ordem	Família	IS	N.º de spp
Rutiflorae	Rutales	Simaroubaceae	40	3
		Rutaceae	45	7
		Meliaceae	47	3
		Burseraceae	48	3
	Sapindales	Sapindaceae	45	4
		Anacardiaceae	52	7
	Geraniales	Erythroxylaceae	47	3
		Geraniaceae	53	1
		Himiriaceae	51	2
	Balsaminales	Balsaminaceae	57	1
	Polygalales	Polygalaceae	55	1
		Malpighiaceae	57	2
		Krameriaceae	61	1
Santaliflorae	Santalales	Olacaceae	46	1
		Loranthaceae	65	1
Asteriflorae	Asterales	Asteraceae	72	11
Solaniflorae	Boraginales	Boraginaceae	60	1
	Solanales	Convolvulaceae	60	4
		Solanaceae	68	11
Corniflorae	Dipsacales	Caprifoliaceae	60	1
Gentianiflorae	Gentianales	Rubiaceae	48	10
		Apocynaceae	57	11
		Loganiaceae	61	3
		Asclepiadaceae	62	3
		Gentianaceae	63	2
Lamiiflorae	Scrophulariales	Scrophulariaceae	67	1
		Pedaliaceae	70	1
		Bignoniaceae	80	8
	Lamiales	Verbenaceae	67	5
		Lamiaceae	72	6

Superordem	Ordem	Família	IS	N.º de spp	
MONOCOTS	Ariflorae	Arales	Araceae	55	3
	Liliiflorae	Asparagales	Amaryllidaceae	8	3
			Smilacaceae	13	3
			Agavaceae	13	1
		Bromeliales	Bromeliaceae	25	1
		Orchidales	Orchidaceae	33	1
	Zingiberiflorae	Zingiberales	Zingiberaceae	38	3
			Musaceae	49	2
			Marantaceae	59	3
	Commeliniflorae	Commelinales	Commelinaceae	50	2
		Eriocaulales	Xyridaceae	63	1
		Poales	Poaceae	81	4
		Cyperales	Cyperaceae	83	1
	Areciflorae	Arecales	Arecaceae	51	1

REFERÊNCIAS

Brummitt, R. K. (1992). *Vascular Plant Families and Genera*. Royal Botanic Gardens, Kew, 804 ps.

Dahlgren, R. M. T. (1980). *A revised system of classification of the angiosperms*. Bot. J. Linn. Soc. 80, 91-124.

Gottlieb, O. R. (1981). New and underutilized plants in the Americas: Solution to problems of inventory through systematics. *Interciencia* 6 [1], 22-29.

Gottlieb, O. R. e Borin, M. R. de M. B. (1997). Shamanism *versus* science in the search for useful natural products. Em: *Virtual Activity, Real Pharmacology – Different Approaches to the Search for Bioactive Natural Compounds*, (Verotta, L., ed.), p. 123-135. Research Signpost, Trivandrum.

Gottlieb, O. R. e Borin, M. R. de M. B. (1998). Evolution of angiosperms *via* modulation of antagonisms. *Phytochemistry* 49 [1], 1-15.

Gottlieb, O. R. e Borin, M. R. de M. B. (1999). Quimiossistemática como ferramenta na busca de substâncias ativas. Em: *Farmacognosia:* Da Planta ao Medicamento (Simões, C. M. O.; Schenkel, E. P.; Gosmann, G.; Mello, J. C. P. de; Mentz, L. A. e Petrovick, P. R. organizadores), capítulo 5, p. 75-85. 2.ª edição, 2000.

Gottlieb, O. R. e Borin, M. R. de M. B. (1999). A universalidade de antagonismos. O potencial direcionador da ação do tempo modulado pelo potencial criativo da adaptação ao espaço. Em: *Complexidade e Caos* (Nussenzveig, H. M., ed.), capíulo XVIII, p. 259-270. Editora UFRJ, Rio de Janeiro.

Gottlieb, O. R.; Borin, M. R. de M. B. e Bosisio, B. M. (1995). Chemosystematic clues for the choice of medicines and food plants in Amazonia. *Biotropica* 27, 401- 406.

Gottlieb, O. R.; Borin, M. R. de M. B. e Bosisio, B. M. (1996a). Trends of plant use by humans and nonhuman primates in Amazonia. *American J. Primatology* 40, 189-195.

Gottlieb, O. R.; Kaplan, M. A. C. e Borin, M. R. de M. B. (1996b). *Biodiversidade. Um Enfoque Químico-Biológico*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 267p.

Mabberley, D. J. (1997). *The Plant-Book. A Portable Dictionary of the Higher Plants*. 2nd. ed. Cambridge University Press, Cambridge.

Matta, A. A. da (1913). *Flora Médica Brasiliense*. Secção de Obras da Imprensa Official, Manaus, 318p.

Pio Corrêa, M. (1984). *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas*. 6 vols., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

Plotkin, M. J. (1994). *Tales of a Shaman's Apprentice. An Ethnobotanist Searches for New Medicines in the Amazon Rain Forest*, p. 7-8. Penguin Books, New York.

Sporne, K. R. (1980). A re-investigation of character correlations among dicotyledons. *New Phytol.* 85, 419-499.

Villas Bôas, O. (1998). Em: Ximenes, A. (1998). Villas Bôas, o índio branco. *Jornal do Brasil*, Sept. 13, part B, p. 1.

FLORA MÉDICA BRASILIENSE

Ao leitor

> Se a flora brasileira tivesse número suficiente de pesquisadores e todos convincentes, seria bastante para fornecer medicamentos a todo o Universo.
>
> M. Ornellas.

Este livrinho trata de várias plantas medicinais da Amazônia e em particular do Estado do Amazonas. O leitor nele encontrará o nome vulgar de cada uma, gênero e família, sinonímias, caracteres gerais e composição química na maioria dos casos, parte empregada e propriedades terapêuticas.

Este estudo foi realizado sob a orientação e critério de abalizados cientistas, nacionais e estrangeiros, cujas obras manuseei, além de experiências e investigações por mim cuidadosamente feitas.

Importaria agora estudar, de um modo metódico e científico, a maioria dessas plantas. Concatenar, reunir opiniões esparsas, teorias e opiniões às vezes desencontradas; dar-lhes orientação sob determinado plano, experimentá-las as mais das vezes, constitui tarefa sempre difícil e fatigante.

Esse entrave até certo ponto acha-se vencido, embora o auxílio prestado por mim careça de importância; relevante será, porém, o resultado das investigações realizadas pela tríade composta do botânico, do químico e do clínico, estudadas as plantas sob o ponto de vista da química-fisiológica, da farmacodinâmica e da farmacoterapia.

Oxalá que a presente publicação os estimule, evidenciando ainda mais esse precioso auxílio que a nossa flora oferece. E entre nós não faltam competências nesse particular.

* * *

A natureza no Amazonas atrai e fascina. O êxtase é intérmino ao contemplar-se a majestade do grande oceano de água doce, do "rio-mar" na poética frase do Dr. Aprígio de Menezes, e a luxúria da estonteante vegetação tropical.

E esse êxtase atinge a tão alto grau e a admiração é tão inusitada, que o homem sente-se timorato e incréu, chegando depois a sua irreverência, estupefato ante cenários tão grandiosos, a pontilhar de reflexões injustas e rudes a essa mesma natureza unicamente pelo lado mau que ela possa apresentar.

E até se esquece de que, sempre benevolente, ela guarda ao lado do mal o respectivo remédio. Para o obter é necessário o trabalho, a energia, e ao homem isso compete. Esta é uma função do meio, tornando-se o expoente de criteriosa e inteligente adaptação.

Não existem tratos maus de terra, regiões inóspitas, naturezas mortíferas.

Trabalhar e vencer – eis a divisa do homem; e para alcançar essa vitória entre nós é indispensável entre outros meios não desdenhar dessa estonteante vegetação; faz-se mister percorrer os "seus domínios", utilizando-se dos reagentes desse inigualável laboratório.

* * *

Anteponho ao estudo das plantas o quadro sinóptico da grande divisão do reino vegetal. Julgo-o de utilidade para os estudantes de farmácia que por acaso lerem este livrinho.

* * *

Cumpro o dever de registrar caloroso agradecimento ao egrégio diretor do Museu Goeldi, do Pará, Sr. Dr. J. Hüber, pela gentileza e deferência dispensadas, satisfazendo todas as solicitações quanto à classificação de diversas plantas, agradecimento que torno extensivo às pessoas que me remeteram informações e amostras de seiva, resina, óleo, e exemplares da nossa flora.

Manaus – 1912.

A. da Matta

Abreviaturas

S = sépalas

P = pétalas

E = estames

C = carpelas

Sin. = sinonímia

Caract. gerais = caracteres gerais

Comp. quím. = composição química

P. empr. = parte empregada

Ind. terap. = indicação terapêutica

Posol. = posologia

Farm. e posol. = farmacologia e posologia

Fisio. terap. = fisiologia e terapêutica

U. N. = unidades nutritivas orgânicas utilizáveis

Az. = matéria azotada

G. = matéria gordurosa

H. = hidrocarbonado

1.ª PARTE
QUADRO SINÓPTICO

Reprodução das plantas	por esporulação e ovulação	Criptogamas	corpos pouco distintos	Talófitas	Cogumelos Liquens Algas
			pêlos hastes folhas	Muscíneas	Hepatias Musgos
			raízes hastes folhas	Criptogamas vasculares	Felicíneas Equisetíneas Licopodiáceas
	por sementes	Fanerogamas	raízes hastes folhas flores	sementes sem envólucro	Ginospermas
				sementes encerradas em um envólucro — ANGIOSPERMAS	Monocotiledôneas semente encerrada em um só cotiledone Dicotiledôneas semente encerrada em dois cotiledones

Ginospermas	CONÍFERAS	Duas folhas carpelares abertas, unidas pelos bordos vizinhos semelhando uma concha, com dois óvulos sem proteção, nus na face dorsal, que é voltada para cima.
	CICÁDEAS	Carpelas abertas, isoladas, simples, óvulos nus.
	GNETÁCEAS	Carpelas fechadas sem estigmas. Do óvulo provém um tubo micropilar sobre o qual germina o pólen.

Monocotiledôneas

Iridácea
3S + 3P + 3E + 3C
Orquidácea
3S + 3P + 1E + 3C
Amarilidácea
3S + 3P + (3 + 3) E + 3C
Asparagínea
3S + 3P + 6E + 1C
Ciperácea
(0.3 – 6) P + 3E + 3C
Colquicácea
3S + 3P + 6E + 3C

Dioscóreas
3S + 3P + 6E + 1C
Liliácea
3S + 3P + (3 + 3) E + 3C
Palmácea
3S + 3P + 6E + 3C
Alismácea
3S + 3P + 6E + n3C
Gramínea
3E + 2C
Aroídea
0.P + 1a10E + 1a9C

Citamínea
3S + 3P + ½E + 3C

Dicotiledôneas

Talamiflora
Coroliflora
Caliciflora
Monoclamídea

Talamifloras

Cariofilácea
5S + 5P + (5 + 8) E + 2C
Hipericínea
5S + 5P + n5E + 5C
Crucífera
4S + 4P + 6E + 2C
Violariácea
5S + 5P + 5E + 5C
Resedácea
5S + 5P + 5E + 3C

Malvácea
5S + 5P + n5E (Monad) + 10C
Renunculácea
2S + 5P + nE + nC
Cistinácea
5S + 5P + n5E + 5C
Papaverácea
2S + 4P + nE + 2C
Geramiácea
5S + 5P + (5 + 5) E + 5C

Rutácea
5S + 5P + 5E + 5C

Corolifloras

Gencianácea
5S + 5P + 5E + 2C

Jasmíneas oleáceas
5S + 5P + 2E + 2C

Convolvulácea
5S + 5P + 5E + 2C

Apocinácea
5S + 5P + 5E + 2C

Borragínea
5S + 5P + 5E + 2C

Solanácea
5S + 5P + 5E + 2C

Primulácea
5S + 5P + 5E + 2C

Labiada
5S + 5P + 4E (didinamos) + 2C

Escrofulariácea
5S + 5P + 4E + 2C

LEGUMINOSAS

Papilionácea
5S + 4P + (9 + 1) E + 1C

Coesalpinácea
5S + 5P + 10E + 1C

Mimosácea
5S + 5P + n5E + 1C

ROSÁCEAS

Amigdalácea
5S + 5P + n5E + 5C

Pomácea
5S + 5P + n5E + 5C

Rosácea
5S + 5P + nE + 10C

Fragariácea
5S + 5P + nE + n5C

Calicifloras

Mirtácea
5S + 5P + nE + 5C

Rubiácea
5S + 2P + 2E + 1C
4S + 4P + 4E + 2C

Crassulácea
5S + 5P + 5E + 5C

Umbelífera
5S + 5P + 5E + 2C
4S + 4P + 4E + 2C

Cucurbitácea
5S + 5P + 3E + 2C

Valerianácea
5S + 5P + 3E + 2C

Composta
5S + 5P + 5E + 1C

Aristolóquia
1P + 6E + 6C

Poligonácea
(3 + 3) P + 6E + 3C

Dipeácea
5S + 5P + 5E + 2C

Euforbiácea
5S + nE + 3C

Piperácea
0P + 2a12E + 3C

Monoclamídeas

Laurácea
4a6P + 8a12E + 1C

Cupulífera
0P + 3-6-nE + 2-3C

Urticácea
4-5P + 4E + 1C

Convém aos estudantes a especialização de alguns caracteres distintivos de várias famílias, tais: as renunculáceas têm os frutos em aquênios ou folículos, com óvulos anátropos; as papaveráceas as folhas alternas e o fruto em cápsula; as crucíferas – óvulos campilótropos; as cistináceas – fruto capsular; as violariáceas – flores zigmorfas, óvulos anátropos, frutos raramente em baga; as resedáceas – flores actinomorfas; as geraniáceas – fruto em cápsula, drupa ou aquênio; as cariofiláceas – folhas opostas; as malváceas – fruto em cápsula ou aquênio; as hipericíneas – fruto capsular ou carnoso, com semente não albuminosa; as rutáceas, que se subdividem em cinco grupos, têm a placentação axil; as cucurbitáceas – fruto em baga sem albúmen; as rubiáceas – fruto em cápsula, drupa, e diaquênio, folhas opostas, verticiladas; as dispsáceas – folhas opostas; as primuláceas – fruto capsular com placentação central; as gencianáceas – folhas opostas com placentação parietal; as convolvuláceas – fruto capsular com 2 lojas e placentação axil; as apocináceas – folhas opostas lacticíferas, placentação axil; as borragíneas – fruto em aquênio; as solanáceas – placentação axil e fruto em baga, ou cápsula; as labiadas – hastes quadradas e fruto tetraquênio; as escrofulariáceas – folhas opostas e fruto em cápsula, raramente em baga.

As aristolóquias têm as sementes albuminóides, e autofecundação; as poligonáceas – estípulas na base das folhas e fruto em aquênio ou cariopse; as euforbiáceas – fruto capsular; as piperáceas – fruto em baga; as cupulíferas – inflorescência e folhas persistentes.

As iridáceas possuem ovário ínfero e folhas recurvadas; as liliáceas – ovário súpero e placentação axil, bulbos tunicados, escamosos, e fruto capsular; as asparagíneas – ovário súpero e fruto em baga; as colquicáceas – ovário ínfero, fruto capsular, bem assim as dioscóreas e amarilidáceas; as citamíneas – ovário

ínfero e fruto em baga, ou cápsula; as orquidáceas – ovário ínfero, estames concrescentes com estilo (ginostema), fruto capsular; palmáceas – fruto em baga ou drupa; as ciperáceas – fruto em aquênio; as aróideas – fruto em baga.

2.ª PARTE

ABACATEIRO

Persea gratissima Gaertn, *Laurus persea* Lin. Família das LAURÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore frutífera, altura atingindo até 40 palmos, termo médio; haste regular, folhas persistentes, dispostas em ramos alternados. Inflorescência em corimbo. Fruto com abundante polpa e assaz delicado quando bem sazonado. A semente, isolada da polpa, apresenta forte consistência, regulando o tamanho de um ovo, mais ou menos.

COMP. QUÍM.

A polpa amadurecida e fresca contém amido na proporção de 10.058%, e de entre outros os ácidos tânico e gálico, e mais 0,98% de substâncias inorgânicas (T. Peckolt). Nela encontra-se um açúcar especial, denominado *perseita* (Maquenne, Peckolt e Fisher).

O suco leitoso da semente é muito adstringente e envermelhece em contato com o ar.

P. EMPR.

Brotos, folhas e sementes. Polpa.

IND. TERAP.

Disenteria; enterocolite. Cólica hepática. Bronquite.

As sementes raladas e reduzidas a pó são empregadas contra as enterocolites e disenteria; os brotos e folhas em infusão e xarope, contra a cólica hepática e a bronquite. A polpa é considerada alimento respiratório, qualidade essa que atribuo à perseita.

FARM. E POSOL.

Pó da semente de 15 a 30g para mil de água, reduzida a metade. Use nas 24 horas. – Infusão dos brotos e das folhas: 60%. Extrato fluido até 4 gramas por dia, misturado com água.

ABACATERANA

Nectandra sp. Família das LAURÁCEAS.

A infusão dos brotos e das folhas é empregada pelos naturais para combater a cólica hepática.

ABIEIRO

Lucuma caimito Ruiz e Pavon. Família das SAPOTÁCEAS.

SIN.

Abiu, abi. Caimito na fronteira peruana.

CARACT. GERAIS

Árvore comum e vulgar. Belo porte, folhas ovo-lanceoladas, glabras, coriáceas; flores axilares, corola com quatro lábios, margem ciliada. Lindos frutos de cor amarela, em vários tons, conforme o grau de maturidade; o tamanho varia desde as dimensões de um ovo às da manga. Apresentam-se sob a forma de um ovóide, ou arredondados, alongados, etc. A polpa é doce, incolor, e de gosto agradabilíssimo. Nelas se encontram, luzidias e pretas, as sementes em número de uma a quatro.

COMP. QUÍM.

Em 100 gramas do fruto fresco Peckolt encontrou:

Umidade	85.000
Caucho, resina e estifom	1.000
Glucose	10.200

Ácidos orgânicos, dextrina,
matéria fibrosa 3.600
Substâncias inorgânicas (cinzas) 200
Existe um alcalóide (?) – a *lucumina*.

P. EMPR.

Cascas do tronco. Fruto.

IND. TERAP.

Bronquite (fruto bem sazonado). Tônico e antiperiódico. Diarréia.

POSOL.

Pós-antiperiódicos, de 20 a 30 centigramas; e de 10 a 20 para combater a diarréia.

ABIURANA

Lucuma lasiocarpa Mart. Família das SAPOTÁCEAS.

Será outro gênero ou o mesmo abieiro em estado silvestre? A diferença consiste em uns pêlos que o fruto apresenta, e na madeira, cujas fibras são longitudinais, permitindo empregá-las em achas ou estacas apropriadas à construção de cercados.

Não consta aplicação medicinal.

ABRICÓ[1]

Mammea americana L. Família das GUTIFERÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de folhas obtusas, obovais; fruto do tamanho ou maior que uma laranja, aromático, tendo no interior a

1 Na Martinica a "Água Creola" é preparada por distilação das flores do abricó; entre nós o doce (compota) é bastante apreciado.

massa aderente à casca. Nela existem as sementes, que são ácidas e amargas.

P. EMPR.

Cascas, folhas e flores. Goma-resina.

IND. TERAP.

A água distilada das flores goza de propriedade estimulante e digestiva. A goma-resina é antiparasitária. O decocto da casca é vulnerário e emoliente; as folhas antiperiódicas.

POSOL.

Folhas em decocto a 50% para usar nas 24 horas; cascas 30 a 50 para 500, em uso externo.

ABUTA

Anospermum sp. Hub; *Abuta duckei* Diels. Família das MENISPERMÁCEAS.

P. EMPR.

Raiz e haste.

Vide parreira-brava, de idênticas propriedades.

AGRIÃO

Nasturtium off. L. Família das CRUCÍFERAS.

CARACT. GERAIS

Planta de raiz pivotante e fasciculada; haste fistulosa, suculenta, emitindo numerosas raízes; folhas alternas, pecioladas; flores hermafroditas brancas, dispostas em cacho; fruto em síliqua.

COMP. QUÍM.

Óleo essencial, iodo, ferro, fosfatos e outros sais; substância extrativa amarga. O óleo essencial é sulfoazotado.

P. EMPR.

Toda a planta.

FISIO. TERAP.

Atonia intestinal; estimulante no escorbuto, raquitismo e escrofulose; diurético e expectorante. Aplicação em cataplasmas nas feridas atônicas e indolentes.

O agrião produz no estômago um calor mais ou menos intenso; aumenta as secreções salivar e urinária, e a exalação cutânea; facilita a expectoração. Em uso prolongado a sua ação equivale a de um depurativo e antescorbútico.

FARM. E POSOL.

Seiva até 150 gramas; xarope. Óleo volátil de 25 centigramas a 1 grama. Cataplasmas – planta reduzida a pasta. Extrato fluido até 4 gramas.

AGRIÃO-DO-PARÁ

Spilanthes oleracea L. Família das COMPOSTAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto anual, atingindo altura que varia até quarenta centímetros; apresenta as folhas subcordiformes, denteadas, ovo-lanceoladas e opostas; as flores são em capítulos terminais, esféricos, pedunculados e de coloração amarelo-ouro. Sabor picante, produzindo, quando mordido ou mastigado, abundante salivação e tremores na língua. As folhas são comestíveis quando cozidas.

COMP. QUÍM.

A planta encerra mucilagem, matéria corante e um princípio ativo – a *espilantena*.

P. EMPR.

Toda a planta.

IND. TERAP.

Sialagogo e antiscorbútico. Odontalgico.

FARM. E POSOL.

Infusão ou cozimento de toda a planta fresca, empregados sempre em partes iguais. Alcoolatura concentrada dos capítulos recém-colhidos e em peso igual para álcool a 90º. Até 15 g por dia. Algumas gotas bastam as vezes para debelar as dores de dente. Externamente e nas gengivas tenho prescrito, com vantagem, em doentes de escorbuto, a fórmula seguinte:

RP:

Alcoolatura de espilanthes
Dita de cochicaria ..... } āā

USO INT.

RP:

Tintura de taiuiá ..... 4 a 10 gotas
Alcoolatura de espilantes ..... 20 a 30 gramas
Xarope antiescorbútico ..... q.b. para 150.cc

Para usar 1 colher das de sopa de hora em hora.

A *S. oleracea* constitui a base do elixir "Paraguay Roux", que é odontálgico.

AGUARAQUIÁ

Solanum obraceum Rich. Família das SOLANÁCEAS.

SIN.

Pimenta-de-rato, erva-moura, pimenta-de-galinha.

É uma planta que perde as suas propriedades tóxicas quando cozida ao fogo, tornando-se até alimentícia. Frutos em baga e venenosos.

COMP. QUÍM.

O princípio ativo é insolúvel nágua quando isolado, o que não acontece com os sais. Possui ação convulsionante, produzindo depois paralisia e morte, como das experiências que fiz em pequeninos galináceos.

P. EMPR.

Folhas frescas.

IND. TERAP.

As folhas dão bom resultado quando aplicadas sobre as úlceras. O cozimento é usado em banhos contra as dores reumáticas.

AJARÉ

Tephrosia nitens Benth. Família das LEGUMINOSAS PAPILIONÁCEAS.

V. timbó.

ALBINA

Turnera ulmifolia L. var *surinamensis* Urb (?). Família das TURNERÁCEAS.

COMP. QUÍM.

A análise das folhas procedida no Ministério de Agricultura dos EUA deu por cento o seguinte resultado: umidade 9,05; cinzas 8,37; essência e resina mole 8,05; resina seca 6,10; tanino 3,45; e princípios amargos 7.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Tônico e adstringente. A infusão é empregada contra a dispepsia, albuminúria, diabetes, principalmente nas albuminúrias devidas a intoxicação alimentar. Diabetes. Leucorréia.

FARM. E POSOL.

Decocto – 30 gramas das folhas para 1 litro d'água; infusão a 10%; doses para 24 horas. Tintura 1/5 até 10 gramas por dia.

ALCAÇUZ

Periandra dulcis Mart. Família das LEGUMINOSAS-PAPILIONÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Subarbusto, de caule de grossura do dedo mínimo, lenhoso, de casca rugosa e escura, e interiormente de cor amarelo-escuro; sabor adocicado; folhas ímpares, revestidas de induto untuoso; flores pequenas, papilionáceas, cor violeta; fruto com três a quatro sementes.

COMP. QUÍM.

Peckolt retirou do alcaçuz uma substância a que deu o nome de *glycirrizina*, talvez um glucoside. É o açúcar do alcaçuz, de fórmula $C_{48}H_{39}O_{18}$, solúvel n'água e no álcool, corando-o em amarelo; não é fermentescível, idêntica assim à glucoside retirada do alcaçuz europeu. Encontram-se mais o amido, a dextrina, malato de cálcio, sais, resinas e matéria extrativa.

P. EMPR.

Raiz.

IND. TERAP.

Adoçante. Béquico. Bom para edulcorar as tisanas (as tisanas por decocção só devem ser edulcoradas depois de retiradas do fogo). Pó empregado para a confecção das pílulas.

POSOL.

Infusão, para uso interno – 15 a 60 gramas para 1 litro de água; pó 5 a 20 gramas; extrato. Pasta.

FARM. E POSOL.

Usada em infusão e xarope, em doses até 60 gramas por dia. Extrato fluido usado uma colher das de chá em água muito açucarada. Por dia 2 a 3 vezes.

ALFAVACA-DO-CAMPO

Ocimum Incanescens M. Família das LABIADAS.

P. EMPR.

Toda a planta.

IND. TERAP.

Béquico. Estimulante carminativo. Coqueluche.

FARM. E POSOL.

Usada em infusão e xarope, em doses até 60 gramas por dia. Extrato fluido usado uma colher das de chá em água muito açucarada. Por dia 2 a 3 vezes.

ALFAVACA-DE-COBRA

Monniera trifolia L. Família das RUTÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Pequena árvore; trifoliada; flor branca e aromática.

É uma das plantas que muito tem contribuído para o descrédito do jaborandi, por ser muitas vezes exposta à venda como se fosse esse vegetal e possuísse as suas propriedades fisioterapêuticas.

ALGODOEIRO[2]

Gossypium arboreum Lin., *G. brasiliensis*. Família das MALVÁCEAS.

SIN.

Amaniú.

---

2 Encontram-se também na Amazônia o algodoeiro-bravo – *Hibiscus furcellatus* Desr., da família das MALVÁCEAS, e o chamado algodão-bravo, que é a *Ipomea fistulosa* Mart., da família das CONVOLVULÁCEAS.

A *Ipomea fistulosa* possui um princípio ativo – orizabina ou jalapina, que é tóxico, tornando-se tanto mais abundante quanto mais novos são os caules e folhas.

A análise completa nessas porções da *Ipomea* revelou o seguinte: 0,2% de um glucoside resinoso, igual à jalapina ou orizabina; cera; tanino e uma hexose. A semente encerra mais um disacaride, galactose, pentose e pentose mehtylia (mucilagens) e óleo fixo (Haas).

O gado tem sido muitas vezes vitimado por se alimentar com essa planta.

No alto Amazonas existe também o *G. peruvianum* D. C., que é menor que a outra, e talvez melhor para o comércio.

CARACT. GERAIS

Árvore pequena, de folhas alternas, pecioladas, palmadas, com 5 lóbulos, obtusas e lanceoladas; flores grandes e amarelas quando novas, sendo as felpas brancas; semente reniforme. A casca da raiz (que é oficinal na farmacopéia norte-americana) apresenta-se sob a forma de fragmentos ou lascas flexíveis, de cor amarelo-claro externamente e cheios de manchas pardacentas. A camada inferior é branca e finamente estriada, destacando-se com facilidade as camadas liberianas. É inodora, pouco adstringente e quebrando sem esforço no sentido longitudinal. O algodão é celulose quase pura.

COMP. QUÍM.

A casca da raiz encerra glucose, resina amarela, tanino em pequena quantidade, e um corpo que precipita em negro purpúreo pelo percloreto de ferro. As sementes contêm o óleo e a *gossipose* (Dujardin), substância açucarada e dextrogira.

P. EMPR.

Cascas da raiz; sementes.

IND. TERAP.

As sementes são galatógenas. Com o extrato seco feito com elas, na dose de 10 gramas por dia, há o aumento do leite, bem assim o da manteiga e da caseína que ele contém. Com os pêlos se faz o algodão hidrófilo e outros tão empregados em medicina.

As cascas da raiz são empregadas para combater a dismenorréia e a amenorréia. Hemostático uterino. Abortivo. A casca da raiz é um bom emenagogo, porque as contrações

uterinas que provoca não produzem a tetania do centeio espigado. O extrato serve também para desenvolver os seios, aformoseando o colo e o busto.

FARM. E POSOL.

Pó das cascas 4 a 15 gramas por dia; infusão 15%; decocto 100%; doses de 40 a 60 gramas por hora. A dose triplicada torna-se abortiva e perigosa. Extrato fluido até 15 gramas por dia. Tintura das cascas a 1/5 com álcool a 90°.

ALOÉS VERDE

Agave faetida L., *Fourcroyia gigantea*. Família das AMARILIDÁCEAS.

SIN.

Pita.

CARACT. GERAIS

Planta herbácea, de folhas grandes, coriáceas e resistentes, canaliculadas na página superior, existindo acúleos nos bordos; inflorescência em panícula; flores amarelo-esverdeadas; fruto em cápsula.

P. EMPR.

Folhas (suco).

IND. TERAP.

Diurético. Antiscorbútico e anti-sifilítico.

FARM. E POSOL.

Tintura a 1/5; extrato fluido de 2 a 4 gramas por dia.

AMAPÁ

Parahancornia amapa Hub. Família das APOCINÁCEAS.

SIN.

Catáua na fronteira peruana.

CARACT. GERAIS

Árvore de tronco ereto e elevado, tendo a copa constituída por muitos galhos opostos, porém independentes entre si. Folhas lanceoladas, lustrosas, opostas, com 12 a 15 nervuras secundárias maiores, anastomosando-se a certa distância da margem; pecíolo curto. Frutos de cor escura, arroxeados, de forma esférica, regulando o tamanho de um ovo de pombo; são comestíveis. A casca do tronco exsuda grande quantidade de látex.

P. EMPR.

Seiva leitosa.[3]

IND. TERAP.

Asma; bronquite. Traumatismo, em particular no tórax.

Externamente, em golpes e feridas; bom cicatrizante. Resolutivo. Usado comumente pelo povo em emplastros que ficam aderidos com forte consistência e até por dias às regiões traumatizadas; decorridos 4 a 10 dias o emplastro se destaca, tendo desaparecido toda a inflamação. É de emprego corrente, e os resultados são magníficos. Nessas ocasiões, e

---

3 O leite-de-amapá, que é branco, separa-se, com o tempo, em duas camadas distintas, sendo a superior de coloração escura, constituída quase pela totalidade da água que o leite encerrava. A seiva leitosa é acre; em dose maior do que a indicada ela tem ação emetocatártica, aumentando sensivelmente a emissão da urina. Nela encontrei um glucoside.
Existe na Amazônia uma planta da família das MORÁCEAS, e a que o povo apelida de "amapá-doce". É o *Brosimum sp.* e que se torna preciso não confundir com o amapá.

internamente, aconselha-se 1 colher de chá do látex, de hora em hora, misturado com o mel de abelha.

AMOR-CRESCIDO

Portulaca grandiflora Hort. Família das PORTULACÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto vulgar, de raiz lenhosa ou tuberosa, com abundância de caules roliços; folhas alternas, carnudas, obtusas ou agudas, e de base estreita. Inflorescência no término dos caules; flores amarelas. Fruto ovóide e em cápsulas.

P. EMPR.

Folhas e seiva.

IND. TERAP.

O suco é empregado nas erisipelas, e em uso tópico nos eritemas. A infusão das folhas dá bons resultados na icterícia.

POSOL.

Infusão a $^{20}/_{150}$; 1 colher das de sopa todas as horas.

ANABI

Potalia amara Aubl; *Potalia resinefera* Mart. Família das LOGANIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto de folhas oblongas e opostas; flores em corimbo. As folhas contêm mucilagem e substâncias adstringentes.

IND. TERAP.

É usado o suco das folhas nas conjuntivites. Tóxico (?).

ANANÁS[4]

Ananaz sativus Lindll. Família das BROMELIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Planta bem conhecida, tendo as folhas duras, marginadas de espinhos; flores azuladas, dispostas em largo pedúnculo simulando espiga; fruto composto de ovários ínfimos; as brácteas, existentes nas axilas, unem-se e tornam-se carnosas, formando um todo de ordinário do formato de um ovóide, ou elipsóide. A parte carnosa é branco-amarelada.

O ananás do Amazonas é saborosíssimo.

COMP. QUÍM.

O fruto do ananás, segundo Adet, contém ácidos cítrico, tartárico e málico, glucose, albumina em pequena quantidade e sais não determinados, e mais um princípio ativo. Este princípio existe no suco do ananás, o que facilmente poderá ser verificado. Colocando-se uma fatia delgada de carne crua entre dois pedaços de ananás, no fim de três horas, mais ou menos, encontram-se nela sensíveis alterações; se deitarmos um pouco de suco no leite, notaremos que a sua ação digestiva sobre a caseína é manifesta.

P. EMPR.

Fruto.

IND. TERAP.

Excelente estomáquico e digestivo. Dispepsia flatulenta.

---

4 Da fermentação do suco do fruto resulta um líquido alcoólico, a que o povo dá o nome de vinho de ananás. É um bom estimulante.

As falsas membranas da difteria e do *croup* parecem dissolver-se e destacar-se do *locus dolenti*, com facilidade, empregando-se o suco do ananás. Esse emprego, não é preciso dizer, será somente procedido não havendo o *serum* antidiftérico.

A compota do ananás contém o seguinte poder nutritivo: U. N. 37,71; Az. 9,34; G. 0,36; e H. 35,31 (Alquier).

ANANI[5]

Syphonia globulifera L. fil. Família das GUTIFERÁCEAS.

SIN.

Onani, uanani.

CARACT. GERAIS

Bonita árvore quando florida, de copa frondosa e pouco densa, cobrindo-se na época da florescência de belos exemplares de cor escarlate, e em tão grande quantidade de modo a destacar-se das demais árvores. O tronco é alto, flexível e direito. Existem duas variedades de anani: o da terra firme e o da várzea. Aqueles têm a flor mesmo na antera, de forma cônica e de coloração rósea; estes, globosas e vermelhas. A goma-resina da primeira é a melhor, tanto uma como outra, porém, são chamadas *elemi*; têm a cor negra e aspecto luzidio, possuindo a originalidade de ser amarelas quando extraídas, tornando-se negras em contato com o ar.

P. EMPR.

Goma-resina.

IND. TERAP.

Empregado *in natura* e profusamente nas afecções do aparelho broncopulmonar.

ANDIRÁ-ARAROBA

Família das LEGUMINOSAS-PAPILIONÁCEAS.

---

5 O anani da terra firme parece ser a *Moronobea coccinea* Aubl. É preciso não haver confusão do *elemi* do anani com o *elemi* ou *resina elemi* fornecida pelo *Icica icicariba*, da família das TEREBINTINÁCEAS.

SIN.

Angelim amargoso; pó-da-bahia; araroba purificada (farm., austríaca).

CARACT. GERAIS

Árvore de folhas compostas, alternas e imparipenadas; folíolos ovais e pequenos; inflorescência em cacho (?); flor caracterizada por androceu monadelfo ou diadelfo; fruto em drupa. Semente solitária com embrião carnoso e dois cotilédones oleosos.

COMP. QUÍM.

O nome de *araroba* é dado à substância pulverulenta existente nas frinchas estreitas e profundas do angelim amargoso. Nela se encontra quase 80% de *crisarobina*, quinona que tem a fórmula de $C_{30}H_{26}O_7$. Trata-se o pó pela benzina fervendo; quando resfriada verifica-se um depósito amarelo, que será purificado por uma série de destilações no éter, no ácido acético e no clorofórmio. A "crisarobina pura" apresenta-se em lâminas amarelas, inodoras, fusíveis a 175°, insolúvel n'água, solúvel nos álcalis, no éter e no clorofórmio. O *ácido crisofânico*, de fórmula $C_{15}H_{10}O_4$, é corpo resultante da oxidação da crisarobina, cristalino, de cor amarelo-laranja, sem cheiro e sem sabor, pouco solúvel n'água, solúvel no éter (1:224), no clorofórmio, benzina e ácidos diluídos. Pertence a série do antraceno, e pode ser considerado um dioximetil-antraquinona. Existe mais a *eurobina* e a *lenirobina*, que são o triacetato e o tetracetato de crisarobina.

P. EMPR.

O pó *in natura*. Crisarobina e ácido crisofânico.[6]

---

6 Faz-me mister um pouco de prudência com o emprego do ácido crisofânico e da crisarobina, pois quando usado em larga escala ocasionam fortes eritemas.

IND. TERAP.

Herpes, psoríases. Dermatoses.

POSOL.

Pomada a 1:30, só ou associado, como segue-se:

Ácido acético . . . . . 5 a 10 gotas
Crisarobina . . . . . 1 a 3 gramas
Lanolina . . . . . 30 gramas

USE

Supositórios; ungüento.

ANDIRÁ-POAMPÉ

Bignonia vespertilia Barb. Rodr. Família das BIGNONIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

A andirá-poampé, que significa "unha-de-morcego", deve esse nome, dado pelos índios, à transformação que experimenta o folíolo médio em cirro truncado, trífido. Flores em cacho, e cor de ouro; frutos numerosos e pendentes.

Informam possuir essa planta as mesmas indicações medicinais da "unha-de-gato".

ANDIROBA[7]

Carapa guyanensis Aubl. Família das MELIÁCEAS.

---

7 Existe na região amazônica a andirobeira-branca, que tem o seu *habitat* nas baixadas e em terrenos alagadiços.
Acredito ser a mesma *C. guyanensis*.
Nela encontra-se o óleo até no cerne; é apelidada "andiroba-do-igapó".
Não há verme ou parasitas que fixem residência na andirobeira. O óleo também fornece luz. A *andira retusa* H. B. K., pertencente à família das LEGUMINOSAS-DALBÉRGEAS, tem a sinonímia popular de "andiroba-jareua", convindo não ser estabelecida confusão a respeito.

SIN.

Jandiroba, nandiroba.

CARACT. GERAIS

Árvore de madeiro rijo e córtex amargo; tronco direito, em grande extensão, sem nenhum galho; folhas grandes, penadas, de folíolos escuros e pendentes; flores axilares e pequenas; cálices com 4 a 5 divisões imbricadas; corolas com 4 a 5 pétalas livres e recurvadas. Ovário com 4 a 5 lóculos. Cápsula semiglobular, com 1 a 5 lóculos, contendo cada um 2 a 5 sementes, de tamanho bem regular e de cor escura. A andirobeira é árvore da região amazônica e presta-se para a arborização de avenidas e praças por ter a copa com a ramificação quase vertical.

EXTRAÇÃO DO ÓLEO

Cozem-se as sementes, que depois entram em franca fermentação; isso conseguido, são elas bem comprimidas e amassadas em um plano inclinado em forma de goteira e sujeitas à ação do calor solar. Este faz escoar o óleo, que é recolhido em recipiente apropriado, produto esse de cor amarela e gosto amargo. A semente bruta fornece de 30 a 35% de óleo; descascada e preparada, de 68 a 72%.

COMP. QUÍM.

No óleo existe um princípio ativo – a *carapina*, estudada pelo Dr. Robinet. É um corpo que apresenta os seguintes caracteres: incolor, insolúvel n'água, amargo e cristalizável.

Bouquillon obteve das cascas 3,35% de cinzas, glucoside em abundância, óleo essencial e óleo fixo.

Nas sementes verifiquei sem dificuldade a existência de óleo concreto, de cor amarelo-escura, gosto amargo *sui*

generis, e consistência semelhante à da banha de porco; aí encontram-se a margarina e oleína.

Cadet obteve e isolou do óleo de andiroba a estearina, a oleína e a margarina, e Petroz retirou da casca o alcalóide carapina, já encontrado no óleo (Robinet).

P. EMPR.

Casca da haste, amêndoas, e o óleo expresso, de preferência.

IND. TERAP.

As cascas são usadas em curativos de feridas e úlceras simples (cozimento). Também são tônicas e antiperiódicas.

O óleo expresso é de uso vulgar nas úlceras, mormente atônicas, impigens, pediculose da cabeça e *Phthirius pubis*. Herpes circinada, Sarna.

Os naturais untam o rosto e as mãos com óleo para se preservarem das picadas dos carapanãs (mosquitos), piuns, mutucas, meruins, etc.

O óleo também é muito empregado na medicina veterinária, em bicheiras, feridas, umbigos dos bezerros, etc. Nas bicheiras o mal fica debelado; nas outras a varejeira não fará a desovulação, porquanto a *Lucilia* é sagaz, e teme sujar e obstruir as ventosas dos pés no óleo.

FARM. E POSOL.

Tintura da casca 1/5, de 5 a 10 gramas *pro die*. Vinho e xarope, 2 cálices por dia. Cozimento (para uso externo) 15 a 30 das cascas para 300 a 500 d'água. Tenho empregado e com proveito sempre, para combater o herpes, o *acarus* e *phthirius pubis*, as seguintes fórmulas:

Óleo de andiroba ..... 2 a 4 gramas
Lanolina ..... 10 a 12 gramas
m. m.[de]

ou:

Óleo de andiroba ..... 20 gramas
Greda prep. ..... 10 gramas
Lanolina ..... } aa
Sabão-negro ..... } de 30 a 50 gramas
m. m.[de]

ANGELIM[8]

Andira anthelmintica Benth. Família das LEGUMINOSAS DALBERG.

CARACT. GERAIS

Árvore inerme, altaneira, de cerne amarelo, tronco de grande diâmetro. Altura do tronco até 18 e 20 metros por 1 de diâmetro. Cascas adocicadas e de cheiro *sui generis* e desagradável. Folhas imparipenadas e flor em panícula terminal, de coloração rósea ou violácea. Progride nos lugares altos.

COMP. QUÍM.

Um alcalóide – a *berberina* e uma glucoside – a *andirina* (Schoeer); tanino em pequena quantidade verifiquei.

P. EMPR.

Cascas da haste.

---

8 Não confundir com o visgueiro, também chamado angelim, e que é a *Parkia pendula* Benth, da família das LEGUMINOSAS-MIMOSÓIDEAS. Existem também entre nós a morcegueira – *Andira inermis* H. B. K.; a *andira-uxi* ou *andira-jareua* ou uxirana – *Andira retusa* H. B. K.; o angelim-pedra – *Andira spectabilis* Sald. (?) e a lombrigueira – *Andira amazonum* Mart.

IND. TERAP.

Anti-helmíntico. Purgativo brando.

POSOL.

Decocto 30%, 4 colheres de sopa por dia para os adultos; 2 para as crianças. Aumentando gradualmente as doses aparecerão náuseas, às vezes febre e delírio, sintomas esses combatidos com o ácido cítrico (suco do limão). Pó das cascas de 0,50 a 1,50 por dia, como vermífugo; purgativo de 1 a 3 gramas por dia. Tintura 1/5, com álcool a 60°; usada por dia até 6 gramas. Extrato fluido até 6 gramas.

Fórmulas:

Extr. fluido de angelim ..... 50 centigramas
Xarope de cidra ..... 30 gramas

Dose em duas vezes para crianças de 4 a 6 anos.

Poção:

Extr. fluido de angelim ..... 15 gramas
Hidrolato simples ..... 425 gramas
Xarope de laranjas ..... 60 gramas

Use 4 a 6 colheres por dia.

ANIL[9]

Indigofera anil L. Família das LEGUMINOSAS.

SIN.

Caachica.

9 O pó das sementes e das raízes é um bom inseticida.

CARACT. GERAIS

Esta planta cresce espontaneamente na zona do rio Negro, onde foi outrora cultivada com esmero. Arbusto de folhas imparipenadas e flores em espigas axilares.

COMP. QUÍM.

Resina vermelha, indigotina e vermelho índigo. A *indigotina* (50 a 90%) é retirada por sublimação em uma corrente de hidrogênio.

P. EMPR.

Raiz e folhas.

IND. TERAP.

Antispasmódico e sedativo. Coréia; epilepsia.

POSOL.

Pó das folhas em cápsulas ou pílulas, na dose de 0,50 a 1 grama para os menores, e de 2 a 10 gramas para os adultos. Extrato fluido 1 grama, três vezes por dia, podendo aumentar até 3 colheres de chá, no mesmo prazo, nas uretrites blenorrágicas. Na coréia e epilepsia tem sido empregada a fórmula seguinte, do Dr. Monteiro da Silva:

Raiz de anil em pó	8 gramas
Tintura ou extr. fluido de gengibre . .	$\overline{aa}$
Dita de valeriana	4 gramas
Cânfora	2 gramas

M. e d. em 24 papéis. Use 3 por dia.

ARATICUM-DO-BREJO

Anona paludosa Aubl. Família das ANONÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de flores aromáticas, cujas pétalas são interiormente de bela coloração púrpura; frutos pequenos, lisos e polposos. As folhas dizem possuir propriedades medicinais. Os frutos encerram 40% de óleo pingue e 33% de açúcar.

A raiz do araticum-do-brejo tem os mesmos empregos que a cortiça.

ARATICUM-DO-MATO

Rollinia silvatica (St. Hil.) M. Família das ANONÁCEAS.

Com os frutos fermentados fazem uma bebida, muito recomendada como refrigerante e estomáquica.

ARIÁ

Thalia lutea Stend., *Maranta lutea* Jacq. Família das MARANTÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Haste lisa, ramosa e elevada, derivando de um rizoma de tamanho variável; folhas grandes, ovo-agudas; inflorescência em espigas, flores amarelo-claro; fruto em cápsula, semilocular e trigono.

COMP. QUÍM.

O rizoma[10] é rico em substâncias amiláceas; contém glucoside.

---

10 É bom alimento e muito apreciado na Amazônia.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Cistites.

POSOL.

A tintura feita em partes iguais das folhas e álcool a 40º é usada de 10 a 40 gotas em 50 a 80 gramas de água.

AROEIRA

Schinus terebintifolius Raddi. Família das ANACARDIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de cerne vermelho-escuro, atingindo o tronco o diâmetro de 1 metro por 15 a 20 de altura; folhas imparipenadas; flores em panícula terminal; fruto pequeno, arredondado e de cor vermelha. Da incisão da casca exsuda a resina, ou seja o – mastique americano.

COMP. QUÍM.

A resina, de cor vermelha, encerra glucose, tanino, e provavelmente uma essência.

P. EMPR.

Cascas e resina.

IND. TERAP.

Reumatismo. Antifebril e anti-hemoptóico.

FARM. E POSOL.

Cozimento das cascas $^{100}/_{500}$, como anti-térmico e no reumatismo; resina de 50 centigramas a 1 grama, em emulsão, por dia. Extrato fluido usado até 2 e 3 gramas em poção. Uma colher das de sopa de 2 em 2 horas.

ARRUDA

Ruta graveolens L. Família das RUTÁCEAS.

Planta herbácea, muito vulgar, e do provérbio italiano: "La ruta ogni mala stuta".

COMP. QUÍM.

Óleo volátil, essência, constituída particularmente por metilnonilacetona; rutina; albumina vegetal; goma; inulina.

P. EMPR.

Planta florida; raiz.

FISIO. TERAP.

Emenagogo, estimulante gastrintestinal e antispasmódico (Epilepsia e histeria). Tóxico em dose elevada.

A arruda apresenta gosto pouco amargo, acre e aromático. As folhas em contato com a pele determinam leve rubefação. Internamente e em dose elevada produz intumescimento e inflamação da língua, secura na garganta, dores epigástricas, vômitos, cólicas, contração da pupila, sonolência e outros sintomas peculiares às substâncias acre-narcóticas. A inflamação tem por pontos de seleção o estômago e o duodeno.

A arruda possui propriedade abortiva perigosíssima; congestiona o útero, estimula as fibras musculares ocasionando

contrações, e produzindo hemorragias muito graves e por vezes a morte da paciente, sem que o aborto seja conseguido.

FARM. E POSOL.

Antispasmódico em doses de 5 a 15 centigramas do pó. Tintura da planta seca a 1/10 com álcool a 70°; usada por dia até 4 gramas. Infusão das folhas frescas 2/500. Essência 1 a 10 gotas. Extrato fluido 1 grama de cada vez.

AVENCA

Adiantum cuneatum Fisher. Família das FELICÍNEAS.

CARACT. GERAIS

Vegetal delicado, possuindo frondes com três a quatro pínulas em hastes pardacentas e luzidias; ramos abundantes. É peculiar aos lugares úmidos e sombreados. Entre nós existem belíssimos exemplares.

COMP. QUÍM.

As folhas encerram óleo essencial e ácidos gálico e tânico.

P. EMPR.

Frondes.

IND. TERAP.

Bronquites; leves afecções do aparelho respiratório.

FARM. E POSOL.

Infusão de 25 a 40%, para usar às colheres de hora em hora; xarope feito com o macerato de 20% para o total de 500 gramas e adição do xarope; tisana 10%.

BÁLSAMO-DE-TOLU[11]

Myroxylon toluiferum Kunth. Família das LEGUMINOSAS-PAPILIONÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore altaneira, de grande porte, ramificando-se perto do solo. As folhas são alternas, pecioladas, desprendendo cheiro aromático pronunciado; flores em cacho e de cor branca; fruto indeiscente, membranoso e de curto pedúnculo. Das incisões feitas no tronco exsuda um bálsamo, de consistência semelhante à da geleia, de cor escura, transparente e de cheiro ativo e agradável. O óleo essencial nele contido se volatiliza facilmente. A resina seca é quebradiça e quase vermelha, apresentando a cor amarela quando cortada em porções delgadas.

COMP. QUÍM.

Óleo ácido aromático, constituído pelos éteres benzilbenzóico e benzilcinâmico, vanilina, ácidos cinâmico e benzóico livres (Oberlander) e resina. Esta é um éter saponificável, produzindo ácido cinâmico e benzóico de um lado e do outro ácido resino-taninoso, homólogo inferior à *peruresina-tannol*, isolada por Trog. A resina tem o peso específico de 1.2; solúvel no álcool e no clorofórmio, menos no éter, e insolúvel nos carburetos de hidrogênio.

---

11 O bálsamo-de-tolu amazonense é exportado como se fosse o bálsamo do Peru, e do qual se distingue pela pequena quantidade de matéria oleosa que encerra e pela rapidez com que perde a água, apresentando dura consistência.
Não se deve também confundir o bálsamo-de-tolu com o benjoim, porque este não contém ácido cinâmico, o que se reconhece pelo modo seguinte: Ferva-se durante 10 minutos 5 gramas de bálsamo, 50 cc. de água e excesso de leite de cal, filtre e ao líquido ainda quente ajunte ácido clorídrico gota a gota até o descoramento, e em seguida mais duas gotas em excesso. O ácido cimânico que fica em liberdade se cristaliza. Decante o líquido e introduza o resto em um balão pequeno com 20 centigramas de permanganato de potássio; leve ao fogo até à ebulição. O líquido será reduzido, e formá-se-á o aldeído benzóico a custa do ácido cinâmico, desprendendo com intensidade o cheiro de amêndoas amargas. O benjoim não dará esse resultado porque não encerra ácido cinâmico.

P. EMPR.

Resina-balsâmica.

IND. TERAP.

Ótimo expectorante; afecções broncopulmonares, de cujas secreções é verdadeiro agente moderador. Cicatrizante e anti-séptico em uso externo. Catarro da bexiga; leucorréia e blenorragia rebeldes. Laringite crônica.

FARM. E POSOL.

Xarope; água balsâmica; pastilhas. Bálsamo *in natura*. Extrato fluido 1 grama três a quatro vezes por dia, em xarope; tintura 2 a 10 gramas por dia. Pílulas; cigarros. Creme peitoral de Tronchin; verniz anti-séptico de Nicaise.

CONTRA-INDICAÇÃO

Litten relata o caso de em um indivíduo atacado de sarna e submetido ao tratamento com o bálsamo; manifestar-se intensa cistite e nefrite, sendo negra a urina emitida. Nos casos de albuminúria não se deve aconselhar o emprego do bálsamo-de-tolu.

BANANEIRA

Musa paradisiaca Mart. (bananeira-da-terra). – *Musa sapientia* (bananeira-de-são-tomé). Família das MUSÁCEAS.

Plantas muito vulgares e conhecidas. É grande a variedade de bananeiras na Amazônia; para uso medicinal, porém, são preferidas somente as duas citadas.

COMP. QUÍM.

Quando verdes as bananas contêm ácido tânico e substâncias amiláceas; maduras – glutina, glucose, ácido málico e álcool.

Em 100 gramas de polpa madura Peckolt obteve:

	B.-da-terra	B.-de-são-tomé
Glucose	8.790	12.667
Gluten, tanino	0.200	0.123
Substâncias albuminóides	0.700	0.544
Ácidos tartárico, málico, etc.	0.041	0.419
Substâncias gomosas, ácido péctico, etc.	7.310	8.472
Sais inorgânicos	2.132	1.950

O mesmo analista particularizou ter a banana-da-terra 3.208% de substâncias azotadas, e a banana-de-são-tomé somente 2.191%.

O fruto maduro contém álcool (Mascano e Muntz, de Paris, e M. Oliveira, do Brasil).

Corenwinder, fazendo a análise de bananas colhidas no Brasil, encontrou:

Água	72.45
Açúcar cristalizável	15.90
Açúcar não cristalizável	5.90
Celulose	0.38
Substâncias azotadas	2.14
Pectina	1.25
Substâncias gordurosa e corante; ácido gálico	0,96
Substâncias minerais	1,02

de onde se evidencia a importância de ser a banana quase um alimento completo.

Convém aqui registrar, em virtude dos resultados discordantes dessas e de outras análises que, em geral, a banana

verde encerra 70 a 80% de amido e somente 2 a 4% de açúcar; ao passo que o fruto maduro encerra 70 a 80% de açúcar, sendo 40% de sacarose e o restante de açúcar invertido e unicamente 2% de amido. Conhecendo e sabendo a importância do açúcar como alimento pulmonar, claro está que devemos sempre dar preferência ao "mingau" feito com a banana madura.

Nas bananas "secas" e prensadas a sacarose se transforma em açúcar invertido e o resto do amido em açúcar.

Winckel procedeu a análise das bananas "secas", encontrando:

Água	13.43%
Matéria seca	86.57%
assim distribuída:	
Cinzas	3.43
Matéria azotada	5.57
Açúcar invertido	67.27
Fibras, matériais gordurosas, etc.	10.95
Matéria insolúvel n'água	9.35

As análises de farinha de banana madura ou não deram o seguinte resultado:

	Ban. não-sazonada		Ban. sazonada
	Balland	Labbé	Balland
Água	11.90	12.90	–
Matérias extrativas	78.11	79.35	5.20
Matérias açucaradas	–	2.00	0.34
Matérias gordurosas	0.60	0.50	79.35
Matérias azotadas	3.99	3.25	7.36
Celulose	2.50	1.88	4.49
Cinzas	2.40	2.15	3.35

As cinzas dessa farinha têm a seguinte composição, segundo Corenwinder:

Potassa	69.280
Soda	6.189
Cálcio	1.742
Magnésio	9.171
Óxido de ferro	1.421
Ácido fosfórico	8.666
Ácido sulfúrico	1.926
Cloro	1.605

Assinaremos a riqueza por cento em ácido fosfórico da farinha de banana.

Na seiva encontram-se os ácidos tânico, acético e gálico (Boussingault e Marquardt), ou ácidos musotânico, tartárico, cítrico e musaínico cristalizado (Peckolt).

P. EMPR.

Fruto maduro, mal sazonado e quase seco. Farinha de banana. Mingau de banana.[12] Seiva.

12 A farinha da banana é de uso vulgar na Amazônia, e recomendo-a calorosamente na alimentação infantil e nas convalescenças de graves moléstias. A assimilação fácil, rápida digestão e sua riqueza em ácido fosfórico comprovam essa nossa insistência.
O mingau de banana-da-terra incompletamente amadurecida é um dos ótimos alimentos, e podemos considerá-lo muito nosso, porquanto o seu uso e prática remonta a épocas longínquas. É um alimento de primeira ordem pela sua riqueza em substâncias amidotânicas e azotadas na belíssima proporção de 3.208%. Na confecção do mingau de banana é mister passá-la em tamis usual para ficar isenta da celulose (fibras brutas, etc.), facilitando assim em forte escala a digestão e tornando a assimilação quase completa.
A banana fresca possui quase *o valor nutritivo equivalente a um peso igual de carne*; quando "seca", porém, o seu valor, em relação à carne aumenta em mais do dobro, – o valor em calorias subindo de 285 a 308, e o nutitivo a 783.
Em tese e de modo vago podemos aceitar os números de Alquier para o valor alimentar da banana: U.N. 24.31; Az. 1.21; G. 0.50; H. 21.87.
Os índios do Amazonas em todas as suas aldeias e tabas, e mesmo nos acampamentos provisórios uma das primeiras medidas tomadas tem sido e é o plantio da bananeira, por ser o fruto considerado por eles um bom alimento. Até hoje essa prática tão útil continua também em vigor para o civilizado, e oxalá que os poderes públicos protegessem os agricultores nesse particular, por constituir tambem uma grande fonte de riqueza a exportação do fruto da bananeira. A celulose se presta ao fabrico da seda (E. Berenguer, Portugal).

IND. TERAP.

Alimento opimo. A seiva é assaz empregada pelo povo em golpes e feridas. Diarréia dos tuberculosos. Existe o hábito de em diversos pontos da haste da bananeira fazerem à tardinha algumas cavidades e em seguida depositar em cada uma o açúcar em quantidade razoável. Na manhã seguinte a seiva daí retirada é saborosa e dá resultados favoráveis, melhorando certos sintomas dos tuberculosos. Fabricam entre nós o xarope da seiva da bananeira-de-são-tomé, sendo empregado nas bronquites, broncorréias, tuberculose, etc. Dyspepsias. Convalescença.

O dr. Monteiro da Silva faz grande propaganda no emprego da seiva açucarada, na dose de três colheres de sopa por dia, nos casos de tuberculose, conseguindo obter melhoras até em casos de 3.º grau. Tais resultados poderiam ser classificados como tonificando, estimulando "o organismo, e fazendo desaparecer todos os sintomas graves inerentes ao seu funcionamento".

Na medicina veterinária é a bananeira usada para combater grave moléstia que dizima o gado suíno. Esta moléstia, verdadeira peste, afeta os pulmões, em particular a base, o fígado e o baço. A autopsia evidencia a existência de nódulos pequenos e esbranquiçados, cheios de pus. Quando o prognóstico é favorável, terminando o caso pela cura, verificam-se aqueles nódulos, então obcedados, verdadeiramente enquistados no parênquima dos órgãos. A cura é conseguida dando-se a folha da bananeira como forragem, ou então obrigando o suíno a beber a seiva da bananeira – duas vezes por dia, – meio copo de cada vez (Monteiro da Silva).

BARBA-DE-BARATA

Caesalpinia pulcherrima Sw. Família das LEGUMINOSAS-CAESALPÍNEAS.

Árvore de folíolos obovais ou oblongos, com as folhas em panículas, de cor vermelho-amarelado.

P. EMPR.

Flores, folhas e raiz.[13]

IND. TERAP.

Emenagogo e abortivo. Infusão e cozimento.

BARBA-DE-PACA

Nepsera aquatica Naud. Família das MELASTOMÁCEAS.

Esta planta possui propriedades tóxicas, não estudadas ainda. As folhas são aconselhadas em cozimento 60/480 na hematúria intertropical (?) (Colative).

BARBASCO

Clibadium biocarpum Mart. Família das COMPOSTAS.

COMP. QUÍM.

Parece conter um alcalóide (?) – a *clibadina*.

IND. TERAP.

Narcótico. Trata-se de uma planta cujo princípio ativo é tóxico, tanto que serve para *tinguijar* a água e matar o peixe.

BARBATIMÃO[14]

Striphnodendon sp. Família das LEGUMINOSAS-MIMOSÁCEAS.

---

13 As raízes não devem ser empregadas porque são tóxicas. Planta muito pouco estudada, ao que me consta.

14 Na região amazônica a sinonímia barbatimão é também aplicável à *Cassia fastuosa* Willd, da mesma família e à BIGNONEÁCEA – *Jacarandá* sp.

CARACT. GERAIS

Árvore de casca rugosa e grossa, rica em substância adstringente; folhas alternas, bipenadas, com folíolos opostos; flores dispostas nas axilas em forma de espigas (?); fruto em vagem achatada.

COMP. QUÍM.

Tanino, e resina, que se solidifica em forma de lágrimas. A casca encerra 50% de tanino. Matéria corante.

P. EMPR.

Casca do tronco.

IND. TERAP.

Hemorragia uterina; leucorréia. Hemoptise. Vulnerário; diz o vulgo que o pó das cascas dá bons resultados em uso tópico nas úlceras e feridas cancerosas.

POSOL.

Pó da casca até 25 gramas para 250 gramas de água filtrada e fervida. Uso externo; ou em uso interno – uma colher de sopa de 2 em 2 horas.

BATATA[15]

Solanum tuberosum L. Família das SOLANÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Planta de haste herbácea, ramosa e pubescente; de folhas alternas, pecioladas, oblíquas, ou cordiformes na base; flores grandes, violetas ou brancas, em corimbo; fruto em baga.

---

15 A batata pode ser considerada matéria primária para a fabricação do álcool.

COMP. QUÍM.

O tubérculo contém amido, matérias azotadas, asparagina, resina, matérias gráxeas, citrato de cálcio, óleo essencial e diversos sais minerais. Ao extrato feito com as porções herbáceas da planta e dos rebentos retirados dos tubérculos, e quando administrado na dose de 15 a 20 centigramas são atribuídos os sintomas narcóticos que se nota. Naturalmente tais efeitos são devidos à *solanina*.

P. EMPR.

Tubérculo (batata). Fécula.

IND. TERAP.

Bom alimento, seja o tubérculo ou a fécula dele retirada e usada em caldo, mingau, ou de mistura com o queijo ralado, ou em pães. Empregadas com vantagem são as cataplasmas preparadas com a fécula. A polpa é indicada para combater as úlceras devidas ao escorbuto, o que parece racional pela riqueza da fécula em hidratos de carbono, cuja relação é de 78.2%.

BATATÃO

Ipomea echioides Choysi. – *Convolvulus Gomesü*. Família das CONVOLVULÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Planta de 20 a 30 centímetros de altura, e de raízes tuberosas; caule herbáceo, quadrangular; folhas de limbo verde-escuro, dorso alvacento, pecioladas; flor única; fruto globuloso.

COMP. QUÍM.

Peckolt isolou a resina, que é dura, quebradiça e corada em castanho. Partida, apresenta superfície luzidia, e sendo aquecida, desprende cheiro semelhante ao do pão de trigo, quando fresco; quando resfriada o cheiro desaparece. *Convolvulina* foi o nome dado ao princípio ativo encontrado no batatão; a sua obtenção é assaz difícil. Encontram-se mais na raiz o açúcar, sais, fécula e extrato gomoso.

IND. TERAP.

Constipação intestinal, purgativo drástico. Hidropisia. Depurativo. Epilepsia?

FARM. E POSOL.

Goma na dose de 5 gramas como drástico; resina na dose de 2. Tintura a 1/8, até 30 gramas por dia; decocto 5/500. Pó até 4 gramas; extrato fluido 3 gramas.[16]

BAUNILHA

Vanilla aromatica Mart., *Vanilla guyanensis* L. Família das ORQUIDÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Subarbusto sarmentoso, elevando-se a pontos consideráveis. Hastes cilíndricas, nodosas, esverdeadas; folhas alternas, sésseis, oblongas, ovo-agudas, espessas e carnosas;

16 Os naturais juntam ao cozimento feito com o pó um pouco de mel de abelhas ou açúcar e água de flores de laranjeira e assim aplicam-no para combater a leucorréia. Desconhecemos a posologia. Existem também na Amazônia a vetila – *Ipomea Capparoides* Chois, e o batatão-amarelo – *Operculina pteroides* Meiss., com idênticos empregos e usos aos da *I. echioides*.

flores branco-esverdeadas, aromáticas, e em cacho terminal; fruto em cápsula, liso, carnoso, siliqüiforme, contendo sementes numerosas e negras.

Encontram-se no Amazonas os dois gêneros citados, – a qualidade mais estimada no comércio, porém, é a *V. guyanensis*, cuja vagem ou cápsula achatada chega a ter o comprimento de 24 centímetros por 8 de largura; de cor escura, é externamente untuosa e macia. Cortando-se a cápsula no sentido transversal verificamos a existência de um líquido viscoso e inodoro, e onde se encontram cristais calcários em exame microscópico. A sua estrutura anatômica, conforme M. Oliveira, deixa ver ao microscópio "o epicarpo guarnecido de estômatos formados de uma camada de células poligonais, de paredes pontuadas, espessas, contendo – matéria amarela ou amarela-escura, e cristais prismáticos ou octaédricos; o mesocarpo, muito espesso e sulcado de numerosos feixes fibrovasculares é cercado por um periciclo constituído por fibras de paredes espessas e pontuadas, formado por tecido celular, oval, arredondado ou poligonal. Na face interior do endocarpo existem numerosas papilas unicelulares alongadas, medindo 300 micro-milímetros de comprimento e 15 de largura, arredondadas em seu vértice, munidas de finas paredes e guardando um plasma oleoso; os grãos são cobertos por uma epiderme escura, cercando um embrião oleoso".

A fecundação da baunilha se realiza por intermédio de um inseto do gênero *Melipone*. Maior eficácia e proveito resulta da que é feita pelo agricultor inteligente, que afasta a labela e coloca a antera em contato com o estigma.

COMP. QUÍM.

As espécies brasileiras produzem a *Coumarina* Wittoteim, ou ácido benzóico (?), segundo Ruchok e Vogel. O fruto

encerra mais: – resina, cera, goma, matéria gordurosa, açúcar, e um princípio ativo chamado *vanilina*, que é o resultado de um fermento hidrolisante e de uma oxidase contidos no fruto da baunilha (Lecomte). A vanilina cristaliza em agulhas brancas, cheiro muito agradável, solúvel no éter, no clorofórmio, no álcool e na água; é reconhecida pelas reações seguintes: coloração azul pelo percloreto de ferro; o ácido azótico transforma-a em ácidos pícrico e oxálico.

P. EMPR.

Fruto.

IND. TERAP.

Estimulante e até convulsivante (Grasset e Rouilliès).[17] Corretivo e aromático. Febres adinâmicas.

FARM. E POSOL.

Tintura 1/10 álcool a 70°, empregada na dose de 3 a 6 gramas para 120 a 150 de veículo. Às colheres. Extrato fluido até 6 gramas, em xarope. Pó do fruto até 1 grama.

BEIJO-DE-FRADE

Impatiens balsamina L. Família das BALSAMÍNEAS.

Planta assaz vulgar, e cujo fruto, quando maduro, possui a propriedade de, por leve pressão, abrir as válvulas com pequeno estalido, espalhando as sementes, o que a criançada muito aprecia.

O suco do caule dizem ser um emético violento. Tóxico (?).

---

17 Gloubler considera a baunilha um grande estimulante por acúmulo de energia muscular e genésica. Entra na composição do elixir de Garus.
Existe no Amazonas uma variedade de baunilha que talvez seja silvestre; é inodora.

BELDROEGA

Portulaca oleracea L. Família das PORTULACÁCEAS.

SIN.

Caaponga.

CARACT. GERAIS

Planta rasteira, de caule carnoso, folhas ovais e opostas, de flores terminais amarelas ou brancas, e reunidas nas axilas das folhas; fruto em cápsula pequenina, com muitas sementes. A beldroega é dos lugares cultivados e de uso na arte culinária, sendo rica em mucilagem.

P. EMPR.

Folhas e flores.

IND. TERAP.

Bom diurético. Cistite; cólicas nefréticas. Emoliente (cataplasmas). Galactogeno (?).

FARM. E POSOL.

Infusão $^{40}/_{300}$, aos cálices todas as horas.

BIBIRU

Nectandra Rodioei R. Schomb. Família das LAURÁCEAS.

COMP. QUÍM.

Do bibiru foram extraídos por Maclagan a *nectandrina* e a *bibirina*, de fórmulas $C_{20}H_{23}AzO_4$ e $C_{18}H_{21}AzO_3$.

P. EMPR.

Casca da haste.

IND. TERAP.

Nevralgias. Enxaqueca. Sedativo e calmante. Dizem possuir boa propriedade para combater as nevralgias periódicas.

FARM. E POSOL.

Pó da casca de 1 a 4 gramas. A *bibirina* é empregada em fórmula pilular ou em poção, nas doses de 5 a 50 centigramas.

BIRIBÁ

Rollinia orthopetala D. C., *Anona Duguetia* Marc. Família das ANONÁCEAS.

CARACT. GERAIS

O biribá é árvore pequena, de folhas luzidias, fruto polposo e grande, amarelo-esverdeado, eriçado de pontas, aromático quando sazonado, contendo numerosas bagas, e de gosto ácido e adocicado. Da polpa do fruto, que tem a coloração branca, faz-se apreciado refrigerante; quando fermentada produz bebida idêntica a usada pelos antilhanos, e por eles denominada "corossol".

COMP. QUÍM.

O fruto encerra óleo fixo, substância amilácea, glucose e princípio ativo ainda não determinado.

P. EMPR.

Fruto; semente.

IND. TERAP.

As sementes secas e reduzidas a pó servem para combater a enterocolite membranosa. O fruto é analéptico e antiscorbútico.

BOA-NOITE

Ipomea bonanox L. Família das CONVOLVULÁCEAS.

Planta vulgar e que dizem possuir propriedade antireumática.

BOLSA-DE-PASTOR

Bursa pastoris; Capsula bursa pastoris. Família das CRUCÍFERAS.

A bolsa-de-pastor é planta herbácea, desprendendo cheiro volátil, desagradável e acre.

COMP. QUÍM.

Bursina, alcalóide (?); Guignard apelidou *mirosina* o glucoside encontrado. Este, sob ação de um fermento, produz essência sulfuretada, a que se atribui o efeito terapêutico da planta.

P. EMPR.

A planta recém-colhida.

IND. TERAP.

Hemostático; antiscorbútico.

FARM. E POSOL.

A tintura (planta seca a ⅕, álcool a 60°), 5 a 15 gramas por dia; extrato fluido até 5 gramas por dia.

BORBOLETA

Hedychium coronarium. Família das ESCITAMÍNEAS.

CARACT. GERAIS

Planta vulgar, de flores muito aromáticas, e rizoma de onde se extrai a fécula após consecutivas lavagens.

P. EMPR.

Rizoma (fécula).

IND. TERAP.

Purgativo drástico.

BREDO

Amaranthus spinosus L. Família das AMARANTÁCEAS.

P. EMPR.

Folhas e raiz.

IND. TERAP.

Emoliente. Antiblenorrágico.

FARM. E POSOL.

Infusão 40 a 60 gramas para 1000 de água. Use nas 24 h.

CAAMEMBECA

Polygala spectabilis D. C. POLIGALÁCEA.

Expectorante. Béquico e peitoral.

CAAPIÁ[18]

Dorstenia. Família das URTICÁCEAS.

SIN.

Boca-de-acari, apii, contra-erva.

---

18 Informam ser o caapiá a planta que o tejuaçu come quando mordido por cobras.

CARACT. GERAIS

Planta acaule, de folhas cordo-ovais e creneladas; raiz com *meditellium* muito fino, e cheia de radículas; é branca interiormente, e apresenta gosto amargo e aromático. A raiz da que me enviaram continha amido, princípio amargo e óleo essencial. Bouquillon obteve na raiz da *Dorstenia brasiliensis*: cinzas 9.836%; óleo fixo, essência e glucoside.

P. EMPR.

Raiz.

IND. TERAP.

Estimulante dos órgãos digestivos (paresia intestinal). Antitérmico nas leucoflegmasias (Dr. B. Campos, de Lisboa). Langaard menciona ser a raiz das contra-ervas excitante enérgico.

FARM. E POSOL.

Infusão 15 gramas da raiz para 1000 de água. Raiz em pó em uso tópico, e até 10 gramas, internamente, nas 24 horas. Extrato fluido até 4 gramas por dia.

CAAPITIÚ

Siparuna fetida Barb. Rodr. Família das MONIMIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto de alqueive, e que se caracteriza pelo cheiro ativo e desagradável que dele se desprende. Não atinge altura superior a três metros. A casca do tronco é fina e lisa; ramos opostos e oblongos; folhas com as nervuras salientes. Inflorescência em pequenos cimos, com flores masculinas e femininas.

COMP. QUÍM.

Óleo essencial e glucoside.

P. EMPR.

Toda a planta.

IND. TERAP.

Antifebril (diaforético). Carminativo e diurético.

POSOL.

Infusão a 10/300; cozimento para uso externo; sedativo e calmante.[19]

CABACEIRA[20]

Cucurbita lagenaria L. Família das CUCURBITÁCEAS.

SIN.

Pé-de-cabaça.

CARACT. GERAIS

Árvore que atinge grandes proporções entre nós, e cujo fruto, chamado cabaça, depois de certo preparo se presta muito para guardar matalotagem de pescadores, tropeiros, etc., como também para depósito ambulante de água ou aguardente. Com eles também preparam as cuias. Folhas alternas, pecioladas; flores grandes, axilares; fruto globuloso encerrando numerosas sementes.

---

19 O caapitiú atenua poderosamente a ação sinapisante do cipotaia (*Capparis urens*).

20 Tóxica?

COMP. QUÍM.

Nas sementes se encontram: óleo fixo, glucose, goma.

P. EMPR.

A polpa do fruto; córtex. Cascas.

IND. TERAP.

Abortivo (?).

CABACINHA

Momordica operculata L. Família das CUCURBITÁCEAS.

CARACT. GERAIS

A cabacinha é planta herbácea, de caule fistuloso, possuindo gavinhas; ramos cobertos de folhas pecioladas, simples e cordiformes, e nervuras inferiores volumosas; gavinhas opostas às folhas. Flores pequenas e amarelas, tendo as pétalas soldadas ao limbo do cálice; fruto seco, deiscente, ovo-oblongo; sementes em abundância.

COMP. QUÍM.

A análise conhecida é a de 1845 feita pela Sociedade Farmacêutica Lusitana, revelando a existência da *buchinina* resina, tanino, glúten, e uma substância cristalizável amarga, pouco solúvel nos veículos ordinários, dando sais definidos em presença de ácidos: é a *buchinina*.

P. EMPR.

Fruto.

IND. TERAP.

Enérgico purgativo drástico. Vomitivo.

FARM. E POSOL.

Extrato na dose de 5 centigramas em forma pilular: 2 por dia. A buchinina na dose de um centigrama por pílula.

A aplicação usual e popular da cabacinha é a seguinte: divida o fruto em 2 ou 4 partes e faça o macerato. Agite e bata bem o líquido até a produção de espuma persistente. Coe, e depois de repouso use então o líquido.

Efeito purgativo ou vomitivo.

CABEÇA-DE-NEGRO

Trianosperma tayuyá Mart., *Bryonia tayuyá* Vell. Família das CUCURBITÁCEAS.

SIN.

Taiuiá.[21]

CARACT. GERAIS

Planta de caule sarmentoso; gavinhas; folhas ásperas, pecioladas, base cordiforme; fruto em cápsula. Raiz tuberosa, amarela interiormente, e de tecido esponjoso. Há duas variedades entre nós, uma possuindo a raiz arredondada, e outra comprida, semelhando um ovóide alongado.

COMP. QUÍM.

Amido, ácido málico, resina e *taiuína*, princípio ativo e amargo (Soullié).

P. EMPR.

Raiz e fruto.

---

21 É preciso não confundir o taiuiá com a espelina, *Perianthopodus espelina* Manso, se bem que não a tenha ainda visto no Amazonas.

IND. TERAP.

Bom depurativo na sífilis e nas dermatoses. Tônico e antidispéptico. O fruto é purgativo. O Dr. Langaard disse que a ação específica dos taiuiás se realiza sobre o sistema linfático. Acredito ser um verdadeiro excitante. Escorbuto.

FARM. E POSOL.

Tintura de raiz 1/5 álcool a 60º, até 20 gotas três vezes ao dia. Extrato fluido até 3 gramas por dia. No escorbuto:

Rp:
Tintura de taiuiá . . . . . 4 gramas
Alcoolatura de espilantes . . . . . 30 gramas
Xarope antiscorbútico . . . . . q.b. para 150 cc
Às colheres de hora em hora.

CACAUEIRO

Theobroma cacao L. Família das BUTIRINÁCEA-ESTERCULIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

O cacaueiro tem pouca altura; folhas ovo-oblongas, acuminadas; flores branco-róseas; frutos ovo-oblongos, coriáceos, grandes e cartilaginosos, com numerosas sementes envolvidas em espessa e saborosa polpa. Os frutos dão no tronco e ramos, tendo a cor amarela quando bem maduros. As cinzas resultantes da incineração das cascas são aproveitadas para o fabrico do sabão; as sementes constituem a base do chocolate. O óleo concreto é o que se chama manteiga de cacau, de cor amarelada, e ponto de fusão a 35º. A semente é, sem dúvida alguma, a parte mais importante para o nosso caso; ela tem a forma de um ovóide, de cor vermelha ou cinzento-escuro,

com o hilo na extremidade mais larga. Envolvendo a amêndoa existe membrana incolor, delicada, e que penetra na própria amêndoa, dividindo-a em vários lóbulos. Do pericarpo carnoso do fruto obtém-se vinagre de boa qualidade e álcool; e com a polpa que envolve a semente, apreciada geléia.

O cacaueiro é indígena no alto Amazonas. Distingue-se o silvestre por ser mais alto e ter a copa menos densa. São facilmente encontrados, principalmente na zona do alto Purus (Huber).

COMP. QUÍM.

A semente contém de 15 a 20% de matérias azotadas; amido de 18 a 25%; tanino; manteiga 45 a 50%, e 1.50 a 2% de *teobromina*, alcalóide cristalizável, de sabor amargo, cor branca, pouco solúvel. A. Gautier verificou a existência de ácido oxálico na proporção de 4g 50 por quilograma. Em ensaio procedido encontramos celulose.

O cacau seco apresenta a cor vermelha, originada pela formação do "vermelho cacau", que não é mais do que a oxidação da *cacaunina*, que é glucoside, e existente nas células do pigmento.

A manteiga de cacau é formada por *cacauestearina* e *palmitina*.

P. EMPR.

Teobromina; manteiga de cacau. Fruto.

FISIO. TERAP.

A teobromina é considerado na série xântica diurético de primeira ordem, por ser um excitomotor do epitélio renal, como ficou demonstrado em estudos histológicos (Pizzini), não modificando a tensão sangüínea, sendo, porém, muito provável que

produza também efeito pela superatividade da circulação exclusivamente renal (Loewi) devido a uma vasodilatação local. Usada em cápsulas até 4 e 5 gramas por dia; em dose maior produz cefaléia intensa. A manteiga de cacau é muito empregada em supositórios. O fruto, por conter fécula, glucose, açúcar e matéria gordurosa, é considerado alimento, e retardador da desassimilação por pertencer ao grupo dos cafeínicos, visto a sua riqueza em teobromina; o chocolate[22] é precioso analéptico.

CACAUÍ

Theobroma speciosum Spreng., Cacau-azul – *Theobroma spruceana* Bern; Cacau-do-peru – *Theobroma bicolor* H. B. K.; Cacaurana – *Theobroma microcarpa* Bern, pertencem todos à mesma família das ESTERCULIÁCEAS, e existem na Amazônia.

CAFEEIRO

Coffea arabica L. Família das RUBIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arvoreta de folhas opostas, simples, ovais, lanceoladas, de pecíolo curto, agudas; flores na axila das folhas superiores, quase sésseis, de coloração branca ou branco-rósea, odoríferas; fruto em baga com duas sementes com episperma duro e cartilaginoso.

---

22 O chocolate em pó não deve ser empregado de modo intensivo na alimentação da primeira infância. A riqueza do cacau em matérias albumidóides, em teobromina e muito em particular em ácido oxálico, constitui entrave importante à função gastrintestinal nas crianças, alterando a mucosa e originando enterites ou colites. As crianças ficam magras e com o tegumento colorido em amarelo-sujo com a continuação do uso do chocolate. A minha opinião, ditada pela experiência, permite declarar que não deve ser permitido o uso do chocolate em pó na primeira infância, e da mesma forma as farinhas em cuja composição entra o cacau. Nos adultos, porém, o cacau em pó por achar-se expurgado da manteiga em proporção de 50 a 80%, deve ser preferido ao chocolate, principalmente aos chocolates *for exportation*, isto é, – os fabricados fora do país. São usuais no estrangeiro os dois pós alimentícios seguintes: o *palamond*, mistura de cacau torrado, farinha de arroz, fécula e sândalo-vermelho; e o *racahout*, onde este último é substituído por baunilha e açúcar.

COMP. QUÍM.

O fruto do cafeeiro contém água, celulose, substâncias gráxeas, glucose, dextrina, ácido vegetal não determinado, legumina, *cloroginato de potássio* e *cafeína*, matérias azotadas, óleo essencial concreto insolúvel, essência aromática solúvel, matérias minerais (Payen). O ácido clorogínico (ácidos cafetânico e caféico) possui a propriedade de sob a ação do calor aumentar de volume, e daí a explicação do aumento do café quando torrado. A decomposição dos sais desse ácido constitui a *cafeona*, que é um óleo escuro, mais pesado do que a água, e aromático. O seu reconhecimento é facílimo quando o café está sendo torrado. Este é menos rico em cafeína do que o fruto verde do cafeeiro. A cafeína tem a fórmula de $C_{16}H_{10}Az_4O_8$ (teína e guaranina), cristaliza em finas agulhas brancas, é inodora, levemente amarga, solúvel na água fria ou quente, e no álcool diluído.

P. EMPR.

Semente. Cafeína.

FISIO. TERAP.

O café combate a sonolência, a apoplexia, a hemorragia cerebral; os estados de adinamia, tais certas fases da febre tifóide, diarréia crônica e da cólera (fase de algidez). Bom depois das refeições para as pessoas nervosas e pletóricas. Serve para corrigir o sabor de certos medicamentos, tais o óleo de rícino, a quinina e outros.

A cafeína, até 5 decigramas, baixa a temperatura animal e diminui o pulso; os sistemas muscular da vida de relação e nervoso são a princípio excitados; diminui a quantidade da uréia, do ácido úrico e dos uratos. Diurético em dose *pro die* de 0,40 a 1 grama; sua ação eletiva é sobre o NaCl. A cafeona produz excitação das funções intelectuais e às vezes insônias pertinazes.

CAFERANA

Tachia guyanensis Aubl. Família das GENCIANÁCEAS.

SIN.

Jacarearu, falso café.

CARACT. GERAIS

A caferana é um arbusto de folhas oblongas, opostas, acuminadas na base, espessas, glabras, proeminando a nervura em sua porção inferior; pecíolo curto. Tronco com os ramos desde a base, esparsos, retangulares, e cobertos por um periderma liso e testáceo. Flores solitárias, axilares, amarelas; raiz grande e simples; lenho esponjoso; sabor amargo por excelência.

COMP. QUÍM.

Resina amarga. Oliveira encontrou um princípio ativo, não cristalizado, e que parece ser um glucoside.

P. EMPR.

Cascas da raiz e do lenho.

IND. TERAP.

Tônico e estomáquico. Antifebril; antipirético. Em uso próprio empreguei a tintura verificando as suas boas propriedades estomáquica e antifermentescível. É antifebril, porém não aplicável ao paludismo, no que muitos se têm enganado.

FARM. E POSOL.

Tintura de 2 a 4 gramas por dia; extrato fluido até 2 gramas. Pó até 3 gramas; infusão 4/250, às colheres de 2 em 2 horas.

CAIMBÉ[23]

Coussapoa asperifolia Trec. Família das MORÁCEAS.

CARACT. GERAIS

A árvore do caimbé atinge a altura de 15 metros, possuindo o tronco o diâmetro de 20 a 50 centímetros. O cerne é escuro e as suas fibras são largas e ligadas simetricamente de espaço a espaço, apresentando a parte mais interna o aspecto do lenho do carvalho. As folhas são muito ásperas e substituem perfeitamente o papel de lixa. A incisão feita no tronco deixa escoar seiva leitosa, amarelada, e resina.

P. EMPR.

Seiva e resina.

IND. TERAP.

Detersivo e cicatrizante. A seiva, porém, não deve ser empregada nas feridas recentes, porque possui propriedade irritante. Úlceras atônicas.

CAJUEIRO[24]

Anacardium occidentale L. Família das ANACARDIÁCEAS.

SIN.

Acaiúba.

CARACT. GERAIS

O cajueiro é árvore de porte regular, folhas simples, ovais, obtusas, chanfradas no ápice; flores terminais em

---

23 Existe no Amazonas uma DILENIÁCEA – a. *Curatella americana* L., também chamada Caimbé. As folhas têm as mesmas propriedades da Coussapoa, porém os frutos fornecem matéria corante cinzento-escura.

24 Encontram-se duas variedades de cajueiro que pelo tamanho convém aqui registar: o caju-da-mata, cajuaçu, muito comum no interior do Amazonas, e que é o *Anacardium giganteum* Hancoch, e o cajuí.

panícula; fruto em ovário desenvolvido, composto de um pericarpo reniforme. Nele encontra-se a amêndoa branca, oleosa, doce, e por completo envolvida em membrana de cor vermelha. É árvore indígena.

COMP. QUÍM.

O Dr. Vieira de Mattos encontrou um óleo de natureza resinosa e assaz irritante – o *cardol* $C_{21}H_{21}O_2$. O líquido extraído do pedúnculo encerra levulose e outros princípios não determinados. Em contato com o ar e por longo tempo, esse líquido fermenta produzindo álcool. O óleo da amêndoa é claro e emulsiona em contato com os álcalis. A goma do cajueiro apresenta a forma de massa, às vezes volumosa, não muito solúvel na água, formando mucilagem pouco adesiva e de coloração que varia do amarelo ao pardo-escuro.

P. EMPR.

Cascas do tronco; óleo; fruto.

IND. TERAP.

O suco do pedúnculo goza de altas propriedades medicamentosas e alimentares; o pedúnculo é a parte chamada fruto pelo povo. É um verdadeiro tônico do sistema nervoso. Aqui neste Estado e no do Ceará temos tido ocasião de verificar o belo resultado da aplicação do vinho em indivíduos depauperados, sofrendo até de astenia; além de reconstituinte ele é refrescante e levemente depurativo.

Os cotilédones assados são esplêndidos, produzindo, porém, irritação no intestino quando usados em larga escala. A casca que os envolve contém o leite da castanha, corpo cáustico, servindo em uso tópico para destruir as verrugas, os calos e os tecidos de neoformação. Esse leite é o *cardol*.

O cozimento feito com os brotos dá bom resultado nas aftas e diarréia da primeira infância; o da casca do tronco é empregado na lavagem de úlceras. Internamente o macerato das cascas dizem ser bom para combater o diabetes magro.

O *cardol* também tem emprego nos eczemas e psoríases, úlceras e lepra tuberculosa. Vermífugo.

FARM. E POSOL.

Pó das cascas em mecerato 30 a 50 gramas para 200 a 500 d'água; tintura da noz 1/5, na dose de 2 gramas em 120 de poção. Tintura de cardol 1/10, de 2 a 8 gotas como vermífugo. Colódio 1/10. Extrato fluido até 4 gramas.

CAJUÍ

Anacardium pumilum S. Hill.

SIN.

Caju-miri; caju-rasteiro.

O pedúnculo em pleno desenvolvimento chega ao tamanho da castanha do cajueiro. É muito doce.

Idêntico uso e empregos.

CAJUUNA

Anacardium sp. Idêntico emprego.

CAMAPU

Physallis edulis Marcgr. Família das SOLANÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto atingindo até 80 centímetros de altura, de caule ereto, fistuloso, de quatro a cinco faces; folhas pecioladas, ovo-agudas, denteadas ou não, com as nervuras salientes na

página inferior, e em menor escala as nervuras que dela partem, anastomosando-se irregularmente nos bordos. Flor pequenina, pedunculada, de cor creme com o centro alaranjado, tendo as 5 pétalas soldadas. Fruto pequeno, em baga, doce-acídulo; numerosas sementes chatas e arredondadas.

P. EMPR.

Raiz, seiva, folhas e frutos.

IND. TERAP.

Cistite; catarro vesical. Diurético. Afecções herpéticas. Desobstruente (frutos).

POSOL.

Cozimento[25] 10 a 20%. Tintura da raiz até 6 gramas. Na icterícia ele é muito empregado e com vantagem, pela grande diurese produzida. Extrato fluido até 3 gramas.

CAMBARÁ

Lantana spinosa L. Família das VERBENÁCEAS.

SIN.

Camará, cambará-de-folha-grande, erva-sagrada.

COMP. QUÍM.

Negrita de Lima e Buiza descobriram um alcalóide – a *lantanina*.

P. EMPR.

Toda a planta.

---

25 O cozimento da raiz e folhas é empregado nas cistites e como diurético até 150 gramas por dia. O povo tem confiança no camapu nos casos de icterícia grave. Dizem também que a seiva instilada no ouvido faz desaparecer as dores da otite.

IND. TERAP.

Afecções broncopulmonares. Sudorífero. Banhos aromáticos, ativando a sudorese. Paludismo (?).

A *lantanina* atua sobre a circulação baixando levemente a temperatura.

POSOL.

Infusão 50 a 60 gramas para 1 litro; aos cálices todas as horas. A lantanina em pílulas de 50 centigramas, até 2 gramas por dia. Extrato fluido até 4 gramas.

CANA-DE-AÇÚCAR

Saccharum officinarum L. Família das GRAMÍNEAS.

CARACT. GERAIS

Raiz geniculada e fibrosa em parte; de hastes simples, cilíndricas, divididas por nós de distância em distância, com o comprimento até de 6 metros, de gosto agradável e adocicado, tendo a casca lustrosa, de cor verde, amarela ou quase preta. Folhas alternas, dísticas e invaginantes; flores dispostas em panícula piramidal, hermafroditas.

COMP. QUÍM.

O suco obtido da cana fornece 720% de água e 18% de açúcar, além de substâncias azotadas ou não, sais, sílica e óleo especial em diminutíssima proporção. O açúcar tem a fórmula de $C_{12}H_{11}O_{11}$.

FISIO. TERAP.

Empregado em todas as leves doenças dos aparelhos brônquico e digestivo; gastralgia, piroses. Bom corretivo para grande número de medicamentos. Contraveneno do cobre, arsênio e chumbo. Alimento pulmonar. O açúcar é um exci-

tante da secreção salivar e do suco gástrico; aumentando as reservas gordurosas da economia, torna-se um bom alimento respiratório. Em contato com a saliva e em conseqüência de transformação em ácido láctico, torna a boca pastosa, produz a sede e diminui o apetite, e daí os inconvenientes do seu abuso, resultando até o amolecimento da gengiva. O açúcar por si só é insuficiente à alimentação humana; tem ação letal em animais de sangue frio e sobre as oxiúrias.

CAPARROSA SILVESTRE

Neea theifera Oersted. Família das NICTAGINÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto de 3 a 4 metros de altura, de folhas opostas e alternas, sésseis, arredondadas no ápice. Inflorescência em panícula.

COMP. QUÍM.

Nas folhas frescas Peckolt encontrou resina, substâncias cerácea e gordurosa, ácido neeatânico, matéria extrativa, ácidos orgânicos e cloreto de potássio cristalizado. O ácido neeatânico é um pó amarelo, de sabor muito adstringente, solúvel no álcool e na água.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Enterocolite. Disenteria. Enterorragia.

POSOL.

Cozimento feito com as folhas 10 a 20 gramas para 200 a 250 de água. Aos cálices.

CAPEUA

Piper umbellatum L. Família das PIPERÁCEAS.

SIN.

Caapeua (folha grande), pariparoba.

CARACT. GERAIS

A caapeua é um subarbusto, de ramos eretos, folhas grandes, largas e lisas, cordiformes, pecíolos herbáceos e compridos; inflorescência em espiga, disposta em umbela; flor aromática.

COMP. QUÍM.

Oliveira isolou das folhas, pelo processo da extração da nicotina, uma substância líquida, amarela, de ativo aroma e natureza básica. Nas folhas Peckolt isolou um princípio ativo – a *pariparobina*, encontrando nas raízes duas variedades de resina, o ácido resinoso, nitrato de potássio, substâncias albuminóides, sais inorgânicos e matéria extrativa.

P. EMPR.

Folhas e raiz.

IND. TERAP.

A infusão ou o cozimento das raízes são bons nos casos de icterícia e febre hemoglobinúrica. Eles entram na composição do robe desobstruente do prof. Dr. Silva. As folhas são emolientes. Hepatite simples. Alguns médicos julgam a caapeua uma planta neurótica, sendo assim benéfico o seu emprego em certas nevroses.

FARM. E POSOL.

Infusão 30 gramas para 500 de água. Um cálice todas as horas. Extrato fluido até 4 gramas por dia.

CAPIM-CHEIROSO

Killingia odorata Vahl. Família das CIPERÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Este capim tem o rizoma curto, raízes delgadas e resistentes. Dele partem grande número de colmos, constituindo as soqueiras. Folhas trísticas, acuminadas, invaginantes; inflorescência em capítulo; fruto em aquênio.

COMP. QUÍM.

Óleo essencial (a que a planta deve o seu agradável aroma), amarelado, sabor picante e densidade igual a 0.873 a + 13° C.

A análise completa procedida por Peckolt deu o seguinte resultado:

Água	765g.154
Óleo essencial	1.512
Clorofila, etc.	27.925
Resina mole	12.333
Citrato e malato de cálcio	0.886
Mat. extr. amarga, aromática, etc.	9.724
Mat. extr. sacarina	3.950
Mat. tânica	2.079
Subst. albuminóides	3.989
Ditas gomosas, sais inorgânicos, etc.	16.090
Celulose	156.358

P. EMPR.

Folhas recém-colhidas.

IND. TERAP.

Ótimo carminativo. Bons resultados na dispepsia flatulenta. Brando diaforético.

FARM. E POSOL.

Infusão de 10 a 60 gramas para 500 de água. Aos cálices. Alcoolatura ½, álcool a 60º.

CAROBA[26]

Jacaranda procera Spreng. Família das BIGNONIÁCEAS.

SIN.

Jacarandá, parapará.

CARACT. GERAIS

Árvore muito alta, da terra firme; folhas bipenadas, de nervuras laterais oblíquas e salientes; flores numerosas, terminais, em panícula de cor violácea; fruto capsular, achatado; sementes membranosas. A raiz é amarelo-esbranquiçada interiormente e de gosto amargo.

COMP. QUÍM.

Carobina, alcalóide, carobona, e resina balsâmica. A raiz é bastante amarga, sendo as cascas as preferidas por serem as mais ricas em carobina ou sejam 3 gramas por mil, ao passo que as folhas fornecem somente 1.620 miligramas.

P. EMPR.

Folhas. Cascas da raiz. Frutos.

---

26 Com os sinônimos populares de caroba-do-mato ou parapará é conhecido o *Jacaranda copaia* D. Don, que é árvore da terra firme, folhas bipenadas, flores roxas muito vistosas, possuindo a madeira branca, leve, semelhante a do marupá; mais a caroba ou carouba – *Tecoma caraiba* Mart., árvore pequena e de madeira também branca; e a caroba-de-flor-verde – *Cybista antisyphilitica* Mart.

IND. TERAP.

Sífilis. Diurético; catarro crônico da bexiga; uretrite crônica. Em uso externo: gargarejo nas faringites, laringites e outras afecções de fundo sifilítico. Furunculose (Mendonça).

O Dr. Mennel, na Europa, recomenda a caroba na blenorragia; Engler declara que os indígenas empregam os frutos reduzidos a pó contra a sífilis, e preparam com eles um líquido concentrado para o curativo das úlceras.

A raiz é a mais empregada entre nós.

FARM. E POSOL.

Infusão da raiz, como diaforético, a 50%, em dose de 3 colheres de chá por dia; infusão das folhas de 10 a 15%, na mesma dose (Varella). Decocto a 10% para bochechos e gargarejos. Raiz em pó até 10 gramas nas 24 horas. Extrato fluido até 6 gramas por dia, dose que pode ser triplicada.

Electuário ou massa antiboubática (João Alves Carneiro):

Folhas de caroba em pó ..... 60 gramas
Salsaparilha em pó ..... āā
Folhas de sene em pó ..... 30 gramas
Calomelanos ..... 6 gramas
Xarope simples ..... q.b.
F. S. A. Uma colher das de sopa pela manhã e outra à noite.

CARRAPATEIRA

Ricinus communis L. Família das EUFORBIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto de ramos herbáceos, grossos, lisos e fistulosos; folhas pecioladas, alternas, bordos denteados e limbo palmado; fruto capsular em três cocas lisas ou não,

monospermas e bi-valvulares; semente oleaginosa. Embrião com os cotilédones delgados, ovais e longos.

COMP. QUÍM.

Nas sementes existe a *ricina*, isolada por Sillmarck, e que não é mais do que a resultante de um fermento. A porcentagem de óleo fixo é 25, e mais 1.65 de ácido málico; 2.4 de matérias corantes; 2.18 de açúcar; 26 de matérias albuminóides; e 5.71 de celulose. A densidade do óleo a + 15º C varia de 0.960 a 0.967 e pode ser considerado como se fosse composto de corpo gráxeo, ricioleína, e mais a palmitina, estearina e colestearina. Do primeiro provém o ácido ricinólico. É saponificável pelos álcalis, desdobrando-se em ácidos ricínico, ricinólico e palmítico, e glicerina, chegando com excesso de álcali e elevação de temperatura a dar o ácido *caprílico* (Ruiz).

IND. TERAP.

O óleo é um purgativo de largo e inofensivo uso, principalmente nas crianças.

Empregado nas hemorróides, porque as evacuações não produzem irritação.

CARRAPICHO

Biden pilosus L. Família das COMPOSTAS.

CARACT. GERAIS

Erva de caule ramoso, folhas pinatifólias; aquênios terminados em pontas resistentes e denticuladas. Agarram-se ao vestuário.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Escorbuto e leucorréia.

FARM. E POSOL.

Infusão a 20/400, as colheres. Extrato fluido até 10 gramas nas 24 horas. Lavagens e banhos com o cozimento de 25 a 50/500.

CASCA-PRECIOSA[27]

Aniba canellila Mez. Família das LAURÁCEAS.

SIN.

Canela-cheirosa.

CARACT. GERAIS

Árvore silvestre de grandes proporções, frondosa, de folhas coriáceas, oblongas e lanceoladas; inflorescência terminal em racemos umbelados; flores aromáticas. Fruto em baga. As cascas do tronco têm sabor semelhante ao da canela, cheiro ativo, agradável e *sui generis*. As fibras da casca são compridas e quebradiças. O tronco chega em seu maior diâmetro a ter 50 a 80 centímetros. Madeira de lei.

COMP. QUÍM.

A casca encerra óleo essencial, mais denso que a água, de cor amarela, cheiro ativo e gosto amargo.

P. EMPR.

Sementes, folhas e cascas, principalmente.

---

27 A macaca-poranga, *Aniba...*, tão estimada pelo cheiro ativo, tem grande uso popular. É árvore de altura mediana em relação à casca-preciosa, e rica em óleo essencial. Raspam a madeira na língua de pirarucu e o pó assim obtido, de aroma intenso e agradabilíssimo, deitam no cabelo, ou então juntam ao da casca-preciosa ou a folhas silvestres, também aromáticas, e usam no banho.

IND. TERAP.

Excitante do sistema nervoso; tônico. Bom estomáquico. O pó das sementes e cascas é antidiarréico (Dr. Castro, do Pará). Antineurastênico.

FARM. E POSOL.

Infusão a 4%; tintura 2/10; pó das cascas até 8 gramas por dia. A tintura, feita com álcool a 90°, tem me dado bons resultados nos casos de atonia intestinal.

CATUABA

Erythroxilum catuaba, da família das ERITROXILÁCEAS.

SIN.

Pau-de-resposta.

CARACT. GERAIS

É árvore florestal, tendo sapopema. Caule vivaz, ereto, de lenho avermelhado e duro; casca de cor escura, pardacenta, enrodilhada quando seca ao sol. A copa da árvore apresenta a forma oval; folhas compostas, alternas, pecioladas e imparipenadas; flores pequenas e amarelas; fruto semelhante ao da pêra, constituído "por três folhas carpelares soldadas longitudinalmente, na direção de seus bordos". A porção carnosa destaca-se da cápsula e cai "fazendo supor uma drupa", como, aliás, querem alguns autores. Sementes em número de duas a três.

COMP. QUÍM.

O princípio ativo deve existir em profusão na casca, não tendo sido até esta data determinado com precisão. A

casca apresenta cheiro *sui generis*, lembrando o da *cedrela sp*, gosto amargo; nela verifiquei substância adstringente e matéria corante.

P. EMPR.

Cascas,[28] raiz.

IND. TERAP.

Excelente tônico nervino.

FARM. E POSOL.

Extrato fluido até 2 gramas nas 24 horas; elixir 2 a 3 cálices por dia. Tintura da raiz (1/5 álcool a 60°) até 8 gramas nas 24 horas. Xarope ou vinho (raiz 25%), para usar um cálice antes de cada refeição.

CAIAUÉ

Elaeis melanococca Gaertn. Família das PALMÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Palmeira coroada de folhas pinatifólias; inflorescência em espadice; fruto em drupa. Este possui o epicarpo vermelho, quando maduro; mesocarpo carnoso e oleaginoso; endocarpo duro, deixando ver, quando quebrado, a amêndoa branca e rica em óleo.

COMP. QUÍM.

Água e substâncias gordurosas, naturalmente oleína, margarina e ácido palmítico. O óleo não sendo bem preparado e acondicionado é suscetível de fermentação.

---

28 O povo usa e quiçá abusa das cascas da catuaba dentro da cachaça, em um simulacro de macerato. O líquido cora-se em vermelho, tem o sabor levemente adstringente, perdendo todo o aroma poucos dias após o preparo. Dose: 3 a 4 cálices por dia.

P. EMPR.

Óleo[29] extraído da parte carnosa dos frutos.

IND. TERAP.

Preservativo contra certos dípteros-afanípteros, tal o *sarcopsylla penetrans*, e vários *trombidiuns*, o que é conseguido pelos naturais untando bem as pernas e os pés com o óleo. Picadas de mosquitos, e moléstias de pele (?). Fricções no reumatismo.

CEBOLA-BRAVA

Pancratium guyanensis Keri. Família das AMARILIDÁCEAS.

SIN.

Cila.

CARACT. GERAIS

Folhas lineares, de 40 centímetros de comprimento, haste tubulosa, flores em cimo, de cor branca. Fruto em cápsula, tendo as sementes achatadas. Raiz bulbosa.

P. EMPR.

Bolbo.

---

29 Encontram-se duas qualidades de óleo ou azeite: o amarelo extraído do mesocarpo e o branco ou purificado, da semente. Aquele é empregado na arte culinária e presta-se à fabricação de velas e do sabão comum; e este no fabrico dos sabonetes e sabão branco, de mistura com óleos fluidos.
O cotonilho existente nas axilas das folhas é empregado pelos naturais para estancar as hemorragias de pequenos golpes, ou para produzir fogo, colocando-o entre pedras ou madeira forte, e desenvolvendo calor pelo atrito.
A polpa que cerca o fruto é comestível quando fresca, e muito oleosa; a amêndoa, que também é comestível, está encerrada em noz muito resistente e dura.
Do fruto obtém-se três óleos: 1.°, o óleo *dendê*, por pressão da polpa exterior na proporção de 71,6%, e empregado na arte culinária, e indústrias diversas; 2.°, o óleo da amêndoa, que é branco e na proporção de 47%, usado no fabrico dos sabonetes; 3.°, o chamado *chochô*, na Bahia, de consistência quase pastosa e empregado no sertão em lamparinas, candeias, etc. em substituição ao azeite.

IND. TERAP.

Emético, expectorante e diurético.

FARM. E POSOL

1 centigrama a 3 decig.as do bolbo. Xarope feito com extrato fluido.

CEBOLA-BRAVA[30]

Clusia sp. Família das GUTIFERÁCEAS.

P. EMPR.

Bolbo.

IND. TERAP.

Emético, expectorante e diurético. Empregado nas ascites e hidropisias (tóxico).

CEBOLA-CECÉM

Amaryllis belladona. Família das AMARILIDÁCEAS.

SIN.

Cebola-do-mato.

CARACT. GERAIS

Folhas compridas e estreitas, esverdeadas, lustrosas, emergindo de bolbo volumoso, de cor branca; flores grandes, brancas, dispostas em umbela; fruto capsular com 2 a 3 sementes.

P. EMPR.

Bolbo.

---

30 Ainda pode haver confusão com outra cebola-brava – *Clusia insignis* Splittg, que é uma verdadeira planta epífita em seu começo. O fruto pelo formato exterior assemelha-se à cebola e daí o nome vulgar.

IND. TERAP.

Béquico e vomitivo. Asma.

FARM. E POSOL.

Xarope do bolbo 30/600, na dose de 1 colher de sopa de 2 em 2 horas, e feito com o extrato fluido 20/980. Extrato fluido 30 centigramas, três vezes por dia. Trata-se de um medicamento tóxico.

CEDRO

Cedrela odorata. Família das MELIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de grande porte, tendo o tronco o diâmetro às vezes maior de um metro; folhas com 8 a 12 folíolos, opostas, quase penadas, oblongo-lanceoladas e base quase redonda; flores amarelas, em panícula terminal; fruto capsular. Madeira amarga, leve, inatacável pelos insetos.

COMP. QUÍM.

Resina, matérias sacarina e corante, goma (arabina). Esta é parcialmente solúvel e encerra de 72 a 80% de goma adesiva, de reações iguais às da goma arábica (A. Matta). Dez quilogramas de serrim dão 3.920 gramas de óleo essencial (Peckolt). Tanino.

P. EMPR.

Serrim, casca, madeira. Flores. Óleo essencial.

IND. TERAP.

A madeira tem ação especial, em uso externo, nas orquites (cozimento).

Emético violento, porém sem emprego.

A casca do tronco dizem possuir propriedades tônicas; é o fruto ser um vermífugo. O óleo extraído das sementes e a casca reduzida a pó servem para cauterizar as úlceras atônicas, extinguindo imediatamente o mau cheiro. Feridas gangrenosas.

A infusão das flores possui propriedade antispasmódica (Blume, Kennedy). Ros e Newton, da Índia, recomendam as cascas como substituto da cincona, na dose de 30 gramas.

FARM. E POSOL.

Infusão:

Cascas secas reduzidas a pó ..... 30 gramas
Água ..... 120 gramas
Inf. Filtre e j.: xarope ..... 30 gramas
As colheres de sopa.

CIPÓ-CABELUDO

Micania settigera. – *M. pillosa.* – Família das COMPOSTAS.

P. EMPR.

Toda a planta.

IND. TERAP.

Bom diurético. Antialbuminúrico.

POSOL.

Cozimento e infusão 5 a 10/500. A planta não é tóxica.

CIPÓ-CABOCLO

Davilla rugosa Poiz. Família das DILENIÁCEAS.

SIN.

Sambaibinha, folha-de-lixa.

CARACT. GERAIS

Cipó sarmentoso, de ramos com pêlos ásperos, folhas grandes, oblongas, serreadas superiormente. Flores em cacho; fruto capsular.

COMP. QUÍM.

Glucoside e tanino.

P. EMPR.

Folhas e raiz.

IND. TERAP.

Orquites. Purgativo drástico.

POSOL.

Pó da raiz 2 a 3 gramas; cozimento 20/300, em banhos.

CIPÓ-CATINGA

Micania amara Will. Var. Guaco Benth. Família das COMPOSTAS.

P. EMPR.

Toda a planta.

IND. TERAP.

Reumatismo; gota. Sífilis. Mordedura de cobra (?).

FARM. E POSOL.

Infusão 15 a 25 gramas da planta para um litro de água. Use nas 24 horas.

CIPÓ-CHUMBO

Cuscuta umbellata Kent. Família das CONVOLVULÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Planta parasita; vergônteas lisas e finas, cor verde ou amarela; sem folhas; flores reunidas em feixe, pequeninas e de coloração branco-sujo; fruto em diminuta cápsula. Possui o cipó a particularidade de qualquer porção do caule separada da raiz continuar a viver à custa da árvore onde foi encontrado.

COMP. QUÍM.

Tanino e bálsamo-resina.

P. EMPR.

Seiva e pó.

IND. TERAP.

Hemoptises. Broncorréia. O gargarejo é bom nas amigdalites e laringites. O caule reduzido a pó atua como cicatrizante nas úlceras simples.

FARM. E POSOL.

Extrato fluido em dose de 50 centigramas a 1 grama por dia. Poção contra a hemoptise (Dr. Barb. Romeu):

Inf. de cipó-chumbo . . . . . 200 gramas
Ergotina . . . . . 2 gramas
Nitrato de potássio . . . . . 4 gramas
Xarope de flores de laranjeiras . . . . 30 gramas
Aos cálices de hora em hora.

CIPÓ-CURURU

Echites cururu Mart. *Anisolobus cururú* Mull. Família das APOCINÁCEAS.

Planta trepadeira e lactescente.

P. EMPR.

Haste e seiva leitosa.

IND. TERAP.

A seiva é aplicada em abcessos como resolutivo; o cozimento da haste é aperitivo e antigastrálgico. Purgativo (?).

CIPÓ-DE-JABUTI[31]

Fevillea trilobata L. Família das LEGUMINOSAS.

SIN.

Nhandiroba, cipó-escada, fava-de-santo-inácio.[32]

CARACT. GERAIS

Trepadeira de folhas cordiformes, na página superior três a cinco lóbulos glandulosos; flores pequenas; fruto globuloso; de pericarpo duro e quebradiço. As sementes são amargas e oleosas.

COMP. QUÍM.

Peckolt retirou das sementes um óleo insolúvel no álcool, princípio amargo – a *fevillina*, resina e substância análoga a estearina, e que denominou *fevillestearina*. A

---

31 Drapej diz ter obtido bom resultado empregando esse cipó como antídoto da *nux-vomica* – *Rhus toxicodendron*.

32 Faz-se mister não confundi-lo com outra planta que tem a sinonímia de fava-de-santo-inácio, que é a *Strychnos nux-vomica*.

fevilina é um corpo amarelado, higroscópico e inodoro. Encontrou mais 43% de óleo com a densidade de 0,9309, claro, sem cheiro, gosto agradável, solúvel no álcool e no éter sulfúrico.

P. EMPR.

Sementes. Óleo.

IND. TERAP.

Purgativo e emético. Anti-reumático (banhos com o cozimento). Febrífugo.

POSOL.

Na dose de 4 a 8 gramas é tônico e estomáquico; em dose maior é um emetocatártico. G. Daunt compara a sua ação sobre o fígado idêntica à dos calomelanos. Emulsão 2 a 3 amêndoas para 250 gramas de água: J. xarope simples e use em forma de looch.

CIPÓ-DE-MORCEGO

Bignonia... Família das BIGNONIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Cipó vulgar e que se desenvolve nos troncos e galhos das árvores.

COMP. QUÍM.

Matéria corante, tanino e substâncias não-determinadas.

P. EMPR.

Folhas e haste, principalmente.

IND. TERAP.

Febres atáxicas. Tônico.

FARM. E POSOL.

Tintura preparada na proporção de 1:4; use até 5 gramas nas 12 horas. Haste reduzida a pó até 15 gramas. Cozimento e macerato $^{10}/_{150}$, em banhos.

CIPÓ-EM

Esmilax papyracea Poir. Família das ESMILÁCEAS.

Planta trepadeira, com abundantes acúleos, e de folhas lisas, ovais e cordiformes.

COMP. QUÍM.

Esmilacina e *saponina*, isoladas por Marquis. Reconhece-se facilmente o amido, glúten e a matéria corante resinosa.

P. EMPR.

Raiz.

IND. TERAP.

Sífilis (?). Reumatismo.

FARM. E POSOL.

Pó até 8 gramas nas 24 horas; infusão ou cozimento 50 a 100 para mil; dose de 1 cálice de 3 em 3 horas.

CIPÓ-IMBÉ

Phylodendron imbé Mart. *Arum arborescens*. L. Família das ARÁCEAS.

P. EMPR.

Caule e folhas.

IND. TERAP.

Folhas recém-colhidas em uso tópico nas úlceras. Orquites, orco-epididimite, – banho com o cozimento das folhas e do caule. Diurético brando e purgativo.

POSOL.

Extrato fluido até 50 centigramas.

CIPÓ-SUMÁ[33]

Anchieta salutaris Saint Hil. Família das VIOLAREÁCEAS.

SIN.

Puruuara (que serve para a pele).

CARACT. GERAIS

Cipó de caule delgado, suberoso, esbranquiçado, tendo a raiz cheiro *sui generis* e gosto nauseante. Folhas ovo-oblongas; agudas e alternas; flores axilares; fruto capsular.

Três variedades de cipó-suma existem para o vulgo: branco, roxo e vermelho, sendo preferidas as duas primeiras.

COMP. QUÍM.

Anchietina, alcalóide isolado por Peckolt; amido. Aquela cristaliza em agulhas amarelas, solúveis no álcool e insolúveis no éter e na água.

---

33 Na flora brasileira encontram-se três variedades de cipó-sumá: a citada, a var. *B. Martiana* (*Noisettia pyrifolia* Mart.) e a var. *Y pubescens*, que apresenta numerosos pêlos.

P. EMPR.

Raiz.

IND. TERAP.

Purgativo e sialagogo. Coqueluche. Manifestações dartrosas; furunculose. Orquite.

FARM. E POSOL.

Pó em dose de 15 a 40 centigramas até 4 vezes por dia; decocto 30/500; extrato fluido de 50 centigramas a 1g 50, 3 a 4 vezes por dia. Cozimento 50 a 100 por mil.

CIPOTAIA[34]

Capparis urens Barb. Rodr. Família das CAPARIDÁCEAS.

CARACT. GERAIS

As raízes deste cipó encerram um princípio irritante, existente em dose fraca nas folhas. As flores são brancas, sendo a época da inflorescência no mês de setembro e a dos frutos em outubro.

COMP. QUÍM.

Princípio ativo, irritante e volátil, *caparina*, encontrado principalmente na raiz (Matta).

P. EMPR.

Raiz e haste.

---

34 Não se deve confundir o cipotaia com a sapotaia – *Capparis cynophallophora* Marcg., da tr. *Cynophallea* D. C., e muito menos com a caataia – *Plumbago scandens* Lin. As sinonímias prestam-se a equívocos e confusões.

IND. TERAP.

Rubefaciente. A raiz reduzida a pó, misturado com água e aplicada a pasta, obtém-se idênticos resultados ao da mostarda inglesa. Nas dores reumáticas é ótimo sinérgico do salicilato de metila. No beribéri incipiente ele dá bom resultado associado a mucuracaá. O suco das folhas misturado com o óleo de amêndoas é usado na otite supurada.

CIPÓ-TUÍRA

Bignonia tuira Ried. Família das BIGNONIÁCEAS.

O cozimento desse cipó, que é adstringente, tem muito emprego em banhos para combater a leucorréia.

COEIRANA

Cestrum salicifolium. Família das SOLANÁCEAS.

P. EMPR.

Folhas e frutos.

IND. TERAP.

Sedativo. Coréia; epilepsia. Bom eliminador da bílis nas congestões do fígado.

POSOL.

Extrato fluido até 6 gramas por dia.

CONTRA-ERVA-BASTARDA

Aristolochia trilobata Mart. Família das ARISTOLÓQUIAS.

P. EMPR.

Raiz.

IND. TERAP.

Se o que Rufz de Lavison escreveu é exato, essa trepadeira é de grande utilidade nas mordeduras de cobras venenosas.[35] Alexítero. Sudorífero e estimulante amargo, e por isso Murray considerou-a estomáquica. Para os demais empregos e referências veja urubucaá.

COPAÍBA

Copaifera ultifuca Haine e Desp. *C. guyanensis*. Desf. *C. Martü Hayne*. Família das LEGUMINOSAS-CAESALP.

CARACT. GERAIS

A copaibeira é árvore de grande porte, folhas alternas e compostas, paripenadas, tendo na base do pecíolo pequenas estípulas; folíolos com 3 ou 4 pares opostos, coriáceos e lisos; nervuras penadas e alternas. As folhas são cheias de glândulas contendo óleo resinoso. Flores colocadas nas axilas ou nas extremidades dos ramos, sésseis, ou com diminuto pedúnculo, tendo na base brácteas escamosas, pequeninas, caducas, e em cachos axilares. Fruto em vagem de pouco mais de três centímetros de comprido por dois de largura; vagem estipulada, elíptica, convexa, de pericarpo carnoso e bivalve quando seca. Grão único suspenso e coberto em sua metade superior por um arilo carnoso.

A copaibeira possui estrutura anatômica especial. Assim os reservatórios esquizógenos do aparelho secretor são mais pronunciados na madeira, cujos canais formam uma trama irregular. Em geral existem dois sistemas secretórios: na medula e na madeira (Guinard).

---

35 Aproveito o ensejo, por ter havido referência à cura de pessoas mordidas por cobra, para registrar os esplêndidos resultados em tais casos obtidos com os séruns Vital Brasil, do Instituto Butantã, no Estado de São Paulo. Todos os proprietários de seringal deveriam possuir essa admirável conquista da ciência, de facílima obtenção e aplicação.

COMP. QUÍM.

O bálsamo ou óleo de copaíba extraído do tronco por incisões em "V", ou melhor, praticando perto da base do tronco cavidades análogas aos dos *boxes* resineiros americanos, e onde uma árvore somente pode fornecer perto de 50 litros de óleo-resina, é um líquido transparente, de 0,940 e 0,093 de densidade, cheiro característico e *sui generis*. Absorve com facilidade o óxido de magnésio tornando-se em sólida massa. O óleo essencial é um hidrocarbureto líquido, transparente, às vezes opalescente e raras vezes fluorescente, de cor amarela, em tons vários, sabor amargo, acre e nauseante, cheiro *sui generis*, fervendo na temperatura de 245 a 266° C. Solúvel no álcool absoluto, no éter, na benzina e sulfureto de carbono.

O óleo amarelo escuro é o melhor cotado por conter maior quantidade de princípios ativos. Ele encerra *Cariofilina* e álcool *sesquiterpínico*. A parte resinosa compõe-se[36] de ácido *resinólico* cristalizado. Em geral se pode dizer que o óleo-resina de que se trata, seja qual for a sua variedade, encerra o óleo essencial utilizado em medicina, que entra em sua composição de 20 a 80%; de densidade de 0,900 a 0,915; ebulição a 250°; e a resina, que é levogira, desviando o plano de polarização de 28 a 34°.

---

36 As resinas em geral encerram ácidos que unidos aos álcalis dão sabões resinosos. O método mais usual para obtenção das resinas é o dos químicos de Berne, de onde se originou a química fisiológica das mesmas (escolas de Tschirch). Os dois grandes grupos de matéria resinosa são:

a) As resinas tanólicas, encerrando éteres dos resinotanões e ácidos aromáticos pertencentes às séries dos ácidos benzóico e cinâmico, e encontradas nos bálsamos-de-tolu e do peru, que também possuem éteres de ácidos aromáticos do grupo dos ácidos benzóico e salicílico, e cinâmico e oxicinâmico.

b) As resinas de ácidos resinólicos e resinões.

Realizado o processo de obtenção da resina e depois da separação completa dos ácidos verifica-se um resíduo, que contém, após a evaporação do éter, duas partes: o óleo essencial e a resina. Esta é uma substância indiferente, resistindo aos álcalis a quente e a frio; aquele é obtido por uma destilação vagarosa em uma corrente de água.

P. EMPR.

Óleo puro.[37]

FISIO. TERAP.

Usado internamente para restabelecer a normalidade das mucosas atingidas por secreções patológicas, em particular a da mucosa uretral. Catarro vesical. Bronquite crônica, modificando a mucosa traqueobrônquica.

Os naturais aplicam o óleo, e com vantagem, para apressar a cicatrização do cordão umbilical, evitando de modo surpreendente o mal-de-sete-dias. Será por constituir o óleo puro um meio impróprio a existência ou proliferação dos infinitamente pequenos responsáveis pela infecção?

Em dose fraca estimula a função estomáquica; sendo elevada a 10 gramas aparecem intolerância, náuseas, vômitos, cólica e diarréia. A pele, o pulmão e os rins são os principais eliminadores da copaíba; assim o hálito e os suores possuem cheiro característico; na pele pode se produzir o exantema.

FARM. E POSOL.

Emulsão, xarope, bolos, pílulas e cápsulas. Óleo *in natura*.

---

37 Existem três grandes grupos de balsameiros:

1.º Devido ao gênero *Myroxylon Pereirae* Kl., Leg. Pap., que fornece óleo-resina fluida, de consistência xaroposa, de cor vermelha-escura, cheiro agradável, sabor acre, picante e duradouro; solúvel no álcool, no clorofórmio e acetona, quase insolúvel no éter. Os efeitos do bálsamo chamado do peru sobre as feridas são de ordem anti-séptica e bactericida, ao menos contra os agentes piógenos; ação quimiotática, incrementando a fagocitose, e sobretudo *l'enrobement* das bactérias e dos tecidos mortificados (Romme).

2.º Devido ao *Myroxylon toluiferum* H.B.K., que recém-colhido é massa resinosa amarela, mole ou semifluida, que se solidifica depois e se torna em resina friável, sendo facilmente pulverizada; solúvel em seu próprio peso de clorofórmio e em três vezes seu peso de benzina.

3.º Que é devida a C. *guyanesis*.

COPAL

É uma das denominações dadas a resina do *Protium* sp, da família das BURSERÁCEAS. O gênero *Protium* fornece o breu-branco, o breu-sucuriú e outros. Do *P. heptaphyllum* March se obtém a resina branca, odorífera, conhecida também sob o nome simplesmente de "elemi". Vide resina elemi.

COQUIDÁ

Swartzia chrysantha Barb. Rodr. Família das LEGUMINOSAS.

Árvore dos igapós ou banhados da terra firme, de 3 a 4 metros de altura. Folhas agudas, oblongas e coriáceas. Flores em racemo amarelo-vivo. Encontram-se muitos coquidás no rio Negro.

P. EMPR.

Toda planta e em particular as cascas da haste.

IND. TERAP.

Amenorréia e dismenorréia (?).

POSOL.

Cozimento $^{20}/_{250}$. Banhos.

CORDÃO-DE-FRADE

Leonotis nepetifolia Benth. Família das LABIADAS.

SIN.

Cordão-de-são-francisco.

CARACT. GERAIS.

Arbusto de 60 centímetros de altura e de caule quadrangular; folhas ovais e denteadas; flores axilares, verti-

ciladas, cor de laranja, com 3 a 4 verticilos espinhosos e arrendados em cada haste, e de distância em distância.

COMP. QUÍM.

Óleo volátil aromático encerram os vertículos e as folhas. M. Oliveira retirou um glucoside a que deu o nome de *leonotina*.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Béquico, balsâmico. Antispasmódico. Tônico. Febre tifóide no período de adinamia?

FARM. E POSOL.

Xarope 25 gramas das folhas para 100; tintura de 1:5, na dose, de 8 gramas; extrato fluido até 4 gramas por dia. A leonotina é usada nos acessos de asma até a dose de 10 centigramas. Banho tônico e excitante (fórmula do Dr. Pires de Almeida):

Rp:

Cordão-de-frade	50.0
Rizomas de cálamo aromático	15.0
Folhas de nogueira	30.0
Alecrim }	aa
Alfazema }	15.0
Casca de tartaruga	90.0
Água	300 litros

Ferva e antes de coar junte 15 gramas de sal torrado. Para 2 banhos por dia.

CORIMBÓ[38]

Osmhydrophora nocturna Barb. Rod. Família das BIGNONIÁCEAS.

SIN.

Corimbó-da-mata.

CARACT. GERAIS

Árvore de grande desenvolvimento; de flores assaz odoríferas corola caduca, e desabrochando à noite. São alvas, mas de um branco puro na antera, tornando-se levemente amarelado quando vão desprender-se, o que acontece de ordinário ao despontar do dia. Os naturais usam as flores para aromatizar as vestes.

P. EMPR.

Cascas.

IND. TERAP.

Gastralgia; gastrite.

FARM. E POSOL.

Infusão e cozimento de 10 a 30:250.

CRAVEIRO[39]

Caryophyllus aromaticus L. Família das MIRTÁCEAS.

---

38 Existem também no Amazonas o corimbó-açu ou canela-de-iacami, que é uma piperacua, do gênero *Arthante*; e o *cipó-pajé*, que é uma *Ipomea*, e apelidado cipó-corimbó.

39 Outrora foi muito cultivado o craveiro entre nós, existindo no rio Negro um povoado com o seu nome e hoje alterado para Carvoeiro. De Maués, no rio desse nome, vieram belas amostras para a última exposição preparatória destinada a Bruxelas.
Existe também o louro-cravo – *Dicypellium caryophyllatum* Nees, da família das LAURÁCEAS, com a sinonímia popular de cravo-do-mato.

CARACT. GERAIS

Árvore sempre verde, de forma piramidal, tronco ereto; de folhas opostas, luzidias e coriáceas, pontudas nas extremidades, longos pecíolos; flores caducas, dispostas em corimbo, sem pétalas e estames; cálice purpúreo. As flores quando secas apresentam a cor escura, quase preta. O fruto é uma drupa seca, de 1 a 2 lojas, contendo uma semente.

COMP. QUÍM.

O cravo encerra óleo volátil, tanino (?) goma, resina, matéria extrativa e cariofilina. O óleo volátil, que é incolor, torna-se escuro sob a ação do tempo; seu peso específico é de 1.061, solidificando-se na temperatura de -18°. O ácido azótico torna-o vermelho, e se transforma com adição do soluto de potassa cáustica em massa butirosa. Esse óleo encerra um hidrocarbureto $C_{20}H_{16}$, isômero da essência de terebentina, e mais o *eugenol* $C_{20}H_{12}O_2$, que é um óleo oxigenado, incolor, tornando vermelho o papel azul de tournesol, e de sabor cáustico. A cariofilina $C_{20}H_{16}O_2$ é uma substância resinosa, cristalizável, inodora, luzidia, solúvel no álcool e no éter. É isômero com a cânfora das LAURÁCEAS.

P. EMPR.

Sementes. Óleo.

IND. TERAP.

Carminativo; excitante aromático. O óleo é de largo emprego na odontologia. Estimulante difusivo deve ser prescrito em dose pequena nos doentes de temperamento línfático.

FARM. E POSOL.

Extrato fluido, de 20 a 50 centigramas por dia. Óleo de cravo; essência em uso externo. Pó misturado com açúcar até 30 centigramas. Mistura odontálgica:

Essência de cravo	2 gramas
Álcool canforado	10 gramas
Elixir dentifrício:	
Essência de cravo	āā
Essência de aniz	25 centig.mas
Saponina	
Thimol	āā
Essenc. de hortelã-pimenta	50 centig.mas
Álcool retificado	100 gramas

M. M.

CRAVO-DE-DEFUNTO

Tagetis glandulifera Schu. Família das COMPOSTAS.

CARACT. GERAIS

Planta herbácea, de folhas escuras, palmadas; flor com o cálice tubuloso, amarelo e aromático, e um pouco aveludado. O pedúnculo é oco.

COMP. QUÍM.

Peckolt precisou a existência de um óleo essencial aromático, com o peso específico de 0.853 a + 13°.

IND. TERAP.

Carminativo e estomáquico. Anti-helmíntico para as crianças, na dose de 1 a 3 gotas, de acordo com a idade.

CUIARANA

Terminalia[40] *Tanibouca* Smith. Família das COMBRETÁCEAS.

A casca do tronco é adstringente, e por isso aplicada em casos de diarréia:

Cascas . . . . . 10 a 15 gramas
Água . . . . . 100 a 150 gramas
Xarope simples . . . . . 30 a 50 gramas
As colheres nas 24 horas.
Cozimento das cascas para lavar as úlceras.

CUIEIRA

Crescentia cujete L. Família das BIGNONIÁCEAS.

P. EMPR.

Polpa do fruto. Cascas.

IND. TERAP.

A polpa do fruto possui propriedades expectorante e laxativa; a casca dizem dar bom resultado na enterite membranosa.

FARM. E POSOL.

Extrato alcoólico em dose purgativa até 50 centigramas; decocto 30%, para usar uma colher das de sopa de 2 em 2 horas.

---

40 Alguns autores mencionam ser a guarajuba ou muiraiuba também uma Terminalia, o que não é exato. Em primeiro lugar a muiraiuba ou *muirajuba* não é corruptela de guarajuba; ela constitui o grupo das *Qualeas* sp. e *speciosa* Huber, ambas Voquisiáceas, e podem ser da terra firme ou da várzea; e depois à muiraiuba não pertence a sinonímia popular de pau-amarelo, que é privativa a uma RUTÁCEA, a *Euxilophora paraensis* Hub., nov. sp.

CUJUMARI[41]

Aydendron Cujumary Meiss. (Nees?). Família das LAURÁCEAS.

SIN.

Cuiumari.

CARACT. GERAIS

Árvore de folhas oblongas, acuminadas; frutos em bagas carnosas, e ovo-obtusos. Os cotilédones são aromáticos e mais ricos em substâncias oleaginosas do que os do puxuri.

IND. TERAP.

As mesmas do puxuri.

POSOL.

Pires de Almeida registra a seguinte tintura tônica:

Sementes contusas de cujumari . . . 45 gramas
Cascas de laranjas amargas . . . . . 15 gramas
Flores de camomila . . . . . 15 gramas
Álcool a 75º . . . . . 90 gramas

A guarajuba não é conhecida na Amazônia, porém sim a guariúba – *Olmedia erythorhiza* Hub. nov. sp., da família das MORÁCEAS, ou as guarubas ou quarubas – *Erisma uncinatum* Warm; *Vochysia paraensis* Hub.; *V. vismioefolia* Spruce; e *V. grandis* Mart., todas VOQUISIÁCEAS.

Além da cuiarana encontra-se entre nós a amendoeira – *Terminalia Catappa* L. – bonita árvore e muito comum na arborização pública, embora a queda de suas folhas em certos meses prejudique o asseio das ruas e praças, e a mirindiba – *Terminalia lucida* (Hoffmsgg).

41 Aproveito para dar aqui em resumo o nome de algumas plantas, todas pertencentes à família das LAURÁCEAS, talvez a mais bem representada na Amazônia. Ei-las: puxuri – *Nectandra puchury* Mez (*Nectandra cuspidata* Nees); aiúba – *Aydendron permolle* Ness; casca-preciosa – *Aniba canellila* Mez; louro-cravo ou cravo-do-mato – *Dicypellium caryophyllatum* Nees; folha-doirada – *Acrodiclidium aurum* Hub. nov. spc.; itaúba – *Silvia itaúba* Tax; louro-da-beira – *Ocotea laxiflora* Mez; louro-branco, tamanqueira ou louro-tamanco – *Ocotea guianensis* Aubl; louro-do-igapó – *Nectandra amazonum* Nees; louro-pimenta – *Ocotea canaliculata* Mez; louro-rosa ou pau-rosa – *Aniba parviflora* Mez (?); louro-tamancão – *Ocotea spec.*; louro-abacate – *Pleurothryum macranthum* Ness; macaca-poranga – *Acrodiclidium spec* (?), além de outras.

Inf. durante 6 dias agitando de 24 em 24 horas. Coe com expressão e filtre. Boa na dispepsia, inapetência e atonia intestinal.

CUMACAÁ

Elcomarhyza amylacea Barb. Rodr. Família das ASCLEPIDÁCEAS.

SIN.

Camucá.

CARACT. GERAIS

Arbusto dos subúrbios de Manaus, fornecendo seiva leitosa. Das raízes tuberculosas e cilíndricas extrai-se a fécula, tão usada pelos naturais. Folhas grossas, opostas e ovo-lanceoladas; rebentos axilares; flores alvas e pequeninas; frutos arredondados, miúdos e pouco duráveis. A raiz e seiva leitosa têm sabor amargo, acre e estimulante.

COMP. QUÍM.

Na fécula resinosa extraída das raízes, de cor branca, inodora e de gosto *sui generis*, encontra-se um princípio ativo, a *elcomarisina*, com ação destruidora sobre os tecidos de neoformação (Matta).

P. EMPR.

Pó finíssimo das raízes ou a fécula das mesmas extraída.[42] Folhas.

---

42 Havia antiga fórmula conhecida sob o nome "Pós do Dr. Aprígio" e empregada com proveito pelo Dr. Aprígio Martins de Menezes no tratamento das úlceras do Amazonas (úlceras dos países quentes; Leishmanioses), bem assim um colírio manipulado pelo farmacêutico-químico Abel Araújo, e aconselhado no pterígio.

IND. TERAP.

Úlceras atônicas e indolentes. Cicatrizante. Pterígio. A infusão das folhas a 10:250 dizem ser um purgativo brando.

CUMACAÍ

Claytonia odorata Barb. Rodr. Família das PORTULACÁCEAS.

Planta de alqueive em Manaus e muito menor do que o camucá, o que aliás o seu nome indica. As flores são em panículas racemosas, branco-esverdeadas, muito odoríferas. É uma trepadreira.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Em cozimento para combater as caspas e impedir a queda do cabelo. As folhas são emolientes.

CUMANDAÇU

Lablab vulgaris Pinson (?), *Nossalia robusta* Jacq. Família das LEGUMINOSAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de tronco bifurcando-se em pequena altura, tendo a casca espessa e aderente, de gosto acridoce e cor amarelada. Galhos irregulares e grandes; folhas opostas, imparipenadas, forma lanceolada, tendo a página inferior mais clara e a nervura mediana saliente. Fruto em vagem, alongada e chata, contendo várias sementes.

P. EMPR.

Fruto.

IND. TERAP.

Faz-se a infusão concentrada do fruto e junta-se-lhe sal de cozinha e algumas gotas de vinagre branco e aplica-se sobre as impigens, sendo a cura radical, segundo informam. Penso que o suco da raiz talvez produza idêntico resultado.

CUMARU

Dpterix odorata Aubl. *D. oppositifolia* Aubl? Família das LEGUMINOSAS-PAPILIONÁCEAS.

SIN.

Fava-tonca, muirapagé.

CARACT. GERAIS

A árvore do cumaru é esbelta e de grande desenvolvimento, da terra firme ou da várzea, atingindo o tronco até 80 centímetros de diâmetro, tendo a casca avermelhada e escamosa. Folhas opostas ou alternas, penadas, com folíolos também opostos ou alternos; flores em panículas terminais, róseas ou violáceas; legume drupáceo, ovóide, com o epicarpo amarelo e carnoso e endocarpo indeiscente. O mesocarpo possui uma espécie de polpa entre as fibras da parte externa do endocarpo, que interiormente é liso e pardacento. Quebrado o fruto,[43] oblongo e verde, encontra-se a fava de um roxo-escuro, cheiro intenso e agradabilíssimo. A fava seca por expressão fornece óleo transparente, aromático, alterando-se em curto prazo em contato com o ar.

---

43 Os morcegos estragam bastante o fruto, cujo mesocarpo muito apreciam. O vulgo distingue três variedades de cumaru: o roxo, o róseo e o amarelo.

COMP. QUÍM.

Cumarina ou *cumarurina*, princípio ativo cristalizável encontrado nas favas. Verifiquei a existência de cristais de cumarina entre os cotilédones, em lâminas retangulares, de coloração branca, de forte e agradável aroma.

O líquido obtido das incisões do tronco, pouco abundante e de coloração vermelha, é um tanóide. A goma de cumaru, vermelha, transparente, levemente ácida e adstringente, dissolve-se no álcool e na água; e ancerra de 40 a 50% de tanino. Incinerada, obtive em cinco pesquisas de 1.20 a 1.96%. A tanogoma de cumaru azuleja a tintura de guaiaco, o que evidencia a existência de uma diástase (A. Matta).

P. EMPR.

Cumarina.[44] Óleo expresso.

FISIO. TERAP.

Excelente antispasmódico. O óleo serve também para aromatizar diversos medicamentos de cheiro e gosto desagradáveis. É um moderador da respiração e movimentos cardíacos, retardando-os. Brando hipotérmico.

POSOL.

Extrato fluido de 50 centigramas a 3 gramas nas 24 horas.

---

44 A *Cumarina* tem sido encontrada nas seguintes plantas favas de *Dipterix odorata* Wild; flores de meliloto *M. officinalis* L., folhas de *M. vulgaris* W.; frutos do *Myroxylon toluiferum* L. por Deroy e Kussmann; folhas da RUBIÁCEA *Asperula odorata* por Zueuger Bodenbender; por Wittstein nas flores da *Anthaxanthum odoratum* L., e por Bley na raiz da *Wierochloa borealis* R. e Sch., ambas da família das GRAMÍNEAS; por Globley nas folhas da ORQUIDÁCEA *Orchis fusca* Jacq., nas seguintes PORTULACÁCEAS, por Wittstein nas folhas da *Angraecum flagrans* e na *Negritella alpina*; por G. Kittel na erva *Hermiaria glabra* L.; por Th. Peckolt na SINANTÉREA *Ageratum coricoides*, que é erva-de-são-joão; por Trocter nas cascas da AMIGDALÁCEA *Trumus mahaleb* L.; por Kletzinsky nas folhas da SINANTÉREA *Liatris odoratissima*, e finalmente na PALMÁCEA *Phoenix dactylifera* L. e no *Polipodium brasiliensis*.

CUMARURANA

Dipterix oppositifolia Aubl. Família das LEGUMINOSAS-DALBÉRGIAS.

A cumarurana possui belas panículas de flores roxas. Idênticas aplicações às do cumaru.

Existe ainda o cumaru-de-rato – *Amphiodon effusus* Hub., pertencente às GALÉGEAS. Sem aplicação medicinal.

CUNAMBI

Phyllanthus brasiliensis (Aubl.) Mull. Arg. Família das EUFORBIÁCEAS.

Arbusto de folhas ovais, de casca pardacenta e amarga. Nunca pude obter as flores e os frutos. Do emprego do cozimento da casca a 5%, concluo, com as devidas reservas, ser um alterante e diurético, possuindo a propriedade de um tônico amargo. Em doses repetidas e amiúde é um laxativo. Empregado na icterícia e nas congestões hepato-esplênicas. A seiva do cunambi ou o suco das folhas tem virtudes medicinais nas doenças parasitárias.

POSOL.

Cascas reduzidas a pó, de 2 a 4 gramas; decocto e cozimento de 3 a 6:100 ou 200 gramas de água. Doses para 24 horas. Seiva.

CUPUAÇU

Theobroma grandiflorum. Schum. Família das ESTERCULIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de galhos compridos e flexíveis; folhas pecioladas, esbranquiçadas na página inferior quando novas; forma

oblongo-acuminada; flores nos galhos, fruto em volumosa baga, oblonga, de casca dura e quebradiça, tendo as sementes envolvidas em branca polpa, de cheiro agradável e ativo.

P. EMPR.

Polpa.[45]

IND. TERAP.

Ótimo refrigerante.

CUPUAÇURANA

Matisia paraensis, nov. sp. Huber; *M. lasiocalyx* Schum (no alto Amazonas). Família das BOMBÁCEAS.

Árvore de frutos grandes, capsulares, ultrapassando às vezes dois decímetros de comprimento. Sem aplicação.

CURARE[46]

Strychnos v. spec. Família das SOL.-LOGANIÁCEAS.

Há um princípio ativo extraído do curare e que tem a fórmula de $C_{10}H_{15}Az$, e que é a *curarina*, alcalóide sem oxigênio e de ação 20 vezes mais forte do que a do curare. Tóxico violento quando introduzido na torrente circulatória.

---

45 Chamam impropriamente vinho de cupuaçu a polpa macerada na água, juntando-se-lhe em seguida o açúcar. Não deve ser usado pelas senhoras na fase do catamênio.

46 O curare é a resultante da reunião de diferentes Str. a outros vegetais e de famílias muito diversas, e por isso varia conforme as tribos de índios que preparam-no. É um tóxico violento; e de ordinário acondicionado em pequeninas cabaças (Vide estudos de Silva Castro, Planchon, Couty, Lacerda, G. Pimenta, Martins Costa, Pizarro e outros). O curare é de preferência empregado pelos índios na arte venatória.

IND. TERAP.

Aconselhado no tratamento da epilepsia, do tétano, da coréia, e da hidrofobia (Souza Costa, Claude Bernard, Vella, Ferreira França e outros). Inj. hipodérmica.

CUTITIRIBÁ

Lucuma Revicoa Gaertn. Família das SAPOTÁCEAS.

Árvore silvestre, de fruto oblongo, de cor verde, tendo a massa amarela quase cor de ouro.

P. EMPR.

Cascas e sementes.

IND. TERAP.

Otite.

As cascas e as sementes são raladas e o pó misturado com água morna, ou então com o leite. Embebe-se um pouco de algodão e coloca-se no conduto auditivo.

DOURADINHA

Posoqueria latifolia. (Lam.) Roem e Schulth. Família das RUBIÁCEAS.

SIN.

Papa-terra.

IND. TERAP.

Afecções catarrais.

(Não conheço a posologia nem o modo da aplicação).

ENVIRATAIA

Duguetia riparia Hub. Família das ANONÁCEAS.

Informam ser a raiz empregada em banhos contra o reumatismo.

ERVA-CIDREIRA[47]

Melissa officinalis L. Família das LABIADAS.

CARACT. GERAIS

Planta de pouco mais de um metro de altura, caule quadrangular, muito ramosa; folhas pecioladas, ovais, denteadas, de cheiro agradável e sabor característico; flores róseas ou brancas.

COMP. QUÍM.

Óleo essencial volátil, e princípio amargo incompletamente solúvel na água e no éter.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

De uso vulgar nos embaraços gástricos. Inapetência. É um excitante, e como tal, contra-indicado nos casos de gastralgia.

FARM. E POSOL.

Infusão 20 a 50 gramas para um litro de água.

ERVA-DE-CHUMBO

Cassytha americana Ness. Família das LAURÁCEAS.

P. EMPR.

Seiva.

---

47 No Amazonas existe outra planta com o nome vulgar de erva-cidreira, é a *Lippia geminata* H. B. K., pertencente à família das VERBENÁCEAS. Na fronteira peruana dão-lhe o nome de "orégano".

IND. TERAP.

Odontálgico.

ERVA-DE-PASSARINHO

Strutanthus flexicaulis. Família das LORANTÁCEAS.

COMP. QUÍM.

Ácido gálico (4.460%); cafeína (0.042%).

P. EMPR.

Folhas e hastes.

IND. TERAP.

Leucorréia. Bronquites. Hemoptise.

FARM. E POSOL.

Cozimento 10:200.

ERVA-GROSSA

Elephantopus... Família das COMPOSTAS.

SIN.

Suaçu-caá.

CARACT. GERAIS

Arbusto de 60 a 80 centímetros de altura; caule áspero; folhas alternas, quase sésseis, inteiras, denteadas, oblongas e glabras; flores nas extremidades dos ramos, em corimbo.

P. EMPR.

Folhas e raiz.

IND. TERAP.

As folhas são emolientes e resolutivas. Sudorífero. O decocto serve para combater a disúria.

FARM. E POSOL.

Decocto de 30 a 50 gramas das folhas ou da raiz para 1 litro de água; dose para 24 horas. Infusão 5:200.

FALSA-ESPELINA

Clitoria guyanensis Benth. Família das LEGUMINOSAS-PAPILIONÁCEAS.

P. EMPR.

Raiz e sementes.

IND. TERAP.

Diurético e purgativo. Cistites. Uretrites.

FARM. E POSOL.

Infusão da raiz de 4 a 10 gramas para mil de água, na inflamação da bexiga e da uretra; extrato alcoólico das raízes até 60 centigramas. É um ativo catártico.

Sementes reduzidas a pó 8 gramas, junte 16 de tartrato ácido de potássio e use; efeito certo e suave.

FALSA-IPECA

Ruellia Tuberosa L. Família das ASCLEPIDÁCEAS.

P. EMPR.

Haste, raiz.

IND. TERAP.

Purgativo e emético. Depurativo (?).

FARM. E POSOL.

Pó de 1 a 2 gramas; decocto de 1 a 5 gramas para 100 a 250 de água; dose para 24 horas.

FAVEIRA

Vatairea guyanensis Aubl. Família das LEGUMINOSAS-DALBÉRGIAS.

SIN.

Fava-de-impingem.

COMP. QUÍM.

A goma, que se obtém por incisão no tronco, é um tanóide e apresenta a forma de fragmentos irregulares e angulosos; gosto adocicado e adstringente; inodora; coloração vermelho-escura, sendo uns fragmentos lustrosos e outros não; pouco solúvel na água e ainda menos no álcool (Matta). A sua riqueza em tanóide varia de 34 a 37%.

P. EMPR.

Fruto (suco). Seiva gomosa.

IND. TERAP.

Efélides. O líquido obtido por expressão é aplicado, duas a três vezes por dia, nas regiões afetadas.

FIGUEIRA

Ficus communis Banth. Família das MORÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de poucos metros de altura, tronco liso e tortuoso; folhas grandes e alternas, espessas, pecioladas, chanfradas na base, divididas em lóbulos obtusos; flores monóicas, numerosas; fruto drupáceo, amadurecendo no receptáculo e tornando-se açucarado e carnoso; o sícone daí resultante é o figo.

O suco leitoso extraído do tronco é cáustico.

P. EMPR.

Fruto maduro (figo).

IND. TERAP.

Bronquite; amigdalite. Emoliente. O figo é bom peitoral para as crianças. O leite serve para destruir os calos e verrugas.

FARM. E POSOL.

Decocto dos frutos 20 a 60 gramas para 500 de água. Fervidos com leite, dão magnífico gargarejo emoliente.

FLOR-D'ÁGUA

Pistia stratiotes. Família das AROÍDEAS.

CARACT. GERAIS

Erva dos lagos e águas paradas, formando até pseudo-ilhotas; têm as folhas elípticas, marginadas e dispostas em forma de círculo; flor branca; fruta em cápsula, oval e unilocular.

É vulgar a flor-d'água entre os uapés.

COMP. QUÍM.

Mucilagem e goma.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Emoliente; são aplicadas em qualquer região inflamada. Dizem que a infusão dá bom resultado na diabetes insípida.

FRUTA-DE-CUTIA

Carprotche longifolia Benth. Família das FLACOURTIÁCEAS.

SIN.

Cacaoilo-branco na fronteira peruana.

CARACT. GERAIS

Árvore de 15 a 20 metros de altura, fornecendo madeira de lei. As flores, cor-de-rosa, são em racemos axilares; fruto em baga, com muitas sementes adocicadas e oleosas, regulando o tamanho de uma laranja. Nas sementes encontram-se amêndoas, de sabor levemente amargo. A proporção de óleo contido varia de 50 a 70%. As cutias (*chloromys aguti*) são apaixonadas pelo fruto.

COMP. QUÍM.

Carpotroquina, princípio ativo. Óleo espesso, amarelo, cheiro especial e ativo, sabor *sui generis*, de reação ácida; solúvel no éter sulfúrico, na benzina e no sulfureto de carbono. Th. Peckolt encontrou os ácidos carpotroquínico e a carpotroquina, susceptíveis de cristalização.

P. EMPR.

Óleo.[48]

IND. TERAP.

Inseticida e parasiticida. Na medicina veterinária deve prestar valioso auxílio. Os frutos verdes reduzidos a pó são usados em macerato para banhar os animais atacados de carrapatose. É inofensivo.

GAPUÍ[49]

...Família das BIGNONIÁCEAS.

SIN.

Guapuí.

CARACT. GERAIS

Trata-se de um arbusto de raiz fina, flexível, profunda, fornecendo abundante seiva, e haste com 2 a 3 folhas. É planta das baixadas da terra firme.

IND. TERAP.

A seiva da raiz, ou então o suco da raiz, aquecida no rescaldo e ralada, é aplicado com vantagem nas conjuntivites catarrais. Esse líquido deve ser usado somente nas 12 primeiras horas.

---

48 O óleo pode ser extraído por expressão, a quente ou a frio, ou então pelo sulfureto de carbono. As sementes são riquíssimas em óleo. A fruta-de-cutia é abundante no rio Autaz e outros pontos do baixo Amazonas.

49 É preciso não haver confusão do guapuí, arbusto, com o guarapuí ou guapuí, sinonímias do gracuí – *Andira spectabilis* Sald., da família das LEGUMINOSAS, que é árvore majestosa, de 30 metros de altura; e muito menos com o Guapoí (contas com furo) dos Guaranis – *Ficus dolearia* M., da família das MORÁCEAS, árvore cujo tronco apresenta grande diâmetro e o comprimento de 18 a 20 metros.

GERGELIM

Sesamum brasiliensis Vell. Família das BIGNONIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Planta de raízes pivotantes, que se dobram nos *collos*; folhas verdes, opostas e oblongas; flores róseas, solitárias, suportadas em pedúnculos axiliares, a que se sucedem cápsulas tetragonas, abrindo-se por duas válvulas em seu vértice, compondo-se cada uma de dois septos polispermos. Sementes numerosas, ovóides, pequenas, branco-amareladas, e fixas a uma placenta central e delgada.

COMP. QUÍM.

Moride retirou das sementes: óleo 52.68%, matérias orgânicas 43.86, substâncias minerais 3.46 e vestígios de água. Gasparin diz que elas encerram 0.5% de azoto.

O óleo pode ser obtido por trituração, por esmagamento, por meio de aquecedores ou de prensas, sendo depois purificado por vários processos. O rendimento do óleo oscila de 25 a 60%.

P. EMPR.

Óleo. Sementes.

IND. TERAP.

Reumatismo. Alimento e condimento.

FARM. E POSOL.

Tratamento hipodérmico (Dr. Seibul, de Nova Iorque):
– Inj. oleosa:

Ácido salicílico	10 gramas
Óleo de gergelim	80 gramas
Álcool puro	5 gramas
Cânfora	} āā

Misture antes de juntar o álcool. Esterilize. Sendo a operação dolorosa, o autor pratica antes uma injeção de cocaína e depois, conforme a gravidade do caso, injeta de 10 a 20cm³ do óleo, fazendo uma injeção em cada 12 horas.

GERVÃO

Stachytarpheta cayennensis Cham. Família das VERBENÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Subarbusto, chegando a altura de 70 centímetros; folhas ovais, opostas, aromáticas, ligeiramente serrilhadas; flores terminais azuladas.

COMP. QUÍM.

Óleo volátil e princípios extrativos não-determinados.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Sudorífero; estimulante. Diurético.

FARM. E POSOL.

Infusão a 10%. Alcoolato obtido por destilação do macerato das folhas, na dose de 2 a 4 gramas para 20 a 30 de água açucarada. Extrato fluido até 3 gramas nas 24 horas.

GIRASSOL[50]

Helianthus annuus L. Família das COMPOSTAS.

CARACT. GERAIS

Planta herbácea, ornamental, e bonita pela originalidade das flores. Caule cilíndrico, meduloso, guarnecido de ramos no vértice; folhas alternas, grandes, pontuadas no vértice; flores em capítulo heterogamo, com brácteas amarelas, formando o periclínio; pedúnculo comprido. As flores acompanham a direção "do sol em seu giro". Numerosas sementes em cada uma delas.

COMP. QUÍM.

Heliantina, existente nas cascas do caule.

IND. TERAP.

Febre palustre nas crianças.

FARM. E POSOL.

Extrato fluido de 1 a 2 gramas nas 24 horas.

GOIABEIRA[51]

Psidium guyava Raddi, com duas variedades *P. pyriferum* e *P. pomiferum* L. Família das MIRTÁCEAS.

---

50 O girassol é planta aconselhada para os jardins e proximidades das habitações, principalmente às do interior do Estado, situadas de ordinário em terrenos úmidos. As raízes do girassol são verdadeiros drenos, veiculando grande quantidade de água do solo para a atmosfera. Possui ele também a excepcional propriedade de "afugentar os mosquitos", não sei se devido as flores e folhas desprenderem algum odor sutil ou óleo essencial volátil, ou se por causa dos pêlos híspidos existentes no caule. Seja como for, e se o fato é verdadeiro, o seu plantio nas proximidades das casas deveria ser intensivo.

51 Existem entre nós a goiabarana – *Mouriria guyanensis* Aubl, família das MELASTOMÁCEAS, e araçarana *Bellucia* sp. div., da família das MIRTÁCEAS.

SIN.

Goiaba, araçá-guaçu, puruí, guiava. Koiab – que tem muitas sementes reunidas.

CARACT. GERAIS

Árvore rarefeita, tronco de ordinário sinuoso; galhos com as folhas opostas, semicoriáceas, dorso áspero e liso o limbo, elípticas; flores pequenas e brancas; fruto redondo ou ovo-oblongo, em cápsula, coroado no cimo de pericarpo rugoso e luzidio. Polpa de coloração rósea, mole, doce e saborosa, envolvendo numerosas sementes, reniformes, duras, miúdas; cheiro desagradável quando muito madura.

COMP. QUÍM.

Nela se encontram resina, fusível a 189°, amarelo-citrina, levemente aromática, solúvel no clorofórmio, no éter sulfúrico e no álcool; substância gráxea, amarelo-esverdeada, cheiro agradável, solúvel no clorofórmio, em parte no éter e no álcool, fusível a 135°; óleo volátil obtido por destilação em vapor d'água, com a densidade 1069, fusível a 237°, solúvel no clorofórmio, no álcool e no éter; e finalmente tanino, de fórmula $C_7H_6O_4$ (Altan). Esse tanino seria o ácido psiditânico.

P. EMPR.

Cascas e brotos; folhas.

IND. TERAP.

Disenteria; colerina. Hemoptises. Diarréia das crianças (Usada contra "las metrorhagias con ventaja al hydrastis". Em Java é empregado para combater a *cólera-morbus*).

FARM. E POSOL.

Pó das folhas de 5 decigramas a 1 grama por hora. Extrato fluido até 2 gramas por dia. Infusão das folhas 6%; das cascas 3%; dos brotos 5 a 10%. Tintura das folhas 1:5 em álcool a 60°, até 12 gramas por dia.

A fórmula seguinte dá bom resultado nas enterites das crianças:

Infusão dos brotos a 5% ..... 120 gramas
Xarope de canela ..... 30 gramas

As colherinhas.
Ou
Cascas da haste ..... 10 gramas
Hidrolato simples ..... 200 gramas
Ferva e red. a metade – Edulc.
As colherinhas.

GOLFO

Nymphoea alba L. Família das NINFEÁCEAS.

SIN.

Aguapé, lírio-d'água.

CARACT. GERAIS

Planta de folhas cordiformes, pecioladas, flores pedunculadas, brancas e que fecham durante a noite; fruto em cápsula.

COMP. QUÍM.

Na raiz (rizoma) encontram-se, de acordo com a análise procedida por Gruning: tanino, resina, glucose, metarabina, amido e celulose.

P. EMPR.

Raiz.

IND. TERAP.

Sedativo (?). Doenças da pele. Lepra (?). Disenteria. Os banhos quentes feitos com a planta servem para combater os acessos de hemorróidas. O suco, muito adstringente e amargo, é usado em injeções na cura da blenorragia.

FARM. E POSOL.

Extrato fluido até 4 gramas por dia.

GUARANÁ

Paulinia sorbilis. Família das SAPINDÁCEAS.

CARACT. GERAIS

É um arbusto sarmentoso, de folhas alternas, imparipenadas e munidas de gavinhas; flores reunidas em cachos axilares e pouco aparentes; fruto em piriforme e indeiscente.

As sementes são contidas em arilo carnoso, e para separá-las é necessário a sua imersão na água; depois de lavadas, dissecadas e torradas são logo em seguida batidas em um pilão e reduzidas a pó. A este junta-se quantidade razoável de água até a obtenção de massa consistente, que é em seguida acondicionada em moldes especiais, ou dando-se-lhe formatos particulares, de modo que se presta assim a confecção de artefatos os mais esquisitos.

Esse trabalho constitui um dos principais ramos de comércio no município de Maués.

Fabricam, para uso medicinal, pequenos toros ou pães, de cor tanto mais escura quanto mais antigos, propriedade essa que indica a sua boa procedência e qualidade.

A consistência desses toros ou pães é quase inacreditável, tanto que para obtenção do pó, como é correntemente empregado, faz-se mister o uso de uma lima de aço, ou, o que é usual e muito melhor, ralar o pão de guaraná na língua do pirarucu, peixe do grande rio Amazonas, o *Sudesgigas* de Schomburgk.

O guaraná é uma das mais preciosas manifestações da nossa flora incomparável, é talvez insubstituível pela quantidade de cafeína que encerra. Francis Grun, m. d., declarou em seus artigos ser o guaraná conhecido na Europa desde 1817, e nela definitivamente introduzido por Cadet de Gassicourt.

COMP. QUÍM.

Theodor von Martius precisou que o fruto do guaraná não continha somente resina e goma, mas também um princípio ativo a que ele deu o nome de "Guaranina".

Em 1840 tão-somente foi descoberta a verdadeira composição da guaranina, identificada à cafeína por Berthellot e Dechastelas.

Em 1861 no *Journal de Pharmacie et Chimic*, tomo 29, p. 291, de Fournier, lê-se ter sido encontrado o amido, goma (?), óleo verde-fixo, três óleos voláteis, um princípio particular (*sic*) incompletamente determinado, tanato de cafeína e ácido tânico livre. O que nos importa, porém, em todas as substâncias encontradas, é a cafeína.

Das análises mais importantes destacaremos as seguintes, que evidenciam a percentagem de cafeína em vários trabalhos:

Bochefontaine et Gusset – 1886 . .	4.5%
Kremel, Feemster, Squibbes, Flückiger	3.72 a 6%)
A. Kremel – 1888	3.12 a 3.80%

Thoms – 1894	2.6%
La Wall – 1897	4.32 a 4.68%
Humphrey and British Pharmaceutical Codex	2.5 a 5%

Se a guaranina de Martius foi identificada a esse alcalóide, o mesmo não acontece com a B – guaranina, isolada por Nierenstein, de Bristol, em janeiro de 1910 e que não é a teobromima e muito menos a teína. Em contraposição o ácido guaraná-tânico, na opinião desse químico, é a *catequina*, de fórmula $C_{15}H_{14}O_6$, concluindo que *the chief constituents of this plant are theine and cathechin.*

A cafeína encontra-se em muitos vegetais, sendo vários pertencentes a nossa flora.

Ela é encontrada, dentre outros, na *Sterculia platinifolia*, na *Ilex Cassina* e *Paraguayensis*, *Neea theifera*, *Guazuma tomentosa*, *Theobroma cacao* e outras. Nas plantas seguintes, porém, podemos com segurança estabelecer a percentagem, ocupando o ápice a:

Paulinia sorbilis	3 a 6%
Chá-da-índia	1.2 a 2.12%
Kola acuminata (obi.)	2.25%
Ilex paranaensis (erva-mate)	1.6 a 4.7%
Café (sementes)	1.2 a 2.66%

O guaraná faz parte das farmacopéias da Aústria, Bélgica, Alemanha, França, Hungria, Portugal, México, Itália, Estados Unidos do Norte, América e Espanha.

FISIO. TERAP. E POSOL.

As preparações farmacêuticas mais correntes são as tinturas até 15 gramas, o extrato fluido até 5 e o xarope até 100 gramas *pro die*.

O uso corrente, entretanto, é o pó obtido como dissemos, e nesse particular devemos cumprir os preceitos dos aborígenes, não havendo indicação em contrário, – usar o pó do guaraná pela manhã, tão-somente, e de 4 a 6 gramas em um copo de água. Francamente o pó é a única forma por que preferiremos o guaraná, em particular o produto obtido quando ralado na língua do pirarucu; ou então o pó associado a outros medicamentos tais como:

Guaraná em pó . . . . . 6 gramas
Cloridrato de qq . . . . . 5 gramas
20 cápsulas. Use até 6 por dia.
Outra:
Guaraná em pó . . . . . 8 gramas
Bicarbonato de sódio . . . . . 2 gramas
D. em 20 cápsulas. Até 6 por dia.

Com a fórmula seguinte, tenho conseguido os melhores resultados nas nevralgias em geral:

Guaraná em pó . . . . . 5 a 20 centigramas
Piramido . . . . . 10 a 40 centigramas
P. 1 cápsula.

O guaraná dá bons resultados nas enxaquecas como sedativo e calmante; tônico excelente nas convalescenças de graves moléstias, inestimável cardiovascular, exercendo ação tônica generalizada na involução senil. Ao passo que regula-

riza a energia cardíaca, combate e impede as congestões passivas tão peculiares e freqüentes aos órgãos envelhecidos.

É portanto, um poderoso recurso contra a astenia. Para restabelecer a tonicidade do miocárdio não se pode desejar melhor agente, tanto mais quanto ele regulariza a circulação grande e pequena.

Nesses casos emprego, com vantagens, o Guaraná-iodokola Silva Araújo, preparado de alto valor e de combinação racional e inestimável, e que honra a farmácia brasileira.

Por sua composição química, principalmente cafeína, o guaraná atua no organismo como vasodilatador do rim, excitando o epitélio secretor; tem ação cardiovascular generalizada; é um absorvente, impede as fermentações, constituindo provavelmente um meio impróprio à proliferação da flora nociva existente no intestino.

É quase certo que bem poucos vegetais poderão competir no terreno da Fisioterapia com esse produto da flora amazonense; tais propriedades, relembrado o seu potencial xantúrico, são assaz preciosas.

Daí o resultado surpreendente que eu tenho tirado na clínica em casos de enxaqueca, de cefaléias devidas a fortes embaraços gástricos, com os vômitos rebeldes e a gastralgia insuportável, enfim nas nevralgias em geral, associando o guaraná em pó à estovaína, que possui propriedade bactericida, e atenua de modo sensível, chegando mesmo a abolir os reflexos gástricos, e ao piramido, que possui ação equivalente no tocante aos reflexos cefálicos.

Eis a fórmula (A. Matta).

Rp:

Estovaína . . . . . 2 centigramas

Piramido . . . . . 5 a 20 centigramas
Guaraná em pó . . . . . 10 a 30 centigramas

P. 1 cápsula. Use 1 de 3 em 3 ou de 4 em 4 horas. Até 4 nas 24 horas.

É obvio que a posologia desses medicamentos entre si pode variar de modo sensível, dadas certas condições de ocasião, ou quanto a idade do enfermo, a sua anamnese, enfim certas particularidades que ao profissional compete esmerilhar e atender.

GUAXINGUBA[52]

Ficus spec. div. Família das MORÁCEAS.

SIN.

Caxinguba, coajinguva, lombrigueira, uapuim-uaçu (?) no rio Negro. Ojé na fronteira peruana.

CARACT. GERAIS

Árvore vultuosa, de folhas oblongas, acuminadas, coriáceas; flores monóicas (?); fruto pequeno, globoso, e amarelo quando maduro. Fornece seiva lactescente, de cheiro *sui generis*, cor esbranquiçada e sabor pouco acre.

COMP. QUÍM.

O leite tem a seguinte composição: água, substância coriácea, resina mole, caucho, e vários ácidos e sais orgânicos e inorgânicos (Peckolt).

---

52 Algumas pessoas dão ao *Ficus doliaria* M. a sinonímia de guaxinguba. A nossa, porém, não é a gameleira do sul do Brasil.

P. EMPR.

Látex.

IND. TERAP.

Anti-helmíntico. Bom resultado na *anquilostomíase*.

POSOL.

Dose até 10 gramas nas 24 horas. Use 3 a 6 dias seguidos, em dose de 8 a 30 gramas, conforme a idade, e sempre pela manhã em jejum, misturado com o mel de abelhas ou o leite condensado. Purgativo drástico em dose maior.

Rp:
Seiva leitosa ..... 30 gramas
D. em 70 gramas de água e j. q. b. de mel de abelhas
Use em três manhãs seguidas e em jejum.

Outra fórmula (Pires de Almeida):
Seiva leitosa ..... 1 grama
Aguardente de cana ..... 2 gramas
Mucilagem de goma arábica ..... 30 gramas
Leite de vaca ou de cabra ..... 15 gramas

E. e use de uma vez em jejum. Durante 12 a 15 dias.

IAPANA

Eupatorium ayapana Vent. Família das COMPOSTAS.

SIN.

Japana.

CARACT. GERAIS

Arbusto que se apresenta em pequenas toiças. Há duas variedades: japana-roxa, por ter as flores roxas, e a japana-branca, embora as flores sejam esbranquiçadas tão-somente. Folhas largas, variando o comprimento até 20 centímetros, lanceoladas, inteiras, trinérveas, de gosto adstringente e levemente amargo; flores em capítulo, (corimbo), cheiro agradável e sabor brandamente amargo. A japana-roxa é a preferida por encerrar maior quantidade de princípio ativo.

COMP. QUÍM.

Glucoside e ácido tânico.

P. EMPR.

Seiva. Toda a planta.

IND. TERAP.

Tônico estimulante e adstringente. Diarréia; disenteria. Externamente o colutório dá bom resultado nas anginas, gengivites, aftas e escorbuto. Adstringente enérgico foi usado e com vantagens na epidemia da *colera-morbus* em 1855 e 1856 no baixo Amazonas e no Pará (Dr. C. de Albuquerque).

POSOL.

Infusão da planta de 5 a 10:500; as colheres de sopa.

IARATACIÚ

Sagotia racemosa Baillon. Família das EUFORBIÁCEAS.

CARACT. GERAIS.

Informam existir nessa planta um princípio ativo com propriedades tóxicas. Não sei se tem aplicação medicinal.

IMBAÚBA

Cecropia palmata[53] Wild. Família das ARTOCÁRPEAS.

SIN.

Umbaúba, embaúba, àrvore da preguiça. Cético, na fronteira peruana.

CARACT. GERAIS

Árvore das várzeas dos igapós, e da terra firme. Uma tem as folhas desenvolvidas, levemente lobadas e brancas em sua face inferior; outra de folhas desenvolvidas, lobadas e verdes em ambas as páginas. Caule fistuloso e ereto; ramos alternos, nodosos, tendo septos no interior; folhas alternas, palmato-lobadas e pecioladas; flores dióicas; frutos em cacho (sorose).

COMP. QUÍM.

As folhas da imbaúba foram analisadas por Bouquillon, que obteve o resultado seguinte: cinzas 12.45% e tanino 2.75%. Em 1000 gramas de fruto fresco Peckolt encontrou:

Água	723.330
Substância cerácea	11.067
Dita gordurosa	11.784
Ácido gorduroso	12.561
Resina mole	0.250
Ácido resinoso	3.336
Matéria extrativa, tanino, etc.	4.335
Sais inorgânicos	2.516

53 As *Cecropias* são abundantes na Amazônia, assim temos a *C. Paraensis*. Hub.; a *C. bifurcata* Hub., de folhas menos acuminadas e inflorescência duas vezes bifurcada (baixo Purus); a *C. stenostachya* Warb.; a *C. loetevirens* Hub., com as estípulas vaginantes, verde-claro, glabras, e folhagem verde-claro (Purus e Acre); a *C. distachya* Hub. – imbaúba-branca; e mais a imbaúba-da-mata *C. sciadophylla*, a *C. juranyiana*, que tem as folhas verdes de ambos os lados e a *C. leucocoma* Miq.

O líquido que obtive da raiz e haste é claro, transparente, de sabor pouco adstringente, dando francas reações de sais inorgânicos, e uma substância cristalizável, mais abundante na imbaúba-branca. É a *cecropina*, já isolada, cristalizando em agulhas transparentes, solúveis na água, no éter e no clorofórmio. Extrai-se facilmente das cascas frescas do caule. Acredito ser a cecropina um glucoside.

P. EMPR.

Seiva. Brotos e folhas récem-colhidas.

FISIO. TERAP.

O líquido da raiz (seiva) é empregado na tuberculose em primeiro grau; a infusão e o suco dos brotos e folhas nas cistites e uretrites; catarro vesical. Hidropisia; cirrose hepática. O Dr. Parodi, do Paraguai, aplicou o decocto das folhas nesses casos com resultado.

À imbaúba é atribuída as mesmas propriedades da digital, sendo assim um medicamento diurético e cardiotônico.

A ação fisioterapêutica foi estudada por P. Carnot e A. Gilbert, evidenciando a pouca toxicidade desse vegetal. O largo emprego que dele tenho feito me autoriza a dizer que ele não é tóxico, porquanto prescrevi por várias vezes a seiva, que é muito mais rica em princípio ativo do que o extrato fluido, que serviu nas experiências daqueles profissionais.

A imbaúba possui a propriedade de aumentar a energia do músculo cardíaco, mas não triplicando os batimentos do coração; sobre os rins atua de tal forma que pode ser obtida no quadrúpulo a quantidade da urina emitida. A dose do extrato fluido foi a seguinte: 10 a 20 gramas em 24 horas durante 4 a 5 dias nos cardíacos assistólicos; a diurese do terceiro dia em diante, de 500 gramas que era, chegou a 2.900,

ao passo que o estado geral foi modificado com a melhoria dos fenômenos dispnéicos, e regularização das pulsações. A eliminação da *cecropina* é lenta por ter ação cumulativa, de sorte que os efeitos persistem durante um prazo relativamente longo. Tenho empregado com muita vantagem o extrato fluido, não excedendo 20 gramas *pro die*, na febre hemoglobinúrica, obtendo a regularização da função cardíaca e aumento sensível da diurese, com a particularidade notável de fazer desaparecer a albumina e pseudo-albumoses.

O carvão do caule, reduzido a pó, é muito bom para alvejar os dentes.

FARM. E POSOL.

Extrato fluido até 20 gramas nas 24 horas.

IMENE

Cocculus imene M. Família das MENISPERMÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto de caule e ramos estriados, folhas coriáceas, ovais, com a base arredondada e quase cordiforme; inflorescência unissexual; fruto em drupa.

COMP. QUÍM.

O pericarpo do fruto e a semente encerram matéria corante, resina, amido, substância gráxea, sais inorgânicos e um princípio ativo – *coculina* – de cristalização em agulhas, inodoro, amargo e tóxico. Esse princípio existe em toda a planta.[54]

P. EMPR.

Seiva, raiz.

---

54 As sementes e a seiva servem para tinguijar o peixe. A coculina retarda o movimento cardíaco, produz a abolição quase completa dos músculos voluntários, origina convulsões tetânicas e a morte.

IND. TERAP.

Emético violento (sem aplicação).

INGARANA

Inga disticha Benth, *Inga spicata* Hub. Família das LEGUMINOSAS-MIMOSÁCEAS.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Desodorante por excelência.

INGÁS

Inga edulis M., (ingá-cipó), *I. dulcis* M., *I. alba* Willd., (ingaxixi), *I. setifera* D. C. (que tem a flor amarela). Família das LEGUMINOSAS-MIMOSÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvores desenvolvidas, altas e esgalhadas; folhas opostas; flores em ramos de cor purpúrea; fruto em samora (?), indeiscente, achatado. Encerra um arilo polposo, agradável, com várias sementes.

P. EMPR.

Cascas do tronco. Fruto.

IND. TERAP.

Das cascas fazem cozimento para bochechos e gargarejos nas aftas e laringites. Fabricam o xarope com a polpa do fruto, sendo aplicado nas bronquites agudas.

IPADU

Erythroxilum coca L. Família das ERITROXILÁCEAS (Linacea-Baillon).

SIN.

Coca.

CARACT. GERAIS

Existem entre nós duas variedades de ipadu – o *E. coca* originário do Peru, e o *E. cataractarum* Spr., chamado ipadu-miri e abundante no rio Negro. Este é um arbusto de quase dois metros de altura; ramos possuindo verrugas pequenas; folhas dísticas e elípticas, com duas linhas no dorso, agudas na base e arredondadas no ápice; flores solitárias, ou reunidas em pequeno número, e de cor branca; frutos oblongos, drupáceos, pequeninos e vermelhos. O *E. coca* é árvore pequena, ramalhuda e copada, tendo os ramos de cor escura arruivada, cobertos de lenticelos pequenos; folhas pecioladas, elípticas, base e ápice agudos ou arredondados, simples, alternas, mucocaneladas, tendo cada uma estípula axilar; flores fasciculadas, brancas, axilares, reunidas em pequenos cimos; fruto vermelho, oblongo, monocular e monosperma (drupa), e de comprimento máximo de um centímetro. As folhas apresentam gosto um pouco adstringente e amargo.

Essas duas variedades de ipadu apresentam as mesmas propriedades fisioterapêuticas, sendo a do rio Negro, entretanto, a mais pobre em princípio ativo.

COMP. QUÍM.

Foi isolado no ipadu a *cocaína*, alcalóide de fórmula $C_{34}H_{21}AzO_8$; o ácido cocatânico; a *higrina*, que é líquida, volátil e não tóxica, extraída dos resíduos das porções de

onde foi retirada a cocaína; a *cinamilcocaína* e a *iatropilcocaína*, que são alcalóides amorfos, e o éter metílico da *egonina*. As folhas da boa coca, sendo colhidas em certas épocas, encerram de 0.33 a 0.75% de cocaína.

P. EMPR.

Folhas.

FISIO. TERAP.

Estimulante geral, em dose fraca; em dose alta é um paralisante dos centros nervosos, atuando a princípio sobre os hemisférios cerebrais e em seguida sobre o bulbo raquidiano e medula espinhal. Gastralgia; enteralgia; vômitos rebeldes.

O ipadu em dose elevada, porém ainda fisiológica, aumenta a quantidade de urina e uréia emitidas; a temperatura se eleva; a respiração se acelera e as pulsações são mais rápidas.

FARM. E POSOL.

O pó das folhas é de largo emprego entre os naturais. Misturam-no comumente com a "farinha-d'água", ou com as cinzas dos brotos da umbaúba (*Cecropia*). Os naturais mascam o pó, ou as folhas, nas grandes viagens, conservando-os depois no "canto da boca", tendo, porém, o cuidado de não engolir a saliva, que aumenta nessas ocasiões. Conseguem assim a abolição da sede e da fome. O abuso do ipadu ocasiona o desenvolvimento dos músculos da face, produzindo o que os peruanos chamam *piccho*.

Pó das folhas até 6 e 8 gramas por dia, em cápsulas; infusão das folhas 5 a 10%, de gosto amargo, adstringente e

aromática. Tintura[55] de 1/5, álcool a 60°; extrato fluido 1 grama por dia. Elixir, pílulas e vinho.

O vinho de coca, empregado na qualidade de excitante geral, não deve ser aconselhado em começo de refeições, por causa de certa paresia da mucosa do estômago, ficando em notável proporção entravado o apetite.

A cocaína é esplêndida para obtenção da anestesia ocular (colírio); e presta-se a anestesia local e geral. A higrina produz a dilatação da pupila, quase igual a da atropina, porém muito menos persistente e cedendo sem demora com a eserina. Não é anestésica.

IPECA

Cephaelis ipecacuanha. Família das RUBIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Planta lenhosa e de haste rizomatosa sobre o solo, ou elevando-se até 30 centímetros; folhas em número de três a quatro pares, opostas, ovais, levemente acuminadas, pecíolo curto, nervuras salientes na página inferior; flor pequena, branca, em capítulo, hermafrodita, e pedunculada; fruto em drupa, oval e com um só grão. A raiz apresenta a forma cilíndrica, tendo internamente a coloração branco-suja. É planta florestal. Existem três variedades: ipeca anelada, estriada e ondulada. Esta será descrita mais adiante.

Da *cephaelis* recebi exemplares do alto rio Madeira.

COMP. QUÍM.

Encontrara-se na raiz três alcalóides: *psychotrina*, *cefaelina*, enérgico vomitivo, e *emetina*, também vomitiva, possuindo, porém, melhores propriedades como expectorante.

---

55 A tintura de coca é incompatível com a tintura de cola, bem assim os extratos fluidos respectivos, por se formar um precipitado que desaparece pela adição de álcool forte ou ácido cítrico.

Verificam-se mais amido, cera vegetal, resina, oxalato de cálcio e o ácido ipecacuânico, que não é mais do que um glucoside.

A emetina $C_{56}H_{40}AzO_{10}$ é amorfa, e com os ácidos produz sais cristalizáveis; a cefaelina é cristalizável e pouco solúvel; a psicotrina é mais solúvel nos líquidos alcalinos.

P. EMPR.

Raiz.

FISIO. TERAP.

Vomitivo pela cefelina; vomitivo e expectorante pela emetina. A raiz é usada nas diarréias dos países quentes, e disenterias, pelo amido que encerra. Nauseosa, é de útil aplicação nas congestões pulmonares, hemoptises. Coqueluche; asma; pneumonia.

A ação do pó da raiz da ipeca se manifesta do modo seguinte: aspirado, ocasiona escoamento do muco nasal; chegando até as vias respiratórias, produzirá dispnéia, quase um acesso de asma, embora transitório. Ingerida, aparecem náuseas, salivação, suores gerais, palidez e síncope. Na dose de 5 centigramas a 2 gramas os suores são abundantes, com resfriamento da pele, retardamento do pulso, resolução muscular, vômito e efeito purgativo.

FARM. E POSOL.

De 5 decigramas a 2 gramas, em dose fracionada, como vomitivo; infusão a 2%; clister 2 a 10 gramas. – Pós contro-estimulante: ipeca em pó 1 grama, Kermes mineral 50 centigramas, cânfora pulverizada 1 grama. Açúcar de leite pulverizado 10 gramas. D. em 10 papéis. – Use 1 de 2 em 2 horas.

Poção; julepo; pós de Dower; extrato hidro-alcoólico; extrato fluido; extrato fluido privado de emetina; xarope

(codex 1908); tintura (codex 1884 e 1908, fórmula internacional); emetina e outras.

IPECA-DE-MARAJÓ

Hybanthus spec. L. Família das VIOLÁCEAS.

Informam possuir as mesmas propriedades medicinais da ipeca.

IPECA-ONDULADA

Richardsonia brasiliensis Gomes. Família das RUBIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

A ipeca-ondulada é pobre em alcalóides. As raízes são grossas, tendo internamente a coloração branca e aspecto farináceo. São fracas as suas propriedades vomitiva e expectorante, fornecendo, em compensação, melhor resultado na cura de diarréias e disenterias: elas são ricas em amido.

FARM. E POSOL.

As fórmulas em que entram a ipeca são numerosas; registro, porém, aqui a fórmula brasileira contra as disenterias: faça a infusão de 4 a 8 gramas de ipeca para 200 a 250 gramas de água. Esta quantidade é administrada no primeiro dia; no segundo dia essas 4 a 8 gramas serão novamente infundidas em 200 gramas de água, e assim usada; no terceiro, sobre as mesmas gramas de ipeca, deitam-se 200 gramas de água fervendo, misturada bem a ipeca com o líquido, e quando resfriado o todo sem decantar, será servido às colheres de sopa de hora em hora.

É mister não misturar as ipecas com os sais de chumbo, os sais de mercúrio, os ácidos de origem vegetal e as substâncias tanígenas. É preciso a adição de álcool forte

ou de ácido cítrico às preparações líquidas de ipeca (tint. ou extr. fluidos) associadas às de grindélia e de drosera, para ser mantida a mistura em bom estado de limpidez.

JABORANDI

Pilocarpus pinnatifolius Lem. Família das RUTÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto de ramos curtos, folhas alternas e longamente pecioladas, mais ou menos coriáceas, de coloração verde-claro e gosto acre; tendo a nervura mediana levemente saliente, ou plana na face superior e convexa na inferior. A epiderme apresenta uma espessa cutícula, de cristais salientes, constituída por células poligonais, com estômatos e pêlos na face inferior; o mesófilo, heterogêneo e assimétrico, apresenta na face inferior numerosas bolsas secretoras e cristais estrelados. O sistema líbero-lenhoso é formado por dois cordões lenhosos opostos, sendo o superior reto e o inferior arqueado, e cercado por espesso líber e periciclo fibroso.

As flores são hermafroditas, de cor cinzento-amarelada, ou pardacenta, cheiro lembrando o do limão, e formando cachos; fruto formado de 5 cápsulas, deiscentes em 2 válvulas; monospermos; sementes luzidias, negras e sem albúmen.

Existem entre nós vários jaborandis, mas todo o cuidado é pouco para não confundi-los com os jaborandi-ranas ou falsos-jaborandis.

COMP. QUÍM.

As folhas encerram óleo essencial, tanino, ácido jabórico, e três alcalóides: *pilocarpina*, *pilocarpidina* e *isopilocarpina*. O primeiro pode ser encontrado na proporção de 80%, porém na de que tratamos ela somente chega a 50%.

Menciono aqui a riqueza provável em alcalóides dos jaborandis brasileiros:

Pilocarpus[56]	spinatus até	0.15 %
	trachylophus de	0.30 a 0.40
	pinnatifolius de	0.40 a 0.50
	jaborandi de	0.60 a 0.70
	microphyllus de	0.70 a 0.86

Um dos melhores métodos para a dosagem desses alcalóides é o de Kelles – Fromme.

P. EMPR.

Folhas e folíolos. Casca.

FISIO. TERAP.

Diaforético; sialagogo. Estimulante. O jaborandi é o melhor sudorífero conhecido; a proporção que a sudorese se manifesta, aumentam e se tornam abundantes as secreções salivar e brônquica. A pilocarpina é um sudorífero e diurético com ação enérgica nas secreções salivar, lacrimal e sudorífera; produz a contração da pupila. É tóxica; o seu antagônico é a atropina, que neutraliza os efeitos.

FARM. E POSOL.

Pó até 8 gramas por dia; infusão 4:200 ou 300 de água; extrato hidro-alcoólico (Codex 1884) 75 centigramas; extrato fluido – 2 gramas; tintura (Codex 1884 e 1908) 4 gramas. Pilocarpina (cloridr.) inj. hipod.

O jaborandi é o único e verdadeiro sudorífero bem conhecido e estudado.

---

56 É preciso não confundir os bons e verdadeiros jaborandis com as jaborandiranas, em particular com certas PIPERÁCEAS, que chegam a ser vendidas como tal.

Na Amazônia o *Pilocarpus microphyllus* Staff. é impropriamente chamado jaborandi-do-pará.

JACAREÚBA

Calophyllum brasiliensis Camb. Família das GUTIFERÁCEAS (Clusiácea).

CARACT. GERAIS

Árvore florestal de grande desenvolvimento, tendo sido já observado um tronco com o diâmetro de 1m20 e altura de 22 metros; folhas opostas e elípticas; flores em cacho, brancas. A jacareúba é rica em óleo-resina balsâmica.

COMP. QUÍM.

A resina é de coloração esverdeada, solúvel no álcool, no éter, no sulfureto de carbono e na benzina; o óleo essencial é límpido, de cheiro cítrico e agradável, e densidade de 0.82 a 0.84. (A. Matta).

IND. TERAP.

Aplicado, *in natura*, o óleo-resina nas dores reumáticas e sobre as úlceras. Emplastros. Ele produz alguma irritação.

JAMBU[57]

Wulffia stenoglossa Hub. Família das COMPOSTAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto trepador, de caule áspero e folhas opostas; inflorescência em capítulo, com as da periferia liguladas e estéreis, as centrais regulares e hermafroditas, dispostas nas axilas das

57 Não confundir com o agrião-do-pará a que dão também o nome de jambu.

brácteas, cujas pontas são amarelo-alaranjado. Fruto em drupa, de massa suculenta, gosto insípido, envolvendo caroço arredondado, duro, com quatro ângulos salientes, e existindo aí a semente quase toda formada pelo embrião.

P. EMPR.

Toda a planta.

IND. TERAP.

Bom diurético.

FARM. E POSOL.

Infusão 10:500, às colheres todas as horas; tintura até 8 gramas.

JAMBURANA

Arthante tuberculata Miq. Família das PIPERÁCEAS.

SIN.

Betre aromático.

CARACT. GERAIS

Arvoreta de três metros de altura, de ramos verrucosos; folhas de curto pecíolo, ovais ou ovo-oblongas, arredondadas na base, lisas ou pouco pilosas; são aromáticas. Amentilhos eretos e compridos; fruto em baga. A raiz e os amentilhos têm sabor picante.

P. EMPR.

Folhas e raiz.

IND. TERAP.

Sedativo e calmante. Reumatismo.

FARM. E POSOL.

Infusão 10:200, às colheres. Cozimento para banhos de 20 a 30%.

JAPECANGA

Smilax japecanga Gries. Família das ESMILÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Vegetal conhecido, e sucedâneo da salsaparrilha; é uma trepadeira, de caule cilíndrico, com espinhos; folhas verdes ou verde-amarelado; raiz grossa, fendida em toda a sua extensão e com *meditullium* lenhoso.

P. EMPR.

Raiz.

IND. TERAP.

Anti-sifilítico. Depurativo.

FARM. E POSOL.

Extrato fluido até 10 gramas nas 24 horas (Prescrição popular: 50 gramas das raízes recém-colhidas e contundidas para 1 litro de água; macere por 2 ou 3 dias. Use 2 a 3 cálices grandes por dia).

JARAMACARU

Cercus mandacaru. Família das CACTÁCEAS.

SIN.

Mandacaru, jamacaru.

CARACT. GERAIS

Planta que pode atingir grandes proporções. Seus frutos são ovo-oblongos, vermelho-claro ou carmesim, com endocarpo espesso, branco e doce-acídulo. Sementes pequeninas e muito escuras.

P. EMPR.

Caule, flores e frutos.

IND. TERAP.

Bronquite; escorbuto. Emoliente. Xarope do caule e dos frutos. Estes prestam-se ao preparo de bebida refrigerante. O caule aquecido e aplicado nos abcessos e úlceras atua como sedativo e emoliente (Dr. Castro, do Pará).

As flores gozam de propriedades diurética e cardiotônicas.

FARM. E POSOL.

Extrato fluido até 50 centigramas, 3 vezes nas 24 horas. Tintura das flores frescas:

Flores frescas ..... 1 quilo
Álcool a 70º ..... 2 litros

Macere por 8 a 12 dias em vaso fechado, coe para obter 2 litros; filtre e use.

JASMIM-DE-CAIENA

Plumeria alba L. Família das APOCINÁCEAS.

COMP. QUÍM.

A casca encerra óleo fino, resina, glucoside e sais inorgânicos. A glucoside, isolada por Peckolt e Geuther, tem a fórmula de $C_{10}H_{14}O_6$, apresenta-se em cristais fusíveis a 115°, solúveis na água, no álcool, no éter, na benzina e no sulfureto de carbono. Oudemans obteve na seiva desprovida da resina o ácido plumérico $C_{10}H_{10}O_5$, que se dissolve e se decompõe a 130°.

P. EMPR.

Cascas da raiz e do tronco. Seiva.

IND. TERAP.

Depurativo e alterante. Antiblenorrágico. Hidragogo e catártico. Hidropisia. Reumatismo.

FARM. E POSOL.

Decocto 5 a 10 gramas para 200 de água, usar nas 24 horas; ou suco leitoso do tronco, em emulsão até 80 centigramas no mesmo prazo, em casos de hidropisia. A casca do tronco e da raiz, em cozimento a 25%, na blenorragia. Use 4 a 6 copos por dia. A seiva é aplicada em fricções no reumatismo articular.

JATOBÁ

Hymenaea stilbocarpa Hayne. Família das LEGUMINOSAS.

Vide jutaí, cujas propriedades e produto resinólico (copal) são idênticos.

JATUAÚBA

Guarea spec.; *G. trichilioides* L. Família das MELIÁCEAS.

SIN.

Camboatá.

CARACT. GERAIS

Árvore frondosa e apropriada às alamedas. Folhas paripenadas; nos galhos rebentos terminais; flores esbranquiçadas ou róseas, e em panículas racemiformes; fruto piriforme, em dura cápsula. Encontram-se de ordinário três variedades de jatuaúba: a preta – *G. costulata* D. C.; a branca – *G. trichilioides* L., e a vermelha. As cascas do tronco e da raiz são amargas e adstringentes.

Das trinta variedades de jatuaúbas do Brasil, encontram-se dezenove no vale do Amazonas.

P. EMPR.

Cascas.

IND. TERAP.

Propriedades e indicações idênticas às da ergotina (Dr. Lobão Júnior). Ação violenta sobre o útero em doses fortes. O xarope é empregado nas broncorréias. Extrato fluido.

(Embora bastante empregada a jatuaúba pelos naturais, desconheço o modo de aplicação. Seria de grande conveniência o seu estudo fisioterapêutico).

JENIPAPEIRO[58]

Genipa americana Vell. e L. Família das RUBIÁCEAS.

58 Não conheço a *Tecoyena formosa* Schum, da mesma família, e a que o vulgo dá o nome de jenipapo-do-campo.

SIN.

Huito na fronteira peruana; nhandipá na fronteira mato-grossense (Paraguai?).

CARACT. GERAIS

Árvore de grande desenvolvimento no Amazonas, onde é considerada indígena. Folhas opostas, oblongas e luzidias; flores grandes e de coloração amarela; fruto do tamanho de uma laranja, de casca rugosa e mole, quando maduro, aromático, de cor escura e sabor acídulo. No endocarpo existem as sementes, achatadas e duras.

COMP. QUÍM.

Jenipapina, obtida por M. Oliveira; e um ácido, quando o fruto mal sazonado. A fermentação do pericarpo e do arilo polposo que circunda a semente produz álcool.

P. EMPR.

Raiz; cascas do tronco. Fruto.

IND. TERAP.

A raiz é purgativa; o cozimento das cascas é usado nas feridas escorbúticas. O fruto é estomáquico e diurético.

As aplicações usuais são o vinho, o licor e o elixir.

JENIPARANA

Gustavia augusta L. Família das LECITIDÁCEAS.

SIN.

Sacha-chope na fronteira peruana.

CARACT. GERAIS

Bonita árvore do Amazonas, de folhas grandes; flores odoríferas, brancas; fruto semelhante ao da sapucainha, exteriormente, não sendo, porém, lenhoso. Raiz aromática e de gosto amargo.

P. EMPR.

Raiz e folhas.

IND. TERAP.

Desobstruente. Icterícia. As folhas aplicadas *in loco dolenti* atuam como descongestionante e resolutivo.

POSOL.

Infusão ou cozimento de 10 a 15%.

JENIPARANA-DA-MATA

Gustavia pterocarpa Poit. Família das LECITIDÁCIAS.

Aplicação idêntica.

JERIMUM

Lagenaria v. sp. Família das CUCURBITÁCEAS.

SIN.

Abóbora.

COMP. QUÍM.

As sementes encerram óleo pingue, ácido cucúrbico, sais inorgânicos, ácidos inorgânicos, goma e outras substâncias (G. Peckolt).

Heckel encontrou nas sementes, na película esverdeada que as envolve, a *pepo-resina*, variando em quantidade de 80

centigramas a uma grama em 250 gramas de semente (Dujardin Beaumetz). Cada 100 gramas deve encerrar, termo médio, 40 centigramas de pepo-resina, considerada princípio ativo.

P. EMPR.

Sementes.

IND. TERAP.

Tênia (solitária).

POSOL.

Use em jejum de 40 a 100 gramas das sementes em um pouco de leite, e 1 a 2 horas depois um purgante de óleo de rícino.

JOÃO-MOLE

Pisonia tomentosa Cas. Família das NICTAGINÁCEAS.

SIN.

Pau-de-lepra.

CARACT. GERAIS

Árvore de 6 a 9 metros de altura; de folhas opostas ou subopostas, pecíolo curto, ovo-oblongas, rugosas; inflorescência terminal em cimeira corimbiforme; fruto ovo-oblongo. As folhas ocasionam irritação da pele, intenso prurido e até descamação.

O cozimento das folhas é aplicado nas úlceras atônicas e indolentes.

JORRO-JORRO

Thevetia nerufolia Juss. Família das APOCINÁCEAS.

COMP. QUÍM.

Thevetina, pó branco, muito amargo, de fórmula $C_{54}H_{34}O_{24}$, solúvel a 14° em 122 partes de água, solúvel no álcool e insolúvel no éter; é um glucoside isolado por Blas. As sementes encerram 35 a 41% de óleo (De Vry) e 57% quando tratadas pelo benzol; é claro, transparente, densidade 0.9148 a 25°, solidificando-se a 13°. Ele encerra 63% de trioleína e 37% de tripalmina e tristearina (Oudemans). De Vry nele obteve a *thevetina* na proporção de 4%. Esta, fervida em solução ácida, se transforma em *theveresina*, substância amorfa, branca, fortemente solúvel na água fervendo, no álcool, insolúvel na benzina e no clorofórmio. É bastante amarga e tem por fórmula $C_{48}H_{70}O_{17}$. São tóxicos.

P. EMPR.

Sementes; cascas da haste.

IND. TERAP.

Emetocatártico, em pequena dose. A casca é antiperiódica (Descourlitz, Bidie e Short).

A *thevetina* e *theveresina* são poderosos venenos narcóticos, tóxicos do músculo cardíaco, detendo-o em sístole. Quando injetados, se dá a eliminação pelo fígado, não sendo encontrado na urina.

FARM. E POSOL.

Tintura 1:5, até 15 gotas. Extrato fluido até 20 centigramas nas 24 horas, dose que não deve ser excedida.

JUCÁ

Caesalpinia ferrea M. Família das LEGUMINOSAS-COESALP.

SIN.

Pau-de-iucá.

CARACT. GERAIS

Árvore de rijo caule, arroxeado ou castanho; folhas ovais, dispostas em palma; flores em cacho piramidal; fruto em vagem, encerrando duas sementes envoltas em polpa comestível.

P. EMPR.

Cascas da haste e da raiz quando recém-colhidas. Sementes.

IND. TERAP.

Afecções broncopulmonares. A infusão das cascas é empregada na América do Norte contra as cólicas intestinais. Anti-sifilítico (cascas)? Diabetes (Dr. O. de Freitas); tintura alcoólica da entrecasca. Hemoptises.

FARM. E POSOL.

Infusão das cascas 4 a 8:500. Extrato fluido até 2 gramas. Tintura até 8 gramas.

JUPICAÍ

Xiris laxifolia M. Família das XIRIDÉAS.

SIN.

Erva-de-impigem.

CARACT. GERAIS

Planta de lugares úmidos; folhas lineares; flores em capítulos; fruto em cápsula, encerrando numerosas sementes.

P. EMPR.

Toda a planta. Seiva.

IND. TERAP.

Dartros; eczemas. Impingens; a seiva aplicada dá bom resultado. O cozimento de toda a planta e da fava de *Nossalia robusta* seria vantajoso (?) para combater a lepra, em dose de 1 cálice todas as horas.

JUQUIRI

Drepanocarpus ferox Benth. Família das LEGUMINOSAS-DALBÉRGIAS.

Arbusto dos arredores de Manaus, de folhas miúdas e vicejando nos lugares úmidos.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Resolutivo. Fazem pasta das folhas, e aplicam sob forma de emplastro.

JUQUIRI-UAÇU

Machaerium spec. Família das LEGUMINOSAS-DALBÉRGIAS.

Dizem ser aconselhado, e com vantagem, em casos de leucorréias e uretrites.

JURUBEBA

Solanum paniculatum Mart., *S. grandiflorum* Ruiz e Pavon. Família das SOLANÁCEAS.

SIN.

Juripeba, jubeba.

CARACT. GERAIS

Subarbusto de folhas sinuosas, angulares, glabras no limbo, tomentosas no dorso; flores terminais em panícula; fruto esverdeado, laceiforme, mucilaginoso, de gosto amargo; sementes numerosas.

COMP. QUÍM.

Na jurubeba encontram-se um alcalóide: *jurubebina*, e duas resinas: *jubebina*, talvez de ação análoga a da podofilina, e a *jupebina*, quase inerte (D. Freire). Mucilagem em abundância.

P. IMPR.

Folhas. Suco das folhas. Fruto e raiz (vinho e elixir).

IND. TERAP.

Bom desobstruente. Tônico amargo. Magnífico para combater a icterícia, o engorgitamento e inflamações do fígado e do baço. Alterante, vulnerário e diurético.

FARM. E POSOL.

Extrato fluido até 3 gramas por dia. Infusão 1 a 4:500. Tintura 6 gramas. Elixir, xarope e vinho.

A seguinte fórmula é muito boa:

Pepsina . . . . . 25 centigramas
Vieirina . . . . . 1 grama
Extr. de jurubeba . . . . . 50 centigramas
P. 10 pílulas. Use 1 em cada refeição.

Outra:

Xarope de chicórea ..... 200 gramas

Acetato de potássio ..... } āā
Extrato de jurubeba ..... } 3 gramas

3 colheres por dia. De ótimo emprego na infância.
Pomada 4 a 6:30.

JUTAÍ[59]

Hymenaea courbaril L. Família das LEGUMINOSAS-COESALP.

SIN.

Copal-do-brasil, jatubá, jutaí-uva, jutaí-uaçu, jatobá.

CARACT. GERAIS

Árvore de grande porte, florescendo em março. Fornece dura resina, esbranquiçada e transparente. Apresenta folhas alternas pecioladas, ovo-lanceoladas e luzidias, de pecíolos insimétricos; o fruto, roxo-escuro, contém pouca resina. É uma silícula indeiscente, reniforme, dura, rugosa, pergaminhácea na superfície, com 4 a 5 sementes envolvidas em um arilo de cor verde, adocicado, e saboroso para a meninada. Das incisões feitas nos galhos e tronco corre a resina, em forma de lágrimas, de cor amarela, de brilho vítreo, e que é recolhida em pedaços agregados e lustrosos, de cheiro agradável. Das esco-

---

59 Existem vários jatobás, sendo o mais conhecido o grande jatobá ou jutaí-uaçu; os outros mais comuns são o jutaí-mirim – *H. microcarpa* Hub, n. sp.; o jutaí-pororoca – *H. pororoca* Hub., n. sp.; e o jutaí-do-campo – *H. parvifolia* Hub., também nova sp.
Jutaícica ou jutaícica e copal são sinomínias dadas pelo vulgo à resina da *H. courbaril*, embora o nome de copal, ou lacre, seja dado de preferência aos *Protiuns* da zona peruana; entretanto a resina dos *Protiuns heptaphylluns* (Aubl) March., P. Duckei e outros, da família das BURSERÁCEAS, têm outras sinonímias, tais breu-branco, breu-preto, breu-jauaricica e sucuriú. Bonotom é o nome dado à resina aromatizada da *H. courbaril*.

riações da raiz ou da base do tronco exsuda a resina, que fica às vezes envolta na terra durante muito tempo, até fossilizada. Apresenta-se sob a forma de nódulos duros, de grandeza variável, formato irregular, de coloração esbranquiçada ou cinzenta. Esses pedaços de copal são envoltos em delgada camada de terra oxidada e friável; cortados, nota-se a coloração brilhante e vítrea do jutaí e de surpreendente limpidez.

COMP. QUÍM.

Resina, goma, óleo especial, glucose e manita, dextrina, celulose e matéria albuminosa, resina solúvel no terpineol (que é um derivado da essência de terebentina) dando bom verniz (Texier). Nos cotilédones encontra-se substância amilóide (A. Matta).

P. EMPR.

Resina. Cascas e raiz.

IND. TERAP.

Sedativo arterial. Expectorante. Adstringente. Carminativo. A polpa do fruto é levemente purgativa.

FARM. E POSOL.

Extrato fluido até 6 gramas por dia. A resina é um bom expectorante e os naturais perfuram até o tronco para extraí-la. Tintura das cascas e raiz 1:5 com álcool a 60°, até 3 gramas por dia.

JUTAIRANA

Crudya parivoa D. C., e *Cynometra spruceana* Benth., da mesma família.

Sem aplicação.

JUUNA

Solanum juripepa Rich? Família das SOLANÁCEAS.

Uso idêntico ao da jurubeba, sendo, porém, menos ativa.

LABAÇA

Rumex crispus L. Família das POLIGONÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Planta de 2 metros de altura; caule amarelo; flor pequena e esverdeada; a raiz é roxa exteriormente, e quando cortada apresenta a porção interior amarela sendo recém-colhida, e esbranquiçada quando a raiz seca. As folhas são ácidas, e podem ser usadas na alimentação.

COMP. QUÍM.

Na raiz Boucquillon encontrou um alcalóide – a *rumicina*. Nela existem mais uma resina e tanino.

P. EMPR.

Raiz.

IND. TERAP.

Alterante e depurativo. Tônico. Recomendado na obesidade (?).

FARM. E POSOL.

Tintura 1:5, até 20 gotas; rumicina até 2 centigramas, dose para 24 horas. Infusão a 20%; filtre e use.

LÁGRIMAS-DE-NOSSA-SENHORA

Coix lagrima L. Família das GRAMÍNEAS.

COMP. QUÍM.

As sementes dessa gramínea, muito semelhantes às do milho, encerram óleo gráxeo, resina, glúten, albumina, glucose, ácido málico, dextrina, e celulose (Peckolt). As sementes secas encerram por cento g 0.650 de azoto.

P. EMPR.

Sementes.

IND. TERAP.

Analéptico. Emoliente e diurético. Afecções catarrais. Reumatismo (fricções com a tintura).

FARM. E POSOL.

Tintura a 1:5, até 20 gramas por dia; decocto de 50 das sementes para 1000 gramas de água. Aos cálices.

LARANJA-AMARGA[60]

Citrus vulgaris Risso. Família das AURANTIÁCEAS.

SIN.

Laranjeira-da-terra.

CARACT. GERAIS

Árvore conhecida e estimada, de folhas ovo-lanceoladas, vértice acuminado, pecíolo curto, coriáceas, limbo glabro; flor branca e odorífera, e de que se fabrica a essência; fruto tão apreciado para doce (hesperidia).

---

60 Desconheço a aplicação da laranja-do-mato – *Cordia salicyfolia* Cham., da família das CORDIÁCEAS, e da laranjarana *Cassipourea guyanensis* Aubl., que é uma RIZOFORÁCEA.

COMP. QUÍM.

Encerra o fruto três glucosides: a *hesperidina*, a *isoesperidina*, e *auranciamarina*, além do óleo essencial. A última glucoside deve ao fruto o sabor amargo.

P. EMPR.

Folhas, flores e fruto. Cascas.

IND. TERAP.

Sedativo. Antispasmódico. Estomáquico. Tônico.

FARM. E POSOL.

Pó das cascas até 8 gramas por dia; infusão das folhas de 5 a 10:500; xarope 35:965; extrato fluido até 10 gramas por dia. Água destilada das flores. O óleo essencial chamado *neroli* é somente usado em perfumaria.

Os xaropes da casca da laranja azeda são incompatíveis com os fosfatos alcalino terrosos, de reação ácida, bem assim com os álcalis.

LIAMBA

Cannabis sativa L.

SIN.

Nadiamba, dirijo, aliamba.

CARACT. GERAIS

Planta perigosa, com as mesmas propriedades da *C. indica*. Vide maricáua.

LIMOEIRO

Citrus limonum Risso. Família das AURANTIÁCEAS.

Árvore conhecida, de propriedades medicinais inestimáveis, além de uso diário na arte culinária.

COMP. QUÍM.

As cascas do fruto contêm óleo essencial volátil ($C_{10}H_8$), bem assim as folhas e flores, e mais hesperidina, aurantina e ácido gálico. O suco[61] do limão é rico em ácidos cítrico e málico, goma e matéria extrativa amarga. As sementes encerram substância cristalina muito amarga, denominada *limonina* (Grousourdy), e mais óleo fixo, albumina, goma e emulsina.

P. EMPR.

Fruto (casca e suco). Folhas.

IND. TERAP.

Sudorífero; estomáquico. Antiescorbútico. Antifebril (gripe, bronquite, resfriamentos). Desalterante e diurético.

O suco do limão é antiescorbútico; o fruto mal sazonado, cortado em fatias e feita a infusão é um bom sudorífero e antifebril. Empregado por mim freqüentemente nos resfriamentos e acessos de gripe, chegando muita vez a modificar de modo sensível a sua marcha. Também a infusão das folhas dá idêntico resultado. A limonada serve para gargarejo e para desinfetar as fossas nasais; é também proveitosa, e por mim aplicada, comumente, em doentes impaludados, e quando o enfermo está usando a quinina por via gástrica ela atua como corretivo e bom estomáquico.

---

61 Aplicando-se algumas gotas do suco do limão em pequena quantidade de qualquer pó, de que as senhoras usam e abusam tanto nas toaletes, e aparecendo efervescência, deve logo semelhante pó ser abandonado, porque sem dúvida alguma ele encerra ingredientes que irão irritar e prejudicar a epiderme.
Outrossim, quando o suco do limão é usado internamente não se o deve misturar com os álcalis, carbonatos alcalinos, sais de cálcio (decompõem-se com a formação de citratos), as emulsões e o leite.

Como desalterante acho que o limão é insubstituível na Amazônia.

Esse fruto goza da propriedade de aumentar a diurese, começando o doente a usar um limão inteiro no primeiro dia; um e meio no segundo e assim por diante até três limões por dia, voltando a dose primitiva na mesma progressão e assim continuando outra vez (Obs. dos Drs. Trinkorshy, da Rússia, e N. Tchigaier, da Acad. Med. Militar de S. Petersburgo).

O limão é também indicado no reumatismo, na podagra, em certas dispepsias, algumas afecções hepáticas e na diátese hemorrágica, do modo seguinte (Dr. Linossier, de Vichy): no primeiro dia o enfermo ingere o suco de dois limões, aumentando em cada dia dois limões até o limite de tolerância, quando será a dose diminuída até dois limões outra vez. Decorrido prazo razoável será reiniciado o método até que seja consumido o suco de 200 limões, ficando assim terminado o tratamento.

A cura com o limão pertence à tríade da cura das frutas: uvas, morangos e limões.

O Dr. Gazin aconselha a mistura do suco de limão e do alho para combater o crupe; e o Dr. Bouchardat, o do limão somente para combater o edema albuminúrico e as metrorragias.

É de eficácia para destruir as caspas, e sanar os inconvenientes de picadas de insetos, miriápodos e outros pequenos animais. Registro nesses casos o seu proveitoso emprego.

A água com algumas gotas de limão é um dentifrício bom e barato.

POSOL.

Extrato fluido até 10 gramas em um copo com água e açúcar. Suco à vontade.

O citrato de sódio só, ou associado ao fosfato de sódio, dá bom resultado nas flebites (Chantemesse, Martinet e outros), nos edemas generalizados com albuminúria (Hemenway) (Wright) e no edema do faringe (Hemenway).

Como atua o ácido cítrico? Diminuindo a viscosidade do sangue, favorecendo a rapidez da circulação capilar, e assim as trocas entre os elementos do sangue e os tecidos serão feitas normalmente; diminui o trabalho do coração, faz desaparecer a estase, ou certas congestões ativas. "Os citratos fazem, modificando o estado do sangue, o que os nitratos realizam dilatando os capilares".

Fórmulas:

Ácido cítrico . . . . . 30 gramas
Fosfato de sódio . . . . . 10 a 20 gramas
Hidrolato simples . . . . . 150 gramas

3 colheres de chá por dia, meia hora antes das principais refeições.

Se o enfermo é gotoso ou reumático:

Citrato de sódio . . . . . 30 gramas
Salicilato de sódio . . . . . 10 gramas
Hidrolato simples . . . . . 120 gramas

3 colheres de chá em meio copo de água meia hora antes de cada refeição.

Quando o enfermo é anêmico:

Ácido cítrico . . . . . 15 gramas
Citrato de ferro . . . . . 4 gramas
Água . . . . . 120 gramas

Mesma dose.

LÍRIO

Hedychium... Família das ZINGIBERÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Planta vulgar e até de jardim, formando os pseudocolmos, que são carnosos, verdadeiras toiças. As folhas são invaginantes, lanceoladas, compridas; inflorescência em panícula racemosa; flores grandes, brancas e odoríferas, tendo o cálice tubuloso; fruto em cápsula, com sementes ariladas. Rizoma tuberoso, de cor branca interiormente e de sabor picante.

COMP. QUÍM.

O rizoma contém amido, glucose, substâncias albuminóides, resina, sais inorgânicos, e um óleo pingue, amarelo, de cheiro *sui generis* e gosto amargo.

P. EMPR.

Rizoma (raiz).

IND. TERAP.

Tônico. Anti-reumático.

FARM. E POSOL.

Cozimento do rizoma de 30:250, 1 cálice de hora em hora para combater o reumatismo; alcoolatura, partes iguais do rizoma e raízes frescas e álcool a 40°, de 10 a 25 gotas três vezes por dia. Tônico em uso interno; externamente em fricções nas dores reumáticas. Substitui a galanga.

LOURO-CANELA

Laurus cinnamonun L. Família das LAURÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore sempre verde, chegando às vezes a ter mais de 9 metros de altura; folhas pecioladas, quase opostas, ovo-

oblongas, lanceoladas e coriáceas; flores regulares, hermafroditas, branco-amareladas, pequenas, dispostas em cacho; fruto em baga.

COMP. QUÍM.

Amido, matéria corante, ácidos cinâmico e tânico, óleo volátil. Este é um líquido amarelo-claro, de aroma suave, solúvel no álcool, cristalizando com adição do ácido azótico.

P. EMPR.

Cascas.

FISIO. TERAP.

Excitante nas doenças do intestino e estômago; dispepsias flatulentas. Bom carminativo. Período adinâmico das doenças infecciosas. Elixir e opiato dentifrício. Condimento.

Ao tanino e, principalmente, ao óleo volátil deve a canela as suas propriedades fisiológicas excitantes; ela aumenta a contratilidade da túnica muscular do intestino, e as secreções gástricas. O aumento das calorias e da excitação geral do sistema neuromuscular depende da quantidade empregada.

FARM. E POSOL.

Pó de 6 a 20 decigramas; água destilada e água alcoolizada de canela; alcoolato, de 4 a 20 gramas; tintura de 4 a 30 gramas; infusão 4 a 10%; xarope até 35 gramas; vinho até 100 gramas; essência até 3 gotas.

Os sais metálicos e os alcalóides são incompatíveis com a canela.

MAÇARANDUBA

Mimusops amazonica Hub. Família das SAPOTÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de grande desenvolvimento, atingindo de ordinário mais de 20 metros de altura e fornecendo madeira de lei. É da terra firme ou de lugares altos, tronco de grande diâmetro, fornecendo seiva leitosa; tem as folhas oblongas, quase coriáceas; fruto com saborosa polpa.

COMP. QUÍM.

O látex[62] encerra tanino, substância azotada, resina solúvel no éter e na essência de terebentina, e uma substância análoga à "borracha" (A. Matta).

P. EMPR.

Seiva leitosa.

IND. TERAP.

Enfraquecimento pulmonar. Tuberculose. Emplastro nas doenças broncopulmonares.

MALÍCIA-DAS-MULHERES

Mimosa pudica L. Família das LEGUMINOSAS-MIMOSÁCEAS.

---

62 Preparam borracha com o leite da maçaranduba, a que dão o nome de "balata". Ele constitui alimento no interior do Amazonas, quando misturado com o mel de abelhas, o leite de vaca ou o condensado, e até com o chá. Os índios usam o mel de abelhas e o látex, sendo este na dose de 60 a 80 gramas duas vezes por dia. É um alimento respiratório.
Torna-se necessário não confundir a *M. amazonica* com a *M. maparajuba* Hub.; – a madeira desta não possui a rijeza e muito menos o peso específico daquela.

SIN.

Inquiri, sensitiva.

CARACT. GERAIS

Subarbusto cujos folíolos fecham e dobram-se ao menor contato; folhas pequenas e compostas. As flores são róseas e em capítulo; fruto em vagem, de pequeno tamanho. A planta é sensível ao clorofórmio.

COMP. QUÍM.

A sensitiva encerra um princípio ativo de ação hipnótica (?); um princípio extrativo e mucilagem (Descourlitz); substância tânica (Th. Peckolt).

P. EMPR.

Folhas e raiz.

IND. TERAP.

Purgativo. Excitante (?). Resolutivo, em uso externo (cataplasmas). Gargarejos nas anginas. (Drs. Silva, pai e filho). Hemoptises.

FARM. E POSOL.

Folhas 30 gramas, ou 15 da raiz para 200 de água, com efeito purgativo; extrato fluido de 1 a 2 gramas por dia. Cataplasmas feitas com o extrato fluido 40:500; cozimento de toda a planta para gargarejos.

O suco das folhas ou da raiz é um tóxico; na dose de 100 gramas produz violenta congestão para os órgãos genésicos (priapismo) e morte.

A *Mimosa pudica* não deve ser empregada senão com muito cuidado. As fórmulas seguintes são boas (Dr. José Silva):

Rp:

Iodofórmio . . . . . } āā
Extrato de cicuta . . . . . } 5 milig.mas
D. de mimosa . . . . . 25 centig.mas

P. 1 pílula, 3 pela manhã e 3 à noite.

Outra:

Iodeto de cálcio . . . . . 1 centig.ma
Extrato de jurubeba . . . . . 10 centig.mas
Dito de mimosa . . . . . 15 centig.mas

P. 1 pílula. M. 30 – 5 por dia.

Gargarejo detersivo (Dr. Érico Coelho):

Decocto de sensitiva . . . . . 500 gramas
Glicoborato de sódio . . . . . 10 gramas

F. gargarejos.

Outra contra a amigdalite (Dr. Pires Farinha):

Infusão de sensitiva . . . . . 500 gramas
Borato de sódio . . . . . } āā
Clorato de potássio . . . . . } 8 gramas
Glicerina . . . . . 30 gramas

F. s. a. para gargarejos repetidos.

MALVA-BRANCA

Sida carpinifolia L. Família das MALVÁCEAS.

COMP. QUÍM.

Tanino, substância mucilaginosa. A raiz tratada por sais de ferro dá a coloração azul; contém asparagina.

P. EMPR.

Folhas e raiz. Suco da raiz.

IND. TERAP.

A raiz, por suas propriedades adstringente, emoliente e tônica, é aconselhada em decocto nas moléstias das vias urinárias e casos de enterite. Diaforético. Em uso externo na blenorragia. Espermatorréia.

POSOL.

Decocto de 10 a 60 gramas da folha ou raiz para 1 litro de água. Use 1 cálice todas as horas.

MALVAÍSCO

Sida micrante St. Hil. Família das MALVÁCEAS.

SIN.

Vassourinha-de-flor-miúda.

P. EMPR.

Toda a planta.

O xarope é de largo emprego pelo povo nas bronquites.

MALVA-SILVESTRE

Malva silvestris L. Família das MALVÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto constituído por glandes mucilaginosas, unicelulares, localizadas no parênquima, na medula e no limbo das folhas. Na epiderme existem pêlos. Folhas alternas, pecioladas; flor de coloração rósea e raiada de vermelho; fruto com sementes reniformes.

COMP. QUÍM.

A planta é riquíssima em mucilagem muito densa e adocicada.

P. EMPR.

Folhas e flores.

IND. TERAP.

As folhas são emolientes e as flores béquicas. Ótimo para as crianças até 6 anos de idade.

FARM. E POSOL.

Infusão das folhas 10:1000; decocto 20 a 30%; uso interno e externo. Cataplasmas com as folhas recém-colhidas e levemente aquecidas. Infusão das flores a 10%.

MAMOEIRO

Carica papaya L. Família das PAPAIÁCEAS (PASSIFLORÁCEAS).

CARACT. GERAIS

Existem duas variedades: – o mamoeiro-macho – *C. papaya* L., e o mamoeiro-fêmea – *C. mamaya* Vell., atingindo ambos grande altura. Árvore dióica, de folhas grandes, digitolobadas, longamente pecioladas; flores em compridos pedúnculos no mamoeiro-macho, também chamado de corda, e de cuja extremidade penderão os frutos (bagas), que são ocos, de polpa doce e sementes pretas. Não são apreciados, o que não acontece com os frutos do mamoeiro comum ou fêmea, que são mais ou menos arredondados, ou bastante alongados, e agarrados no tronco por sua parte superior, que

é menos volumosa. Quando maduro é opima sobremesa ou merenda; quando verde serve para o fabrico de doce, ou condimento, não só para tornar a carne mais cozida e saborosa, ou como sucedâneo de um legume – o chuchu. É um fermento digestivo incomparável, dispensando até o meio ácido, o que não se dá com a pepsina.

O mamoeiro é certamente indígena na região tropical da América.

COMP. QUÍM.

Linger encontrou no leite do mamoeiro-macho:

Água	8.400 gramas
Resina	0.310 gramas
Albumina	0.080 gramas
Açúcar não-cristalizado	1.000 gramas
Papaína	0.010 gramas
Óleo, ácidos málico, oxálico e extratos	0.200 gramas

O látex de ambas as variedades de mamoeiro encerra a papaína ou *caricina*. A glória e honra da descoberta pertencem ao brasileiro Dr. Moncorvo pai, sendo Peckolt o vulgarizador do processo de extração, que, em síntese, consiste no seguinte: trata-se o látex pela água; filtra-se; precipita-se pelo álcool absoluto, deixa-se depositar e depois será decantado. A massa branca assim obtida e lavada no álcool é, por várias vezes, seca no vazio. Nela serão encontradas duas substâncias: uma em cristais diminutíssimos, reunidos a outros princípios, e outra amorfa. A papaína assim conseguida possui ação digestiva muito forte (Moncorvo), equivalendo à pepsina e à pancreatina. O próprio látex basta

"para transformar o músculo em peptona ao simples contato" (Felício dos Santos). A papaína tem a propriedade de transformar em peptona os albuminóides, seja em meio francamente ácido, alcalino ou neutro, e assim em muito supera à pepsina, que só atua em meio ácido.

As folhas contêm outro alcalóide – a *carpaína*.

P. EMPR.

Látex. Toda a planta.

IND. TERAP.

As sementes são vermífugas; as folhas têm propriedades sedativas e calmantes, mas dizem ser tóxicas em dose alta; a raiz recém-colhida é rubefaciente; o látex, que fornece a papaína, possui preciosas propriedades e indicações na medicina indígena, servindo para destruir os calos, as verrugas; faz desaparecer as manchas furfuráceas de rosto, sendo nesse caso conveniente a solução; e também em falta de outros meios servirá para dissolver as placas diftéricas.

Ótimo digestivo; diminui a acidez da saliva; dissolve a carne, a fibrina, as albuminas e o glúten.

FARM. E POSOL.

Anti-helmíntico.

Rp:
Seiva leitosa do mamoeiro e
mel comum . . . . . āā 20 gramas
J. devagar, agitando sempre a mistura e d.:
Água fervendo . . . . . 80 gramas

Resfriado, aplique a um adulto, seguindo-se-lhe sem demora uma dose de 50 gramas de óleo de rícino. Para um menino metade da dose.

Esta fórmula ocasiona cólicas às vezes intensas, sendo preferível a indicação seguinte, que serviria até para expelir a tênia: 20 a 60 gotas de exsudado em um pouco de água adoçada.

Na difteria, solução de papaína a 4%, látex *in natura*, ou a fórmula seguinte:

Uso externo.

Rp:

Papaína ..... 1 grama

Borax ..... 50 centigramas

Hidrolato simples ..... 15 gramas

M. M.

O Dr. Daruty aplica-a nos casos de eczema e psoríasis.

Fórmula do xarope:

Extrato fluido ..... 5 gramas

Xarope simples ..... 975 gramas

M. M.

Papaína na dose de 10 a 40 centigramas em diferentes veículos.

Registro as observações por mim feitas do bom resultado que obtive com o emprego do látex no tratamento das úlceras em doentes da região do Acre e rio Beni e tão semelhantes às de Bauru, de São Paulo, e por mim identificadas as "Leishmanioses ulcerosas" (1910).

A ação fisiológica da papaína em uso interno é neutralizada por uma quantidade superior a 0.05% de ácido clorídrico. A papaína é contra-indicada nos casos de úlceras gástricas.

MANACÃ[63]

Franciscea uniflora Pohl. Família das ESCROFULARIÁCEAS.

SIN.

Manacá, gerataca.

CARACT. GERAIS

Pequena árvore ramificada, de folhas ovais e oblongas, agudas ou obtusas; flores em geral solitárias e de cores variadas, tendo o cálice tubuloso e campanulado.

COMP. QUÍM.

Encerra matéria corante extrativa e um princípio ativo – *manacina*, de fórmula $C_{14}H_{23}Az_4O_5$, solúvel no álcool e na água; e um glucoside a – *esculina*, solúvel a quente nesses mesmos veículos. Brandt isolou um segundo alcalóide, – *manaceína* $C_{15}H_{25}Az_2O_9$.

P. EMPR.

Raiz.

IND. TERAP.

Anti-sifilítico e anti-reumático. Alterante, anti-séptico e purgativo. Diurético.

A manaceína possui propriedades purgativa, diurética e emenagoga. A raiz é um anti-sifílico, e alterante poderoso no reumatismo poliarticular.

---

63 Existe entre as SOLANÁCEAS uma planta com as mesmas propriedades do manacã – a *Brunfelsia latifolia* (Pohl) Benth., arbusto de flores roxas, e que pouco depois se tornam esbranquiçadas. Da mesma família e com idêntico uso é a *B. guyanensis* Benth.

O Dr. Caldwell tratou com o extrato fluido 35 doentes atacados de reumatismo, obtendo sempre bons resultados, em particular nos casos subagudos. Ele e o Dr. Gottheil sempre usaram o extrato fluido até a dose de 2 gramas por dia, sendo esta última dose nos casos de reumatismo crônico. É corrente o emprego do manacã nos E. U. da América do Norte.

Prescrevi o extrato fluido em nove doentes, sendo 5 de reumatismo articular e 4 de reumatismo poliarticular, obtendo resultados muito lisonjeiros em todos eles. Em dois casos de sífilis, fase primeira, com o extrato fluido nas doses de 25 a 50 centigramas os resultados foram idênticos.

FARM. E POSOL.

Raiz em pó, diurético na dose de 1 a 3 gramas; purgativo e emenagago em dose elevada. Decocto 30%; extrato fluido até 50 centigramas, 3 vezes por dia; xarope até 80 gramas por dia.

MANDIOCA[64]

Manihot utilissima Pohl. Família das EUFORBIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Subarbusto de 2 a 3 metros, monóico, de raiz tuberosa, atingindo às vezes mais de um metro de comprimento; folhas

---

64 A tapioca encerra 85.35 U. N.; 0.37 Az.; 0.17 G.; 84.56 H. Temos também fornecendo abundante fécula, e constituindo bom alimento o aipim – *Manihot aipi* Pohl. Não é tóxico.
Dos principais derivados da mandioca temos a farinha-seca, a farinha-d'água, a tapioca, o tucupi (caldo azedo), o tacacá, a manipuera (caldo adocicado), o caxiri (produto de fermentação), e o arubé (condimento). (Não entro em particularidades para explicar o preparo da farinha de mandioca, ou a de suruí. Torna-se, entretanto, indispensável registrar que a ação do calor elimina qualquer quantidade de ácido cianídrico, ou maniotoxina, que possa ter ficado, a despeito das sucessivas lavagens a que a massa é submetida). Mandioca "puba" é aquela que foi submetida à franca fermentação.

longamente pecioladas, alternas, palmadas, de 3 a 7 lóbulos; flores em cacho; fruto em cápsula.

COMP. QUÍM.

A raiz é riquíssima em fécula, e exsuda um suco branco, lactescente, de gosto amargo e muito venenoso. Ela contém: ácido cianídrico, fécula, sal de magnésio, ácido orgânico, princípio amargo, substância gráxea cristalizável, osmazoma, fosfato e fibra lenhosa. O ácido cianídrico torna muito venenosa a raiz da mandioca.

Convém registrar ter sido isolado por Peckolt, maxime na mandioca de gosto agridoce, um ácido semelhante àquele, e que é o ácido maniótico, de propriedade tóxica, bem assim a psicolitina e a maniotina, sendo esta suscetível de cristalização.

P. EMPR.

Fécula.

IND. TERAP.

Cataplasma emoliente americana; refrigerante (jacuba). Alimento: manjar, caldos, mingau, grude, etc. O polvilho em água e açúcar, é recurso sertanejo para combater as irritações intestinais e acessos hemorroidários. Torna-se prejudicialismo ajuntar cachaça, o que aliás é tão comum.

MANGARATAIA[65]

Zingiber officinalis Rosc. Família das ZINGIBERÁCEAS (AMOMÁCEA).

---

65 As duas variedades de mangarataia, branca e amarela, são indistintamente usadas. À amarela dão o nome de açafroa.

SIN.

Gengibre.

CARACT. GERAIS

Rizoma tuberculoso, articular, de tamanho variável, branco ou amarelo no interior, com 3-4 hastes anuais de 3 a 10 centímetros, estéreis, simples, cilíndricas, com folhas alternas, dísticas, lanceoladas; flores amarelas; fruto em cápsula, ovo-triangular e trilocular, abrindo em três válvulas. O invólucro externo da mangarataia-branca contém bastante óleo-resina.

COMP. QUÍM.

Óleo volátil, canfena, gingerol, goma e substância azotada. A resina mole é o princípio ativo; o óleo volátil é amarelo, de sabor aromático e acre, fervendo a 246°.

P. EMPR.

Rizoma.

FISIO. TERAP.

Carminativo; estimulante do aparelho gastrintestinal; cólicas flatulentas; paresia intestinal. A tintura é usada externamente, em fricções, nas dores reumáticas e nas polinevrites. Beribéri. Cataplasma revulsiva.

Quando mastigada, a mangarataia produz sialorréia; esfregada na pele, determina calor e ardência; ingerida, além da sensação de calor, aumenta a secreção gástrica, estimulando as funções digestivas. Excitante do aparelho circulatório (?).

FARM. E POSOL.

Pó até 1 g 50 por dia; extrato hidro-alcoólico até 20 centigramas; extrato fluido 1 grama; tintura 1:5 com álcool a 80°, até 5 gramas em poção estimulante.

Rp.

Tintura de mangarataia	3 gramas
Álcool ..... }	āā
Glicerina ..... }	10 gramas
Xarope simples	50 gramas
Água	q. b. p. 110 c. c.

M. Às colherinhas.

MANJERONA

Oligana majoranum L. Família das LABIADAS.

P. EMPR.

Toda a planta.

IND. TERAP.

A infusão dá bons resultados nos casos de embaraço gástrico. Carminativo e sudorífero.

MANGUE

Rhizophora mangle L. Família das RIZOFORÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de 8 a 15 metros de altura e tronco com 30 a 50 centímetros de diâmetro. Do tronco, quando incisado, se obtém a seiva,[66] espessa e consistente. O mangue possui um pedestal de raízes arqueadas, atingindo até um metro e mais de altura. Inflorescência em cimos compostos.

---

66 A seiva obtida da incisão do tronco fornece o que os franceses denominam "kino da América", e considerado bom adstringente. Não se deve, porém, confundir o mangue com o *paletuvier rouge* dos franceses, pertencente à família das POLIGONÁCEAS. O de que trato é o *paletuvier noir*.
Na Amazônia, há também a variedade *racemosa* Meyer, e que se distingue do mangue por ter a inflorescência multiflora. É o "red-mangrove" dos ingleses.

COMP. QUÍM.

A raiz e cascas da haste encerram tanino em porcentagem que varia de 8 a 15. O exsudado constitui massa vermelho-escura no interior (Lutz), de consistência forte, odor especial, gosto adocicado. É solúvel na água.

P. EMPR.

Cascas da raiz e da haste. Folhas.

IND. TERAP.

Anti-hemorrágico. Anginas. Diarréia e disenteria tropical. Leucorréia.

FARM. E POSOL.

Decocto a 80:1000. Extrato seco de 2 a 6 gramas por dia.

MANGUEIRA

Mangifera indica L. Família das ANACARDIÁCEAS (TEREBINTÁCEA).

CARACT. GERAIS

Árvore enorme, de copa frondosa, tronco vultuoso, de casca espessa, dando frutos de diversos tamanhos, fibrosos ou não, de sabor adocicado e de gosto mais ou menos terebintáceo. Quando maduro, a casca é amarela, ou rósea ou amarelo-ouro. A mangueira obtida por enxerto dá frutos sem filamentos, pouco terebintáceo e sabor agradabilíssimo.

COMP. QUÍM.

Óleo essencial, resina, ácidos gálico e cítrico; e glucose no fruto maduro. A resina apresenta a forma de massa viscosa, leve cheiro de terebentina, sabor pouco amargo, co-

loração âmbar, solúvel no éter deixando resina gomosa um pouco pulverulenta (A. Matta).

P. EMPR.

Cascas: fruto.[67] Óleo-resina.

IND. TERAP.

Metrorragia. Laringite. Afecções cutâneas (?).

FARM. E POSOL.

Cascas 10:150, em loção, injeções ou gargarejos; extrato fluido até 3 gramas, 3 a 4 vezes por dia; ou em uso externo 10:120 ou 150 – em gargarejos.

MANGUERANA

Tovomita brasiliensis (Mart) Walp. Família das GUTIFERÁCEAS.

As flores são adstringentes, e a infusão é usada nos casos de diarréia. O óleo obtido dos frutos é empregado, em fricções, no reumatismo articular.

MARACUJÁ

Passiflora macrocarpa, e outras. Família das PASSIFLORÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto grimpante, de folhas elípticas, coriáceas, alternas; flores encarnadas, grandes, solitárias, a que o vulgo dá o nome de flor-da-paixão. Fruto grande, oval, comestível, contendo numerosas sementes.

---

67 As mangas pouco sazonadas, ou quentes, ocasionam sérios desarranjos gastrintestinais, principalmente nas crianças.

P. EMPR.

Toda a planta.

IND. TERAP.

Sedativo e calmante. Afecções nervosas. O seu emprego diminui por instantes a tensão arterial, e, ativando a respiração, deprime a porção motriz da medula. A *passiflora* não é um narcótico, porém sim um sedativo nervino.

FARM. E POSOL.

Extrato fluido, peso igual da planta e álcool a 40°, de 1 a 3 gramas por dia; tintura da planta seca de 1:5 com álcool a 60°, para usar 1 grama de 3 em 3 horas.

MARAVILHA

Mirabilis dichotoma L. Família das NICTAGINÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Planta silvestre, de caule ereto, nodoso, liso, delgado; folhas pecioladas, lisas, lustrosas, ovo-agudas, obtusas na base; flores quase sésseis, pouco aromáticas e de cor variada; fruto em caríopse.

COMP. QUÍM.

Amido, substâncias resinosa, sacarina, e albuminóide; celulose; sais orgânicos (Peckolt).

P. EMPR.

Raiz. Polvilho das sementes.

IND. TERAP.

Diurético e purgativo. Ascite e hidropisia. Afecções cutâneas.

FARM. E POSOL.

Raiz em pó, para efeito purgativo e diurético, de 3 a 6 gramas; infusão de 8 a 10 gramas para 250 a 500 de água. Dizem que o polvilho misturado com água de alface ou suco de limão serve para tirar as manchas devidas às sardas (efélides).

MARICAUA[68]

Datura insignis Barb. Rodr. Família das SOLANÁCEAS.

SIN.

Toé.

CARACT. GERAIS

Arvoreta de 2 a 3 metros de altura, com o tronco mole e meduloso, casca branca, e suscetível de bifurcação. Folhas alternas, elípticas, acuminadas, de base aguda, tendo a página superior pubescente; flores solitárias, axilares e inodoras.

COMP. QUÍM.

Daturina (?), alcalóide.

---

68 As pessoas que usam a maricaua declaram que a hipnose se manifesta de modo agradável, produzindo sensação de bem-estar, e que o indivíduo se assemelha a verdadeiro *medium*, respondendo a todas as perguntas, e por isso o povo diz que a pessoa tem o condão de "adivinhar". Fica ela, entretanto, com a vontade abolida. É, portanto, perigosa planta, relembrando certas propriedades da figueira-do-inferno – *D. stramonium* L., ou ainda mais a liamba dos africanos – *Cannabis sativa* L., de que tanto abusa o vulgo em certas localidades.
A maricaua é encontrada em Itacoatiara, no baixo Solimões e outros pontos. Deveria ser útil no tratamento de certas nevroses, atuando como sedativo e calmante, e também nos acessos de asma e de coqueluche.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Narcótico.

POSOL.

Infusão de 3 a 6 folhas para 200 gramas de água; com essa dose a hipnose se produz. Cigarrilhos.

MARIMARI

Cassia leiandra Benth. Família das LEGUMINOSAS-CESALPÍNEAS.

CARACT. GERAIS

Bonita árvore, de folhas penadas e compostas, com as flores em racemos amarelos. As sementes são envoltas em polpa; os legumes são grandes, indeiscentes, multiloculares, chegando até 80 centímetros de comprimento. A polpa é adocicada e agradável.

COMP. QUÍM.

Emodina, glucose e pectina.

P. EMPR.

Polpa do fruto.

FISIO. TERAP.

Laxativo inofensivo para a primeira infância. Aumenta o movimento peristáltico intestinal; e com o açúcar se torna um excitante das secreções. É sinérgico do maná.

POSOL.

Dose laxativa até 15 gramas.

MARUPÁ[69]

Simaruba off. D. C. Família das RUTÁCEAS-SIMARUBÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de folha alternas, pecioladas; flores monóicas e em panículas; fruto em cápsula (?). As raízes apresentam a cor amarelada; são fortes e resistentes: quando secionadas, apresentam a coloração branco-sujo; gosto amargo. As cascas da raiz se enrodilham sobre si mesmas, e as do tronco são espessas, fibrosas, sendo quebradas com esforço. Quando novas são branco-amareladas, tornando-se depois quase cinzentas. Sabor amargo característico.

COMP. QUÍM.

As cascas encerram quassina, ácidos gálico e málico, matéria oleaginosa, óleo essencial e sais minerais.

P. EMPR.

Cascas, em particular às da raiz.

FISIO. TERAP.

Antidisentérico. Tônico. Diarréias estivais. As vertigens que às vezes produzem quando empregadas em alta dose são

69 Numerosas são as plantas da mesma família, e que o povo confunde com o marupá. Dentre elas destaco a *Simaba cedron* Planch, que é o pau-paratudo ou paratudo; a *S. versicolor* St. Hil., que é o pau-paraíba; a marapaúba, que é a *S. amara* Aubl; e até o *Jacaranda copaia*, da família das BIGNONIÁCEAS. Esta última não possui nenhuma das propriedades do marupá. As que mais se aproximam da de que trato são as *S. vulgar* e *S. cedron* e especialmente o marupaí ou miri. Este, que existe em abundância no rio Negro, é riquíssimo em princípio ativo, e bastante empregado pelo povo, em infusão ou cozimento, sendo, porém, rejeitada a planta existente nos lugares úmidos ou alagados, que por não possuir as mesmas propriedades medicinais dão o nome de maruparana. O marupaí é também uma *Simaba* (Adolp. Duckei).

atribuídas ao óleo essencial. Ocasionam também leve transpiração cutânea e secreção urinária.

FARM. E POSOL.

Pó da casca até 35 decigramas por dia; tintura a 1:5 com álcool a 60°, até 5 gramas por dia; extrato fluido até 3 gramas. Decocto, cozimento 8:150, para usar 1 colher todas as horas.

MASTRUÇO[70]

Chenopodium ambrosioides L., *C. foetidum* Schr. Família das QUENOPODIÁCEAS.

SIN.

Mastruz, menstruz, erva-de-santa-maria, caacica.

CARACT. GERAIS

Planta herbácea, de porte pequeno, haste ereta; ramos numerosos; folhas pequenas, agudas no ápice, pecíolos fortemente denteados; inflorescência em racemos; flores unidas, esverdeadas; fruto inteiramente envolto no cálice. Nos pêlos glandulares existe o aparelho secretor. A planta desprende cheiro ativo e desagradável.

COMP. QUÍM.

Óleo essencial, de aroma intenso e desagradável, resina ácida; e um tanino de função glucosídica.

P. EMPR.

Folhas e sumidades floridas.

---

70 No Amazonas o povo não faz a distinção existente em outras regiões de chamar mastruço ao *Eresyman* aff. da família da CRUCÍFERAS, e menstruz ou trevo-de-santa-maria ao *Chenopodium*.

IND. TERAP.

Vermífugo e béquico. Tônico estimulante.

FARM. E POSOL.

Óleo essencial na dose de 1 a 10 gotas, misturado ao óleo de rícino, ou emulsionado ao xarope.

Óleo essencial de mastruço ..... 10 gotas

Óleo de rícino ..... 40 gramas

(Cada colherinha de 4 gramas encerrará 1 gota; use 1 colherinha para uma criança de um ano; as de maior idade de 2 até 4).

Ralliet e Barthez recomendam a seguinte poção para a coréia infantil:

Folhas de *chenopodium* ..... 4 gramas

Água ..... 500 gramas

Inf. e j. 50 gramas de xarope de flores de laranjeiras. As colheres todas as horas.

Uso popular: pequenas bolas de sementes mondadas para combater as "ascaris lombricóides". Extrato fluido até 10 gramas por dia como tônico e béquico.

O suco das folhas é de uso corrente na confecção de emplastros nas regiões traumatizadas, e até ingerido de mistura com o leite. Infusão: 25 gramas das sumidades floridas para 1 litro de água.

MATA-PASTO

Cassia alata Lin., *C. reticulata*. Família das LEGUMINOSAS-COESALPINÁCEAS.

Arbusto dos lugares úmidos, e muito abundante em Manaus.

COMP. QUÍM.

Ácido crisofânico; tanino?

P. EMPR.

Toda a planta, e em particular as folhas mondadas.

IND. TERAP.

Tônico (raiz reduziria a pó); diaforético (folhas). A infusão das brácteas substitui o sene como purgativo. Dartros e herpes, sendo empregada a pomada ou o suco das folhas, em uso tópico. Quanto mais recente a doença tanto mais certo o resultado.

A farmacopéia de Bengala recomenda a *Cassia alata* em forma de ungüento feito com as folhas esmagadas.

FARM. E POSOL.

Infusão 5:1000; Decocto 10 a 15:1000. Pó até 6 gramas por dia. Pomada com as folhas recém-colhidas e lanolina a 1.5 ou 1:10.

MATICO[71]

Arthante alongata Micq. Família das PIPERÁCEAS.

SIN.

Erva-de-soldado.

CARACT. GERAIS

Arbusto de ramos grácieis, nós visíveis e ramúsculos com pêlos; folhas alternas, de pecíolo curto, oblongas ou ovo-

71 O matico amazonense se distingue do do sul – *Arthante Cearensis* Micq., de onde se origina, porque este apresenta os ramos, pedúnculos e folhas completamente lisos (Ceará, Minas, Bahia, etc. Aperta-ruão (?) no Ceará?).
Existe entre nós outra *Arthante*, conhecida pelo nome vulgar de "canela-de-jacami".

lanceoladas, coriáceas, pilosas, e pontilhadas, sendo transparentes em tais lugares; flores hermafroditas, sésseis; fruto em baga, pequeno, séssil, tetrágono e de cheiro agradável.

COMP. QUÍM.

Tanino e óleo essencial (asarona e metilengenol), resina e ácido artântico. Maticina (Hodge), que parece ser um glucoside não-cristalizável. O ácido artântico é sólido, cristalizável, incolor, da gosto acre, solúvel no éter, no álcool e na água. O óleo essencial volátil, esverdeado, torna-se amarelo pouco tempo depois de colhido sob a ação da luz.

P. EMPR.

Folhas.

FISIO. TERAP.

Antiblenorrágico e antileucorréico. Hemoptóico e balsâmico. A ação do matico sobre a mucosa gastrintestinal é tônica e estimulante; em dose forte produz diarréia e cefalalgia intensa. Eliminados pela urina, os princípios ativos do matico constituem bom medicamento para o aparelho geniturinário.[72] Reduzido a pó e aplicado sobre uma ferida, ele coagula a fibrina e apressa a cicatrização.

FARM. E POSOL.

Pó das folhas até 4 gramas por dia em água açucarada; infusão 20%, aos cálices; tintura a 1:5 com álcool a 80°, até 8 gramas por dia; xarope das folhas 1:10, às colheres de sopa de 2 em 2 horas; extrato fluido até 2 gramas. Loções, clisteres e injeções de 30 a 50%.

---

72 O matico leva grande vantagem à copaíba, por ter gosto insípido e ser quase inodoro.

MELÃO-DE-SÃO-CAETANO

Momordica Charantia L. Família das CUCURBITÁCEAS.

SIN.

Erva-de-são-caetano.

CARACT. GERAIS

Erva trepadeira, de folhas lobuladas; frutos que se abrem em três válvulas, de cor amarelo-ouro, tendo as sementes envoltas em arilo vermelho. São comestíveis.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

A infusão das folhas é empregada em casos de leucorréia, e menstruação acompanhada de cólicas. Aquecidas, são emolientes. O sumo das folhas é prescrito internamente como purgativo e anti-helmíntico; externamente, contra a sarna.

FARM. E POSOL.

Extrato fluido 1 grama nas 24 horas.

MENDUBI

Arachis hypogaea L. Família das LEGUMINOSAS-PAPILIONÁCEAS.

SIN.

Mendubi, amendoim.

CARACT. GERAIS

Existem entre nós duas variedades – o uaçu e o miri, e ambos com o cálice de tubo estreito, pentadentado, com o

inferior distinto. Pétalas e estames inseridos no vértice do tubo, onde estão os estames unidos e fechados. Ovário oculto pelo tubo, com espique vaginal e amadurecendo na terra; fruto indeiscente, reticulado, com 1 a 4 sementes. Cotilédones grandes e oleosos. Folhas penadas, bipenadas e até trifólias; flores axilares, amarelas e numerosas.

COMP. QUÍM.

Substâncias gráxeas e oleosas, ou sejam, 50% de óleo, 24% de substâncias azotadas e 11% de açúcar (Semler). O óleo apresenta a densidade de 0.910 a 0.917.

P. EMPR.

Frutos.

IND. TERAP.

Tuberculose. Fraco excitante do sistema nervoso. O vulgo acredita que o mendubi possui propriedade afrodisíaca, o que é inexato. Benéfica é a sua ação na marcha da tuberculose, onde tem emprego racional como agente de superalimentação, além de ser um fraco sedativo e calmante. Para esse fim é usado do seguinte modo: mastigar bem de 50 a 80 sementes cozidas, todos os dias – duas a três vezes. São bem toleradas pelo organismo mais debilitado.

MUÇAMBÉ

Cleome spinosa L. Família das CAPARIDÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto vulgar, de flores esbranquiçadas, e aroma *sui generis*.

P. EMPR.

Raiz, folhas e sementes.

IND. TERAP.

Tônico estimulante e aperitivo. Antileucorréico e antiblenorrágico. Otites. Em uso externo produz efeito rubefaciente. O sumo das folhas misturado com leite é aplicado na otite supurada. As sementes são usadas internamente como anti-helmíntico e carminativo.

POSOL.

Cozimento 1:50.

MUCURACAÁ

Petiveria alliacea L. Família das FITOLACÁCEAS.

CARACT. GERAIS

É um arbusto de haste lisa, folhas ovais, agudas e alternas; flores em espigas terminais e brancas. A raiz regula a grossura do dedo mínimo, tem cheiro aliáceo e gosto amargo.

COMP. QUÍM.

Petiverina, princípio ativo.

P. EMPR.

Folhas, e, de preferência, a raiz.

IND. TERAP.

Sudorífero; diurético. Antispasmódico. Estimulante e excitante em uso externo. A tintura é empregada externamente no beribéri, paralisias, e polinevrites. O povo em tais

desarmada. A casca e o lenho têm o gosto adocicado. Vegeta em lugares secos.

COMP. QUÍM.

Tanino e um princípio ativo, análogo à saponina e considerado a parte medicamentosa – *monesina*.

P. EMPR.

Cascas de tronco.

IND. TERAP.

Hemostático. Diarréias e disenteria. Leucorréia. Tônico adstringente, sem ação irritante, e bem indicado na clorose. A ação da muiraceíma sobre o útero é semelhante à do centeio espigado (?).

FARM. E POSOL.

Cascas reduzidas a pó 2 a 6 gramas por dia. Posologia para a infância, exceção das crianças de menos de três anos, em que é contra-indicado:

– 3 anos – até 25 centigramas por dia;
até 5 anos de 25 a 35 centigramas por dia;
até 8 anos de 35 a 45 centigramas por dia;
até 12 anos de 45 a 60 centigramas.
Decocto a 30%; extrato fluido de 25 centigramas a 2 gramas.

MUIRAPUAMA

Ptychopetalum olacoides Benth. Família das OLACÁCEAS.

SIN.

Muirapuã, marapuã, muiratã.

desarmada. A casca e o lenho têm o gosto adocicado. Vegeta em lugares secos.

COMP. QUÍM.

Tanino e um princípio ativo, análogo à saponina e considerado a parte medicamentosa – *monesina*.

P. EMPR.

Cascas de tronco.

IND. TERAP.

Hemostático. Diarréias e disenteria. Leucorréia. Tônico adstringente, sem ação irritante, e bem indicado na clorose. A ação da muiraceíma sobre o útero é semelhante à do centeio espigado (?).

FARM. E POSOL.

Cascas reduzidas a pó 2 a 6 gramas por dia. Posologia para a infância, exceção das crianças de menos de três anos, em que é contra-indicado:

– 3 anos – até 25 centigramas por dia;
até 5 anos de 25 a 35 centigramas por dia;
até 8 anos de 35 a 45 centigramas por dia;
até 12 anos de 45 a 60 centigramas.
Decocto a 30%; extrato fluido de 25 centigramas a 2 gramas.

MUIRAPUAMA

Ptychopetalum olacoides Benth. Família das OLACÁCEAS.

SIN.

Muirapuã, marapuã, muiratã.

CARACT. GERAIS

Arbusto da terra firme, atingindo altura de 2 metros, de haste ereta e coroada por pequenos e raros galhos, quase despidos de folhagem; de folhas ovo-lanceoladas, glabras; flores em racemos, e fruto drupáceo. A raiz e haste apresentam coloração pardacenta; secionadas, encontra-se tecido compacto, de coloração branco-palha; são bastante fortes e resistentes.

COMP. QUÍM.

Tanino, essência, flobatena e resina alcalóidica (Peckolt). Nas diversas pesquisas procedidas verifiquei tanino, resina e substância cristalizável, um glucoside (?) (Matta).

P. EMPR.

Haste e raiz.

IND. TERAP.

Tônico neuromuscular de primeira ordem. Ataxia locomotriz; paralisias parciais; neurastenia sexual (A. Matta e Ksesattel); astenias circulatória e gastrintestinal (Rebourgeon e Gall). Gripe, em particular a circulatória (astenia cardíaca) e a gastrintestinal (Matta). Os efeitos fisiológicos do muirapuama perduram por algum tempo, a sua eliminação não é rápida, e se faria, segundo penso, pela urina e pelo suor.

FARM. E POSOL.

Tintura a 1:5 com álcool a 60°; dose até 30 gotas por dia; extrato fluido 1:1, até 4 gramas nas 24 horas; vinho preparado com o extrato fluido a 25:975; 2 a 3 cálices por dia. Preparações populares: macerato (?) com a cachaça ou o vinho do Porto, 10 a 35 gramas da haste ou da raiz para 200

a 300 gramas do veículo, para usar 2 a 3 cálices por dia; decocto $^{150}/_{500}$.

Em uso externo temos as seguintes fórmulas farmacêuticas: a tintura; o linimento e o opodeldoque este de preferência nas polinevrites, reumatismo muscular e articular.

Fórmula excitante do sistema neuromuscular (A. Matta):

Rp

Extrato de muirapuama ..... 2 centigrams.
Extrato de nux-vomica ..... 1 centigram.
Genciana em pó ..... qb.
P. 1 pílula. Use 2 por dia.

Fórmula para a anafrodísia neurastênica (A. Matta):

Rp:

Extrato de muirapuama ..... } āā
Extrato de catuaba ..... } 5 centigrams.
Genciana em pó ..... qb.

P. 1 pílula. Use 1 a 2 por dia (Aplicação cuidadosa).

Outra fórmula:

Rp:

Tintura de muirapuama ..... 4 gramas
Dita de baunilha ..... 6 gramas
Xarope simples ..... 90 gramas
Use nas 24 horas.

Loção contra a queda dos cabelos (A. Matta):

Rp:

Água-de-colônia ..... 250 gramas
Glicerina ..... 20 gramas

Tintura de muirapuama . . . . . 15 gramas
Nitrato de pilocarpim . . . . . 50 centigramas
Use 1 vez por dia.

MUIRAQUETECA

Doliocarpus Rolandri Gmel. Família das DILENIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Cipó vulgar e de alqueive, a que os paroaras e caboclos também dão o nome bem significativo, aliás, de cipó-d'água.

P. EMPR.

Seiva. Raiz e folhas.

IND. TERAP.

O cozimento das folhas é usado em banhos nos edemas dos membros inferiores. A infusão das raízes é diursética e levemente purgativa, e a seiva bom diurético. Icterícia, catarro vesical, cistite. Ela é obtida pelos naturais da seguinte forma: cortam a haste do cipó de uma só vez e depositam a parte destacada em uma vasilha para receber todo o líquido. A porção da haste secionada e que vai ter à raiz não fornece seiva. Esta é límpida, cristalina, sem gosto apreciável, leve, e equivalente à água potável. Por ser inofensiva, os caçadores e seringueiros dela se aproveitam com freqüência, até 8 horas depois de colhida.

POSOL.

Infusão 10%, aos cálices. Seiva à vontade.

MUIRAQUIIA

Dicypellium caryophyllatum Nees. Família das LAURÁCEAS.

SIN.

Muiraquiinha, louro-cravo, pau-cravo, cravo-do-mato.

CARACT. GERAIS

Árvore às vezes de mais de quinze metros de altura, com fortes ramificações, de folhas lisas, oblongas e coriáceas, tendo a página superior lustrosa. Inflorescência em racemos simples; fruto bastante aromático. As cascas do tronco, de coloração pardacento-escura, são aromáticas e de gosto picante.

COMP. QUÍM.

Trommesdorff obteve 4% de óleo essencial; 8% de resina mole; 9% de ácido resinoso; 8% de ácido tânico; 10% de amido, fosfato de cálcio, goma, extratos, etc.; e 59% de celulose. O óleo apresenta a coloração amarela, gosto acre, cheiro semelhante ao do cravo, tendo a densidade maior do que a da água.

P. EMPR.

Cascas e folhas.

IND. TERAP.

Tônico. Estimulante gastrintestinal por superatividade das respectivas secreções.

FARM. E POSOL.

Infusão das folhas a 8 e 10%; das cascas a 10:200. Para usar 1 colher de hora em hora.

MULUNGU

Erythrina corallodendron Mart. Família das LEGUMINOSAS-PAPILIONÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de córtex herbáceo e espinhos coriáceos, podendo ser facilmente destacados; folhas compostas e pecioladas; flores carmesim, fruto em vagem, com duas ou mais sementes arrendondadas, lisas, de cor vermelho-escuro, apresentando manchas quase pretas em vários pontos e tendo o hilo esbranquiçado.

COMP. QUÍM.

Erythrocoralloidina, alcalóide isolado pelo prof. Losa. Verifiquei a existência de um glucoside semelhante à saponina.

P. EMPR.

Cascas da haste; folhas.

FISIO. TERAP.

Hipnótico e sedativo. Béquico e peitoral. Tive ocasião de empregar o extrato fluido até 1g 70 por dia, observando resultados idênticos aos registrados nos estudos e experiências de Paulo da Fonseca, Corrêa de Azevedo, Caminhoá e Torres Homem, e de Rey, e Loza, do México. A hipnose nenhum mal-estar produziu, o que concorda com a conclusão do mulungu não ocasionar fortes hiperemias para o cérebro.

As sementes são venenosas (F. Alemão).

FARM. E POSOL.

Extrato fluido até 2 gramas nas 24 horas.

Fórmula do prof. Torres Homem:

Rp: Extrato de mulungu . . . . . 2 gramas

D. em 18 pílulas. Uma à noite.

Rp: Cianeto de potássio . . . . . 5 centigrams

Extrato de mulungu ..... 1 grama
Dito de beladona ..... 6 centigrams
F. 12 pílulas. Uma ao deitar-se.

Fórmula do Barão de Ibituruna:
Rp: Extrato de jurubeba .....
Extrato de mulungu ..... } āā
Extrato de ruibarbo ..... } 2 gramas
Taraxaco .....
Podofilina ..... 15 centigrams
F. 36 pílulas. Três por dia.

Outra fórmula:
Rp: Cascas frescas e contusas ..... āā
Folhas recém-colhidas e esmagadas . } 3 gramas
Água ..... 500 gramas
Ferva até reduzir a um terço, filtre e junte:
Xarope flores de laranjeiras ..... 150 gramas
Use 1 colher todas as horas.

MURICI[73]

Byrsonima crassifolia H. B. K. Família das MALPIGIÁCEAS.

SIN.

Mureci, muruchi.

---

73 O murici ocupará, em prazo não remoto, um lugar de importância entre as plantas medicinais. O silvícola considera o fruto alimento de poupança e de reserva, no que tem razão pelos princípios azotados que ele encerra, com a vantagem importante de ser inofensivo.
O xarope das cascas é bom para combater a marcha da primeira e até da segunda fase da tuberculose, atuando como tônico adstringente, e quiçá fortalecendo os pulmões e assim constituindo barreiras à proliferação do bacilo de Kock. O murici pertence às plantas cujas propriedades fisioterapêuticas são tanto mais ativas quanto mais novo é empregado; ao recém-colhido pertence a primazia.
Na região amazônica existem o murici-do-campo *B. crassifolia*; o murici-das-capoeiras – *B. lancifolia* Juss.; o murici-da-mata *B. crispa* Juss.; o murici-vermelho – *B. amazonica* Griseb., além do *B. lucidula* Hub. nova espécie.

CARACT. GERAIS

Arvoredo e às vezes árvore muito conhecida, de fruto capsular, sabor adocicado, cheiro ativo e agradável. O fruto (pequena drupa) é envolvido em fino pericarpo, sendo o endocarpo constituído por um arilo polposo, amarelo e aromático. Nele existe a semente.

COMP. QUÍM.

Os frutos encerram substância azotada; e nas cascas da haste os ácidos tânico e gálico, amido, albumina e um princípio ativo – a *muricina* ou *birsonimina* (A. Matta).

P. EMPR.

Frutos. Cascas do tronco.

IND. TERAP.

O xarope das cascas dá bom resultado na convalescença das doenças broncopulmonares. Fimatose pulmonar. Bronquites.

MURTA-DE-PARIDA

Mouriria guyanensis Aub. Família das MELASTOMÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Não conheço essa planta. Informam ser um arbusto e gozar de propriedades adstringentes, sendo a infusão ou cozimento aconselhado em lavagem de úlceras, e banhos após o parto.

MURURÉ[74]

Brosimum aff. *acutifolium* Hub. Família das MORÁCEAS.

SIN.

Mercúrio vegetal.

CARACT. GERAIS

Grande árvore, de casca vermelho-escura, grossa, líber também de cor vermelha, sendo as camadas facilmente separadas. As cascas apresentam, em exame microscópico, vasos lactíferos, fibras longitudinais e conglomerados de substância colóide, fornecendo seiva vermelho-esbranquiçada ou cor de tijolo, de fácil alteração. Quando colhida não tem cheiro, sendo solúvel na água e no clorofórmio. Apresenta sabor *sui generis* e consistência de xarope.

COMP. QUÍM.

Oliveira no Brasil, Rebourgeon e Chatelineaux na França verificaram no exame das cascas: – tanino, goma, matéria colóide; e o princípio ativo retirado por Oliveira – a *murerina*, que diz ser alcalóide.

P. EMPR.

Seiva leitosa, Cascas.

IND. TERAP.

Anti-sifilítico poderoso. Bom resultado em certas fases da morféia. Depurativo de primeira ordem.

---

74 Existe uma planta com o nome de Mururé-pagé, que é a *Pistia stratiotes* L., da família das ARÁCEAS.

POSOL.

Seiva de 2 a 12 gramas por dia. Empreguei em três casos de sífilis, sendo um de segundo grau, obtendo bom resultado, não ultrapassando, porém, a dose de 8 gramas por dia, em escala crescente, e depois decrescente até 2 gramas, e isso no interregno de 15 dias. Na primeira observação com a dose de 8 gramas, o doente acusou fortes dores nas articulações, poliúria, e ligeiro embaraço gástrico.

Sei de dois casos de morféia tratados exclusivamente com a seiva do mururé em que os doentes apresentaram melhoras consideráveis, ficando a doença estacionária. O Dr. Silva Castro, do Pará, prescrevia 4 gramas de seiva leitosa para 15 gramas de água, dose diária. Prefiro o método que apliquei aos doentes de sífilis, por estabelecer a tolerância do organismo, e assim as doses serem depois duplicadas ou mesmo triplicadas.

MUTAMBA

Guazuma ulmifolia Desf. Família das ESTERCULIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de mais de 8 metros de altura e tronco com o diâmetro de 50 centímetros; é de terreno enxuto. Folhas ovais e denteadas; inflorescência em capítulo; fruto em baga e de sabor adocicado.

P. EMPR.

Entrecascas da haste.

IND. TERAP.

Adstringente mucilaginoso. Alopecia. Doenças da pele. Depurativo.

FARM. E POSOL.

Decocto 25:300, para usar nas 24 horas; extrato fluido até 4 gramas por dia.

A mutamba é considerada remédio popular contra a sífilis; e em uso tópico para impedir a queda do cabelo e destruir as afecções parasitárias do couro cabeludo. O vulgo usa também o xarope do entrecasco nas doenças dos brônquios.

MUTUTI

Pterocarpus Draco L., *P. amazonicus* Hub., (mututis-da-várzea); *P. Rohrü* Vog, (mututi-da-terra-firme). Família das LEGUMINOSAS-DALBÉRGIAS.

CARACT. GERAIS

Árvore que fornece madeira de lei muito bonita e de primeira ordem. Encerra um quino, com ação terapêutica análoga ao tanino, devendo ser aplicado em casos de leucorréia, hemorragias e diarréias, não tendo conseguido obter quantidade apreciável para experiências e análise. Tintura alcoólica 20 de quino para 100 de álcool; use até 10 gramas. Para uso externo: quino – três a cinco gramas; água até 600 gramas, banhos nos casos de prolapso do reto (?).

ONANI

Moronobea coccinea Aubl. Família das CLUSIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Bonita Árvore apelidada onani-da-terra-firme, e que é o "moronobo" dos Carabas em contraposição ao onani-da-vargem que é a sinfonia (vide S. *globulífera*). Uma tem as

"flores mesmo na antese"; a outra "globulosas e vermelhas (*cuccinea*)". (B. Rodr).

A resina da *Moronobea* por ser da terra firme possui maior valia do que a da sinfonia. É um exsudado gutóide, de coloração amarela, muito denso, passando ao estado sólido quando exposto ao ar e, decorrido pequeno prazo, formando pedaços com a mesma alteração que se nota em outras goma-guta e gutóides, motivada pela ação do ar, isto é, a camada externa fica quase negra ou vermelha bem escura, por causa da oxidação superficial. Cortado qualquer pedaço, nota-se então do centro para a periferia a cor amarela; solúvel na benzina e no clorofórmio (A. Matta).

A *S. globulífera* e a *M. coccinea* têm as mesmas sinonímias unani, uanani e anani.

OIRANA[75]

Salix Martiana Seyb. Família das SALICÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto ramoso e alto, de folhas glabras, dispersas, e denteadas; inflorescência em amentilho nas axilas dos ramos menores; fruto em cápsula com sementes pequeninas e brancas. A oirana é considerada o salgueiro do Amazonas.

COMP. QUÍM.

Nas cascas existe um princípio amargo – *salicina*.

P. EMPR.

Amentilhos. Folhas e cascas.

---

75 Oirana de *auarana*, de *aua*-cabelo e *rana*; parecido ou falso. Encontra-se outra planta com o nome de *uirana*, que é a *Alchornea castaneaefolia* Benth, da família das EUFORBIÁCEAS.

IND. TERAP.

Sudorífero; anti-hemorrágico, e antigonorréico.

FARM. E POSOL.

A infusão dos amentilhos é sudorífera; a das cascas, de 20 a 40:1000 gramas, e a das folhas a 5 e 10:150, para usar um cálice todas as horas é empregada nas hemorragias, principalmente na hemoptises. Vinho – (cascas 60 gramas para 500 de vinho fino), 2 cálices por dia.

ORELHA-DE-BURRO

Cissampelos amazonicum Miers. Família das MENISPERMÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto de caule herbáceo, folhas ovo-elípticas, esbranquiçadas na página inferior; inflorescência unissexual, com as flores masculinas em cimos muito ramosos, e as femininas em racemos simples; fruto em drupa.

P. EMPR.

Raiz e folhas. Seiva.

IND. TERAP.

Nefrites. Hepato-esplenites.

FARM. E POSOL.

Infusão das folhas 10 a 20:350, as colheres; cozimento da raiz 10 a 30:300, para usar 1 cálice de 3 em 3 horas.

PAINA

Asclepia curaçavica L. Família das ASCLEPIDÁCEAS.

SIN.

Cega-olho.

CARACT. GERAIS

Subarbusto lactescente e que produz bonita paina; apresenta ramos grácies, folhas lanceoladas e agudas; flor em umbela, de coloração vermelha e amarela, de onde a sinonímia *A. bicolor*. Fruto em cápsula fusiforme, de pequenas dimensões, sendo as sementes envolvidas em pêlos muito sedosos e macios, ou em formato de pluma ou penacho.

COMP. QUÍM.

Curaçavina, princípio ativo que é um glucoside, além de outros não-determinados.

P. EMPR.

Raiz e haste.

FISIO. TERAP.

Purgativo e emético; hemostático nas feridas novas. Depurativo. Dos estudos fisioterapêuticos realizados pelo Dr. Ed. Rib. Guimarães se conclui que a paina goza de propriedade cardiovascular, sendo assim sinérgica da digital. É tóxica.

FARM. E POSOL.

Decocto de 2 a 4 gramas para 100 a 200 de água; pó até 2 gramas por dia; extrato fluido até 3 gramas em poções.

PAJAMARIOBA

Cassia occidentalis L.,[76] Família das LEGUMINOSAS-CESALPINÁCEAS.

---

76 Existem outras Cassias, tais a *C. racemosa* Mill. var. *tennifolia* Hub, e a *C. reticulata* Wildd.

SIN.

Manjerioba, folha-de-pajé, fedegoso[77] no Amazonas e no Pará.

CARACT. GERAIS

Arbusto com folhas de 4 a 6 folíolos ovo-lanceolados, agudas, ou acuminadas, glabras; racemos axilares, flores amarelas; vagens lineares e delgadas, com numerosas sementes duras, granuladas e secas; sabor amargo; e cheiro herbáceo. Torradas e reduzidas a pó se assemelham ao café moído, porém sem o cheiro e o sabor tão conhecido deste último.

COMP. QUÍM.

As sementes encerram tanino e matéria corante de fórmula $C_{11}H_{18}O_8$ denominada *acrosina* (Clouet). Bouquillon encontrou na haste: tanino, resina, óleo fixo, um alcalóide e cinzas 5.55%.

Heckel e Schlagdenauffen analisaram as sementes, obtendo o seguinte resultado:

Água	8.850
Pigmentos e corpos gráxeos solúveis no éter de petróleo	1.600
Pigmentos e corpos gráxeos solúveis no clorofórmio	1.150
Produtos aromáticos e traços de tanino	5.022
Glucose	0.738

77 *A Cassia sericea* Sw., a que alguns botânicos registram a sinonímia popular de fedegoso-do-pará e de mata-pasto, não foi ainda encontrada na Amazônia.

Goma, substâncias pépticas e mucilaginosas	15.734
Albuminóides solúveis e aleurona	6.536
Celulose	7.434
Albuminóide insolúvel	2.216
Lenhose	32.727
Sais	17.976
Perda material	017
	100.000

P. EMPR.

Toda a planta, em particular as sementes.

IND. TERAP.

Febrífugo e antiperiódico; sucedâneo da quinina. Desobstruente e béquico. Conviria também nos suores dos tísicos (Martineau). No primeiro caso, as sementes (D. de Sevignac, prof. Clouet, Heckel, Schlagdenhauffen e outros) e as folhas; no segundo, haste, raiz e semente.

FARM. E POSOL.

Infusão da raiz 30:1000, das sementes 50:1000; das folhas 80:1000; usadas em 6 a 8 doses por dia. Vinho – sementes preparadas 100:1000 de vinho branco fino ou Málaga. Extrato fluido até 4 gramas por dia.

Em uso externo: – Cozimento das folhas 20:100 em banhos nos casos de pirexias.

PALICOUREA DENSIFLORA

Mart. Família das RUBIÁCEAS.

SIN.

Coto na fronteira boliviana.

COMP. QUÍM.

Encontram-se nela os alcalóides *cotoína* e a *paracotoína*, além de um princípio volátil. A *fortoína* é um alcalóide artificial, obtido pela ação do aldeído fórmico sobre a *cotoína*.

P. EMPR.

Raiz; cascas da haste.

IND. TERAP.

A casca e a *cotoína* contra a diarréia, o reumatismo, a gota; e os suores noturnos dos tísicos (D. Beaumetz). A *paracotoína* é mais fraca e por isso preferida por Huchard. Em 160 casos de enterite tuberculosa Overlach estudou a ação fisioterapêutica da *fortoína*; Albertoni aconselha-a também na diarréia infantil.

FARM. E POSOL.

Pó: 20 centigramas em cápsulas; tintura a 1:5, de 10 a 50 gotas por dia. Cotoína – de 30 a 50 centigramas em 120 de água, a que se juntará 1 grama de bicarbonato de sódio e 20 gramas de glicerina. Paracotoína de 10 a 20 centigramas. *Fortoína* – 50 centigramas em solução brandamente alcoolizada. Cápsulas de 25 centigramas, de 3 a 6 por dia.

PAU-DE-COLHER

Tabernamontana[78] *lata* M. Família das APOCINÁCEAS.

---

78 Encontram-se também na Amazônia a *Tabernamontana hirtula* Mart. var. *Maynaensis*, a *T. undulata* Vahl, e a *T. citrifolia* L. (?).

SIN.

Árvore-de-leite, leiteira.

CARACT. GERAIS

Árvore com mais de 9 metros de altura, casca exsudando seiva leitosa; folhas pecioladas, opostas, ovo-lanceoladas, glabras; fruto ovo-oblongo, com pericarpo carnoso encerrando as sementes.

P. EMPR.

Seiva leitosa. Folhas e cascas.

FISIO. TERAP.

Antiperiódico. Tônico. Nidié empregou com proveito a tintura da casca. Úlceras indolentes. Modera e retarda os batimentos do coração.

FARM. E POSOL.

Decocto: 50 gramas de casca para 1000 de água; tintura 1:5, use de 5 a 15 gotas, três vezes por dia. Seiva leitosa de 1 grama a uma grama e meia misturada com manteiga de cacau, ou cera vegetal, para aplicação nas úlceras.

PAU-DE-INCENSO

Myrospermum erythroxylon F. Allem. Weld. Família das LEGUMINOSAS-MIMOSÁCEAS.

SIN.

Óleo-vermelho, árvore-de-incenso.[79]

---

79 Os naturais dão ao bálsamo-resina, quando seco, o nome de incenso. Uso idêntico.

CARACT. GERAIS

Árvore de grande porte, excelente madeira aromática; caule forte e resistente, casca lisa e grossa.

COMP. QUÍM.

Das cascas do caule se obtém um bálsamo resinoso, muito aromático, e que foi analisado por Peckolt, dando o seguinte resultado: peso específico a + 17 R = 1031; ácidos cinâmico, benzóico, resina, matéria extrativa, óleo fixo, e um princípio cristalizável – a *miroxalina*, que é uma óleo-resina.

P. EMPR.

Bálsamo-resina; serrim-da-madeira.

IND. TERAP.

As mesmas do bálsamo-de-tolu e da copaíba. Bronquite; gripe.

POSOL.

Infusão 20 gramas do pó para 350 gramas de água. Use em duas vezes por dia. É inofensivo. Bálsamo *in natura*.

PAU-LACRE

Vismia guyanensis Personne. Família das HIPERICÍNEAS.

Das incisões feitas na haste, escoa seiva gomo-resinosa, de coloração amarelo-alaranjada, a que os naturais dão o nome de goma-lacre. É árvore de folhas ovo-oblongas, e de flores em racemos.

COMP. QUÍM.

A goma-resina de coloração pardacenta, encerra de 30 a 45% de resina, e de 10 a 20% de goma. Aquela é solúvel na acetona (A. Matta).

P. EMPR.

Goma-resina.

IND. TERAP.

Purgativo drástico. Resolutivo.

POSOL.

Emulsão, 1 a 3 gramas, até a dose de 4 gramas. (Manso).

PAU-PARA-TUDO[80]

Simaba cedron Planche, *Quassia cedron* H. Bu. Família das RUTÁCEAS-SIMARUBÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de 6 a 12 metros, de tronco simples e poucos ramos; folhas alternas, glabras, imparipenadas, formando ramilhete; inflorescência indefinida, flor hermafrodita; fruto múltiplo, constituído por 5 drupas ovóides. A drupa tem 5 a 6 centímetros de comprimento, pedículo excêntrico, apresentando a superfície inferior amarelada e áspera. Os cotilédones constituem massa livre no núcleo; cada um deles é alongado, rugoso e escuro exteriormente, liso e de cor creme na porção interior; a massa é amarela e compacta, de sabor amargo, sem aroma, a menos que não seja partido o cotilédone, que relembra então o cheiro do cacau.

COMP. QUÍM.

Cedrina, alcalóide isolado e estudado por Levy, cristalizando em longas agulhas, gosto amargo. Amido. Este acha-se acumulado nos fitocistos do parênquima.

---

80 Informam ser o fruto do para-tudo *Simaba cedron* um antídoto contra as mordeduras das cobras *bothrops*. (Dr. Saffray, de Nova Granada, e Dr. Bousseau, da França).

A cedrina é toxica em dose elevada.

P. EMPR.

Cotilédones. Casca.

IND. TERAP.

Tônico de primeira ordem, em minha opinião. Antiperiódico. Dispepsia. Sinérgico das outras *Simabas*. A fruta seria tão ativa como o sulfato da quinina, não produzindo porém zumbido nos ouvidos (?). Purple, dos Estados Unidos, e Rayer, da França, indicam a simaba para combater o impaludismo.

POSOL.

Pó das sementes de 25 centigramas até 2 gramas por dia, como tônico e antiperiódico em um copo de água açucarada. Extrato fluido de 30 centigramas a 1 grama nas 24 horas. Tintura – metade de um cotilédone para 60 gramas de álcool a 75°. Use 10 a 20 gotas 2 vezes por dia.

PAU-PEREIRA

Geissospermun Vellosi F. Allem. Família das APOCINÁCEAS.

Árvore de folhas alternas; fruto em baga; sementes com abundante albúmen. As cascas são amarelas, bastante espessas e de gosto amargo.

COMP. QUÍM.

Nele existe um alcalóide – a *pereirina*, descoberto por Ezequiel dos Santos no Brasil e outro alcalóide cristalizável, a *geissospermina*, distinto do primeiro e que foi isolado por Hesse. A pereirina é um hidrato de carbono estudado por D. Freire, que também dela retirou um gluco-

side. As cascas encerram goma-resina amarga, e matéria extrativa lenhosa.

P. EMPR.

Cascas. Pereirina.

IND. TERAP.

Febrífugo, tônico. Antiperiódico e antitérmico.

FARM. E POSOL.

Decocto da casca 50 para 100, use 1 cálice de 3 em 3 horas. Pereirina (cloridrato), em cápsulas de 50 centigramas, antes dos acessos febris. De 2 a 4 por dia.

PAU-ROSA[81]

Aniba parviflora Mez. Família das LAURÁCEAS.

SIN.

Nhamuí, louro-rosa, louro-precioso.

CARACT. GERAIS

Árvore de *sous-bois*, fornecendo esplêndida e apreciada madeira para obras de marceneria. O tronco, quando incisado, deixa escoar seiva oleaginosa em abundância, muito aromática e inflamável. As folhas são espessas, coriáceas, pecioladas, tendo a cor amarela na página inferior; as flores são pequeninas; o fruto apresenta a forma de um ovóide e o tamanho de uma glândula do carvalho europeu.

81 A madeira reduzida a pó quando ralada na língua do peixe pirarucu (*Sudes gigas* Sch), é usada em banhos aromáticos. O peixe tambaqui (*Myletes macroponus* Knerr) é ávido pelo fruto do *nhamuí*.

COMP. QUÍM.

A seiva oleaginosa é clara, transparente, de cheiro terebintináceo; nela se encontram substâncias gordurosas e óleo essencial volátil (A. Matta).

IND. TERAP.

Bom emprego nas manifestações dartrosas. Destruidor do invólucro esquitinoso das lêndeas da pediculose da cabeça.

PARACARI[82]

Peltodon radicans Pohl. *Clinopodium repens* Vell. – Família das LABIADAS.

SIN.

Hortelã-bravo, hortelã-do-mato, paracuri.

CARACT. GERAIS

Planta herbácea, de folhas ovais e oblongas; flores axilares, em capítulo, pedúnculos curtos; corola labiada, sendo o lábio inferior dividido em três lóbulos e o superior em dois. Estames dirigidos para baixo.

COMP. QUÍM.

Mentena.

P. EMPR.

Toda a planta.

---

82 É preciso não confundir quando citarem a *P. radicans* com outra árvore também chamada paracari – *Couepia chrisocalix* Benth, da família das CRISOBALANÁCEAS, e bem assim com o paranari – *Parinarium brachystachyum* Benth, da Família das ROSÁCEAS.
O nosso paracari é o mentrasto-do-sul.

IND. TERAP.

Carminativo; peitoral. Cólicas espasmódicas. Antiasmático. Acessos coquelucóides.

FARM. E POSOL.

Infusão e xarope na dose de 10 a 15 gramas por hora. Pó das folhas até 2 gramas por dia. Tintura a 1:5.

Fórmula da poção:

Rp: Hidrolato de flores laranjeiras . . 90 grms.
Tintura de paracari . . . . . 15 grms.
Tintura de lobélia . . . . . 3 grms.
Xarope de angico . . . . . 30 grms.
1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

A essa prescrição se poderá juntar a tintura de beladona.

PARAPARÁ[83]

Cordia umbraculifera D. C. Família das BORRAGINÁCEAS (?).

CARACT. GERAIS

Árvore de tronco fino e ereto, de 8 a 12 metros de altura, coroado de ramos grácies, cuja reunião forma pequena copa em desacordo com o comprimento do tronco; casca facilmente destacável. Folhas imparipenadas, alternas, ovo-lanceoladas, de bordos irregularmente denteados. Flores violáceas, pequeninas.

83 O "jacarandá-copaia" e as "Schefflera" (ARALIÁCEAS) também são chamadas parapará.

As raízes são verdadeiros drenos, tornando-se o parapará muito útil quando plantado em terreno úmido. É um bom auxiliar para o enxugo do solo.

P. EMPR.

Suco extraído das folhas.

IND. TERAP.

Conjuntivite, 2 a 3 gotas do suco, puro ou diluído em água filtrada e fervida, para instilar, ou lavar o globo ocular doente. Os naturais "desinfetam" e aromatizam a casa queimando as cascas.

PARICÁ[84]

Piptadenia peregrina Benth. Família das LEGUMINOSAS-MIMOSÁCEAS.

SIN.

Angico.

CARACT. GERAIS

Frondosa árvore, de casca muito grossa, fibrosa e resistente. A casca é muito adstringente e fornece bastante goma-resina, de cor amarelo-âmbar, coloração que varia conforme a época em que for colhida; não tem sabor nem cheiro.

COMP. QUÍM.

A fermentação da goma produz álcool por causa do açúcar nela existente e denominado angicose por M. Oliveira.

---

84 Existe outra árvore com a sinonímia vulgar de paricá, no rio Uaupés, afluente do rio Negro, e que não conheço. Huber diz que talvez seja a *Parkia pectinata* Benth, da mesma família.

Os caracteres da goma são os seguintes: inodora, gosto insípido, sendo colhida em pedaços de forma irregular; a cor varia conforme a época e a grandeza do pedaço a examinar. Cortada, deixa ver uma superfície lisa, lustrosa, com vários vacúolos devidos a água que aí existia; incinerada deixa um resíduo de 2.10 a 2.35 de cinzas minerais, predominando a cal. Na água produz mucilagem igual a da goma arábica. O produto do paricá é uma verdadeira goma, e com todas as propriedades da goma arábica (A. Matta).

A casca contém muito ácido tanico.

P. EMPR.

Resina e casca.

IND. TERAP.

Alterante; antidiarréico. A resina é de uso vulgar e relevante nas afecções broncopulmonares. Poderoso béquico. Os naturais usam a resina recém-colhida nos resfriamentos, bronquites, pneumonias, etc. O cozimento das cascas é útil nas disenterias. O extrato fluido atua sobre as fibras do útero, suspendendo as hemorragias.

POSOL.

Extrato fluido das cascas até 3 gramas nas 24 horas. Cozimento 10:150.

PARICARANA

Mimosas e Acacias, div. spec. Família das LEGUMINOSAS-MIMOSÁCEAS.

Sem aplicação.

PARREIRA-BRAVA

Cissampelos Parreira L., S. Hil. Família das MENISPERMÁCEAS.

SIN.

Butua, abutua.

CARACT. GERAIS

Planta trepadeira, de caule volúvel ou sarmentoso; folhas simples, alternas e palminervias; flores pequenas, unissexuais, dióicas ou hermafroditas, dispostas em cimo ou cachos axilares. Cálice polissépalo; corola polipétala. Fruto drupáceo, monospérmico e semilunar, semente ordinariamente sem endosperma. Albúmen nulo; embrião desenvolvido. Raiz fibrosa, irregular, tortuosa, variando a espessura até 15 centímetros. O corte transversal deixa ver uma série de zonas, separadas por linha ondulada e de cor mais escura, e encaixadas umas nas outras em redor de um ponto excêntrico. Gosto amargo.

COMP. QUÍM.

Wiggers isolou a *pelosina* e Fluckiger um alcalóide – a *beeberina*, corpos análogos à "buxina".

Há no Amazonas uma variedade que possui apenas uma ordem de feixe líbero-lenhoso, e nela obtive também um corpo solúvel no álcool, amargo, suscetível de cristalização, e que acredito ser análogo à pelosina (A. Matta). Esta é insolúvel na água, inodora e de gosto acridoce; precipita em solução concentrada de HCl pelo AzH_3, pelo nitrato e iodeto de potássio.

Existe uma substância neutra, cristalizável em tablóides microscópicos, chamada *deianutina*.

P. EMPR.

Raiz.

IND. TERAP.

Diurético por excelência. Febrífugo e tônico amargo. Afecções calculosas. Diátese úrica. Gota.

POSOL.

Tintura 1:10 na dose de 1 a 10 gramas por dia; em quatro doses. Extrato fluido até 4 gramas em poção nas 24 horas. Infusão 10 a 20:500; cozimento 10 a 15:500 para usar um cálice todas as horas. Xarope até 60 gramas.

PATAQÜERA

Conobia aquatica Aubl. Família das ESCROFULARIÁCEAS. As folhas são empregadas em banhos aromáticos.

PATCHULI[85]

Andropogon muricatum Retz, *A. schaenanthes* L. Família das GRAMÍNEAS.

CARACT. GERAIS

Colmos numerosos e reunidos, folhas compridas, em forma de goteira, agudas e de bordos ásperos; inflorescência em panícula verticilada com espiguetas roxas. Raízes compridas, fortes, flexíveis, cor de palha, tendo a parte central lenhosa, de cheiro particular, ativo e agradável. Gosto amargo.

COMP. QUÍM.

Óleo essencial. Em mil gramas de raízes frescas Peckolt encontrou óleo essencial 8.571; ácido vetivérico 0.750; vetive-

85 O patchuli entre nós é o vetiver no Sul, corruptela francesa de "vithevayr", na linguagem dos naturais da Malásia. A exportação anual do óleo essencial em Bombaí atinge cerca de 40 mil libras inglesas.

rina 8.120; além de outras substâncias. O óleo é amarelo-claro, cheiro ativo, muito agradável, sabor amargo e acre. Densidade a + 13 C = 0,972; destrogiro e de fórmula C_5H_4.

P. EMPR.

Toda a planta, raiz de preferência.

IND. TERAP.

Histeria. Enxaqueca. Diaforético; carminativo enérgico. Banhos aromáticos.

POSOL.

Tintura a 5:10 com álcool a 60°. Maceração 10% – 15 a 20 dias; use 2 a 4 gramas *pro die* em 80 a 120 gramas de veículo. Infusão da raiz 4 a 8 gramas para 120 a 150. Extrato fluido de 0,50 centigramas a 1 grama por dia.

PEDRA-UME-CAÁ[86]

Geranium maculatum L. Família das GERANIÁCEAS.

---

86 Registro o caso seguinte de diabetes em F. F. M., recolhido à enfermaria de medicina a meu cargo no Hospital da Sociedade Portuguesa Beneficente de Manaus. Fatigado e desanimado por causa de tantos medicamentos sem proveito algum que lhe foram prescritos, estava muito abatido e magro, com pertinaz anorexia. As análises realizadas pelo químico-analista sr. farm. Frignani evidenciaram notável quantidade de açúcar na urina. Não obtendo resultado com os medicamentos que receitei instituir o tratamento com a infusão de pedra-ume-caá, tendo em lembrança o resultado surpreendente obtido por um meu amigo, comandante da marinha mercante Sr. P. B. De fato, foram assaz satisfatórias as conseqüências e constantes das seguintes notas: 1.° de junho – Inf. de pedra-ume-caá de 10 a 20% – 200 a 300 gramas, dose diária; quantidade de urina emitida 9.400 cc.; densidade 1.025; glucose total g 475.157; dia 6 a 7 – urina emitida – 9.750 cc.; densidade – 1.025; glucose total 417.300; dia 11 a 12 de junho: quantidade de urina 4.500 cc.; densidade 1.029, glucose total 240.75; dia 27 a 28; urina emitida – 4.000 cc.; densidade 1.025; glucose total 133.75; dia 1.° a 2 de agosto: volume da urina nas 24 horas 2.000 cc., densidade 1.025; glucose total 89.130; dia 5 a 6 – urina emitida 1.950 cc., densidade 1.024, glucose total 45.030. No dia 8 o doente retirou-se do hospital, bem disposto, mais gordo e aumento de gramas 4.070, tendo a poliúria sensivelmente diminuída e a quantidade de açúcar muito reduzida.
É digno de menção outro caso do Sr. Dr. J. Valverde, de uma doente sexagenária que acusava o açúcar na relação de 138 g% – análise procedida pelo mesmo químico citado, ficando reduzida a 18%, comprovada em análise do quím. farm. Silva Ferraz, sendo também empregada a infusão de pedra-ume-caá.

CARACT. GERAIS

Arbusto de folhas opostas, flores hermafroditas, fruto seco, encerrando sementes solitárias.

COMP. QUÍM.

Contém um alcalóide (?) a *geranina*, ácidos gálico e tânico, óleo essencial e resina.

P. EMPR.

Raiz e folhas.

IND. TERAP.

Bom adstringente. Diarréias, enterites; hemorragias; colerina. Diabetes. Aftas.

POSOL.

Pó da raiz de 1 a 4 gramas; decocto 25:500, na dose de 1 cálice de 2 em 2 horas, extrato fluido até 3 gramas nas 24 horas.

PEGA-PINTO

Boerhavia hirsuta Wildd. Família das NICTAGINÁCEAS.

SIN.

Erva-tostão.

CARACT. GERAIS

Planta herbácea, de caule pubescente, flexível e roliço; folhas opostas e ciliares, um pouco esbranquiçadas no dorso. Flores em corimbo, pequeninas e arroxeadas. Fruto minúsculo e glutinoso. Raiz amarga e acre, de cor escura exteriormente e branca no interior.

COMP. QUÍM.

Peckolt, em mil gramas de raiz fresca, encontrou substância gordurosa, amido, matéria sacarina, ácido resinoso, matéria extrativa, nitratos, substâncias albuminóides e pépticas, sais inorgânicos e 0,986 de ácido boerávico e 0.579 de *boeravina*, princípio ativo.

P. EMPR.

Raiz.

IND. TERAP.

Ótimo e popular desobstruente. Icterícia; engorgitamentos do fígado. Febre biliosa; febre hemoglobinúrica. Diurético inofensivo nas icterícias da primeira idade.

POSOL.

Cozimento 30:300 e 60:500; infusão 10:200; para ser usada nas 24 horas.

PEPINO-DO-MATO

Ambellania tenuiflora Mueller Arg. Família das APOCINÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore pequena e comum nas várzeas do interior do Estado, dando fruto amarelo, piriforme, de tamanho regular, de polpa carnosa, e possuindo seiva leitosa. No fruto existem numerosas sementes achatadas e pretas, e alojadas em dois compartimentos ou lojas. Ele é comestível e para isso é preciso batê-lo bem com um pedaço de pau até ficar mole. A quantidade do leite ou óleo encontrado, que pode chegar até 80%, está na razão da *pancadaria*.

P. EMPR

Fruto.

IND. TERAP.

Bronquite.

PIMENTA-DE-RATO

Solanum obraceum Rich. Família das SOLANÁCEAS.

SIN.

Erva-moura, aguaraquiá? (pimenta-de-cachorro).

CARACT. GERAIS

Erva cujos frutos em baga são venenosos, aliás como toda a planta, perdendo a toxicidade quando fervida.

COMP. QUÍM.

Solanina, princípio ativo.

P. EMPR.

Toda a planta.

IND. TERAP.

Sedativo e narcótico. Dilata a pupila.

PIMENTEIRA

Capsicum brazilianum Clus. Família das SOLANÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto atingindo ordinariamente mais de metro de altura; flores em cuja corola existem divisões agudas; frutos vermelhos, alongados, com o comprimento superior às

vezes a 30 milímetros; cheiro acre, sabor *sui generis* e picante.

COMP. QUÍM.

O fruto encerra uma óleo-resina, a *capricina*, descoberta por Wilting-Braconnot, e a *capsaicina*, de cheiro assaz picante, matéria ternária cristalina, extraída por Thresh.

P. EMPR.

Fruto.

IND. TERAP.

Bom estimulante; dispepsia flatulenta. Febre gástrica. Vômito. Gargarejos nas afonias. Revulsivo em uso externo.

FARM. E POSOL.

Tintura de 25 a 50 gramas para 500 gramas de álcool a 60º, para usar até 30 centigramas *pro die*. Gargarejo 1 a 2 gramas de tintura para 200 de água. Fricções com a tintura.

PINHÃO-DE-PURGA

Curcas purgans Med.; *Ricinus americanus* Mill. Família das EUFORBIÁCEAS.

SIN.

Purgueira.

CARACT. GERAIS

Arbusto de regular tamanho, de folhas pecioladas e angulosas; inflorescência em corimbo; fruto em cápsula, arredondado, encerrando três sementes compridas, envolvi-

das em duro episperma, de cor escura, onde existe a amêndoa branca e bastante oleaginosa e doce.

COMP. QUÍM.

Guibourt retirou das sementes 26% de óleo, e Peckolt, 36.24%, sendo o peso específico igual a 0.9094 a 19° R. Apresenta-se inodoro, claro, de sabor irritante e doce. Souberau isolou das amêndoas a *glutina*, substância sacarina e goma.

P. EMPR.

Óleo das amêndoas (sementes).

IND. TERAP.

Forte purgativo drástico.

POSOL.

2 a 4 gramas.

PINHÃO-ROXO

Jatropha gossypufolia L. Família das EUFORBIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto de seiva leitosa, folhas cordiformes, glabras, pecioladas; flores em corimbo; fruto em cápsula. A semente é oleaginosa.

COMP. QUÍM.

Óleo-resina e glucoside. As sementes encerram de 20 a 30% de óleo-resina amarelada, muito mais ativo que o óleo de rícino, de densidade 0.919, pouco solúvel no álcool absoluto. Presta-se para iluminação.

P. EMPR.

Toda a planta.

IND. TERAP.

Empregam na Venezuela a raiz do pinhão-roxo contra a lepra. Purgativo drástico. Febrífugo (?).

FARM. E POSOL.

Infusão das folhas ou da haste a 20%; decocto da raiz na mesma proporção. Essas doses devem ser usadas em 24 horas. A resina de três frutos produz efeito drástico.

PIQUIARANA[87]

Caryocar toxyferum Barb. Rodr. Família das TERNSTREMIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de 8 a 10 metros de altura, de folhas trifoliadas, sobcoriáceas, pecioladas; fruto drupáceo, com mesocarpo butiroso.

P. EMPR.

Cascas do fruto; folhas pisadas.

IND. TERAP.

Narcótico.

FARM.

Macerato das folhas e das cascas.

---

87 O piquiarana tem a mesma propriedade do timbó – *Paulinia pinnata* e do cunambi – *Phyllanthus brasiliensis*, e tanto que os índios de todas elas se utilizam para matar o peixe. Barbosa Rodrigues cita ainda as seguintes variedades: *C. muciferum, C. glabrum, C. villosum* e *C. amygdaliferum*, com idênticas propriedades.

PITANGUEIRA

Plinia rubra Mart., *Stenocalyx Michelis* Berg. Família das MIRTÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto de tronco liso, tortuoso e muito resistente, prestando-se de ordinário para cercado de jardim. Folhas pequenas, pares, de limbo lustroso, ovo-agudas, encerrando princípio ativo aromático; flores de cor branca, com numerosos filetes brancos e odoríferos; fruto em baga, globo-anguloso, de invólucro muito fino, polpa macia, de gosto doce-acídulo; quando maduras, apresentam a cor vermelha e sabor muito agradável. Sementes irregularmente arredondadas.

COMP. QUÍM.

Pitanguina, isolada por Perini, e óleo essencial de peso específico igual a 0.963 a + 13° C.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Febre palustre.

FARM. E POSOL.

A infusão das folhas dá bons resultados nos casos de febres terçãs na 1.ª infância, 25:150. Extrato fluido até 3 gramas, 4 vezes por dia, misturado com água.

PITOMBEIRA[88]

Simaruba aff. *versicolor* St. Hil., e *S. guyannensis* (Aubl) Engl. Família das SIMARUBÁCEAS.

Árvore pequena, de frutos comestíveis e aplicações medicinais idênticas às das SIMARUBÁCEAS.

PÓ-DA-BAHIA

Para diminuir a ação irritante da crisarobina, ou do ácido crisofânico, se os incorpora à traumaticina, ou seja, a fórmula seguinte:

Rp: Ácido crisofânico ..... } āā
Guta percha ..... } 5 g
Clorofórmio ..... 90 g
Aplique com um pincel.

O eritema crisofânico cora em vermelho as partes sãs. Vide andirá-araroba.

PRACAXI

Pentaclethra filamentosa Benth. Família das LEGUMINOSAS-MIMOSÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore altaneira, de folhas penadas; flores em grandes espigas brancas; legumes chatos e coriáceos. As cascas são ricas em substância adstringente.

IND. TERAP.

O pó das cascas é aplicado sobre as úlceras e feridas.

---

88 Existem outras árvores com a sinomínia de pitombeira, tais a *Talisia Cerasina* Radlk, e a *T. esculenta*, ambas da família das SAPINDÁCEAS.

PUXURI[89]

Nectandra puchury Nees. Família das LAURÁCEAS.

SIN.

Pixuri, puxurim.

CARACT. GERAIS

O puxurizeiro é árvore elevada, de ramos eretos, folhas elípticas e oblongas, pontudas, coriáceas, com a página superior luzidia, e a inferior pardacenta. Inflorescência axilar com pedúnculos reunidos ou solitários; fruto em baga, vermelho-escuro; endocarpo doce e aromático, encerrando dois cotilédones isolados e lobares. São as favas do puxuri de tamanho e formato variáveis, de 2 a 5 centímetros por 1 a 2 de largura, rugosas e de coloração parda. Partidas desprendem ativo cheiro.

COMP. QUÍM.

Bonaitre encontrou óleo essencial e fixo, substância gordurosa sólida, resina mole, matéria corante, amido, ácido volátil e matéria sacarina.

O óleo essencial é amarelado, de gosto acre e amargo, cheiro ativo; o óleo fixo apresenta a consistência da manteiga de cacau. É a *lauro-estearina*, na opinião de Stahmer. Consegui já a cristalização da substância, que acredito ser a sacarina.

P. EMPR.

Sementes, folhas.

---

89 Existem duas variedades de puxuri, o "major" e o "minor", aos quais o povo dá o nome de puxuri-grosso e miúdo. Este é o mais aromático.

IND. TERAP.

Estimulante, tônico e adstringente. Dá bons resultados nos casos de meteorismo, e paresia dos intestinos, porque ativa os movimentos peristálticos. Cólicas, embaraço gástrico; enterite.

FARM. E POSOL.

Pó até 4 gramas nas 12 horas; infusão das sementes 20:500, use 1 cálice de hora em hora; tintura 3:10, dose de 5 a 10 gramas para 120 de veículo. O cozimento das folhas verdes é usado no reumatismo *a frigore*.

PUXURI-BASTARDO

Nectandra minor Nees. Família das LAURÁCEAS.

SIN.

Puxuri-bravo.

CARACT. GERAIS

Árvore grande, de folhas opostas ou dispersas, glabras, oblongas e agudas; inflorescência axilar em panículas; fruto oval em baga, com os cotilédones menores que os do puxuri verdadeiro, mais arredondados e muito mais gordurosos.

COMP. QUÍM.

As sementes encerram 0.70% de óleo essencial amarelo-esverdeado, de aroma intenso, dando, por destilação, essências em número de quatro (Muller).

IND. TERAP.

As mesmas do puxuri. Sedativo e calmante. O pó obtido das sementes em suspensão na água açucarada é de uso vulgar para combater as diarréias.

QUÁSSIA

Quassia amara Aubl. Família das RUTÁCEAS.

SIN.

Quina.

CARACT. GERAIS

Planta ornamental, de casca cinzenta; folhas penadas, glabras, pecioladas, com dois pares de folíolos, e um maior ímpar; flores em cacho alongado, grande, escarlate, terminal, com o pedúnculo inserido na axila de uma bráctea. Os filamentos dos estames são vermelhos. Fruto em drupa, ovóide.

A madeira é amarga, mas não adstringente.

COMP. QUÍM.

Quatro glucosides homólogos existem na quássia, sendo a principal a *quassina*, retirada por Vinckler, cuja fórmula é $C_{11}H_{12}O_3$; e *picrasminas*. Aquela cristaliza em prismas brancos e opacos. Na madeira encontram-se também sais, óleo volátil e extrato gomoso.

P. EMPR.

Madeira.

FISIO. TERAP.

Tônico amargo: excitante da função gástrica por aumento das secreções salivar e biliar. Excelente digestivo. Dispepsia (copos de quássia).

A quássia é um amargo desprovido de toda adstringência, não aumentando o calórico mesmo absorvida em altas doses. A sua ação tônica se manifesta sem constipação intestinal, mal-estar, náuseas, ou embaraço gastrintestinal.

Na escala dos medicamentos amargos, ocupa o primeiro lugar.

É toxica para os insetos,[90] v. g. o papel mata-mosca, em cuja confecção ela entra.

O extrato fluido não deve ser administrado em altas doses, porque pode produzir vômitos e vertigens.

FARM. E POSOL.

Pó: adultos, até 4 gramas; crianças, até 50 centigramas por dia; tintura 2 a 10 gramas; maceração; infusão a 5%; extrato fluido, até 3 gramas. Vinho de quássia ferruginoso.

Quássia amorfa na dose de 2 a 20 centigramas e a quássia cristalizada na de 2 miligramas a 2 centigramas por dia. Esta apresenta-se em pó branco, amargo, leve, solúvel no clorofórmio, em 90 partes de álcool absoluto; a quássia amorfa é um pó amarelo, solúvel no álcool absoluto e quase insolúvel na água. Ambas são ótimos tônico-estimulantes.

Magnífico resultado tenho obtido com a fórmula seguinte:

Rp: Pepsina . . . . . āā
Papaína . . . . . } 3 a 6 centig.
Quassina amorfa . . . . . .

Para 1 cápsula. Usar 1 depois do almoço e 1 depois do jantar.

QUINAS

Cinchonas... Família das RUBIÁCEAS.

---

90 O decocto da quássia a 10:700 serve para proteger as árvores frutíferas dos ataques dos insetos, e talvez das termites. O papel mosquicida é preparado do modo seguinte: extrato de quássia 5,0; mel de abelhas 50,0; terebentina 100,0. Dissol. o extr. no mel; j. a terebentina; m. e aqueça. Passe com uma pequena brocha em tiras de papel e pendure no local desejado.
Ou faça macerar durante uma noite 250 gramas de lascas de quássia em um litro de água. Junte 25 gramas de mel e faça evaporar o líquido até ficar reduzido a um quarto do volume primitivo.

CARACT. GERAIS

As quinas existem em estado espontâneo desde a Venezuela a Nova Granada por 10° de latitude N. à Bolívia e alto Peru pelo 19° de latitude austral. Formam sobre essas alturas uma vasta curva cuja concavidade, voltada para o Brasil, serve de ponto de partida aos diversos afluentes do Amazonas (Planchon). Não vi ainda a quina vera na Amazônia, embora informações de sua existência no alto Acre. O que é real é a aclimação da quina vera no Brasil.

Pseudoquinas e espécies esclusas existem em vários pontos da Amazônia, principalmente no rio Negro, tais as remígeas (Martius, St. Hilaire, Weddel), a *Cinchona lambertiana* Mart., ou a *Cascarrilla lambertiana* Engl., árvore de folhas lanceoladas, um pouco obtusas, de base cordiforme e página inferior opaca; ramos pequenos; cálice com os limbos curtos e dentes triangulares, cápsula arredondada; comprimento de 10 a 15 mm.; sementes oblongas.

COMP. QUÍM.

Winckler isolou a *paricina*, que é uma base, considerando-a idêntica à *biberina*, substância amorfa, de sabor amargo, dando sais com os ácidos.

Fluckiger em seus estudos identifica-a à *buxina*.

P. EMPR.

Cascas.

IND. TERAP.

Tônico amargo.

RAIZ-PRETA[91]

Chiococca bracheata R. e P. Família das RUBIÁCEAS-COFEÁCEAS.

SIN.

Caninana, cipó-cruz.

CARACT. GERAIS

A raiz-preta é um arbusto de 2 a 4 metros, de folhas opostas, ovais e acuminadas; flores em cacho, unilaterais, de cor branco-suja; o fruto é um meloside, cercado de dentes no cálice, contendo uma a duas sementes lisas e alongadas. A raiz é de 50 centímetros de comprimento, apresenta a cor amarelo-cinzenta; cortada, encontra-se no interior a cor vermelha. A casca tem o sabor amargo e um pouco adstringente.

COMP. QUÍM.

Encontram-se na casca um glucoside cristalizável (Rechleder e Hlasiwetz) – a *caincina*, e o ácido *caincico* $C_{32}H_{26}O_{14}$ isolado por Pelletier e Caventou. A *caincina* tem a fórmula $C_{80}H_{64}O_{36}$. Matéria corante, de cor vermelha, *emetina* e ácido café-tânico.

P. EMPR.

Raiz e glucoside.

---

91 Existem também no Brasil as *Chiococca anguifuga* Mart. e *C. densifolia* Mart, com a sinonímia de *caninana* dada pelo povo por sua aplicação, que dizem ser boa, nas mordeduras de cobras, e destas em particular a caninana, que é assaz peçonhenta (Martins e Parodi).
As raízes do cipó-cruz são às vezes expostas nas feiras e mercados como se fossem às da ipeca.

FISIO. TERAP.

A caincina é considerada diurética; o pó da raiz estíptico e detersivo. O Dr. Meirelles diz ser de primeira ordem o resultado obtido no tratamento da amenorréia; Langsdorff, que foi o introdutor da "chiococca" na Europa, preconizou-a nas úlceras e como desobstruente e sialagogo, aplicação que também foi feita por Faucher e François. Antidartroso e antiasmático (Felício dos Santos).

Em Guadalupe ela é usada para combater o reumatismo e a sífilis. Hidropisia.

A raiz-preta, em grande dose, ocasiona efeitos tóxicos semelhantes aos dos emetocatárticos.

FARM. E POSOL.

Decocto a 10 e 15%, as colheres de hora em hora; pó até 3 gramas; maceração 10:300, depois filtre; tintura 1:5; extrato fluido até 1 grama por dia.

A caincina é empregada até na dose de 40 centigramas nas 24 horas, bem assim o ácido caincico (G. Peckolt).

Tenho prescrito a tintura muitas vezes e com vantagem como desobstruente, e associada ao iodeto de sódio quimicamente puro na fórmula seguinte:

Iodeto de sódio . . . . . } āā
Tintura de cipó-cruz . . . . . }
Usar as gotas antes das duas principais refeições.

RATANHIA

Krameria triandra R. e P. Família das POLIGALÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto de longas raízes, haste reta e lenhosa, com muitas ramificações; folhas oblongas e ovais, alternas e quase sésseis; inflorescência em espiga solitária, de pedúnculo curto; fruto em cápsula, globoso. Os pedaços destacados da madeira são regulares, de cor quase preta, muito ricos em amido, sendo os feixes fibroliberianos, e dispostos irregularmente na trama do líber.

COMP. QUÍM.

A raiz da ratanhia encerra amido, matéria corante vermelha, tanino, mucilagem e substâncias adstringentes (quase 50%), ácidos gálico e cramérico (?) e outras substâncias não determinadas. O tanino da ratanhia apresenta-se em escamas luzidias, esverdeadas, e, sob a ação dos ácidos minerais, se desdobra em glucose e matéria corante vermelha.

P. EMPR.

Raiz.

IND. TERAP.

Bom hemostático. Antidisentérico. Colutórios e gargarejos nas gengivites e estomatites. Adstringente poderoso.

FARM. E POSOL.

Pó até 15 gramas nas 24 horas; infusão ou cozimento 30 a 35%, as colheres; tintura de 5 a 20 gramas; extrato fluido até 4 gramas por dia.

É incompatível a associação da ratanhia com o tanino, os sais de chumbo, de cálcio e de mercúrio, com os álcalis e os carbonatos. Quando prescrito o xarope de ratanhia com a ergotiva Bonjean, o farmacêutico não deve filtrar.

RESINA ELEMI[92]

Icica icicariba D. C. *Amyris ambrosiana* L. Família das TEREBINTÁCEAS-BURSERÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore elevada, folhas penadas, pecioladas, oblongas e acuminadas; flores axilares, quase sésseis e brancas; fruto coriáceo. Das incisões feitas no tronco escoa óleo-resina, de gosto amargo, coloração branco-amarela, cheiro forte e agradável devido a um óleo essencial; quando seca é inodora e tem a cor branco-cinzenta, queimando com chama fuliginosa e desprendendo cheiro semelhante ao do incenso.

COMP. QUÍM.

O álcool fervendo dissolve a óleo-resina, deixando precipitar pelo resfriamento a *elemina*, resina cristalizável, opaca, de pouca densidade. O elemi é solúvel no éter e no clorofórmio. O álcool absoluto a frio dissolve parte da óleo-resina, separando-se também a elemina (A. Matta).

P. EMPR.

Resina.

IND. TERAP.

Faz parte dos ungüentos de Styrax e de Arceus, do bálsamo de Fioravante e do emplastro de diaquilão. Substitui perfeitamente a verdadeira almécega. Uso externo somente.

---

92 O *Protium heptaphyllum* March. dá resina idêntica e de coloração branca; o *P. carana* March. exsuda também uma óleo-resina (bálsamos de carana no Peru), amarelo-esverdeado, cheiro de funcho, gosto amargo, encerrando ácidos resínico, caramélico e isocaramélico (Tschirch e Saal), uns amorfos (12%), outro cristalizável (8%), e mais 25 a 30% de caramirina cristalizável (igual a elemina?); 10% de óleo essencial e 30 a 35% de careleresena.

RINCHÃO

Verbena... Família das VERBENÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Subarbusto, atingindo até 70 centímetros de altura; folhas ovais, opostas, e aromáticas; flores terminais azuladas.

COMP. QUÍM.

O gervão contém um óleo essencial volátil, amido e outras substâncias ainda não determinadas.

P. EMPR.

Toda a planta.

IND. TERAP.

Icterícia. Congestão hepática. É bom eliminador da bílis.

FARM. E POSOL.

Alcoolato obtido por destilação do macerato das folhas; 4 a 6 gramas da raiz ou folhas em 30 gramas de água açucarada. Infusão 10 gramas da folha ou da raiz para 150 ou 250 de água. Extrato fluido de 1 a 2 gramas por dia.

ROMÃ

Punica granatum L. Família das MIRTÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto de folhas opostas e alternas; flores grandes, encarnadas, solitárias ou reunidas; fruto de casca amarela, pontilhada de pardo-escuro. Quando o fruto está bem sazonado, a casca se rompe, deixando entrever as bagas cor-de-rosa ou carmim. Gosto adstringente e doce.

COMP. QUÍM.

Ácido granato-tânico, e os alcalóides peletierina, isopeletierina e pseudopeletierina, metilpeletierina e isometilpeletierina. O princípio ativo principal é a peletierina, alcalóide líquido, incolor, alterável ao ar, de densidade 0.999 a 0° (Tanret).

O valor nutritivo da romã é o seguinte:

U. N. 19.40; Az. 1.01; G. 1.01; H. 16.011.

P. EMPR.

Cascas da raiz e do fruto, ou melhor:

As flores não abertas;

A casca do fruto;

O suco que cerca as sementes; e a casca da raiz em particular.

IND. TERAP.

Anti-helmíntico. Tenífugo.

FARM. E POSOL.

Casca reduzida a pó – 20 a 50 gramas por dia; cascas da raiz recém-colhidas 60 g, água 750, macere durante 6 horas; ferva para reduzir 500 g, filtre e use em 3 porções, de meia em meia hora; extrato alcoólico, 10 a 20 gramas; decocto tenífugo, 50:250, f., p., e junte: extrato de feto macho, 2 gramas; goma pulverizada, 2 gramas; xarope de hortelã, 30 gramas. A farmacopéia da Índia dá a seguinte fórmula de decocto:

Polpa do fruto ..... 60 gramas

Água ..... 600 gramas

Ferva durante 15 minutos em vaso fechado; resfrie, coe e junte água até perfazer um litro.

Use 30 a 50 gramas por dia.

Sendo preparação adstringente pode ser usada em gargarejos. Juntando-se-lhe ópio, é um excelente antidiarréico (Kirkpatrick).

SABOEIRO

Sapindus saponaria L. Família das SAPINDÁCEAS.

SIN.

Fruta-de-sabão.

CARACT. GERAIS

Árvore de folhas penadas; flores brancas e em racemos terminais; frutos globosos, esverdeados ou pardacentos, encerrando semente de cor preta e luzidia (cápsula).

COMP. QUÍM.

A planta e, em particular, os frutos contêm muita *saponina*, que é um glucoside. A análise das cascas, procedida por Peckolt, deu o seguinte resultado: *saponina* 10 g, 526% e *parassaponina* 335 g, 551%, além de outras substâncias. As sementes encerram óleo gráxeo, de cor amarela, e considerado antiescrofuloso. O suco do fruto é acre e de cheiro *sui generis*.

P. EMPR.

Folhas, fruto e raiz.

IND. TERAP.

A infusão das folhas e dos frutos goza da propriedade de emulsionar os corpos gráxeos, e como tal, empregada contra as caspas e produtos sebáceos. Daí o nome de sabonete ou sabão natural que o povo dá ao fruto. Tônico.

A casca do fruto, da haste ou da raiz em infusão ou cozimento é empregada nas leucorréias e uretrites.

FARM. E POSOL.

Macerato do pó da raiz, 30% de água ferruginosa na clorose; um cálice de 2 em 2 horas. Infusão 60 das folhas, cascas da raiz ou da haste para mil de água, reduzida à metade; use as colheres de sopa, de hora em hora. Xarope 20 a 60 gramas por dia; extrato até 2 gramas.

SABUGUEIRO

Sambucus nigra L. Família das CAPRIFOLIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de médio porte, folhas opostas, pecioladas e imparipenadas, quase sésseis, ovo-acuminadas, desigualmente denteadas; flores de um branco-amarelado, odoríferas, dispostas em belos cimos pendunculados; fruto em baga luzidia e globosa.

COMP. QUÍM.

As flores encerram óleo volátil; as bagas, os ácidos málico, cítrico, matéria corante vermelha, goma. Na entrecasca, encontram-se os ácidos valeriânico e tanino, matéria extrativa, açúcar, pectina, gomas e sais.

P. EMPR.

Flores, bagas, entrecasca da haste e da raiz.

IND. TERAP.

Leve emetocatártico. Bom sudorífero. Defluxos; bronquites. Restabelece a transpiração cutânea no sarampão, varicela, varíola.

FARM. E POSOL.

Infusão das flores, 4 a 6 para mil; decocto das cascas, 20 a 30 para 500.

SALSA[93]

Smilax syphilitica Kunt. Família das ESMILÁCEAS.

SIN.

Salsaparrilha.

CARACT. GERAIS

Planta sarmentosa, de rizoma lenhoso, com vários nós e entre-nós, haste glabra, de folhas alternas, pecioladas, acuminadas; flor em umbela simples; fruto baciforme. Caule rijo e com acúleos quase retos. A medula é de cor branco-suja, e mais fina do que a zona cortical. As raízes têm quatro zonas: a externa-parenquimatosa, a endodérmica, o periciclo e a zona lenhosa.

COMP. QUÍM.

Paulina ou *esmilacina*, salsaponina e *smilax saponina* são três saponinas homólogas extraídas das raízes da salsa, além da resina e óleo essencial; são glucosides, dando sapogenina e glucose quando tratados pelos ácidos inorgânicos. A *esmilacina* é substância cristalizável, incolor, inodora, solúvel na água, no álcool fervendo, no éter e essências.

FISIO. TERAP.

Depurativo; sífilis. Reumatismo.

---

93 Existem as seguintes variedades de salsa além da *S. syphilitica*: a *S. cordato-ovata* Rich, sendo esta mais rica em substâncias amiláceas, e inferior àquela em propriedades terapêuticas; a *S. santaremensis* A. D. C.; *S. campestris* Griseb. var. y *Spruceana* A. D. C.; e *Schomburgkiana* Kunth Enum.

Em pequena dose, a salsa aumenta o apetite, facilitando a digestão; em alta dose, aumenta a secreção urinária, que se torna escura com a adição de ácido sulfúrico; produz náuseas e leve diminuição do pulso. Não é verdadeiramente um diurético; aumenta a secreção salivar. Em alta dose, a salsaparrilha ocasiona náuseas, vômitos, prostação de forças, porque os glucosides supra-indicados são venenos do músculo cardíaco.

FARM. E POSOL.

Xarope de 20 a 100 gramas por dia; decocto e infusão a 50%; e o pó 1 a 10 gramas. Este é, pelo povo, empregado até na dose de 18 gramas por dia. Extrato fluido até 5 gramas, três vezes por dia. Tisana 60%.

Os álcalis decompõem a infusão, o extrato fluido e a tintura.

SALVA-DO-CAMPO

Hiptis incana. Família das LABIADAS.

COMP. QUÍM.

Tanino e óleo essencial.

P. EMPR.

Toda a planta (sumidades floridas).

IND. TERAP.

Estimulante e tônico. Atonia intestinal. Diaforético.

FARM. E POSOL.

Extrato fluido, até 4 gramas por dia; infusão, 5 a 15 gramas para 500 a 1000 gramas. Às colheres: ou para colutório.

SALVA-DE-MARAJÓ

Hiptis off crenata Pohl. Família das LABIADAS.

Uso idêntico à salva-do-campo.

SAMAMBAIA[94]

Pteris caudata L. Família das POLIPODIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Feto de haste ereta e espique até 2 metros de comprimento, com folíolos longamente peciolados. É planta de terras estéreis.

COMP. QUÍM.

Peckolt verificou nos rebentos novos da samambaia o ácido gálico, resina, substâncias amiláceas, sacarinas e albuminosas, dextrina e outras.

P. EMPR.

Folíolos.

IND. TERAP.

Reumatismo a *frigore*.

O Dr. Monteiro da Silva recomenda calorosamente a infusão dos folíolos para combater e curar o reumatismo.

POSOL.

Infusão a 10 e 20%.

SANTA-MARIA

Allamanda cathartica L. Família das APOCINÁCEAS.

SIN.

Cipó-de-leite.

---

94 Na Amazônia existe o feto *Hymenophyllum polianthus*, samambaia da família HIMENOFILÁCEA (Felices).

P. EMPR.

Cascas da haste. Seiva leitosa. Folhas.

IND. TERAP.

A seiva, que passa por tóxica em alta dose, tem propriedade emetocatártica. O extrato da casca é aconselhado por Desportes como hidragogo. Allamand empregou o suco para combater a constipação devida a intoxicação saturnina.

FARM. E POSOL.

Seiva na dose de 5 a 12 centigramas nas 24 horas; infusão das folhas a 10%; extrato aquoso, até 12 centigramas.

SAPOTA

Achras mamosa L. *A. Sapota*. Família das SAPOTÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de fruto grande, arredondado ou oval, com a massa cor de café, de sabor delicado.

Exsuda de qualquer incisão feita no tronco a seiva leitosa, de cor esbranquiçada, e que se coagula pelo álcool, dando um símile do caucho. A casca é um adstringente, e empregada nas bronquites.

COMP. QUÍM.

Foi isolado na casca o alcalóide – *sapotina*, solúvel no éter, no clorofórmio e no álcool, resina, substância gordurosa, tanino e matéria corante vermelha (Bernou).

P. EMPR.

Cascas da haste. Fruto e semente.

IND. TERAP.

A casca é frebrífuga e tônica; o fruto, refrigerante e as sementes, diuréticas. Das sementes é feita a emulsão na dose de 15 gramas para 200 de água açucarada, para combater as cólicas nefréticas.

Em alta dose elas determinam a disúria.

SAPUCAIA

Lecythis Pisonis Cambess; *L. ollaria* Vell. Família das MIRTÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore grande e frondosa, fornecendo madeira magnífica para construção. Folhas lanceoladas e grandes, coriáceas, alternas, com a base subcordiforme; flor branca-arroxeada e aromática; fruto bem desenvolvido, ovalar, com ressalto anelar ou cintado quase na abertura, permanecendo nos ramos por muito tempo. As sementes são escuras e envolvidas em arilo polposo e oleaginoso em excesso. Podem ser ingeridas cruas, assadas ou cozidas. Caem somente quando se destaca a porção que foi pistilo. A casca fornece estopa e o líber, papel para mortalha de cigarro.

P. EMPR.

Cascas. Ouriço (que é a parte que encerra as sementes).

IND. TERAP.

Antitérico; diurético. Os ouriços são aproveitados nos casos de diabetes ou de albuminúria (Dr. Castro) do seguinte modo: Os ouriços são cheios de água, que será bebida pelo doente 24 horas depois, em 3 ou mais vezes. O fato é que a diminuição do açúcar e da albumina é consi-

derável. A água que se deita no ouriço, tendo este sido utilizado durante 10 a 15 dias, não apresentará mais aquelas propriedades terapêuticas.

POSOL

Decocto das cascas 30:500; ferva, reduzindo a 350 gramas. Use.

SAPUCAIA-UAÇU

Lecythis amazonicum Mart., da mesma Família. Idêntico emprego.

SARACURA-MUIRÁ

Eupatorium... Família das COMPOSTAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de capoeira, de haste ereta e grácil, prismática; de folha elíptica, peciolada, levemente coriácea, incompletamente serrilhada, tendo a nervura da página inferior muito saliente. Flor em corimbo.

COMP. QUÍM.

A seiva é rica em oxalato de potássio (A. Matta).

P. EMPR.

Seiva. Raiz e folhas.

IND. TERAP.

Úlceras; moléstias venéreas e da pele. Depurativo. O pó das folhas é detersivo e cáustico, destruindo as vegetações ulcerosas. Aftas.

FARM. E POSOL.

Cozimento da raiz 10:150 a 250 em uso externo. Seiva em uso tópico. Inf. de 5 a 20:150 a 500. Às colheres.

SASSAFRÁS

Nectandra cymbarum Ness. Família das LAURÁCEAS.

SIN.

Pau-de-sassafrás, canela-de-sassafrás.

CARACT. GERAIS

Árvore altaneira, de folhas lanceoladas, oblongas e coriáceas, tendo a página superior luzidia e a inferior, pardacenta; fruto oval em baga. A casca do tronco é aromática, de gosto amargo e coloração cinzenta; a madeira é dura, com o cerne amarelo-vermelho e gosto lembrando o do aniz.

COMP. QUÍM.

Óleo essencial volátil, amido, matéria corante, ácido tânico e outras substâncias não determinadas. O óleo essencial parece ser um éter fenólico, pelas reações procedidas.

P. EMPR.

Cascas da haste e da raiz; folhas.

IND. TERAP.

Bom sudorífero e carminativo. Tônico. Afecções cutâneas.

A dose do sassafrás não deve ser excedida sem a devida cautela, porque têm sido notados acidentes graves para o aparelho renal, atuando ele como agente irritante.

POSOL.

Cascas reduzidas a pó, até 6 gramas; infusão a 10:1000 para usar 1 cálice de 2 em 2 horas; infusão das folhas, 30:500, use 1 cálice de hora em hora. Extrato fluido, até 2 gramas por dia. Óleo essencial, até 12 gotas.

SELIDÔNIA

Boerhavia paniculata Rich. Família das NICTAGINÁCEAS. Vide as aplicações do pega-pinto.

SERINGUEIRA

Hevea brasiliensis. Família das EUFORBIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de 18 a 25 metros de altura, tendo o tronco às vezes mais de um metro de diâmetro; folhas alternas, longamente pecioladas, digitadas, trifoliadas; flores apétalas, monóicas, pentâmeras; fruto capsular, endocarpo lenhoso dividido em três cocas bivalves.

COMP. QUÍM.

A seiva lactescente da planta encerra: água, caucho puro, substância corante amarga, matéria albuminosa, cera e ácidos.

P. EMPR.

Borracha preparada, corpo hidrocarburado extraído do suco lactescente da seringueira.

IND. TERAP.

Por sua impermeabilidade e elasticidade são preciosíssimos e insubstituíveis os serviços que a borracha presta,

principalmente na confecção de aparelhos e instrumentos de cirurgia.

SIRIÚBA[95]

Avicennia nitida, *A. tomentosa* Jacq. Família das VERBENÁCEAS.

SIN.

Mangue-branco.

CARACT. GERAIS

Árvore de raízes semi-aéreas, projetando pouca sombra, e assaz comum nas várzeas e nos terrenos de nova formação ou de aluvião.

COMP. QUÍM.

Tanino.

P. EMPR.

Cascas da haste.

POSOL.

Decocto 20%.

SORVA-GRANDE[96]

Couma macrocarpa Barb. Rodr. Família das APOCINÁCEAS.

---

95 Os franceses dão o nome de *paletuvier rouge* à uva silvestre ou *raisinier d'Amerique*, da família das POLIGONÁCEAS, e não a siriúba, confusão que se tem notado por vezes em diversas referências. Quanto a riqueza da siriúba em tanino, ela é muito inferior às da *Laguncularia racemosa* e *Rhizophora mangle*, que formam os mangais das zonas de atoleiro e sujeitos às marés. Esta última se presta muito bem para curtume.

96 A sorva-grande é árvore silvestre, e com o suco prepararam borracha chamada de sorveira. Não confundir com o mucujê-da-bahia, que é a *Couma rigida*.

SIN.

Cumanuaçu.

CARACT. GERAIS.

Árvore atingindo até 15 metros de altura e com o tronco de 80 centímetros de diâmetro; lenho rijo e forte. Folhas cordiformes; fruto verde-escuro, carnoso, doce e agradável, quando maduro. A árvore fornece suco lactescente em abundância.

P. EMPR.

Suco lactescente.

IND. TERAP.

Anti-helmíntico.

POSOL.

A mesma da guaxinguba.

SORVEIRA

Couma utilis Muell. Arg. Família das APOCINÁCEAS.

SIN.

Sorvinha, cumã.

CARACT. GERAIS.

Árvore de porte elegante, em formato de grande ramalhete. Tronco tendo o diâmetro máximo de 40 centímetros e altura de 10 a 12 metros; lenho de pequena duração. Folhas pequenas, ovais, acuminadas, verde-escuro na página superior e na inferior, verde-claro, o que não acontece quando novas, que apresentam sempre a mesma coloração. Nervura mediana saliente na base, sendo as laterais eqüidistantes e reunidas em linha curva, perto

do bordo. Inflorescência em bela cor sulfurina; fruto carnoso em baga, muito saborosa quando bem sazonada; numerosas sementes chatas, pequenas e redondas. É árvore silvestre.

P. EMPR.

Suco lactescente. Fruto.

IND. TERAP.

Anti-helmíntico. O xarope dos frutos é refrigerante esplêndido.

POSOL.

A mesma da guaxinguba.

SUCUPIRA[97]

Bowdichia virgilioides H. B. K. Família das LEGUMINOSAS-PAPILIONÁCEAS.

SIN.

Secupira, sebipira, sicopira, sapupira.

CARACT. GERAIS

Frondosa árvore, chegando a altura de 25 metros e tronco espesso, com mais de um metro de diâmetro. O cerne tem a cor parda, fibras distintas, luzidias e escuras. Na raiz existem os nódulos formados pelo *rhysobolium leguminosarum*, microorganismo incumbido de fixar o azote atmosférico. Esses nódulos são ricos em sucupirina; o povo lhe dá o nome de "batatas".

Folhas alternas e compostas; flores em cacho terminal, púrpuro-violeta: fruto em vagem indeiscente; sementes escuras e

97 No baixo rio Negro encontra-se outra Sapupira, que é a *B. nitida* Spruce.

achatadas. As cascas do tronco são amargas e adstringentes; não contém o alcalóide encontrado na batata, espécie de túbera, quando nova. As sementes encerram maior porcentagem.

COMP. QUÍM.

Foram isolados três princípios ativos: sucupirina, sucupirona e sucupirol (B. de Andrade). O óleo que obtive da semente é solúvel no álcool. Em 1 quilograma de raízes, foram obtidos 0.190 de sucupirina cristalizada.

P. EMPR.

Batata nova; sementes. Cascas.

IND. TERAP.

Sífilis. As cascas são aplicadas na diabetes, possuindo também ação especial sobre o sistema linfático. Elas possuem tais propriedades, me parece, em casos de glicosúria de origem toxi-alimentar tão-somente, estabelecendo, portanto, a regularização das funções hepatopancreáticas. Afecções gotosas; reumatismo. Eczema (Vieira de Mattos e Paiva).

FARM. E POSOL.

Macerato das sementes ou cascas, de gosto estíptico *sui generis*; extrato fluido, 1 grama nas 24 horas; da semente, 50 centigramas três vezes ao dia; tintura, até 20 gramas por dia, em 2 a 4 doses na água. Elixir: 50 partes de extrato fluido de sementes com 300 de álcool a 50°, 250 de xarope simples e q. b. de água para completar um litro. Xarope. A tintura misturada com água torna-se leitosa, devido ao óleo; evita-se a emulsão, preparando-se a tintura com o álcool a 30° centesimais. Cozimento para uso externo. Xarope de sucupira composto, fórmula do Dr. Luiz Silva:

Rp:

Xarope de sucupira-branca ..... } 100.0
Xarope de fumaria ..... } aa
Xarope de bardana 50.0

Arseniato de sódio 10 centigrs. – Use 3 colherinhas por dia.

Prescrição popular: 80 gramas de tubérculos reduzidos a pó, em 350 gramas de aguardente. Macere por dez dias. Use 2 cálices grandes todos os dias.

SUCUPIRA-DA-VÁRZEA

Diplotrops brasiliensis Benth. Família das LEGUMINOSAS-PAPILIONÁCEAS.

Sem emprego.

SUCUUBA

Plumeria sucuuba Spr. Família das APOCINÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de altura até 15 metros, de espessa e lenhosa casca no tronco, que fornece, quando incisado, abundante seiva leitosa. Os frutos são gêmeos, em formato de chifres, encerrando numerosas sementes aladas.

COMP. QUÍM.

Sucuubina ou *plumerina*, glucoside cristalizável, de gosto bastante amargo e fórmula $C_{10}H_{14}O_{12}$, isolada por Peckolt, e depois por Aristides Calmont, e um alcalóide – *agoniadina*.

P. EMPR.

Seiva leitosa. Cascas.

IND. TERAP.

As cascas são antifebris (?). A seiva é antiverminosa. Em uso externo na esplenomegalia (emplastro adesivo). Purgativo.

POSOL.

Infusão das cascas 60:1000, nas 24 horas. Fervido e evaporado o líquido até a consistência de geléia, faz efeito de um purgativo drástico em dose de 1 colher das de chá pela manhã em jejum. Agoniadina na dose de 12 a 25 centigramas.

SUCUUBARANA

Pterandrium amarum Lac. Família das MALPIGIÁCEAS.

O cozimento das folhas é empregado contra o *acarus scabici*.

SUINÁ

Erythrina glauca Wildd. Família das LEGUMINOSAS-PAPILIONÁCEAS.

É planta que dizem produzir a narcose.

SUMAÚMA[98]

Ceiba pentandra Gaertn. Família das BOMBÁCEAS (ESTERCULIÁCEA).

CARACT. GERAIS

Árvore atingindo colossal desenvolvimento, e cujo tronco, em sua base, às vezes 15 homens de mãos dadas e braços abertos não conseguem fechar o círculo. Às raízes emergindo do tronco, bastante altas, dão o nome de sapopema; espaços entre elas simulam às vezes verdadeiros compartimentos. Os frutos fornecem boa paina, bastante sedosa e alva.

98 A *Ceiba pentandra* é a que mais se encontra no baixo Amazonas; a da terra firme e alto Amazonas é a *C. sumauma* Shum., ou a *Eriodendron sumauma* Mart.

P. EMPR.

Seiva.

IND. TERAP.

Conjuntivite catarral.

TABACO[99]

Nicotiana tabacum L. Família das SOLANÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Grande planta herbácea, anual, de largas folhas ovais; haste terminada por inflorescência. Flores grandes; fruto em cápsula, abrindo no sentido longitudinal; sementes pequenas e numerosas.

COMP. QUÍM.

Nicotina $C_{20}H_{14}Az_2$; nicocianina, albumina vegetal, resina verde, goma, extrato amargo, matéria lenhosa, ácido málico e malatos, sais minerais, sílica e água. A nicotina é um alcalóide líquido, oleaginoso e incolor, de cheiro viroso e acre; sabor cáustico; e alterando-se em presença da luz. Solúvel na água, no álcool, no éter e óleos fixos. É uma base poderosa.

---

99 As folhas do tabaco, associadas ou não a outras substâncias, são um inseticida de primeira ordem. Podem ser aplicadas da forma seguinte:

Folhas de tabaco reduzidas a pó ..... 10 a 20 gramas
Flor de piretro em pó ..... 10 a 20 gramas
Ácido fênico ..... 2 a 5 gramas
M. e Queime
Ou
Folhas de tabaco reduzidas a pó ..... 6 a 10 gramas
Enxofre sublimado ..... 4 a 8 gramas
Essência de cedro ..... 1 a 3 gramas
M. e Queime.

Coloquem a mistura, ou se quiserem as folhas somente, em um recipiente com fogo em qualquer aposento, na proporção de 20 a 40 gramas por metro cúbico. Calafetem, ou fechem todas as aberturas com papel. O fogareiro deve ficar sempre no meio do aposento, e para evitar incêndio se o colocará dentro de qualquer vasilha de cobre ou zincada, ou vasilha adequada. Abram o aposento no fim de 6 horas, e se o trabalho tiver sido bem executado todos os mosquitos (carapanãs) estarão mortos.

A nicocianina é um óleo volátil concreto, com o aspecto de cânfora, insolúvel no álcool e no éter.

O fumo das folhas do tabaco encerra óleo e resina empireumáticos, ácidos carbônico, acético e butírico, óxido de carbono, hidrogênio carbonado, parafina, nicocianina e nicotina.

FISIO. TERAP.

Narcótico. Em uso externo nas moléstias da pele. O alcalóide, em injeção, retarda os movimentos do coração, e excita o nervo vago; em dose alta é um paralisante. Sob a sua ação, a pressão sangüínea se eleva de modo extraordinário; é um vaso constritor poderoso. Absorvido em maior quantidade é um veneno cardíaco (Lander Brouston).

Uma gota de nicotina colocada na língua de um cão de grande porte mata-o em breve prazo.

As folhas, quando mastigadas, provocam a salivação de modo intenso; a saliva ingerida produz náuseas e mal-estar geral. Em dose elevada determinam vômitos, evacuações; vista turva; tremores nas pernas; síncope; pulso fraco, filiforme e freqüente; a sensibilidade vai se enfraquecendo e se extinguindo; a pele se resfria; convulsões e morte. Tais efeitos e resultado são devidos à nicotina, tóxico violento.

A infusão das folhas é empregada para destruir o "acarus", o piolho, o carrapato. Medicina veterinária.

O tabaco é planta perigosa e tóxica.

TAXIZEIRO[100]

Triplaris surinamensis Cham. Família das POLIGONÁCEAS.

---

100 Não confundir o *Triplaris* com outro taxizeiro – *Tachigalia* sp., da família das LEGUMINOSAS-COESALPÍNEAS.
O taxi da flor amarela é o *Pterocarpus ancylocalyx* Benth., da família das LEGUMINOSAS-DALBÉRGIAS.

SIN.

Tangarana na fronteira do Peru. Taxi-preto?

CARACT. GERAIS

Árvore mirmecofila, em cujos galhos, na cavidade central, habitam as terríveis formigas *taxis*. Tronco esguio, altaneiros galhos, folhas lanceoladas, verde-escuro; inflorescência rósea ou amarela. A casca do tronco é esbranquiçada e lisa.

P. EMPR.

Cascas.

IND. TERAP.

Cozimento das cascas em uso externo em casos de hemorróidas.

TAMAQUARÉ[101]

Caraipa silvatica B. Rodr. Família das GUTIFERÁCEAS.

SIN.

Tamaquaré-uaçu.

CARACT. GERAIS

É árvore excelsa, de 8 a 15 metros de altura e 1 de diâmetro no tronco; cerne pardacento; poros lineares e visíveis; folhas lanceoladas, agudas, glabras na página superior, pecioladas; flores apétalas; fruto capsular, de epiderme

101 No Amazonas, principalmente no rio Negro, são encontrados os seguintes tamaquarés: *Caraipa Lacerdaei*; *C. insidiosa*; *C. palustris* B. Rodr; e o tamaquaré-rana *C. spuria* B. Rodr., árvore medíocre, atingindo a altura máxima de 7 metros. No Pará existem o tamaquaré-grande – *Caraipa paraensis*. Hub., e o miúdo – *C. minor* Hub, além de outros. Não é fácil a obtenção da verdadeira resina balsâmica de tamaquaré.

lactescente e cotilédone oleoso. O óleo é obtido da forma seguinte: faz-se a incisão logo acima do nó vital da árvore em pleno desenvolvimento e na ferida coloca-se um pouco de algodão; o óleo é absorvido pelo algodão, onde fica impregnado, impedindo dessa forma quase a passagem da seiva leitosa. O óleo preferido é o vermelho-escuro, porque possui melhor propriedade terapêutica. A época da colheita e a idade da árvore influem bastante nessa operação.

Decorrido certo prazo, e quando evaporadas as últimas quantidades de seiva, o óleo apresenta o aspecto de resina balsâmica, sendo necessário às vezes ser o vidro aquecido para escoamento do produto. A denominação de óleo de tamaquaré não é apropriada.

COMP. QUÍM.

A resina balsâmica encerra um princípio ativo, irritante e acre, e que não consegui determinar, e mais óleo fixo, óleo volátil essencial, margarina e oleína. A resina balsâmica é solúvel no álcool absoluto, na benzina e no sulfureto de carbono (A. Matta).

P. EMPR.

Bálsamo-resina. Cascas do tronco.

IND. TERAP.

Doenças da pele (Dartro, eczema, herpes, impingens, com resultados surpreendentes). Sarna. *Pitiríases capiliti.*

FARM. E POSOL.

Resina balsâmica *in natura* em uso externo. Cozimento das cascas de 5 a 15:150 a 250. No eczema seco do mento e das sobrancelhas a fórmula seguinte é boa (A. Matta):

RP:

Enxofre sublimado ..... 2 a 5 gramas

Tamaquaré ..... 1 a 10 gramas

M. M.de

Outra fórmula:

RP:

Tamaquaré ..... 5 a 10 gramas

Cera amarela ..... } āā

Emplastro simples ..... } 20 a 50 gramas

Com esse emplastro tenho obtido vantagens no psoríases e no eczema, e com o bálsamo puro, no eritrasma, ou juntando-o à vaselina a 1:10 ou 1:20. Obtive esplêndido resultado em um caso de prurido anal e em outro de dermatose crônica, com prurido e alguma infiltração. O bálsamo de tamaquaré produz, quase sempre, quando aplicado *in natura*, ou em doses fortes, um eritema papuloso mais ou menos intenso, e que se consegue obviar associando-o, como nas fórmulas seguintes:

RP:

Gliceróleo de amido ..... } āā

Lanolina ..... } 10 a 20 gramas

Tamaquaré ..... 5 a 10 gramas

M. M.de ou então

RP:

Tamaquaré ..... 5 a 10 gramas

Estíraxe ..... 10 gramas

Vaselina ..... 10 a 30 gramas

M. M.de

Eczema seco do pavilhão da orelha (A. Matta):

RP:

Ictiol . . . . . 5 a 10 centigramas

Tamaquaré . . . . . 2 a 10 centigramas

Vaselina . . . . . 30 a 40 gramas

M. M.de

TAMAQUAREÍ[102]

Ipomea superstitiosa B. Rodr. Família das CONVOLVULÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de caule volúvel, ramoso; folhas pecioladas, palmadas, nervura saliente; flores com a corola rósea e o tubo carmesim.

P. EMPR.

Raiz.

IND. TERAP.

Uretrite (?) Purgativo (?).

TAMARINDEIRO

Tamarindus indica L. Família das LEGUMINOSAS-CELSAPINÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore inerme de folhas abruptamente penadas; flores em racemos no ápice dos ramos; fruto em legume, de comprimento variável, cheio de sementes envoltas em polpa

102 Ignoro o emprego da tamaquareí, palavra que quer dizer tamaquaré-pequeno. É preciso não estabelecer confusão com o verdadeiro tamaquaré em havendo qualquer referência a respeito, porquanto este pertence às GUTIFERÁCEAS e fornece óleo de aplicação muito importante na medicina indígena.

escura, avermelhada, doce e agradável. O gosto é sensivelmente ácido, adstringente e açucarado.

COMP. QUÍM.

Ácidos cítrico, málico e tartárico; bitartrato de potássio, glucose, pectina, levulose, matérias feculentas. Encontrei substância amilóide nos cotilédones.

A análise quantitativa procedida por Vauquelin deu o seguinte resultado:

Ácido cítrico	9.40
Ácido tartárico	1.55
Ácido málico	0.45
Bitartrato de potássio	3.25
Glucose	12.50
Matérias feculentas	4.70
Gelatina vegetal	6.25
Parênquima	34.35
Água	27.55

P. EMPR.

Polpa do fruto. Madeira.

FISIO. TERAP.

Laxativo. Refrigerante e temperante. Bom resultado, em doses pequenas, é obtido com a limonada de tamarindo no tratamento das gastrites e gastroenterites, principalmente de impaludados, ou em pessoas vindas de seringais do interior do Estado, e cujo aparelho digestivo funciona sempre mal por defeito de alimentação, ou pela doença. Esse resultado é conseguido porque dois grupos, bem distintos, de substâncias existem no tamarindo: de um lado a goma, e a

pectina e o açúcar são alimentos respiratórios; de outro o bitartrato de potássio, que é levemente purgativo.

FARM. E POSOL.

A polpa se emprega do modo seguinte e de acordo com as idades:

Até 18 meses	abstenção
Até 3 anos	10 gramas
Até 5 anos	10 a 20 gramas
Até 10 anos	20 a 30 gramas
Adulto	60 gramas

A fórmula da conserva de tamarindo é a seguinte: polpa de tamarindo – 50 gramas; água distilada – 50 gramas; açúcar finamente pulverizado – 125 gramas. Use.

Extrato fluido até 2 colheres das de sopa em 250 gramas de água.

A madeira fina dos galhos novos substitui a escova de dentes; é bastante usada pelos sertanejos e preserva os dentes da cárie.

TAPEREBÁ[103]

Spondias lutea L. Família das ANACARDIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de mais de 20 metros de altura, às vezes; ramos frondosos; folhas penadas, folíolos oblongos, elípticos, obtusos, e desigualmente acuminados; flores em panículas termi-

103 Na Amazônia encontram-se duas variedades de taperebá, a *Spondias macrocarpa* Engl., e a *S. tuberosa* Ar.; aquela tem a sinonímia popular de taperebá-açu; os frutos são muito maiores, daí o sufixo açu. Apresentam a cor amarelo-esverdeada e são muito mais ácidos. Mesmo emprego e uso.

nais; fruto em baga, ovóide, de bonita coloração amarela ou amarelo-alaranjada quando maduro; cheiro ativo e agradável, tendo a polpa o sabor doce-acídulo. Os galhos de taperebá são oblíquos na parte inferior e horizontais na parte superior.

COMP. QUÍM.

As cascas são ricas em substância tanóide. A goma é pouco solúvel na água; a porção insolúvel se intumesce, constituindo massa de consistência gelatinosa.

P. EMPR.

Cascas; frutos. Flores.

IND. TERAP.

As cascas do tronco, que são aromáticas, e a parte da árvore mais rica em substância adstringente, são empregadas em infusão ou cozimento contra a disenteria. O macerato dos frutos, impropriamente chamado vinho de taperebá, é usado pelo vulgo e com proveito nas cistites e uretrites. O decocto das flores é aconselhado nas conjuntivites; e o das flores e brotos, na diarréia da primeira infância. O macerato tem largo emprego, por ser bom refrigerante e estomáquico.

FARM. E POSOL.

Extrato fluido na dose de 1 grama, 2 a 3 vezes por dia. Gargarejos e loções, de 10 a 30:150 a 250 gramas.

TARUMÃ[104]

Vitex trifolia Vahl., *V. taruman*. Família das VERBENÁCEAS.

---

104 Na Amazônia existem o tarumã-frondoso – *Vitex orinocensis*, var. *amazonica* Hub; o *V. flavens* H. B. K.; o tarumã-tuíra – *Vitex* aff. *Polygama* Cham, que é árvore de campo cerrado e de folhas trifoliadas ou quinquefoliadas; e o tarumã-do-igapó – *V. cymosa* Benth.

Arbusto de 3 a 4 metros de altura; folhas ternadas; folíolo oval, inteiro, esbranquiçado na página inferior; flor purpurina em panícula; fruto em baga, com 4 sementes, encerrando substância oleaginosa.

P. EMPR.

Toda a planta.

FISIO. TERAP.

Emenagogo (fruto); diurético e anódino; cistites e uretrites (folhas); tônico e febrífugo (raiz). O decocto das folhas em banho de vapor, nos casos de reumatismo e de beribéri.

O tarumã deve sofrer uma interrupção de 4 dias, por exemplo, quando usado na dose indicada na posologia. Esse interregno se torna indispensável por ser intensa a sua ação fisioterapêutica sobre o sistema linfático, além de se dar a absorção dos princípios ativos do tarumã pela mucosa do aparelho gastrintestinal, o que produzirá, em uso e doses seguidas e contínuas, irritação e inflamações sempre prejudiciais ao enfermo.

POSOL.

Folhas, ou raiz (de uso mais comum), 100 gramas para 500 de água; infunda. Use nas 24 horas. Repita a mesma fórmula nos quatro dias seguintes, sendo uma para cada dia de 24 horas, e depois suspenda por prazo igual para depois continuar e assim por diante. Cozimento das cascas da haste 10:150, com as mesmas cautelas; extrato fluido até 2 gramas por dia.

TATUCAÁ

Eugenia axillaris – Família das MIRTÁCEAS.

Aplicação idêntica a da murta de parida.

TEMBETARU

Fagara rhoifolia Engl. Família das RUTÁCEAS.

SIN.

Tamanqueira.

CARACT. GERAIS

Árvore pequena com tubérculos espinhosos no tronco; madeira branca.

A casca seca do tronco é estimulante, e usada para produzir a sudorese em caso de febre devida a resfriamento. Estomáquico e digestivo, sendo também aplicado nas cólicas e embaraços gástricos.

Dose ignorada.

TENTEIRO[105]

Laguncularia racemosa Gaertn. Família das COMBRETÁCEAS.

SIN.

Mangue-vermelho.

COMP. QUÍM.

Tanino.

P. EMPR.

Cascas da haste, considerada a porção mais rica em substância adstringente.

---

105 Encontra-se outra árvore com a sinonímia vulgar de tenteiro, que é a *Cocoloba excelsa* Benth, da família das POLIGONÁCEAS, muito rica em matéria corante. Sem emprego.

IND. TERAP.

Leucorréia.

POSOL.

Decocto de 50 a 100 gramas para 1000.

TENTO[106]

Abrus precatorius L. Família das LEGUMINOSAS-PAPILIONÁCEAS.

SIN.

Jequeriti, inquêriti.

CARACT. GERAIS

Planta trepadeira, de caule volúvel, raiz lenhosa; folhas alternas e paripenadas, pecíolos oblongos e curtos; flor hermafrodita; fruto em vagem bivalve, de forma oblonga, contendo 4 a 5 sementes, de coloração preta e encarnada. O vulgo dá às sementes o nome de tento, por serem empregadas em certos jogos, e também reunidas em cordel em forma de rosário, ou de colares e outros enfeites.

COMP. QUÍM.

Jequiritina, fermento diastásico de cor amarelo-pardacenta, solúvel na água (Oliveira, Portes, Robert); ácido ábrico, óleo essencial e abrina, substância amorfa obtida pela precipitação com álcool do líquido da infusão das

106 O modo de preparação do pó de jequeriti é o seguinte: lançam-se as sementes em água fria durante 6 a 10 horas a fim de facilitar o desprendimento do episperma, o que se consegue sem dificuldade esfregando os grãos nas dobras de um pano; em seguida deixa-se secar à sombra, e reduz-se a pó em almofariz de bronze. Passe em tamis e recolha o pó em vidro corado e de rolhas de esmeril.

sementes pulverizadas; tem ação idêntica à jequeritina (Oliveira, Warden, Braylantes, Vannemane, Wanddell).

P. EMPR.

Sementes; folhas; raiz.

IND. TERAP.

Conjuntive granulosa (Moura Brasil e José Lourenço, Wecker e Sattler). A maceração do episperma da semente, em forma de pasta, dá bom resultado em certas afecções da pele com tendência à ulceração (Shemocker, da Filadelfia). As folhas e raízes possuem propriedades idênticas às do alcaçuz, principalmente as raízes (Matta); e com elas os ingleses fabricam na Índia um extrato a que dão o nome de *Wild Licorice.*

POSOL.

Macerato das sementes (8 a 10 gramas das sementes para 500 de água). Use em loções nas conjuntivites, de 1 a 3 vezes por dia.

Deve ser rejeitado o macerato antigo, bem assim o macerato recente quando submetido à ebulição.

TIMBÓ[107]

Paulinia pinnata L. Família das SAPINDÁCEAS.

---

107 São conhecidos na Amazônia, com propriedades mais ou menos idênticas às do timbó: – o timbó-caá ou ajaré – *Tephrosia nittens* Bentham; o timbó-da-mata – *Derris guyanensis* Benth, e as seguintes plantas cujas sinonímias poderão estabelecer confusão por não possuírem tais virtudes, como o timborana *Machaerium macrophyllum* Mart, arbusto cipó, e que é uma DALBERGERGIA; o timbó-açu, cipó-trepador – *Carludovica*, da família das CICLANTÁCEAS, constituindo um bonito exemplar de transição à vida epífita com outros cipós. Todos esses cipós, verdadeiros ou não, se encontram facilmente na Amazônia. Outros exemplares, muito diferentes e de outras famílias, possuem também a propriedade de *tinguijar* o peixe.

SIN.

Timbó-de-peixe.

CARACT. GERAIS

Arbusto cipó, formando bonita trepadeira, de folhas penadas, folíolos ovais; flores em espiga, pedunculadas; fruto em cápsula piriforme.

COMP. QUÍM.

Ictionina, alcalóide isolado por Peckolt, (ictioctonina, veneno de peixe). A planta, quando verde, fornece por destilação um princípio ativo essencial e narcótico, e matéria corante vermelha. Em estudos posteriores, foram conseguidos os sais – cloridrato, carbonato e sulfato de timboína, cristalizando o sulfato em forma de agulhas finíssimas (Ferrari).

P. EMPR.

Caule. Seiva.

FISIO. TERAP.

Poderoso narcótico. Bom sedativo em uso externo, ou em uso interno nas gastralgias, enteralgias. Vômitos. Medicina, veterinária, agindo como anestésico. Congestões hepato-esplênicas, e pleurodinias, em cataplasma feita com o extrato fluido ou com o suco da haste; a primeira sensação produzida é a de rubefação, e em seguida a de sedação, sendo aquela determinada pelo óleo essencial e esta pelo alcalóide.

A ação do princípio ativo do timbó, que é muito solúvel na água, se manifesta sobre o sistema cérebro-espinhal, sobrevindo sem demora a paralisia e a morte (Ferrari, Matta). A pescaria com essa planta é muito comum e bem conhecida a narcose resultante do emprego de pequena quantidade em

local piscoso e de água parada. O pescador experiente emprega sempre o verdadeiro timbó, porquanto outras variedades se encontram entre nós, não escapando assim nem um peixe. Pode-se dizer, com propriedade, que se produz verdadeira ação inibitória, seja sobre a célula nervosa ou sobre a placa terminal da neurone anexa ao feixe ou fibra muscular do peixe, o que acontece também às rãs (Ferrari).

Nos animais de sangue quente é um bom sedativo e anestésico, sendo até usado internamente. Ferrari aplicou a tintura em si próprio, e eu a tenho prescrito até 15 gotas, em um cálice todas as horas (gastralgias, enteralgias, hepatalgia), não aparecendo sintomas de intolerância.

FARM. E POSOL.

Tintura a 1:5 e 1:10 com álcool a 60°; extrato fluido 20 gramas para 480 de cataplasma (Silva Araújo). Seiva obtida por expressão em uso externo.

TIMBÓ-DO-CAMPO

Tephrosia brevipes Benth. Família das LEGUMINOSAS-PAPILIONÁCEAS-GALEG.

SIN.

Timbó-boticário.

TIMBÓ-DE-CAIENA

Tephrosia toxicaria Pers. Família das LEGUMNOSAS-PAPILIONÁCEAS-GALEG.

CARACT. GERAIS

Raiz tuberosa; haste herbácea, vilosa; folhas penadas; folíolos oblongo lanceolados, pelos argênteos na página infe-

rior; inflorescência terminal em cacho, de coloração purpúrea; fruto em legume comprimido.

COMP. QUÍM.

Thompson isolou um princípio ativo cristalizado, tóxico, propriedade esta que perde quando submetido à ação do calor.

P. EMPR.

Folhas e raiz.

IND. TERAP.

As mesmas do timbó, além de ação idêntica à da digital que as folhas possuem. As raízes são purgativas.

POSOL.

Folhas reduzidas a pó, de 5 a 10 gramas para macerato em 100 de água; raiz em pó de 50 centigramas a 1 grama.

TOMATE-VERMELHO

Lycopersicum esculentum. Solanum racenigerum Lang. Família das SOLANÁCEAS.

COMP. QUÍM.

Albahary obteve 0,12% de fosfato de cálcio, a 0,48 e 0,69% de ácido málico e cítrico, além de vestígios dos ácidos oxálico, tartárico e sucínico. Verificou "traços de ácidos combinados com bases sob a forma de ácidos insolúveis no álcool e na água, e mais certa quantidade de ferro", sendo de relevância o conhecimento de que parte desse ferro existe em combinação orgânica.

P. EMPR.

Fruto.

IND. TERAP.

Artritismo. Litíase. Gota.

TRACOERABA

Trandescantia diuretica M. Família das COMELINÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de caule herbáceo, nodoso; folhas ovo-lanceoladas, agudas e com serrilhas miúdas; flores terminais em umbela.

COMP. QUÍM.

Na seiva se encontra um princípio ativo, acre e picante, não determinado ainda.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Emoliente e diurético. Hidropisia; anasarca.

POSOL.

Infusão para uso interno a 10:400, usar nas 24 horas. Cozimento em banhos.

TRACOERABARANA

Phoesphoerium persicarioefolium (D. C.). Família das COMELINÁCEAS.

Aplicação idêntica a da trapoeraba.

TRAPIÁ

Crataeva benthami Eichl. Família das CAPARIDÁCEAS.

SIN.

Pau-de-candeia; nina caspi na fronteira peruana.

Árvore pequena, frutífera e silvestre.

P. EMPR.

Folhas e raiz.

IND. TERAP.

Tônico e estomáquico. Reumatismo.

POSOL.

Cozimento das folhas 30:250, ou das raízes a 10:250, na dose de 1 cálice todas as horas.

O sumo das folhas misturado com vaselina é aplicado externamente nas dores reumáticas.

TREVO-CHEIROSO

Melilotus officinalis Willd. Família das LEGUMINOSAS-PAPILIONÁCEAS.

SIN.

Trevo, erva-de-amor.

CARACT. GERAIS

Planta bianual, chegando até 70 centímetros de altura, apresentando as folhas compostas de três folíolos ovais. Flores em racemos axilares, amarelas e muito pequeninas.

COMP. QUÍM.

As flores encerram um princípio ativo, impropriamente chamado *cumarina*.

P. EMPR.

Toda a planta.

IND. TERAP.

Antispasmódico.

POSOL.

Infusão de 5 a 25:100 a 250.

TUTIRIBÁ

Lucuma Rivicoa Gaertn. Família das SAPOTÁCEAS.

SIN.

Cutitiribá.

CARACT. GERAIS

Árvore silvestre, de frutos oblongos e de cor verde, tendo a massa cor de ouro.

P. EMPR.

Cascas e sementes.

IND. TERAP.

Otites. As cascas ou sementes são raladas e o pó misturado com água morna, ou o que será melhor, com o leite da sucuubeira; nele se embebe um pedaço de algodão. Aplique o líquido às gotas no conduto auditivo.

UÁCIMA-DA-PRAIA

Hibiscus[108] *tiliaceus* St. Hil. Família das MALVÁCEAS.

CARACT. GERAIS.

Grande árvore de folhas acuminadas, cordiformes, esbranquiçadas na página inferior; flores caducas.

A infusão das folhas é aplicada na lavagem e curativo de feridas e úlceras atônicas.

A infusão das flores misturadas com o leite e levemente aquecida cura as otites.

UAPÉ[109]

Nymphaea Rudgeana Meyer (?). Família das NYMPHAEACEAS.

SIN.

Aguapé.

CARACT. GERAIS.

Planta aquática entre cujas folhas se notam variadas plantas flutuantes, dentre outras as *Eichhornia azurea* e *crassipes*, *Salvinia auriculata*, *Utricularia foliosa*, *Pistia stratiotes* (flor-d'água, que dizem ser emética e purgativa).

---

108 Parece que a *Hibiscus bifurcatus* não foi ainda encontrada na Amazônia.

109 Convém ficar também explicado que o uapé do Amazonas e a gigoga, (ou a aguapé do sul) não são a mesma planta, pois não correspondem e muito menos pertencem à mesma família e gênero das *Eichhornia*, como citam certos autores. Eles são chamados murerus no Amazonas e os gêneros mais conhecidos são a *E. azurea* (Sw.) Kunth, e *E. crassipes* (Mart) Solms., pertencentes à família das PONTERIDÁCEAS. Em alguns Estados são chamados gigogas, distinguindo-se muito bem do uapé pela flor, que é de um roxo bem nítido. *A Victoria regia* Lindl. é também chamado uapé na língua geral, existindo também o uapé-da-cachoeira – *Mourera fluvialis* Aubl., que é uma PODOSTEMÁCEA.

Urupés e uapés não podem ser confundidos; aqueles são fungos, da família das POLIPORÁCEAS (*Lenzites repanda*? e *Polyporus sp.*).

COMP. QUÍM.

Guening verificou no rizoma o glucose, resina solúvel, tanino, metarabina, amido, substância extrativa, legumina e celulose.

IND. TERAP.

O Dr. Azevedo Lima se refere a curas de doentes atacados de morféia com o emprego intra e extra do uapé (gigoga). (Extrato fluido. Decocto. Hospital dos Lázaros, do Rio).

UARUMÃ

Maranta aruman Aubl. Família das MARANTÁCEAS.

SIN.

Arumã.

CARACT. GERAIS

O uarumã tem a haste alongada; as folhas, com pecíolos invaginantes na parte superior, são arredondadas na base e agudas no ápice; inflorescência em espigas, de dimensões variadas, sendo as flores coradas em amarelo-escuro.

P. EMPR.

Raiz tuberosa.

IND.

Com as raízes, que depois de cozidas servem de alimento, se fabrica a farinha, também chamada araruta. Bom alimento para as crianças e convalescentes.

UARUMANRANA

Thalia geniculata L. Sem aplicação.

UAÇACU[110]

Hura crepitans L. Família das EUFORBEÁCEAS.

SIN.

Catáua no Peru; açacu.

CARACT. GERAIS.

Árvore de grande porte e que rivaliza com o cedro ou a castanheira nas dimensões do tronco. Este é coberto de espinhos e tem a coloração verde. É árvore das margens dos igarapés, lagos e, em particular, das "cabeceiras". Qualquer parte do tronco deixará escoar, por incisão, seiva irritante e cáustica, a que o aborígene dá o nome de leite de uaçacu; possui propriedades tóxicas; é de cor branco-cinzenta, coagulando-se pelo calor, e decompondo-se dificilmente.

Os galhos do uaçacu são frondosos, com espinhos; as folhas trilobadas, com a página inferior cinzenta, bordos denteados e forma lanceolada; fruto em cápsula, deiscente, abrindo com estalido forte e deixando cair as amêndoas em número de

110 A seiva do uaçacu serve de alimento (?) a vários dípteros, tais os mosquitos e piuns, que se tornam por isso ainda mais prejudiciais e perigosos. É usual a existência de feridas de mau caráter no homem quando picado por eles. Tornam-se verdadeiros transmissores dos princípios tóxicos do uaçacu, ao passo que no pescado a seiva é um veneno violentíssimo, sendo formalmente proibido o seu emprego nos lugares piscosos. Onde existe um pé de *Hura*, de ordinário nas cabeceiras dos igarapés, daí fogem todos os peixes. O albúmen que envolve as sementes é um purgativo drástico e violento, que não deve ser aconselhado. A irritação gastrintestinal é intensa, ocasionando enterites gravíssimas, difíceis de serem debeladas, e sendo a convalescença muito lenta, exigindo dieta rigorosa. Entretanto as sementes não são venenosas, ou pelo menos não o são para as araras, em cujo estômago, elas têm sido encontradas sempre partidas, e em grande quantidade (Huber); ou para o macaco parauacu ou macaco felpudo (*Pithecia hirsuta*), pois as sementes são para eles saboroso alimento, o que já verifiquei.
Outra particularidade do açacu: a fumaça resultante da combustão dos madeiros é um esplêndido inseticida.
Encontra-se nas florestas amazônicas uma árvore de grandes dimensões, projetando sombra magnífica, com o tronco cheio de espinhos e a coloração verde, perdida, aliás, decorrido certo tempo. As folhas são ovais, coriáceas, esverdeadas e luzidias na página superior e cinzenta na inferior; flores em racemos amarelo e depois vermelho intenso. É a *Erythrima glauca* de Wildd, da família das LEGUMINOSAS-PAPILIONÁCEAS. O aborígene, em sua linguagem acertada, deu-lhe a sinonímia – uaçacurana, isto é, – "parecido" ou melhor "falso-uaçacu". Este não tem aplicação alguma, ao que nos consta.

doze, de forma circular, achatadas, envolvidas em albúmen, rico em substâncias óleo-gordurosas; flores em racemos.

COM. QUÍM.

Surie encontrou na seiva um óleo essencial e cáustico; o prof. Charles Richet isolou uma toxina vegetal (análoga à rícina e abrina, estudadas magistralmente por Ehrlich), e que foi aproveitada em seus estudos de anafilaxia: é a *crepitina*. Esta possui propriedades tóxicas, e, em injeção intravenosa, produz a morte em dose de um e meio miligramas por quilograma do animal submetido a experiência.

É um veneno de efeito extremamente lento; atua sobre o sistema nervoso, que preside às secreções e a inervação vasomotora do estômago e do intestino, alterando assim profundamente as funções de nutrição.

A seiva é tóxica.

IND. TERAP.

Externamente aplicado como líquido vesicante na medicina veterinária.

O Dr. Bento Mure manipulava a tintura homeopática, declarando, segundo informações colhidas, ter conseguido bons resultados no tratamento das mielites (?). Algumas gotas da seiva dão resultados análogos aos da ipeca (?).

A lenda popular empresta à seiva do uaçacu excelentes propriedades na cura da lepra e da morféia. Em tais casos, posso asseverar, a sua ação terapêutica é nula, convindo até que essa fama perigosa desaparecesse definitivamente.

POSOL.

Para efeito vomitivo, procede-se da seguinte forma: em 250 gramas de água deitam-se 10 a 15 gramas de cascas con-

SIN.

Árvore-de-sebo, ucaúba, árvore-de-cera.

CARACT. GERAIS.

Árvore de tronco elevado, direito e delgado, tendo o diâmetro de 50 centímetros, de lenho frouxo, e muito grosso, cinzento-escuro; de folhas estreitas e disticamente dispostas, tendo a página superior glabra. Inflorescência em panícula (?). Fruto carnoso, deiscente, com a semente protegida por tênue arilo avermelhado. Da polpa do fruto se extrai o óleo, e por isso os naturais dão à polpa o nome de sebo vegetal. O óleo é inflamável.

A ucuuba tem a copa pouco densa e pequena; ela é constituída por galhos quase horizontais. Do tronco se extrai seiva leitosa.

COMP. QUÍM.

Michler obteve das sementes 55% de matéria gordurosa (óleo) e uma parte quase líquida; naquela isolou o ácido mirístico a nas cinzas 6% de ácido fosfórico e sais alcalinos.

P. EMPR.

Cascas e folhas. Seiva. Óleo gorduroso (impropriamente chamado cebo); é resolutivo. Empregado contra as dores reumáticas e gotosas. O cozimento das cascas é usado internamente nessas doenças, e a infusão das folhas nas enterites membranosas. A seiva dá resultado em uso tópico nas aftas e anginas. Asma, essencial purgativo (Monteiro da Silva e Vaz de Mello).

A ucuuba-vermelha existe na terra firme e em capoeiras, fornecendo maior quantidade de cera.

tundidas do tronco do uaçacu e deixa-se ferver até que o líquido fique reduzido a metade. Coado ou filtrado, são nele depositadas 2 *gotas* da seiva. Use o líquido levemente aquecido.

UXI-PUCU[111]

Sacoglottis uchi Hub. Família das HiMIRIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Frondosa árvore, de tronco elevado e casca cinzento-clara; espessa copa, sombra regular; folhas dísticas, oblongo-lanceoladas, e ápice arredondado; inflorescência multiflora, de cor verde, dióica (?); fruto em drupa, oblongo, com semente coriácea, cercado de pericarpo oleoso, aromático e comestível. O uxi-pucu se presta bem para arborização pública.

P. EMPR.

Sementes.

IND. TERAP.

Hemorragia uterina. Os naturais empregam as sementes da forma seguinte: ralam bem, em língua de pirarucu, até 4 sementes, e o pó assim obtido misturam com água, sejam 300 gramas, para usar aos goles nas 24 horas.

UCUUBA[112]

Virola surinamensis Warb. Família das MIRISTICÁCEAS.

---

111 A árvore pelo povo chamada andirá-uxi é a morcegueira ou angelim, da família das LEGUMINOSAS; ao passo que o uxicuruá – *Sacoglottis cuspidata* Urb., e o uxirana – *S. amazonica* Mart., e o uxi-pucu pertencem todos à família das HUMIRIÁCEAS.

112 Acredito que a ucuuba do Amazonas seja a bicuíba-do-sul, também chamada árvore-de-cebo, e cujo fruto tem a forma elíptica, bivalve, pericarpo carnoso, sendo a semente envolvida em arilo membranoso. A árvore guarabu fornece uma resina balsâmica, que possui as mesmas propriedades terapêuticas da ucuuba.

UMARIRANA[113]

Laurus surinamensis Swartz, *Oreodaphne guyanensis* Meisn. Família das LAURÁCEAS.

COMP. QUÍM.

Árvore de mais de 12 metros de altura, de casca aromática; folhas coriáceas e rijas, lanceoladas, com a página inferior branca; inflorescência em panícula; fruto em baga.

COMP. QUÍM.

Óleo essencial aromático.

P. EMPR.

Folhas frescas. Óleo do fruto obtido por cocção.

IND. TERAP.

As folhas são resolutivas; e o óleo aquecido nas dores articulares, devidas ao reumatismo.

UMBUZEIRO

Spondias myrabolanum V. (?). *S. tuberosa* Ar. Família das ANACARDIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore de ramos cinzentos, madeira leve; folhas imparipenadas; frutos escuros e com a configuração do de taperebá (*S. lutea*). O arilo polposo tem o gosto doce-acídulo. Os tubérculos encontrados na raiz são utilizados no fabrico de refrigerantes.

---

113 Em Manaus são bem conhecidos os verdadeiros umaris, *Poraqueiba sericea* Tull, e no Solimões, principalmente em Tefé, a *Poraqueiba guyanensis* Aubl., pertencentes à família das ICACINÁCEAS. Desconheço as aplicações.

P. EMPR.

Frutos, cascas e sementes.

IND. TERAP.

As mesmas do taperebá.

UMIRIZEIRO[114]

Humiria balsamifera Aubl. Família das HUMIRIÁCEAS.

SIN.

Umiri.

CARACT. GERAIS

Árvore de terrenos altos e arenosos, chegando a ter 10 e 12 metros de altura, de folhas alternas, pequeno pecíolo; flor em corimbo, situada na axila das folhas, e de coloração branca; fruto drupáceo, oval e de pericarpo doce e comestível. As cascas do tronco, quando partidas, desprendem aroma agradável e ativo. As incisões feitas no tronco deixam escoar abundante resina óleo-balsâmica, de gosto insípido, amarela, de cheiro agradável; quando purificada se torna incolor. Em certa fase do ano é tão rico o umiri em óleo, que se o encontra escorrendo pelo tronco e aromatizando intensamente o ambiente.

P. EMPR.

Cascas e óleo-resina.

IND. TERAP.

Bom carminativo, e excitante da mucosa gástrica.

---

114 Não confundir o umiri com outro umirizeiro comum – *Humiria floribunda* Mart., que é inodoro, e dizem ser tóxico. Ainda existe o umirirana – *Qualea retusa* Spruce, pertencente, porém, a família das VOQUISIÁCEAS. Ambos sem aplicação.

POSOL.

Tintura das cascas 1:5 e 10 com álcool a 60°. Até 10 gramas por dia.

UNHA-DE-GATO

Bignonia unguis L. Família das BIGNONIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Trepadeira vulgar, que tem a propriedade de transformar o folíolo central em garra ou unha, de onde lhe advém o nome popular.

COMP. QUÍM.

Tanino e matéria corante.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Reumatismo crônico. É considerado sinérgico do iodeto de potássio. Febrífugo (?).

FARM. E POSOL.

Tintura 25:1000, dose diária de 5 a 8 gramas; cozimento a 1:100, as colheres de 3 em 3 horas; pó até 10 gramas.

URTIGA

Urtica dioica V., *U. urens* L. Família das URTICÁCEAS.

CARACT. GERAIS

São duas as variedades existentes: – a pequena urtiga, ou da folha miúda – *U. urens* L., e a de folhas grandes *U. dioica*,

que é a mais comum. Todas as pessoas, tendo percorrido qualquer lugar inculto, terão certamente experimentado a sensação *sui generis* devida ao ácido fórmico que os pêlos encerram.

COMP. QUÍM.

Tanino e outras substâncias não determinadas. Da raiz foi retirado óleo essencial, duas resinas, glucose e matéria corante amarela (Schomacker).

FISIO. TERAP.

Rubefaciente. Hemostático nas hemorragias capilares, e perdas uterinas. Galatógeno. Dujardin-Beaumetz e Cazin são de acordo que as duas variedades de urtiga podem ser usadas indiferentemente, havendo, porém, o maior cuidado quanto a posologia, porque a urtiga é um vasomotor enérgico e por isso prejudicial ao sistema circulatório, conforme o caso de que se tratar.

FARM. E POSOL.

Infusão 10:800; extrato fluido 3 a 8 gramas por dia. Fórmula do xarope galatógeno:

Extrato fluido . . . . . 100 gramas
Xarope simples . . . . . 500 gramas
Use 1 colher de sopa de 3 em 3 horas.

URUBUCAÁ[114]

Aristolochia chrysochlora, A. silvativa Barb. Rodr. Família das ARISTOLÓQUIAS.

---

115 As sinomínias "mil-homens e papo-de-peru" abrangem muitos gêneros de ARISTOLOQUIÁCEAS, todas brasileiras. Assim temos os de Martius: *A. brasiliensis, A. galeta, A. labiosa, A. Rhigens, A. cynachifolia, A. lancifolia, A. macroura, A. raja, A. elliante, A. gigantes* e a *A. trilobata*, está também com a sinonímia de urubucaá no Amazonas; o de Linneu – *A. odorantissima*; os de Velloso – *A. reniforme* e *A. apendiculata*, estudadas por Martius com os nomes de raja e de trilobata; e além das referidas por

SIN.

Mil-homens.

CARACT. GERAIS

A urubucaá é trepadeira muito linda para os jardins por ter as folhas esverdeadas, os bordos de coloração ouro-fosco, e as flores verdes pontilhadas de pardo-roxo.

COMP. QUÍM.

Como todas as aristolóquias, ela encerra um óleo volátil, goma-resina, princípio amargo, e sais inorgânicos. Princípio ativo: *aristoloquina*.

P. EMPR.

Raiz e folhas.

IND. TERAP.

Banhos, gargarejos e infuso. Emenagogo. O decocto da raiz é considerado vantajoso no tratamento das úlceras antigas (Miranda Azevedo) e no lúpus (M. Oliveira e Seccioso). Orquite e orco-epididimite. Em seis casos obtive bom resultado nas orquites. Antiofídico (?).

FARM. E POSOL.

Extrato fluido, até 3 gramas; infusão 10:150, em 4 doses por dia; tintura a 1:5, com álcool a 60°; dose até 8

B. Rodrigues – *A. nervipurpurea*, de Freire de Carvalho. Este professor, tendo estudado esta última, disse que a sua absorção se realiza pela mucosa gastrintestinal e a eliminação pelos rins e pela pele; prescreveu-a no tratamento das úlceras em geral, nas artralgias, sarnas, orquite, paludismo, amenorréia, nevralgias, atonia uterina, clorose e mordeduras de cobras.

À via hipodérmica também é aconselhada.

Em dose elevada, produz "a embriaguez aristolóquica", ou seja, náuseas, dejeções iterativas, sem as fezes serem líquidas, pulso freqüente e cheio, sono agitado e perturbações da inteligência.

gramas nas 24 horas. A seguinte fórmula dizem ser boa no tratamento da hérnia inguinal estrangulada:

Extrato de raiz de mil-homens	10 g
Resina elemi	50 g
Gelatina (cola de peixe)	q. b.

"Derreta a fogo brando, mexendo sempre até a consistência de uma cataplasma. Aplique sobre a região (tão quente quanto o doente possa suportar), recobrindo a tumefação da hérnia, e conservado o doente em decúbito dorsal, com as coxas em leve flexão".

URUCU

Bixa Orellana L. Família das BIXÁCEAS.

SIN.

Aquiote na fronteira peruana.

CARACT. GERAIS

Arbusto grande, de tronco linheiro e copa desenvolvida; folhas pecioladas, alternas, cordiformes, glabras e acuminadas; flores em panícula terminal; fruto em cápsula com numerosas sementes avermelhadas. Nestas se verificam os arilos onde existe a matéria corante.

COMP. QUÍM.

Bixina, $C_{28}H_{34}O_5$, princípio resinoso corante vermelho e suscetível de cristalização em lâminas microscópicas, quadrangulares (Preiner); solúvel no éter, no álcool e nas soluções alcalinas, e na benzina; e a *orelina*, princípio corante amarelo,

solúvel no álcool e na água. A massa do urucu apresenta sabor adstringente. Será a bixina uma *dicetona*?

P. EMPR.

A polpa viscosa que envolve as sementes, e que endurecida é pelo povo chamada a massa do urucu. Sementes.

IND. TERAP.

Inseticida. Os trabalhadores nas florestas, e em particular os silvícolas se precavêem das picadas de qualquer inseto passando no rosto, mãos e braços a massa do urucu. Misturada com água é um refrigerante. Catarro intestinal, sarampo e suas complicações, principalmente nas crianças. Emenagogo; as senhoras em função catamenial não devem usá-la.

FARM.

Xarope de urucu. A massa do urucu misturada com o mel de abelhas dá, em uso tópico, resultados admiráveis nas faringites e outras complicações do sarampo.

URUCURANA

Sloanea dentada L. Família das ELEOCARPÁCEAS.

CARACT. GERAIS

O seu nome vulgar provém das sementes serem cobertas de arilo vermelho, e encerradas em cápsula eriçada, abrindo-se em três ou quatro válvulas, de coloração purpúrea internamente.

IND. TERAP.

Partido um pecíolo, e desprezada a primeira gota, instilam-se as seguintes no globo ocular atacado de conjuntivite catarral.

UVA-SILVESTRE

Coccoloba uvifera L. Família das POLIGONÁCEAS.

SIN.

Uva-do-mato.

CARACT. GERAIS

Árvore de caule ramoso, casca lisa, folhas coriáceas, de curto pecíolo; inflorescência em cacho; fruto em baga, vermelho-escuro, comestível, e de sabor doce-acídulo. A fermentação dos frutos fornece bebida vinhosa.

De qualquer incisão do caule escoa a seiva, que em pouco tempo se torna em massa luzidia, inodora, e de cor pardacenta.

COMP. QUÍM.

Glucoside e tanino.

IND. TERAP.

Disenteria; enterite crônica. Metrorragia. Leucorréia. Laringite.

FARM. E POSOL.

Extrato aquoso das cascas até 2 gramas; cascas em pó até 1 grama; decocto a 50:1000, para usar nas 24 horas. Gargarejos.

O decocto das folhas e cascas da haste dão um resíduo vermelho-pardacento, que é um dos "quinos" do comércio, ou falsa "goma quino", extrato que é bastante rico em tanígeno.

VASSOURA-VERMELHA

Dodonea viscosa L. Família das SAPINDÁCEAS.

P. EMPR.

Folhas e cascas.

IND. TERAP.

As folhas são febrífugas e servem para combater as cólicas flatulentas.

As cascas em banhos adstringentes, para uso externo.

VASSOURINHA

Sida carpinifolia L. Família das MALVÁCEAS.

SIN.

Tupixá.

CARACT. GERAIS

Arbusto esgalhado, de folhas alternas, ovais e oblongas, serrilhadas; flores axilares, amarelas; sementes com as duas extremidades agudas.

P. EMPR.

Folhas.

IND. TERAP.

Emoliente vulgar. O cozimento serve para enteróclises, e banhos nas hemorróidas sangradas. O xarope é de proveito nas bronquites da infância. Regularizador do fluxo menstrual (?).

POSOL.

Extrato fluido, em uso interno, até 3 gramas. Xarope. Cozimento.

VELAME

Croton campestris Mart. Família das EUFORBIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto até 4 metros de altura, caule lenhoso e duro; folhas alternas, ovo-oblongas, pubescentes; flor hermafrodita, pubescente, branca e aromática, em espiga; fruto em noz com três sementes.

P. EMPR.

Folha e raiz.

IND. TERAP.

Sífilis. Moléstias venéreas. Antiscrofuloso. Purgativo drástico.

A raiz é a mais empregada, aliando ação drástica às suas propriedades depurativas.

FARM. E POSOL.

Decocto das folhas de 5 a 20:500; raiz em pó, dose purgativa até 50 centigramas. Extrato fluido 1 grama, 2 vezes por dia.

VINDECAÁ[116]

Panicum brevifolium L. Família das GRAMÍNEAS.

---

116 Existe uma planta, da família das ANONÁCEAS, também chamada vindecaá, e que é a *Alpinia Japonica* Micq. Sem aplicação.

SIN.

Andacá.

CARACT. GERAIS

Capim de colmo liso, geniculado na parte inferior, folhas lanceoladas, verde-claro; inflorescência em panícula, com as espigas de cor violácea.

P. EMPR.

Raiz.

IND. TERAP.

Diurético. Excitante aromático sem valor.

FARM. E POSOL.

Infusão 20 a 30:500, um cálice todas as horas.

VISGUEIRO.

Parkia pendula Benth. *P. oppositifolia*, *P. multifuga*. Família das LEGUMINOSAS-MIMOSÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Árvore florestal, rica em substâncias adstringentes. O cozimento concentrado das cascas em casos de hemorragias ocasionadas por golpes, etc. Lavagem de úlceras e feridas.

ABACATE

IND. TERAP.

Diurético (Dr. Noronha da Silva).

ANINGA[117]

Montrichardia arborescens Schott. Família das ARÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Encontram-se no caule saliências semelhando espinhos. As folhas são grandes, longamente pecioladas, invaginantes; inflorescência em espiga multiflora; fruto em baga, arredondado, encerrando muitas sementes.

P. EMPR.

Seiva, folhas e raiz.

IND. TERAP.

Úlceras atônicas. Reumatismo. Purgativo (?). A seiva, e em particular o suco do fruto é levemente cáustico, e assim aplicado nas úlceras.

FARM. E POSOL.

O pó da raiz é purgativo, na dose máxima de 30 centigramas. Cozimento em banhos contra o reumatismo 30:500. A tintura feita com 8 partes das folhas para 15 de álcool a 40° é aplicada até 24 gotas por dia. Divida em três doses para combater o prurigo.

Existe a seguinte fórmula do Dr. Scholz:

Tintura de aninga	1 g
Hidrolato simples	120 g
Xarope simples	30 g

Use uma colher de hora em hora.

---

117 É muito vulgar na Amazônia a aninga-do-pará *Dieffenbachia picta* Schott, da mesma família, sendo desconhecidas as suas propriedades medicinais.

As doses não convêm ser excedidas, por ser a *Montrichardia* considerada tóxica.

APUÍ[118]

Ficus subg. *Urostigma* Mig. Família das MORÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Planta epífita em começo e que se desenvolve e evolui em velhos troncos; nestes, as raízes se entrelaçam e descem até o solo, constituindo mais tarde verdadeiros troncos. As folhas assemelham-se às do cajueiro, tendo a coloração verde-escuro. Frutos numerosos e do tamanho de pequenos figos, a que os morcegos dão grande consumo. Sementes numerosas e pequeninas. O apuizeiro é frondoso, chegando a ter mais de 8 metros de altura.

P. EMPR.

Seiva leitosa, folhas.

IND. TERAP.

Calmante e sedativo?

APUIRANA

Strychnos Rouhamon Benth. Família das LOGANIÁCEAS.

Goza de propriedades tóxicas (?).

APURUÍ

Alibertia edulis Rich. Família das RUBIÁCEAS.

---

118 Não devemos confundir o apuí com o apii e o oiti-bravo, a que dão o mesmo nome como sinonímia. O apuí é árvore parasitária; a sua semente em um tronco de outra árvore germina, evolui e acaba absorvendo a sua vitalidade, matando-a finalmente. O oiti-bravo – *Ficus Maximiliana* Mart., é árvore de 15 a 17 metros de altura, porte bonito, frondoso, e que muito se presta para a arborização de praças e avenidas. O apii é um arbusto, a contra-erva *Dorstenia*.
O apuí não deve ser, por fim, equivocado com a apuirana.

CARACT. GERAIS

Os frutos são saborosos e de largo uso o macerato, que é um bom refrigerante e estomáquico.

ARAPABACA

Spigelia anthelmia L. Família das LOGANIÁCEAS.

CARACT. GERAIS

Arbusto de caule de 50 a 80 centímetros de altura, folhas ovais; fruto capsular dióico. As quatro últimas folhas superiores do caule cruzam-se no topo.

COMP. QUÍM.

Essência, ácido tânico e princípios não cristalizáveis. O princípio ativo é tóxico.

P. EMP.

Toda a planta, e em particular a raiz.

IND. TERAP.

A raiz possui propriedade vermífuga, em particular contra as *ascaris lombricoides*. Alterante e catártico.

POSOL.

Extrato fluido na dose de 15 a 25 gotas por dia.

ARAROBA

V. ANDIRÁ-ARAROBA.

QUINAQUINA

A descrição dessa planta, feita por Cazal, é a seguinte: "A quinaquina, descoberta há perto de três séculos no Peru, e

há muito poucos anos nas cabeceiras do rio Cuiabá, é árvore alta com grossura ordinária de nove polegadas de diâmetro. As folhas são redondas na base, e pontudas no ápice; luzidias, e dum belo verde por cima, betadas dum vermelho-escuro, e brilhante na ametade vizinha ao pecíolo; com os nervos alternos, e paralelos. As flores, que estão em racemos nas extremidades dos ramos, são afuniladas com a orla partida em cinco lacínios ou divisões, mais curtas que o tubo, felpudas, vermelhas no meio, listadas de branco, e franjadas nas bordas.

O pistilo é branco, e alongado com o estigma verde, e rodeado de cinco estames, recolhidos dentro do tubo da flor, e com as anteras de cor amarela-desmaiada. Caída a flor, o cálice incha no meio, e toma o corpo de uma azeitona, convertendo-se em fruto, cujas sementes, que são muitas, compridas, avermelhadas, grossas no meio, e chatas nas margens, estão em dois alojamentos, divididos por uma membrana dobrada: com elas se propaga o gênero da planta tão útil à humanidade". V. quina.

BIBLIOGRAFIA

Padre Manoel Ayres de Cazal. *Corografia brasílica*. Rio de Janeiro, MDCCCVII.

Dr. Monteiro Baena. *Ensaio cronográfico sobre a Província do Pará*, 1830.

Velloso de Oliveira. *Sistema de matéria médica vegetal*. 1854.

Dr. N. Moreira. *Dicionário das plantas médicas brasileiras*. 1862.

Dr. Th. Peckolt. *Análises de matéria médica brasileira*. Rio de Janeiro, 1868.

Dr. N. Moreira. *Dicionário das árvores brasilieiras*. 1870.

Dr. Theod. J. H. Langaard. *Dicionário de Medicina popular*. 2.ª ed. 1872.

Ph. J. Airtieida Pinto. *Dicionário de botânica brasileira*. Rio de Janeiro, 1873.

Cônego Francisco Bernardino de Souza. *Lembranças e curiosidades do vale do Amazonas*. Pará, 1813.

Dr. Th. J. H. Langaard. *Vademecum medicum* 3.ª ed. Rio de Janeiro, 1880.

Dr. Mello Moraes. *Fitografia ou Botânica brasileira*. 1881.

Dr. Saldanha da Gama. *Vegetais Seculares do Rio de Janeiro*. 1882.

Dr. M. Oliveira. *Vegetais tônicos do Brasil*. 1883.

Professor J. M. Caminhoá. *Elementos de botânica geral e médica*. Ed. Rio de Janeiro, 1884.

Dr. Urias da Silveira. *Formulário Magistral de Terapêutica*. Rio de Janeiro, 1884.

Barbosa Rodrigues. *Vellosia*, vol. 1-2. ed. 1885 – 1888.

Prof. F. Bráulio Pereira. *História naturaes das leguminosas brasileiras*. Tese de concurso. Bahia, 1886.

Professor Freire de Carvalho Filho. *Das aristolóquias e seu emprego em terapêutica*. Bahia, 1886.

B. Rodrigues. *O tamaquaré*. 1887.

Dr. T. e G. Peckolt. *Plantas medicinais e úteis do Brasil.* 2 vol., 1891.

Barbosa Rodrigues. *Hortus fluminensis.* 1895.

Dr. Pires de Almeida. *Formulário medicinal, magistral e internacional.* Rio de Janeiro, 1891.

Dr. Arthur Silva. *Catuaba.* Faculdade de Medicina da Bahia (Tese). 1904.

Dr. Luiz Pereira Barreto. *A Velhice. O guaraná e a ciência.* Santos. S. Paulo. Coleção do *Jornal.* 1905.

Dr. M. Oliveira. *Estudo de matéria médica brasileira.* 1905.

Dr. J. Huber. *Arboretum amazonicum* (Museu Goeldi) Pará. 4 décadas. 1900 a 1906.

Dr. Cursino de Moraes. *Purgativos brasileiros.* Anais do 6.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia. 2. vol. 1907.

Dr. Antonio Ferrari. "A ação fisiológica da Paulinia pinnata". *In:* tomo IV, fascículo 2, do 4.º Congresso Médico Latino-Americano. 1909.

Professor Egas Moniz. "De la boerhavia hirsuta". *In:* tomo IV, fascículo 2, do 4.º Congresso Médico Latino-Americano. 1909.

M. Pio Corrêa. *Flora brasileira* (Publicação da Diretoria Geral de Estatística) Rio de Janeiro, 1909.

Dr. J. R. Monteiro da Silva. Flore médicale brézilienne. S. Paulo, 1910.

Prof. Martius. *Medical vegetabilis braziliensis.*

Boletim farmacêutico (coleção Silva Araújo & C.ª). 6.ª edição. Rio de Janeiro.

Boletim do Museu Goeldi (Museu Paraense). Vols. I a VI.

Revista Farmacêutica de São Paulo. Coleção de 1898.

"A Lavoura", n.º 1, de 1909. Brasil. Ano XIII.

P. Boery. *Les plantes oleagineuses* (Regions intertropicales). 1889.

Winckkel. "les bananes dessechées dans l'alimentation populaire". *In:* n.º 8 do *Journal de Pharmacie et de Quimie,* 1910.

De la Rocque. *Les plantes medicales.*

Dr. Icilio Guareschi. *Introduzione allo studio degli alcalóide.* Torino, 1892.

Farmacopéia – formulario de medicamentos nuevos por Sancho, Olachea, Rosseló e Sanchez (*Siglo Medico*) Madrid, 1894.

Collin. *Matière medicale.* Paris, 1903.

Bois et Gadeceau. *Les vegetaux.* Paris, 1909.

H. Coupin. *Guerissons-nous par les plantes.* Paris, 1909.

Dr. Heraud. *Nouveau dictionnaire des plantes medicinales.* Paris, 1895.

Haase. *Pharmacognostisch-Chemische Untersuchung der "Ipomea fistulosa"* Mart. Tese. 1908.

R. Romme. "Le mode d'action du baume du Perou sur les plaies" (*La Presse Medicale,* n.º 38 – 1907).

Lander-Brouston. *Pharmacologie therapeutique.* Ed. Belgique, 1904.

Dr. Brissemoret (Dausse-ainé). *Essais sur nos preparations galeniques.* Paris, 1908.

João Novaes. *A alimentação dos doentes.* Porto, 1910.

Ballaud. "Les aliments". T. 2. 1907.

Henrijean. Mayor A. Pic – Arnozan. *Des diuretiques.* XII Congrès Français de Medicine. Lyon, 1911.

Cloras et Moreau. *Pharmacie quimie.* Paris, 1909.

A. Goris. *Recherches microquimiques sur quelques glucosides et quelques tannins vegetaux.* Paris, 1903.

Lehaman. *Plantes, remèdes et maladies.* Wargnies – le – Grand (Nord), 1910.

Gazeta médica de Paris. N.º 24. – 1908.

Revue Scientifique. 21 mars 1903. Paris.

Tropical Medicine and Parasitology. Un. of Liverpool – Vol. IV n.º 1, 1910.
Annales de l' Institut Pasteur. T. XXIII 8bre. Paris, 1909.
Journal de Medicine. Paris, julho de 1910.
Presse Medicale, p. 554. Paris, 1908.
Journal de Pharmacie et de Quimie. N.º 8. Paris, 1910.
Pharmacia Moderna. Coleção de 1911. Portugal.
Annales coloniales. Paris, Mars, 1905.
The Journal of the American Med. Association. *In:* abril, 1912.

ÍNDICE

Índice alfabético

Abacate 308
Abacateiro 33
Abacaterana 34
Abi 34
Abieiro 34
Abiu 34
Abiurana 35
Abóbora 166
Abricó 35
Abrus precatorius 284
Abuta duckei 36
Abuta 36
Abutua 235
Açacu 294
Acaiúba 85
Achras mamosa 262
Achras Sapota 262
Ácido cinâmico 112
Ácido crisofânico 49
Acrodiclidium aurum 120
Acrodiclidium spec 120
Acrosina 223
Adiantum cuneatum 59
Agave faetida 44
Ageratum coricoides 124
Agoniadina 271
Agrião 36
Agrião-do-pará 37
Água Creola 35
Aguapé . . . . . 139 e 292
Aguaraquiá 39
Aipim 191

Aiúba 120
Ajaré . . . . . .39 e 285
Albina 39
Alcaçuz 40
Alchornea castaneaefolia 220
Alfavaca-de-cobra 42
Alfavaca-do-campo 41
Algodão-bravo 42
Algodoeiro 42
Aliamba 176
Alibertia edulis 310
Allamanda cathartica 261
Aloés verde 44
Alpinia Japonica 307
Amaniú 42
Amapá 45
Amapá-doce 45
Amaranthus spinosus 75
Amaryllis belladona 100
Ambellania tenuiflora 239
Amendoeira 120
Amor-crescido 46
Amphiodon effusus 125
Amyris ambrosiana 254
Anabi 46
Anacardium giganteum 85
Anacardium occidentale 85
Anacardium pumilum 87
Anacardium sp 87
Ananás 47
Ananaz sativus 47
Anani 48
Anchieta salutaris 108
Anchietina 108
Andacá 308

Andira amazonum 53
Andira anthelmintica 53
Andira inermis 53
Andira retusa . . . . . 50 e 53
Andira spectabilis . . . . . 53 e 134
Andirá-araroba 48
Andira-jareua 53
Andirá-poampé 50
Andira-uxi 53
Andirina 53
Andiroba 50
Andiroba-do-igapó 50
Andropogon muricatum 236
Andropogon schaenanthes 236
Angelim 53
Angelim amargoso 49
Angelim-pedra 53
Angico 233
Angraecum flagrans 124
Aniba canellila 96
Aniba parviflora 230
Anil 54
Aninga 309
Aninga-do-pará 309
Anisolobus cururu 105
Anona Duguetia 73
Anona paludosa 56
Anospermum 36
Anthaxantum odoratum 124
Aperta ruão 203
Apii 75
Apuí 310
Apuirana 310
Apuruí 310
Aquiote 303

Araçá-guaçu 138
Araçarana 137
Arachis hypogaea 205
Arapabaca 311
Araroba 311
Araroba purificada 49
Araticum-do-brejo 56
Araticum-do-mato 56
Ariá 56
Aristolochia apendiculata 301
Aristolochia brasiliensis 301
Aristolochia chrysochlora 301
Aristolochia cynachifolia 301
Aristolochia elliante 301
Aristolochia galeta 301
Aristolochia gigantes 301
Aristolochia labiosa 301
Aristolochia lancifolia 301
Aristolochia macroura 301
Aristolochia nervipurpurea 302
Aristolochia odorantissima 301
Aristolochia raja 301
Aristolochia reniforme 301
Aristolochia Rhigens 301
Aristolochia silvativa 301
Aristolochia trilobata . . . . . 301 e 110
Aristoloquina 302
Aroeira 57
Arruda 58
Arthante alongata 203
Arthante Cearensis 203
Arthante tuberculata 160
Arum arborescens 107
Arumã 293
Árvore da preguiça 148

Árvore-de-cera 297
Árvore-de-incenso 226
Árvore-de-leite 226
Árvore-de-sebo 297
Asclepia bicolor 222
Asclepia curraçavica 221
Asperula odorata 124
Auarana 220
Auranciamarina 176
Avenca 59
Avicennia nitida 267
Avicennia tomentosa 267
Aydendron cujumary 120
Aydendron permolle 120
Bálsamo-de-tolu 60
Bananeira 61
Barba-de-barata 65
Barba-de-paca 66
Barbasco 66
Barbatimão 66
Batata 67
Batatão 68
Baunilha 69
Beeberina 235
Beijo-de-frade 71
Beldroega 72
Bellucia 137
Berberina 53
Bibirina 73
Bibiru 72
Bicuíba 296
Biden pilosus 95
Bignonia 106
Bignonia tuira 110
Bignonia unguis 300

Bignonia vespertilia 50
Biribá 73
Birsonimina 216
Bixa Orellana 303
Bixina 304
Boa-noite 74
Boca-de-acari 75
Boeravina 239
Boerhavia hirsuta 238
Boerhavia paniculata 266
Bolsa-de-pastor 74
Bonotom 172
Borboleta 74
Bowdichia nitida 269
Bowdichia virgilioides 269
Bredo 75
Breu-branco . . . . . 114 e 172
Breu-jauaricica 172
Breu-preto 172
Brosimum acutifolium 217
Brosimum sp 45
Brunfelsia guyanensis 190
Brunfelsia latifolia 190
Bryonia tayuyá 79
Buchinina 78
Bursa pastoris 74
Butua 235
Buxina 235
Byrsonima amazonica 215
Byrsonima crassifolia 215
Byrsonima crispa 215
Byrsonima lancifolia 215
Byrsonima lucidula 215
Caachica 54
Caamembeca 75

Caapeua 91
Caapiá 75
Caapitiú . . . . . .76 e 77
Caaponga 72
Caataia 109
Cabaceira 77
Cabacinha 78
Cabeça-de-negro 79
Cacaoilo-branco 133
Cacau-azul 82
Cacau-do-peru 82
Cacaueiro 80
Cacauestearina 81
Cacauí 82
Cacaunina 81
Cacaurana 82
Caesalpinia ferrea 168
Caesalpinia pulcherrima 65
Cafeeiro 82
Cafeína 83
Cafeona 83
Caferana 84
Caiaué 98
Caimbé 85
Caincina 252
Cajuaçu 85
Caju-da-mata 85
Cajueiro 85
Cajuí 87
Caju-miri 87
Caju-rasteiro 87
Cajuuna 87
Calophyllum brasiliensis 159
Camapu 87
Cambará 88

Camboatá 164
Camucá 121
Cana-de-açúcar 89
Canela-cheirosa 96
Canela-de-jacami 203
Canela-de-sassafrás 265
Caninana 251
Cannabis indica 176
Cannabis sativa 176
Caparina 109
Caparrosa silvestre 90
Capeua 91
Capim-cheiroso 92
Capparis cynophallophora 109
Capparis urens 109
Capricina 241
Capsaicina 241
Capsicum brazilianum 240
Capsula bursa pastoris 74
Caraipa insidiosa 275
Caraipa Lacerdaei 275
Caraipa minor 275
Caraipa palustris 275
Caraipa paraensis 275
Caraipa silvatica 275
Caraipa spuria 275
Carapa guyanensis 50
Carapina 51
Cardol 86
Carica mamaya 186
Carica papaya 186
Caricina 187
Cariofilina 112
Carludovica 285
Caroba 93

Caroba-de-flor-verde 93
Caroba-do-mato 93
Carouba 93
Carpotroquina 133
Carprotche longifolia 133
Carrapateira 94
Carrapicho 95
Caryocar toxyferum 243
Caryophyllus aromaticus 116
Casca-preciosa 96
Cascarrilla lambertiana 250
Cassia alata 202
Cassia fastuosa 66
Cassia leiandra 198
Cassia occidentalis 222
Cassia racemosa 222
Cassia reticulata . . . . . 202 e 222
Cassia sericea 223
Cassipourea guyanensis 175
Cassytha americana 128
Catáua . . . . . 294 e 45
Catuaba 97
Caxinguba 145
Cebola-brava . . . . . .99 e 100
Cebola-cecém 100
Cebola-do-mato 100
Cecropia bifurcata 148
Cecropia distachya 148
Cecropia juranyiana 148
Cecropia leucocoma 148
Cecropia loetevirens 148
Cecropia palmata 148
Cecropia paraensis 148
Cecropia sciadophylla 148
Cecropia stenostachya 148

Cecropina 149
Cedrela adorata 101
Cedrela 98
Cedrina 228
Cedro 101
Cefaelina 154
Cega-olho 222
Ceiba pentandra 272
Ceiba sumauma 272
Cephaelis ipecacuanha 154
Cercus mandacaru 161
Cestrum salicifolium 110
Cético 148
Chenopodium ambrosioides 201
Chenopodium foetidum 201
Chiococca anguifuga 251
Chiococca bracheata 251
Chiococca densifolia 251
Chochô 99
Cila 99
Cinchona lambertiana 250
Cinchonas 249
Cipó-cabeludo 102
Cipó-caboclo 102
Cipó-catinga 103
Cipó-chumbo 103
Cipó-corimbó 116
Cipó-cruz 251
Cipó-cururu 105
Cipó-de-jabuti 105
Cipó-de-leite 261
Cipó-de-morcego 106
Cipó-em 107
Cipó-escada 105
Cipó-imbé 107

Cipó-pajé 116
Cipó-sumá 108
Cipotaia 109
Cipó-tuíra 110
Cissampelos amazonicum 221
Cissampelos Parreira 235
Citrus limonum 176
Citrus vulgaris 175
Claytonia odorata 122
Cleome spinosa 206
Clibadina 66
Clibadium biocarpum 66
Clinopodium repens 231
Clitoria guyanensis 130
Clusia insignis 100
Clusia 100
Coajinguva 145
Coca 152
Cocaína 152
Coccoloba uvifera 305
Cocculus imene 150
Cocoloba excelsa 283
Coculina 150
Coeirana 110
Coffea arabica 82
Coix lagrima 174
Conobia aquatica 236
Contra-erva 75
Contra-erva-bastarda 110
Convolvulina 69
Convolvulus Gomesü 68
Copaíba 111
Copaifera guyanensis 111
Copaifera Martü 111
Copaifera ultifuca 111

Copal 114
Copal-do-brasil 172
Coquidá 114
Cordão-de-frade 114
Cordão-de-são-francisco 114
Cordia salicyfolia 175
Cordia umbraculifera 232
Corimbó 116
Corimbó-açu 116
Corimbó-da-mata 116
Coto 225
Cotoína 225
Couepia chrisocalix 231
Couma macrocarpa 267
Couma rigida 267
Couma utilis 268
Coumarina 70
Coussapoa asperifolia 85
Crataeva Benthamii 289
Craveiro 116
Cravo-de-defunto 118
Cravo-do-mato . . . . . 116 e 213
Crepitina 295
Crescencia cujete 119
Crisarobina 49
Croton campestris 307
Crudya parivoa 173
Cucurbita lagenaria 77
Cuiarana 119
Cuieira 119
Cuiumari 120
Cujumari 120
Cumã 268
Cumacaá 121
Cumacaí 122

Cumandaçu 122
Cumanuaçu 268
Cumarina . . . . . 124 e 290
Cumaru 123
Cumaru-de-rato 125
Cumarurana 125
Cunambi 125
Cupuaçu 125
Cupuaçurana 126
Curaçavina 222
Curare 126
Curatella americana 85
Curcas purgans 241
Cuscuta umbellata 103
Cutitiribá . . . . . 127 e 291
Cybista antisyphilitica 93
Cinamilcocaína 153
Cynometra spruceana 173
Datura insignis 198
Datura stramonium 198
Daturina 198
Davilla rugosa 102
Deianutina 235
Derris guyanensis 285
Dicypellium caryophyllatum . . . . . 116, 120 e 212
Dieffenbachía picta 309
Diplotrops brasiliensis 271
Dipterix odorata 123
Dipterix oppositofolia . . . . . 123 e 125
Dirijo 176
Dodonea viscosa 306
Doliocarpus Rolandri 212
Dorstenia 75
Douradinha 127
Drepanocarpus ferox 170

Duguetia riparia 127
Echites cururú 105
Egonina 153
Eichhornia azurea 292
Eichhornia crassipes 292
Elaeis melanococca 98
Elcomarhyza amylacea 121
Elcomarisna 121
Elemi 48
Elemina 254
Elephantopus 129
Embaúba 148
Emetina 154
Envirataia 127
Eresyman 201
Eriodendron sumauma 272
Erisma uncinatum 120
Erva-cidreira 128
Erva-de-amor 290
Erva-de-chumbo 128
Erva-de-impingem 169
Erva-de-passarinho 129
Erva-de-santa-maria 201
Erva-de-são-caetano 205
Erva-de-soldado 203
Erva-grossa 129
Erva-moura . . . . . 39 e 240
Erva-tostão 238
Erythrina corallodendron 213
Erythrina glauca 272
Erythrocoralloidina 214
Erythroxylum cataractarum 152
Erythroxylum catuaba 97
Erythroxylum coca 152
Esculina 190

Esmilacina . . . . . 107 e 259
Espelina 79
Espilantena 38
Eugenia axillaris 282
Eugenol 117
Eupatorium 264
Eupatorium ayapana 146
Eurobina 49
Euxilophora paraensis 119
Fagara rhoifolia 283
Falsa-espelina 130
Falsa-ipeca 130
Falso café 84
Fava-de-impingem 131
Fava-de-são-inácio 105
Fava-tonca 123
Faveira 131
Fedegoso 223
Fevillina 105
Fevillea trilobata 105
Fevillestearina 105
Ficus communis 131
Ficus doliaria . . . . . 134 e 145
Ficus maximiliana 310
Ficus 145
Ficus urostigma 310
Figueira 131
Figueira-do-inferno 198
Flor-d'água 132
Folha-de-lixa 102
Folha-de-pajé 223
Folha-doirada 120
Fortoína 225
Fourcroyia gigantea 44
Franciscea uniflora 190

Fruta-de-cutia 133
Fruta-de-sabão 257
Gameleira 145
Gapuí 134
Geissospermina 229
Geissospermun Vellosi 229
Gengibre 193
Genipa americana 164
Geranina 238
Geranium maculatum 237
Gerataca 190
Gergelim 135
Gervão 136
Gigoga 292
Girassol 137
Glycirrizina 41
Goiaba 138
Goiabarana 137
Goiabeira 137
Golfo 139
Gossipose 43
Gossypium arboreum 42
Gossypium brasiliensis 42
Gossypium peruvianum 42
Gracuí 134
Guapuí 134
Guarabu 296
Guarajuba 119
Guaraná 140
Guaranina 141
Guaranis 134
Guarapuí 134
Guarea costulata 164
Guarea spec 163
Guarea trichilioides 163

Guariúba 120
Guaxinguba 145
Guazuma tomentosa 142
Guazuma ulmifolia 218
Guiava 138
Gustavia augusta 165
Gustavia pterocarpa 166
Hedychium 179
Hedychium coronarium 74
Heliantina 137
Helianthus annuus 137
Hermiaria glabra 124
Hesperedina 176
Hevea brasiliensis 266
Hibiscus bifurcatus 292
Hibiscus furcellatus 42
Hibiscus tiliaceus 292
Higrina 152
Hiptis crenata 261
Hiptis incana 260
Hortelã-bravo 231
Hortelã-do-mato 231
Huito 165
Humiria balsamifera 299
Humiria floribunda 299
Hura crepitans 294
Hybanthus 156
Hymenaea courbaril 172
Hymenaea microcarpa 172
Hymenaea parvifolia 172
Hymenaea pororoca 172
Hymenaea stilbocarpa 163
Hymenophyllum polianthus 261
Iapana 146
Iarataciú 147

Iatropilcocaína 153
Icica icicariba 254
Ictionina 286
Ilex Cassina 142
Ilex Paraguayensis 142
Imbaúba 148
Imene 150
Impatiens balsamina 71
Indigofera anil 54
Indigotina 55
Inga alba 151
Inga disticha 151
Inga dulcis 151
Inga edulis 151
Inga setifera 151
Inga spicata 151
Ingarana 151
Ingás 151
Inquêriti 284
Inquiri 182
Ipadu 152
Ipadumiri 152
Ipeca 154
Ipeca-do-marajó 156
Ipeca-ondulada 156
Ipomea bananox 74
Ipomea Capparoides 69
Ipomea Eichioides 68
Ipomea fistulosa 42
Ipomea superstitiosa 278
Isoesperidina 176
Isopilocarpina 157
Itaúba 120
Jaborandi 157
Jaborandirana 158

Jacarandá 66
Jacaranda copaia 200
Jacaranda procera 93
Jacarearu 84
Jacareúba 159
Jalapina 42
Jamacaru 162
Jambu 159
Jamburana 160
Jandiroba 51
Japana 146
Japecanga 161
Jaramacaru 161
Jasmim-de-caiena 162
Jatobá 163
Jatropha gossypufolia 242
Jatuaúba 163
Jatubá 172
Jenipapeiro 164
Jenipapina 165
Jeniparana 165
Jeniparana-da-mata 166
Jequeriti 284
Jequiritina 284
Jerimum 166
João-mole 167
Jorro-jorro 167
Jubeba 171
Jubebina 171
Jucá 168
Jupebina 171
Jupicaí 169
Juquiri 170
Juquiri-uaçu 170
Juripeba 171

Jurubeba 170
Jurubebina 171
Jutaí 172
Jutaícica 172
Jutaí-do-campo 172
Jutaí-mirim 172
Jutaí-pororoca 172
Jutairana 173
Jutaí-uaçu 172
Jutaí-uva 172
Juuna 174
Killingia odorata 92
Kino da América 195
Koiab 138
Kola acuminata 142
Krameria triandra 252
Labaça 174
Lablab vulgaris 122
Lacre 172
Lagenaria 166
Lágrimas-de-nossa-senhora 174
Laguncularia racemosa . . . . . 267 e 283
Lantana spinosa 88
Lantanina 89
Laranja-amarga 175
Laranja-do-mato 175
Laranjarana 175
Laranjeira-da-terra 175
Lauro-estearina 246
Laurus cinnamonum 180
Laurus persea 33
Laurus surinamensis 298
Lecythis amazonicum 264
Lecythis ollaria 263
Lecythis Pisonis 263

Leiteira 226
Lenirobina 49
Lenzites repanda 292
Leonotina 115
Leonotis nepetifolia 114
Liamba 176
Liatris odoratissima 124
Limoeiro 176
Limonina 177
Lippia geminata 128
Lírio 179
Lírio-d'água 139
Lombrigueira . . . . . 53 e 145
Louro-abacate 120
Louro-branco 120
Louro-canela 180
Louro-cravo . . . . . 116, 120 e 213
Louro-da-beira 120
Louro-do-igapó 120
Louro-pimenta 120
Louro-precioso 230
Louro-rosa . . . . . 120 e 230
Louro-tamanco 120
Lucuma caimito 34
Lucuma lasiocarpa 35
Lucuma Rivicoa . . . . . 127 e 291
Lucumina 35
Lycopersicum esculentum 288
Macaca-poranga . . . . . 96 e 120
Maçaranduba 182
Machaerium 170
Machaerium macrophyllum 285
Malícia-das-mulheres 182
Malva silvestris 185
Malva-branca 184

Malvaísco 185
Malva-silvestre 185
Mammea americana 35
Mamoeiro 186
Manacá 190
Manacã 190
Manaceína 190
Manacina 190
Mandacaru 162
Mandioca 191
Mangarataia 192
Mangifera indica 195
Mangue 194
Mangue-branco 267
Mangueira 195
Manguerana 196
Mangue-vermelho 283
Manihot aipi 191
Manihot utilissima 191
Manjerioba 223
Manjerona 194
Maracujá 196
Maranta aruman 293
Maranta lutea 56
Marapaúba 200
Maravilha 197
Maricaua 198
Marimari 199
Marupá 200
Marupaí 200
Mastruço 201
Mastruz 201
Mata-pasto 202
Matico 203
Matisia lasiocalyx 126

Matisia paraensis 126
Melão-de-são-caetano 205
Melilotus officinalis . . . . . 124 e 290
Melilotus vulgaris 124
Melissa officinalis 128
Mendubi 205
Mentena 231
Mentrasto 231
Mercúrio vegetal 217
Micania amara 103
Micania pillosa 102
Micania settigera 102
Mil-homens 302
Mimosa pudica 182
Mimusops amazonica 182
Mimusops maparajuba 182
Mirabilis dichotoma 197
Mirindiba 120
Mirosina 74
Miroxalina 227
Momordica Charantia 205
Momordica operculata 78
Monesina 209
Monniera trifolia 42
Montrichardia arborescens 309
Morcegueira 53
Moronobea coccinea . . . . . 48 e 220
Mourera fluvialis 292
Mouriria guyanensis . . . . . 137 e 216
Muçambê 206
Mucujê 267
Mucuracaá 207
Muiraceíma 208
Muirajuba 119
Muirapagé 123

Muirapuama 209
Muiraqueteca 212
Muiraquiia 212
Muiratã 209
Mulungu 213
Murerina 217
Mureru 292
Murici 215
Muricina 216
Murta-de-parida 216
Mururé 217
Mururé-pagé 217
Musa paradisiaca 61
Musa sapientia 61
Mutamba 218
Mututi 219
Myrospermum erythroxylon 226
Myroxylon Pereirae 113
Myroxylon toluiferum . . . . . 60 e 113
Nadiamba 176
Nandiroba 51
Nasturtium 36
Nectandra amazonum 120
Nectandra cuspidata 120
Nectandra cymbarum 265
Nectandra minor 247
Nectandra puchury . . . . . 120 e 246
Nectandra rodioei 72
Nectandra 34
Nectandrina 72
Neea theifera . . . . . 90 e 142
Negritella alpina 124
Nepsera aquatica 66
Neroli 176
Nhamuí 230

Nhandipá 165
Nhandiroba 105
Nicocianina 273
Nicotiana tabacum 273
Nicotina 273
Nina caspi 290
Noisettia pyrifolia 108
Nossalia robusta . . . . . .122 e 170
Nux-vômica 211
Nymphaea alba 139
Nymphaea rudgeana 292
Ocimun incanescens 41
Ocotea canaliculata 120
Ocotea guyanensis 120
Ocotea laxiflora 120
Ocotea spec 120
Oirana 220
Oiti-bravo 310
Ojé 145
Óleo dendê 99
Óleo-vermelho 226
Oligana majoranum 194
Olmedia erythrorhiza 120
Onani 219
Operculina pteroides 69
Orchis fusca 124
Orégano 128
Orelha-de-burro 221
Orelina 303
Oreodaphne guyanensis 298
Orizabina 42
Osmhydrophora nocturna 116
Paina 221
Pajamarioba 222
Palamond 82

Palicourea densiflora 224
Palmitina 81
Pancratium guyanensis 99
Panicum brevifolium 307
Papaína 187
Papa-terra 127
Papo-de-peru 301
Paracari 231
Paracotoína 225
Parahancornia 45
Paranari 231
Parapará 232
Paricá 233
Paricarana 234
Paricina 250
Parinarium brachystachyum 231
Pariparoba 91
Pariparobina 91
Parkia multifuga 308
Parkia oppositifolia 308
Parkia pectinata 233
Parkia pendula 308
Parreira-brava 235
Passiflora macrocarpa 196
Pataqüera 236
Patchuli 236
Pau-amarelo 119
Pau-cravo 213
Pau-candeia 290
Pau-de-colher 225
Pau-de-incenso 226
Pau-de-iucá 169
Pau-de-lepra 167
Pau-de-resposta 97
Pau-de-sassafrás 265

Pau-lacre 227
Paulina 259
Paulinia pinnata 285
Paulinia sorbilis 140
Pau-paraíba 200
Pau-para-tudo 228
Pau-pereira 229
Pau-rosa 230
Pé-de-cabaça 77
Pedra-ume-caá 237
Pega-pinto 238
Peletierina 256
Pelosina 235
Peltodon radicans 231
Pentaclethra filamentosa 245
Pepino-do-mato 239
Pereirina 230
Periandra dulcis 40
Perianthopodus espelina 79
Persea gratissima 33
Perseita 33
Petiveria alliacea 207
Petiverina 207
Phoenix dactylifera 124
Phoesphoerium persicarioefolium 289
Phyllanthus brasiliensis 125
Phylodendron imbé 107
Physalis edulis 87
Pilocarpidina 157
Pilocarpina 157
Pilocarpus jaborandi 158
Pilocarpus microphyllus 158
Pilocarpus pinnatifolius 157
Pilocarpus spinatus 158
Pilocarpus trachylophus 158

Pimenta-de-cachorro 240
Pimenta-de-gallinha 39
Pimenta-de-rato . . . . . 39 e 240
Pimenteira 240
Pinhão-de-purga 241
Pinhão-roxo 242
Piper umbellatum 91
Piptadenia peregrina 233
Piquiarana 243
Pisonia tomentosa 167
Pistia stratiotes 132
Pita 44
Pitangueira 244
Pitanguina 244
Pitombeira 245
Pleurothyum macranthum 120
Plinia rubra 244
Plumbago scandens 109
Plumeria alba 162
Plumeria sucuuba 271
Plumerina 271
Pó-da-bahia 245
Polygala spectabilis 75
Polypodium brasiliensis 124
Polyporus 292
Poraqueiba guyanensis 298
Poraqueiba sericea 298
Portulaca grandiflora 46
Portulaca oleracea 72
Posoqueria latifolia 127
Potalia amara 46
Potalia resinefera 46
Pracaxi 245
Protium carana 254
Protium heptaphyllum . . . . . 114, 172 e 254

Psychotrina 154
Psidium guyava 137
Psidium pomiferum 137
Psidium pyriferum 137
Pterandrium amarum 272
Pteris caudata 261
Pterocarpus amazonicus 219
Pterocarpus ancylocalyx 274
Pterocarpus Draco 219
Pterocarpus Rohrü 219
Ptychopetalum olacoides 209
Punica granatum 255
Purgueira 241
Puruí 138
Puruuara 108
Puxuri 246
Puxuri-bastardo 247
Puxuri-bravo 247
Qualea retusa 299
Quaruba 120
Quássia 248
Quassia amara 248
Quassia cedron 228
Quassina 248
Quina 248
Quinaquina 311
Quinas 249
Racahout 82
Raiz-preta 251
Ratanhia 252
Resina elemi 254
Rhizophora mangle 194
Rhus toxicodendron 105
Rhysobolium leguminosarum 269
Richardsonia brasiliensis 156

Ricina 95
Ricinus americanus 241
Ricinus communis 94
Rinchão 255
Rollinia orthopetala 73
Rollinia silvatica 56
Romã 255
Ruellia tuberosa 130
Rumex crispus 174
Rumicina 174
Ruta graveolens 58
Rutina 58
Saboeiro 257
Sabugueiro 258
Saccharum officinarum 89
Sacoglottis amazonica 296
Sacoglottis cuspidata 296
Sacoglottis uchi 296
Sacha-chope 165
Sagotia racemosa 147
Salix Martiana 220
Salsa 259
Salsaparrilha 259
Salva-de-marajó 261
Salva-do-campo 260
Salvinia auriculata 292
Samambaia 261
Sambaibinha 102
Sambucus nigra 258
Santa-maria 261
Sapindus saponaria 257
Saponina . . . . . 107 e 157
Sapota 262
Sapotaia 109
Sapotina 262

Sapucaia 263
Sapucaia-uaçu 264
Sapupira 269
Saracura-muirá 264
Sassafrás 265
Schinus terebintifolius 57
Sebipira 269
Secupira 269
Selidônia 266
Sensitiva 182
Seringueira 266
Sesamum brasiliensis 135
Sicopira 269
Sida carpinifolia 306
Sida micrante 185
Silvia itaúba 120
Simaba amara 200
Simaba cedron 200
Simaba versicolor 200
Simaba vulgar 200
Simaruba guyanensis 245
Simaruba versicolor 245
Simaruba 200
Siparuna fetida 76
Siriúba 267
Sloanea dentada 304
Smilax campestris 259
Smilax cordato-ovata 259
Smilax japecanga 161
Smilax papyracea 107
Smilax santaremensis 259
Smilax saponina 259
Smilax syphilitica 259
Solanina . . . . . 68 e 240
Solanum grandiflorum 170

Swartzia chrysantha 114
Syphonia globulifera 48
Tabaco 273
Tabernamontana citrifolia 225
Tabernamontana hirtula 225
Tabernamontana lata 225
Tabernamontana undulata 225
Tachia guyanensis 84
Tachigalia 274
Tagetis glandulifera 118
Taiuiá 79
Taiuína 79
Tamanqueira 283
Tamaquaré 275
Tamaquareí 278
Tamaquaré-uaçu 275
Tamarindeiro 278
Tamarindus indica 278
Tangarana 275
Taperebá 280
Tarumã 281
Tarumã-do-igapó 281
Tarumã-frondoso 281
Tarumã-tuíra 281
Tatucaá 282
Taxi-preto 275
Taxizeiro 274
Tecoma caraiba 93
Tecoyena formosa 164
Tembetaru 283
Tenteiro 283
Tento 284
Tephrosia brevipes 287
Tephrosia nitens . . . . . 39 e 285
Tephrosia toxicaria 287

Solanum juripepa 174
Solanum obraceum . . . . . 39 e 240
Solanum paniculatum 170
Solanum racenigerum 288
Solanum tuberosum 67
Sorva-grande 267
Sorveira 268
Sorvinha 268
Spigelia anthelmia 311
Spilanthes oleracea 37
Spondias lutea 280
Spondias macrocarpa 280
Spondias myrabolanum 298
Spondias tuberosa . . . . . 280 e 298
Stachytarpheta cayennensis 136
Stenocalyx Michelis 244
Sterculia platinifolia 142
Striphnodendon 66
Strutanthus flexicaulis 129
Strychnos 126
Strychnos nux-vomica 105
Strychnos Rouhamon 310
Suaçu-caá 129
Sucupira 269
Sucupira-da-várzea 271
Sucupirina 270
Sucupirol 270
Sucupirona 270
Sucuriú 172
Sucuuba 271
Sucuubarana 272
Sucuubina 271
Suiná 272
Sumaúma 272
Surinamensis 39

Terminalia Catappa 120
Terminalia lucida 120
Terminalia Tanibouca 119
Thalia geniculata 293
Thalia lutea 56
Theobroma bicolor 82
Theobroma cacao 80
Theobroma grandiflorum 125
Theobroma microcarpa 82
Theobroma speciosum 82
Theobroma spruceana 82
Thevetina nerüfolia 167
Timbó 285
Timbó-açu 285
Timbó-boticário 287
Timbó-caá 285
Timbó-da-mata 285
Timbó-de-caiena 287
Timbó-de-peixe 286
Timbó-do-campo 287
Timborana 285
Toé 198
Tomate-vermelho 288
Tovomita brasiliensis 196
Tracoeraba 289
Tracoerabarana 289
Trandescantia diuretica 289
Trapiá 289
Trevo 290
Trevo-cheiroso 290
Trevo-de-santa-maria 201
Trianosperma tayuyá 79
Triplaris surinamensis 274
Trumus mahaleb 124
Tupixá 306

Turnera ulmifolia 39
Tutiribá 291
Uaçacu 294
Uaçacurana 294
Uácima-da-praia 292
Uanani 48
Uapé 292
Uapuim-uaçu 145
Uarumã 293
Uarumanrana 293
Ucaúba 297
Ucuuba 296
Umari 298
Umarirana 298
Umbaúba 148
Umbuzeiro 298
Umiri 299
Umirirana 299
Umirizeiro 299
Unha-de-gato 300
Unha-de-morcego 50
Urtiga 300
Urtiga dioica 300
Urtiga urens 300
Urubucaá 301
Urucu 303
Urucurana 304
Urupé 292
Utricularia foliosa 292
Uva-do-mato 305
Uva-silvestre 305
Uxicuruá 296
Uxi-pucu 296
Uxirana . . . . . 53 e 296
Vanilina 71

Vanilla aromatica 69
Vanilla guyanensis 69
Vassoura-vermelha 306
Vassourinha 306
Vassourinha-de-flor-miúda 185
Vatairea guyanensis 131
Velame 307
Verbena 255
Vetila 69
Vetiver 236
Victoria regia 292
Vindecaá 307
Virola surinamensis 296
Visgueiro 308
Vismia guyanensis 227
Vitex cymosa 281
Vitex flavens 281
Vitex orinocensis 281
Vitex polygama 281
Vitex taruman 281
Vitex trifolia 281
Vochysia grandis 120
Vochysia paraensis 120
Vochysia vismioefolia 120
Wierochloa borealis 124
Wulffia stenoglossa 159
Xiris laxifolia 169
Zingiber officinalis 192

Universidade Federal do Amazonas, dando-se assim continuidade e enriquecendo o trabalho do fabuloso cientista.

Como uma pessoa encantada, interessada e comprometida com tudo o que se faz nesta terra em prol das futuras gerações, não poderia deixar de destacar a iniciativa da Editora Valer, que com este projeto de resgate do trabalho de nossos estudiosos presta um importante serviço à preservação da nossa memória. Ao mesmo tempo em que preenche essa lacuna, a publicação do livro do Dr. Alfredo da Matta não deixa dúvida quanto à riqueza da biodiversidade da Amazônia – um dos maiores laboratórios vivos deste maluco planeta. *Imprimatur est. Nihil obstat.*

José Joaquim Marinho

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura